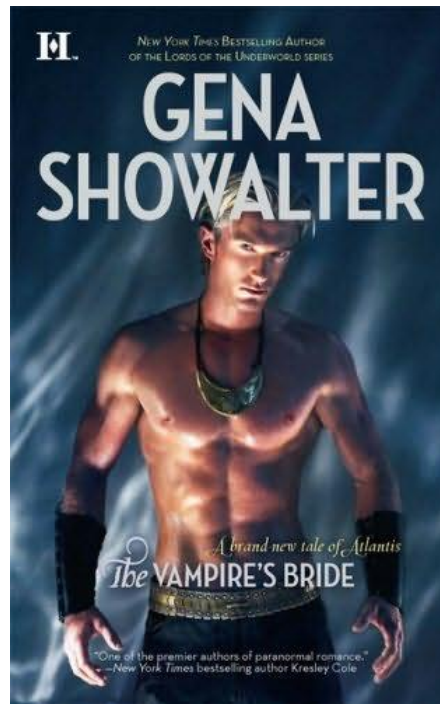




## Gena Showalter

# A Noiva do Vampiro

Atlantis 04

*Entre em um místico mundo de vampiros, amazonas, dragões, demônios e Nymphs... Entre em um mundo de escura sedução e poderosa magia... Entre em Atlantes.*

*Ele é Layel, rei dos vampiros, um mestre sedutor ao qual nenhuma mulher pode se negar. Mas desde que uma horda de dragões assassinou a sua amada faz mais de dois séculos, Layel só vive para vingar-se... Até que conhece Delilah.*

*Desconfiando do amor, a bela amazona não quer ter nada a ver com o atormentado vampiro.*

*Entretanto não pode negar o desejo que a consome cada vez que ele se aproxima dela. Tampouco confia em outros (não quando pode sobreviver sozinha). Em um jogo impossível elaborado pelos deuses, vêem-se apanhados em uma ilha, a ponto de enfrentar o último desafio: entregar-se a uma paixão que os una para sempre... Ou ser condenados a uma eternidade separados.*







**Comentário da Revisora Juliana:** Um livro apaixonante. A história do Vampiro Layel e da Amazona Delilah é maravilhosa, esse livro mexeu muito com as minhas emoções e tenho certeza que irá mexer com vocês também. Um livro que em muitos momentos nos deixa suspirando e em outros louca de raiva, afinal juntar um vampiro atormentado e uma amazona decidida sempre dá o que falar. Essa autora é maravilhosa e é sempre um prazer acompanhar suas series.

**Comentário da Revisora Tessy:** Como a Juliana falou é um livro ótimo, empolgante, envolvente... Garreiiii um ódiooooo desses deuses!! Afffff, mas achei que acabou muito rápido... Sei lá parece de depois de tantas emoções e suspense merecia um fim mais..... Ah! Pulsante!...kkkkkk, mas a historia é ótima e ficou com aquele jeitinho de que tem continuação...

## Prólogo

Layel, rei dos vampiros, odiado filho de Atlantes, lutou com tanto ardor contra as correntes, que o metal cortou atravessando a pele e o músculo, quase deslizando até o osso. Não importava, continuou lutando. Que uso tinha suas mãos sem sua amada para acariciar?

Susan, dentro de sua mente, o nome foi uma oração, um grito de desolação, um gemido de dor, tudo retorcido em uma agonizante espiral de vergonha. Como tinha permitido que isto ocorresse?

—Libertem-no — Disse alguém. Layel devia ter olhado ao interlocutor, mas não podia afastar o olhar de sua mulher, Ou do que tinha restado dela — Deixem que olhe de perto o que forjou sobre si mesmo.

Passos golpeando. Houve um puxão em um pulso, depois no outro, e as correntes cederam.

Fraco, quase sem uma gota de sangue, Layel tratou de separar-se da grade de ferro que o agüentava, mas os joelhos cederam e desabou. Com o impacto, o fôlego quente o abandonou e a realidade caiu sobre ele. Cheguei muito tarde. Eles me mantiveram preso o tempo suficiente para assegurar-se que ela não poderia ser transformada. Não pude salva-la. Teve um arquejo. Deuses, OH, Deuses.

Susan estava a uns metros de distância, seu uma vez vibrante e formoso corpo estava nu, agora violado e queimado. A seu redor, os dragões responsáveis riam, suas vozes flutuando dentro e fora de sua consciência.

—...Merece isto e mais.

—...E olha-o agora.

—...Patético. Nunca deveria ter sido coroado rei.

Layel tinha deixado a Susan em seu palácio, a salvo, felizmente adormecida e aconchegada na cama, enquanto ele e um contingente de guerreiros apagavam o fogo no bosque circundante.



Não soube que o fogo tinha sido iniciado de propósito até que foi muito tarde.

OH, deuses, OH, deuses, OH, deuses! Um grito afogado lhe escapou, sangue saindo de sua boca. O que parecia ser uma eternidade, mas só depois de umas horas, tinha retornado de uma emboscada, os gritos de Susan ressoavam em seus ouvidos. A angústia que tinha escutado quando ela tinha gritado pedindo sua ajuda, a dor que tinha visto em seu rosto quando rogava aos dragões pela vida de seu filho ainda não nascido... Ambos o perseguiriam toda a eternidade.

Susan.

No tempo que ele tinha demorado para abrir caminho até ela, já tinha se calado, sua expressão congelada em sofrimento. O silêncio tinha sido dez mil vezes pior que os gritos e espasmos de agonia física.

Morta. Ela estava morta. Layel tinha falhado de todas as formas possíveis. E em sua dor, os mesmos dragões que a mataram tinham conseguido lhe capturar. Eles o tinham arrancado do corpo sem vida de Susan e o tinham prendido na porta de frente de seu palácio. Então, OH, Deuses, então haviam arrastado seu corpo diante dele, zombando-se dele por sua morte.

Seus arquejos se fizeram mais fortes e esvaziou todo o conteúdo de seu estômago. A comida que Susan tinha preparado para ele, os olhos brilhando com diversão. E depois, de sobremesa, afastou a encantadora cabeleira escura para um lado e lhe ofereceu a veia, sabendo aonde os levaria a mordida.

Com o braço tremendo de maneira incontrolável, tratou de alcançá-la. As pontas dos dedos tocaram a curva de seu pescoço. Sem pulso. A sujeira misturada com sangue endurecia-se em grumos em sua queimada e ainda quente pele.

—Susan — Tentou sussurrar, mas já não tinha voz. Sua garganta estava em carne viva de gritar, rogar e das desesperadas tentativas de negociar. Mas nada tinha ajudado. Os dragões não tinham desaparecido e Susan não tinha retornado à vida.

Embora ainda estivesse rodeado de inimigos, não pôde tirar os olhos de sua companheira. Sabia profundamente em sua alma, que esta era a última vez que voltaria a vê-la. Meu amor. Meu doce amor.

“Fica na cama” ela tinha suplicado horas antes. “Faça amor comigo”.

“Não posso amor, mas voltarei rápido. Eu te prometo”.

Fez umas poucas caretas, os lábios rosados unindo-se graciosamente.

“Não posso estar sem você”.

‘Nem eu tampouco sem você. Dorme e quando retornar farei com que esqueça que alguma vez sai. Que tal isso?’

“Promete?”

“Prometo”. A beijou suavemente e saiu de seu quarto. Contento. Satisfeito. Feliz. Seguro de um futuro juntos.

—Agora sofrerá como nós sofremos — Cuspiu um dos dragões, lhe afastando de suas queridas lembranças.

No fundo, Layel podia escutar a risada demoníaca. Elevou o olhar, e pôde ver vários olhos vermelhos e brilhantes aparecendo dos matagais próximos. Deu-se conta que era uma audiência



de demônios. Há Quanto tempo estavam ali, olhando? Poderiam ter ajudado Susan? Provavelmente. A risada... Eles tinham visto e desfrutado de tudo.

—Seu povo drenou nossos seres amados, bebedor de sangue, então nós queimamos os seus.

Fazendo caso omissos deles, Layel reuniu suas últimas forças e se arrastou tão perto do corpo de Susan como pôde, deixando um rastro carmesim atrás dele, lágrimas quentes lhe percorriam a cara. Os dragões não tentaram detê-lo. Seus tremores se intensificaram quando, torpemente, embalou-a nos braços. Não havia sorriso de boas-vindas, nem sussurros de carinho.

Seu rosto uma vez belo, estava inchado, machucado e manchado de fuligem. Seu sedoso cabelo negro se foi, queimado no couro cabeludo. Ele tinha amado envolver as mechas ao redor da mão, amava escutar seu gemido por seus beijos.

Fechando os olhos contra o horror do que tinham lhe feito, abraçou-a, perto, mais perto, antes de depositá-la suavemente suas costas no chão. Não podia suportar cortar todo o contato, entretanto, deslizou a ponta do dedo sobre a abertura de seus lábios. Ainda estava quente, queimando-o como a fumaça que subia desde seus dentes separados.

Susan, com os olhos ardendo, inclinou-se para baixo e depositou a mão sobre seu ventre arredondado. Não houve nenhum movimento dentro dela. Já não. Amo-te. OH Deuses, Amo-te! Sinto haver te deixado. Sinto tanto. Volta para mim. Por favor. Não sou nada sem você. Para a cúpula de cristal a cima, ele rezou, se não vai trazê-la de volta, vamos negociar. Leve a mim. Devolve à vida a ela e toma a minha. Ela é tudo o que é bom. É luz. Eu sou escuridão e morte.

Nenhuma resposta.

—Basta chorão. Agora vai escutar. Vamos permitir que viva, rei — As palavras eram mordazes, ditas pelo líder dragão, um imponente homem cheio de músculos e raiva — E a cada respiração que tenha, recordará este dia e as conseqüências de deixar seu povo livre de regras.

Layel apenas o ouvia. Susan, doce Susan. Ninguém tinha sido tão doce, terno, carinhoso ou amável. Seu maior crime era, tinha sido, corrigiu-se com um grunhido interno, amá-lo.

Ela tinha sido seu tudo. Entretanto, sua preciosa existência humana tinha sido sacrificada. Por sua falta de liderança, havia dito o dragão. Tinha sido torturada porque Layel não havia desejado ter nada a ver com o trono vampiro e se negou a pôr restrições sobre o exército sob seu comando, como seu pai tinha feito.

—Esperei este momento durante muitos meses — Disse outro dos odiosos animais, banhando-o com uma corrente de fogo. As chamas caíram na bochecha de Layel, rasgando e chamuscando profundo. Não teve nenhuma reação, nem sequer abriu os olhos. Na verdade, não sentia nada exceto a afiada lâmina de sua dor. Se os deuses não prestavam atenção a seus gritos, ele queria permanecer neste lugar para sempre, queria morrer com sua mulher e seu filho. Sua família.

—Olhem-no. Olhem o poderoso Layel, reduzido a isto.

Todos os dragões riram.

—Posso ver por que você gostava dela, vampiro. Essa pequena apertada vagina tomou até o punho.

—Eu gostei do bombeamento de sua boca, sentir sua garganta fechar-se ao meu redor.



—Acredito que gostou do que lhe fizemos. Escutou a forma como gemia...

Finalmente os olhos de Layel se abriram, brancos de ódio e raiva florescendo, crescendo e consumindo-o. Eclipsando sua dor, transformando-se em tudo o que sabia. Olhou o bosque circundante. Os demônios estavam ali, ainda rindo como meninos. A maioria das árvores próximas estavam carbonizadas, oferecendo pouco refúgio. Depois, olhou para a extensão dos guerreiros dragão. Havia oito deles, com suas posturas arrogantes, seguros. Seus olhos dourados brilhavam com triunfo. Exceto...

O que viam em seu rosto fez com que deixassem de sorrir. Alguns inclusive recuaram.

Talvez tivessem esquecido que os vampiros podiam voar. Talvez tenham pensado que um homem machucado e sangrando não podia fazer nenhum dano a eles. Estavam equivocados.

—Susan! — Layel saltou e atacou, seu grito de guerra era um eco de toda a dor dentro de si.

Os gritos de agonia que seguiram cortaram através do bosque até que eclipsou qualquer outro que veio depois.

## Capítulo 1

### Duzentos anos depois.

Só um pouco mais perto, bastardos de fogo. Só um pouquinho mais perto.

Escondido, na frondosa folhagem molhada pelo orvalho, Layel observava como o exército dragão partia através do detestável Bosque dos Dragões. Onde estavam se dirigindo, ele não sabia. Por que estavam em marcha, não sabia, tampouco. Só sabia que ele se encaminhava a aliviá-los os de sua carga. Uma jovem humana? Uma fêmea estava atada e amordaçada dentro de uma jaula portátil. Essa prisão estava equilibrada por duas vigas de madeira sustentadas sobre os vários ombros dos guerreiros, oscilando com seus movimentos.

Obviamente, ela era seu inimigo.

Não conhecia a moça, mas um inimigo do dragão era seu mais querido amigo. E não gostava que seus amigos fossem capturados.

Os dragões continuaram seguindo em frente, lentamente, firmemente. Ele fez gestos a seu próprio exército de que esperassem... Que permanecessem tranquilos. Eles obedeceram sem vacilação. Desde aquele escuro dia, duzentos anos atrás, havia felizmente dirigido seus homens com punhos de ferro, diretamente a uma guerra sem fim. Sua vontade não era questionada. Nunca. Não sem severas consequências.

—...Não vai terminar bem — Estava dizendo Brand, segundo no comando dos soldados dragões. Luz dourada cintilava da cúpula de cristal que rodeava toda Atlantis, formando um halo ao redor de seu pálido e trançado cabelo, sua repugnante e atraente feição.

Brand era forte, leal ao seu rei, amável com sua gente. Uma pena que fosse um dragão. Se tivesse nascido pelo menos um demônio, Layel pensou que possivelmente teria sido melhor.



Como as coisas estavam ele queria Brand vivo tempo suficiente para que encontrasse uma companheira. Uma companheira que Layel depois seqüestraria. Brand sofreria, durante ao menos um pequeno momento, e depois o mataria.

Brand não tinha sido um dos guerreiros presente em todos aqueles anos atrás, nenhum dos guerreiros aqui tinha estado presente, já que Layel tinha aniquilado a todos eles. Recordando suas mortes, sorriu. Não todos eles tinham morrido rapidamente. Com alguns deles tinha persistido, desfrutando de sua dor, ganhando tempo com cada fatia e mordida.

Ainda assim, matar os responsáveis não tinha sido suficiente. Não pelos horrendos crimes que tinham sido cometidos contra Susan. Não tinha sido ele culpado pelos atos de outros? Era só justo usar a mesma lógica contra os dragões.

Só quando Layel tivesse aniquilado a toda a raça, Susan seria vingada. E só então, Layel mereceria unir-se a ela. Logo, meu amor. Logo.

—Se suas irmãs a virem assim, haverá guerra — Disse um dragão chamado Renard.

Renard era um tirano de cabelo escuro a quem, Layel sábia, tinha estudado a melhor maneira de matar a cada raça no Atlantis. Os demônios, os nymphs, os centauros, as gorgonas e todas as outras criaturas que os deuses tinham considerado enganos em sua busca de criar humanos. De todos eles, Renard odiava mais os vampiros e sempre estava ansioso por uma briga.

Ele mesmo estava ansioso, Layel deslizou a língua pelos alargados dentes.

—O que mais podemos fazer? — Proclamou uma irritada voz. Tagart. Indomável, quase um selvagem, com cabelo negro e um coração inclusive mais negro. Não era leal a ninguém e tinha inclusive ciúme de seu próprio rei — Se essa moça disser só mais uma palavra, eu cortarei sua língua. Temos que amordaçá-la.

Todos os soldados assentiram. Cada um era mais alto e mais musculoso que o anterior, e cada um tinha uma larga e ameaçadora espada amarrada às costas nuas, aninhada entre as fendas que escondiam suas asas. Layel colecionava aquelas espadas e as pendurava em suas paredes como troféus. Ele usava seus ossos como mobiliário.

— Independente de nossas razões para amarrá-la, elas não entenderão. Inclusive estejamos devolvendo-a. Mais ou menos. Se conseguirmos encontrar seu acampamento — Brand de novo — Ela é sua amada, sua futura rainha.

Irmã... Amada... Rainha.

Amazonas precaveu-se Layel.

Seus lábios se curvaram em outro lento sorriso. Criaturas ferozes, as amazonas. Devotas umas às outras, sedentas de sangue, embora principalmente o mantivessem para elas, a menos que fossem provocadas. OH, sim. E selvagens. A lenda afirmava que qualquer que ameaçasse uma amazona, logo encontraria seu mais profundo medo caindo sobre ele. Uma sombra, um determinado fantasma que o devoraria por completo.

Sim, as histórias de suas vitórias era infinitas, embora Layel nunca tinha brigado contra uma, nunca tinha saboreado uma. Não tinha nenhum interesse em fazê-lo, tampouco. Antes sempre, foram insignificantes para ele, não eram dignas de seu tempo ou consideração, já que ele só existia para atormentar os dragões. Nada mais.





Mas agora sua mente dava voltas com idéias de como poderia usá-las. Talvez não devesse liberar a cativa, depois de tudo. Talvez fosse melhor encontrar o acampamento das amazonas, mentir e dizer que os dragões tinham a intenção de machucar a moça, talvez tivesse intenção de matá-la na frente delas. Os traseiros dos dragões seriam entregues a ele por pequenas moças. Agora não seria isso... Um alto e penetrante grito de guerra soou.

O que parecia como centenas de mulheres guerreiras, mas que poderia ser apenas um punhado que repentinamente apareceu das árvores. Elas estavam escassamente vestidas, os seios cobertos por finos retalhos de couro, cintura e coxas cobertos por algum tipo de desfiada saia. A vasta extensão de pele visível estava pintada de azul, a cor que marcava a realeza.

—Grande engano, dragões — Gritou uma mulher.

—Seu último engano — Disse outra.

Que brilhante dia estava resultando ser. Layel não teria que procurar as amazonas, depois de tudo.

As adagas estavam amarradas os musculosos braços e pernas, e a morte irradiava das feras expressões. A maioria era tão alta como os dragões, mas umas quantas eram pequenas, quase... Se viam frágeis.

Na duração de um batimento, uma batalha estava acontecendo entre as duas raças.

As armas giravam, homens e mulheres grunhindo e sangue derramando-se. A essência metálica se deslizou até as fossas nasais de Layel, doce e penetrante. Ele a inalou profundamente, sentiu-a lhe percorrer o corpo inteiro, fundir-se com tendão e osso e acender uma fome gutural.

—Agora! — Gritou Layel a seus homens.

Unidos, eles correram para frente. Quanto gostaria de simplesmente materializar-se no meio da batalha, mas não podia. Nenhum deles podia. Bem, não se esperavam sobreviver. Um vampiro podia materializar-se em qualquer lugar que quisesse com só um pensamento, mas havia conseqüências. Uma vez que alcançavam seu destino, eles estavam drenados. Exaustos. Incapazes de mover-se durante horas. Na fuga era a única vez em que a habilidade provava ser útil, e ele não queria fugir disto.

Ao mesmo tempo em que alcançava as massas de dragões, as espadas se balançavam, cortando, a luz proveniente da cúpula superior lhe esquentava a pele sensível, acrescentando mais calor quando se misturou com o fôlego de fogo dos dragões. Ele não permitiu que isso o parasse, de qualquer forma. O suor lhe empapava o peito e as costas. Seu pulso golpeava da esquerda a direita em constante movimento, dando a sua adaga uma fluidez que cortava através de carne de dragão tão facilmente como se estivesse cortando água.

Gozava com cada gota de sangue que derramava, regozijava-se com cada corpo que caía. Cada grito de dor entrincheirada lhe trazia um novo sorriso aos lábios. Mais que nada, amava olhar os olhos dourados de seus oponentes ao mesmo tempo em que suas mentes registravam o golpe. Eles sempre abriam os olhos de par em par; o horror sempre os enchia. A luz interior sempre morria justo com eles.

Mais tarde, quando a briga tivesse terminado, ele teria que caminhar entre as massas e cortar suas cabeças. Os dragões, como os vampiros, saravam rapidamente. Gostava de eliminar





qualquer possibilidade de regeneração. Mas justo agora, com fogo dançando em cada direção, só podia separar seus decadentes corações pela metade.

Dois dragões correram para ele de diferentes direções.

Agachando-se, fez um arco com a espada com uma só mão, penetrando através do estomago de um guerreiro enquanto tirava uma adaga da cintura com a outra mão, depois a elevando, inclinando-a... Desdobrando-a... E apunhalando o segundo guerreiro na virilha. Houve um grito infernal.

Ambos os guerreiros paralisaram.

Sorrindo, saltou de novo à ação. Alguém passou a frente dele e arrumou para trincar seu flanco. Vaiou, viu que um de seus homens, Zane, já estava abrindo caminho para frente para ajudá-lo. Layel não se ocupou da matança ele mesmo, pelo contrário chutou o dragão no estômago, mandando-o voando para a direção de Zane. Vendo isto, o vampiro faminto de batalha girou, a espada cantando com letal ameaça.

Segundos antes que a cabeça do dragão rodasse, soltou uma abrasadora onda de chamas. Ao tempo que o corpo caía, essas chamas deixaram branca parte da bochecha de Layel. Ele limpou a chamuscada e ardente pele. Sentiu um quente rastro de sangue de dragão com o passar do braço. Sorriu de novo. Ainda sustentava a adaga e a espada cintilava um vivo carmesim.

—Está bem, certo? — Perguntou Zane, com fôlego entrecortado.

Ele assentiu. Mais. Necessitava mais. Precisava infligir mais dano, mais açougue. Sua atenção se situou sobre um dragão próximo que já participava de uma feroz briga com um vampiro. Layel caminhou para frente e girou, estripando a criatura sem aviso. Houve um grunhido, um espasmo. O corpo cambaleou. Importou para Layel atingi-lo pelas costas? Nunca. Brigar com justiça não asseguraria nada mais que o fracasso.

Outro dragão se dirigiu para ele. Movendo-se mais rápido do que o olho podia ver, ele apunhalou o bastardo no ventre, retirou, apunhalou no coração, retirou de novo e apunhalou no pescoço. Só três segundos tinham passado. Muito rápido, muito fácil, pensou.

Mais.

Brand, arrancando uma amazona do peito e jogando-a no chão, apareceu à vista. Sim, pensou Layel, deslizando a língua pelos afiados dentes com antecipação. Esse. Esse morreria hoje. Nenhuma espera mais. Não só incapacitaria o bastardo, o mataria.

Layel chutou e mordeu abrindo caminho entre as filas, seu olhar fixo no capitão dragão. A metade de caminho escutou um grunhido atrás dele, girou para afastar a ameaça rapidamente e retornar sua atenção para o Brand. Mas sua espada golpeou e fez um som metálico contra outra espada, o sacudindo. Aparentemente, um não tão fácil e preparado aniquilamento desta vez.

Piscou ao tempo que uma amazona girou frente a ele, voltando a girar para ele pela segunda vez. Tinido. Franzindo o cenho, ele bloqueou sua terceira investida. Som Metálico.

—Não quero te fazer mal — Resmungou.

—Quão admirável — Replicou ela secamente, antes de girar para ele de novo.

Ele girou para um lado, escapando por pouco da afiada ponta. Só estava zombando dele?

Uma rajada de vento passou, elevando seu cabelo de cor azul ao seu rosto. Repentinamente,



ao Layel teve uma visão completa de uma impressionante e incomparável beleza. Beleza que inclusive a pintura de guerra não podia esconder. Beleza que quase o estrangulava. Definitivamente o deixava tonto, já que parou seus movimentos.

Brand quem?

Layel não parou em nenhum momento para apreciar a beleza de uma mulher em duzentos anos, entretanto necessitava embeber-se nesta, a fantasia voltou para a vida. Era como se ela exalasse algo... Mágico? Algo que o forçava a olhar para ela. Algo que não permitia o controle. Mas as Amazonas eram incapazes de fazer feitiços. Só os dragões podiam.

Continuou examinando-a, procurando sinais de parentesco com dragões. Seus olhos eram tão brilhantes e violetas, cintilavam como recém polidas ametistas. Largas pestanas negras. Bochechas ligeiramente arredondadas. Pele perfeita e bronzeada onde a pintura sumiu. A diferença de suas enormes irmãs, ela era do tipo pequeno, quase que chegava a seus ombros. Não, não era dragão.

De sua fluida graça até suas curvas perfeitas, era sensual e exótica, nascida para o leito mais que para a batalha.

—Não deveria estar aqui. Poderia ter te matado, mulher — Não lhe importava matar a fêmeas, havia feito em muitas ocasiões, mas teria sido uma lástima destruir algo tão formoso. Apertou a mandíbula ao tempo que se prevenia do que estava pensando. Maldita fosse. Não observava mulheres com nenhum tipo de desejo. Nunca mais.

A comissura de sua exuberante boca vermelha se elevou, fazendo que seu estômago se revolvesse.

—Por favor — Disse ela, a voz sedutora, como um sonho — Necessitará muitos séculos há mais de prática com a espada antes que tenha a habilidade de me eliminar, vampiro — Girou para ele de novo, desta vez indo atrás de seu pescoço.

Não havia criaturas mais rápidas que os vampiros, e ele conseguiu arquear-se para trás com veloz precisão ao tempo que a adaga passava sobre seu nariz.

—E você imagina ser minha tutora? Não acredito. — Mas ele admirava sua confiança.

—O que está fazendo aqui? — Perguntou ela. Outro girou.

Outro bloqueio.

—Te ajudando.

Uma ressoante risada escapou dela, flutuando sobre a pele dele com a segurança da carícia de um amante. O estômago revolveu novamente. Ele franziu o cenho, a boca se afinou sobre os dentes afiados como lâminas. Como ela estava lhe afetando desta maneira?

Ele não tinha uma experiência como essa e nem sequer um só vestígio de necessidade desde... Não pense em Susan. Perderá a concentração.

Grunhindo, ele girou para a amazona. Ela bloqueou o duro golpe e franziu o cenho. Melhor. Um franzir de cenho era melhor que uma risada. E então ele fez de novo. Investindo, usando todo seu poder. Quando as espadas se encontraram, ambos vibraram pelo impacto.

Seu delicado nariz se crispou. De irritação? Diversão? Deleite?

Certamente, não pelos dois últimos.



—Assim é como me ajuda? — Perguntou ela.

—Não. Este era eu, ajudando a mim mesmo. Agora este sou eu, te ajudando — Com um veloz movimento dos braços, ele lançou a adaga. A ponta se incrustou no pescoço do dragão que corria para ela por trás — Vê a diferença?

Ela girou, examinando ao caído e moribundo guerreiro. Quando o olhou de novo, já não havia nenhuma dúvida a respeito da emoção que ela experimentou. Irritação.

—Bem, não necessitamos sua ajuda e não lhe garantiremos nenhum tipo de recompensa por havê-la dado.

—Sua gratidão é humilhante. Felizmente, tirar o coração de meus inimigos é suficiente recompensa para mim.

A ponta rosada de sua língua emergiu e deslizou sobre aqueles exuberantes lábios, melando-os com a pintura de guerra.

Todo o tempo observava os lábios dele. Suas palavras a tinham... Excitado? O choque o deteve no lugar, segurando sua espada. Tal depravação teria que ter aborrecido a ela. E sua excitação teria que haver aborrecido a ele.

Deveria ter feito.

Vaiou-lhe, repentinamente tão desesperado para escapar dela como estava de despachar ao exército dragão.

— Fique em meu caminho de novo, Amazona, e te derrubarei. — Talvez não precisasse fazê-lo, pensou, antes que desse a voltar, outro dragão se aproximou por trás dela.

A veemência de Layel pareceu sacudi-la fora de sua inatividade. Ela devolveu seu aviso com um próprio.

—Tenta, e morrerá como os dragões. — Ao tempo em que falava, apunhalava para trás, afundando a ponta de sua espada no dragão que se lançou para ela. Girou o pulso, cravando a arma mais profundamente, causando inclusive mais dor para o homem ferido.

Seu olhar nunca deixou Layel.

O guerreiro caiu ao chão, um ofego final ecoou dele.

Layel não perdeu mais tempo. Moveu-se ao redor e atrás da mulher e de sua beleza letal, sabendo que ele não era nada mais que um borrão para ela. Ela não teve tempo de virar quando chutou suas pernas. Contato. Seus tornozelos se golpearam entre si. Ela grunhiu e caiu sobre seus joelhos. Mas estava de novo em pé no instante seguinte, girando ao redor dele e o olhando.

Mais não havia raiva em seu olhar. Só vulnerabilidade. Pura vulnerabilidade. Era o Tipo de olhar que uma mulher envia a um homem que esteja considerando levar para cama, mas sabia que deveria resistir. Um olhar que ele tinha resistido de outras, sem vacilação, durante uma eternidade. Ela é perigosa.

Layel se afastou dela, um vestígio de pânico acendendo-se.

—Derrubou-me — Disse ela, sem fôlego.

Durante anos ele tinha assumido que seu coração estava murcho, morto. E, entretanto, escutando a excitação em sua voz, o tolo órgão voltou para a vida, quase golpeando através de suas costelas. Continua se afastando, maldito seja.



—Sim — Disse ele, as pernas repentinamente pesadas — Derrubei.

—Mas... Derrubou-me.

E faria ainda mais se ela se aproximasse dele. Tinha que fazer algo a respeito disso...

Não deveria precisar se lembrar que o desejo não era algo que ele quisesse em sua vida. Vingaria a morte de Susan, e depois se uniria a ela. Nada e nem ninguém mais importava.

— Se comporte bem com meus vampiros, pequena moça, e pode ser que guarde alguns dragões para você. Se não, virei por ti. E quando te encontrar arrancarei sua cabeça e a pendurarei junto a meu trono com todas as demais que colecionei em minha longa vida. Não duvide de mim.

— Com isso, lançou-lhe um sombrio sorriso e avançou entre as filas da densa batalha, através do fogo ardente, sua vista uma vez mais enfocada em Brand.

## Capítulo 2

Esse bastardo pensou Delilah. Esse demônio chupador de sangue. Esse guerreiro de coração negro. Esse... Homem! Não tinha consciência nem sentido de justiça. E gosto dele. Um suspiro escapou e quase se derreteu no chão como um monte, sem ossos, de prazer feminino.

O guerreiro a tinha posto de joelhos. Ninguém a tinha derrubado antes. Ninguém. Era muito forte, muito rápida, muito ameaçadora e muito desejosa de vingança. E se não podia, suas irmãs estavam mais que dispostas a ver a tarefa terminada, algo que todas as raças em Atlantis sabiam.

Mas o vampiro tinha agido contra ela sem reservas ou remorso. O que era pior, ou melhor? Era que ele podia ter feito muito mais. Em um momento, tinha estado frente a ela e, no seguinte, atrás. Poderia ter cortado seu pescoço como havia feito com tantos dragões e não teria conseguido fazer nada a respeito.

Bom, poderia ter morrido. Mas, onde estava à graça nisso?

Deveria ter ficado preocupada diante de tanta habilidade. Não estava, estava excitada. O que era estúpido! O número oito dos dez mandamentos das amazonas: Nunca lutar contra um oponente frente a frente se não pode derrotá-lo. Espera e apunhala-o nas costas depois. O vampiro poderia havê-la derrotado. Absolutamente. Poderia. Entretanto, ela virtualmente tinha suplicado mais.

A lembrança de sua coragem fez que seu pulso se acelerasse e o sangue esquentasse como se o fogo do dragão se filtrasse através da pintura de guerra, entrando através da pele e indo diretamente para as veias. Ele a tinha derrotado e queria lhe beijar por isso.

Sim, muito bem, muito bem. Tinha passado muitas noites acordada desejando o que não podia ter e não deveria querer: um homem o suficientemente forte para arriscar à ira de suas irmãs e reclamá-la. Um homem que não pensasse que era muito violenta para passar mais do que umas poucas noites a seu lado. Um homem que mostrasse tanta intensidade quanto ela, que brigasse para consegui-la com a mesma ferocidade que ela tinha lutado em cada batalha em que esteve. Um homem que derrubasse qualquer barreira para alcançá-la.



Um homem que a visse como o mais importante em sua vida. Um prêmio para ser ganho e querido.

Todos esses desejos a envergonhavam e era algo que jamais devia ou podia mencionar em voz alta. Não, se queria o respeito de seu povo. Era uma guerreira; todas elas eram. A batalha vinha primeiro. O amor, nunca.

Além disso, já tinha tentado amar. Ou ao menos, entregou-se a um homem. Ele não foi forçado a aceitá-la. Não tinha sido escolhido durante a Cerimônia dos Escolhidos, onde as amazonas decidiam os escravos de cama. Não, ela o tinha conhecido no campo de batalha. Tinha ido atacá-lo e ele a tinha beijado. Intrigada e adulada, deixou-o viver, inclusive tinha escapado do acampamento mais tarde nessa mesma noite para vê-lo. “Você é a única para mim”, havia dito. “Soube no momento em que te vi”. Mas quando o amor terminou, ele se afastou e não olhou atrás. Ela não tinha sido nada mais que um capricho passageiro, um inimigo para usar, uma mulher para se saciar e, mais tarde, uma lembrança ruim para enterrar.

Entretanto, tinha sido culpa dela. Se não tivesse observado em segredo as outras raças durante anos, derretendo-se diante da visão de homens apaixonados por suas mulheres e fazendo todo o possível para protegê-las, a necessidade de um amor para si mesma não teria lugar. Uma necessidade que era uma clara violação do terceiro mandamento: Se começar a desejar mais que apenas a cama de um homem, terá que matá-lo ou ele te separará de suas irmãs e te trairá.

Um raivoso rugido afogado ressoou no bosque, reclamando sua atenção. Lançou a espada para frente, girou o punho e depois atirou para trás. Tanto na frente como atrás dela, um guerreiro dragão caiu a seus pés.

Outro dragão correu para ela. Homem estúpido. Eram soldados fortes, já sabia disso. Já tinha combatido antes com uns quantos, mas ela era mais forte. Apesar de sua aparência delicada.

Delilah levantou a adaga, ansiosa para encontrar-se com o novo oponente. Entretanto, uma de suas irmãs entrou em seu caminho, e os dois se enfrentaram em uma batalha feroz de estrondoso e faiscante metal. Logo, o mais débil, a ainda em formação Nola, caiu contra as ferozes navalhadas do dragão poderoso. O homem lançou sua espada para um lado, preparado para usar suas grandes mãos.

O primeiro mandamento: Sempre ajuda a uma irmã que necessite.

Com passos seguros e rápidos, Delilah chegou junto de sua irmã, só para se dar conta, com orgulho, que não era necessário. A amazona se levantou sobre seus pés e atacou primeiro o guerreiro dragão com uma pernada alta. Ele grunhiu, cambaleando.

Nola está bem e você tem uma missão. Delilah se voltou, observando a macabra cena diante ela. Sangue, grunhidos e corpos paralisando. Tudo era necessário. Tinha vindo aqui por uma razão específica: encontrar e resgatar sua irmã de raça, Lily.

Onde está agora, doce Lily? Antes do ataque dragão, Delilah a tinha visto na jaula. Após, não havia rastros da garota. Vamos. Se mostre. Lily tinha desaparecido uma semana atrás, tinham seguido seu rastro até o palácio dragão e tinham seguido os guerreiros para esse bosque. Era melhor emboscá-los aí. Se os dragões a tinham levado ou ela foi voluntariamente não era importante. Haviam prendido suas mãos e a amordaçado. Tinham-na encerrado.



Em primeiro lugar, eles iriam sofrer. Em segundo, iriam morrer.

Lily era uma garota inocente e sua futura rainha. Delilah e todas as amazonas adoravam a jovem. Aos treze anos já era encantadora, preciosa e divertida. Tudo o que o resto das amazonas não era.

“Traz meu bebê para casa”, ordenou a rainha a Delilah, com o queixo tremendo. Ver a usualmente séria Kreja a beira das lágrimas tinha sido uma tortura por si mesma. “Sabe o que deve fazer com os quem tiver machucado a ela, inclusive o menos dos machucados”.

Toda guerreira que lutava esta batalha faria algo, tudo, para preservar a doce inocência de Lily; se os dragões ainda não a tinham destruído. Se o haviam feito... A fúria nublou a visão de Delilah, brilhando com uma mistura de vermelho e negro.

Se concentre. Vários guerreiros já se transformaram na sua forma animal; carne substituída por escamas, caudas dentadas açoitando atrás e a frente, asas batendo e garras rasgando. Seriam mais difíceis de matar nessa forma, mas ela adorava a provocação.

Pela extremidade do olho, captou um brilho de cabelos brancos e brilhantes olhos cristalinos emoldurados por longas pestanas negras. Características muito formosas para um homem. Sensual, exótico. Seu coração deu um salto estranho. O vampiro que a tinha derrubado no chão. Ele poderia ter sido o deus da maldade e da tentação e ela não ficaria surpresa.

Qual era seu nome? A pergunta sussurrou através de sua mente antes que pudesse detê-la. Não importa, lembra? Por que, então, não podia afastar o olhar dele?

Ele desapareceu em meio da multidão. Dois guerreiros inimigos giraram para ele, seus corpos monstruosos e desproporcionados, caras alargadas e dente como adagas. Seria ele suficientemente forte para brigar com os dois?

Embora emocionada como estava pela idéia de seu êxito, uma parte dela estava... Assustada? Franziu o cenho. Não. Isso não era possível. Nada a assustava. Nem as batalhas, nem a dor, nem a morte. Entretanto, não podia negar o ritmo vacilante do coração nesse momento. O que ocorreria se o vampiro fosse derrubado? Havia tantos a seu redor, todos indo a seu pescoço.

A atenção de Delilah se concentrou em Nola novamente, que seguia lutando a uns quantos centímetros de distância e não estava indo tão bem como tinha esperado. Nola não era uma de suas amigas mais próximas, era muito solitária para ter amigos, mas a tribo vinha primeiro. Sempre.

Afastando o vampiro de sua mente de uma vez por todas, Delilah saltou para o dragão que se precipitava para sua irmã, empurrando-o ao chão e permitindo finalmente a Nola afundar a espada no peito.

Ele rugiu.

—Maldição, mulher! — Ficou ali ofegando, olhando intermitentemente a seu peito e a Nola com fúria, mas não se levantou de novo — Isso doeu.

—Bom.

Nono Mandamento: Não deixe nunca uma luta sem machucar seu oponente de algum jeito. Delilah deu meia volta, pronta para atacar outro. Mas uma vez mais, encontrou-se procurando o vampiro. Não o tinha esquecido, depois de tudo. Rodeado de inumeráveis adversários como estava, certamente seria derrubado. Apesar da habilidade que tinha demonstrado, era só um



homem. Um muito impressionante e imponente homem, mas tão falível como todos seus irmãos.

Ofegando, Nola seguiu a linha do olhar de Delilah.

—Vamos cortar seu coração?

—Nem sequer o arranhe. O vampiro é meu — Disse, as palavras revoaram antes que pudesse detê-las.

Quinto Mandamento: O que é seu é de suas irmãs. Nola tinha tanto direito a ele como ela tinha.

Houve uma pausa surpreendida.

—A casta Delilah finalmente escolheu um homem? Tenho que conhecê-lo.

Nola correu e se introduziu entre a multidão de amazonas, dragões e vampiros. Os dois últimos tentaram espantá-la longe sem deixar de brigar entre si. Sua falta de atenção lhes custou caro, começaram a cair como gotas de chuva durante uma tormenta, sua espada reluzindo como um raio.

Nola tinha planejado ganhar o vampiro para si mesma? A princípio, Delilah estava imóvel de assombro. A estóica Nola sempre se manteve afastada, nunca tinha descascado por um macho prisioneiro e só o fazia quando combatiam pelo comando, apesar de sua crescente habilidade. Por natureza era uma observadora, não uma mulher de ação. Ela não queria ao vampiro. Ou sim?

Talvez não sou a única fascinada por sua força. Fervendo com fúria repentina, Delilah saltou para frente. O que ia fazer quando chegasse ao fragor da batalha? Não sabia. Separar a cabeça de Nola de seu corpo era uma opção.

A estranha idéia a deixou sem fôlego. Dizia-se isso em voz alta, seria sentenciada a morte.

Alguém a empurrou ao chão antes que chegasse a meio caminho de seu objetivo. O vampiro lhe havia feito o mesmo e se excitou. Agora... Não. Rodou sobre suas costas. Não havia tempo para a raiva, entretanto, esta nova ameaça saltou em cima dela e a imobilizou. Olhou-o e viu que era o último dragão que tinha apunhalado. Já tinha sarado parcialmente e claramente queria mais. Balançou a mão livre para cortá-lo.

—OH, não, não o fará — Disse ele, os dedos lhe apertando o pulso.

—OH, sim, sim o farei.

Colocou uma das pernas entre eles e lhe deu uma patada na cara. Seu corpo se torceu para um lado, levantando seu peso e liberando-a. ficou de pé, chutou-o uma vez mais, apontando à ferida que ainda gotejava. Ele se retorceu e, continuando, fechou os olhos. Satisfeita de que não pudesse vir por ela outra vez, partiu, observando de novo o vampiro e vendo-o mover-se com graça letal e fluidez, suas armas como extensões de seus braços, como se tivesse nascido com elas nas mãos.

Atrás dele, um dragão abriu a boca para vomitar um jorro de fogo.

—Nola! — Gritou, muito longe dele para tirá-lo ela mesma do caminho.

Mas a amazona estava distraída pela cauda que se balançava para ela, e não escutou seu grito de ajuda.

Rapidamente, Delilah agarrou uma das adagas que lhe cruzavam as costas e a lançou. A ponta zumbiu pelo ar antes de cravar-se no peito do dragão. Houve um uivo arrepiante, mas por





sorte fogo não.

O vampiro se virou e seu olhar se chocou com o seu. Um chiado de consciência varreu através dela, mais forte que o que tinha experimentado em seu primeiro encontro. Ele olhou ao dragão caindo de joelhos e então inclinou a cabeça em reconhecimento a ação de Delilah. A decepção se uniu a sua percebida consciência.

O que esperava? O que ele te soprasse um beijo?

—Sua gratidão é humilhante — Espetou, lembrando de suas palavras anteriores a ela.

Sem uma palavra, voltou-se e atacou outro dos respiradores de fogo, aparentemente indiferente, enquanto as chamas dançavam sobre a pele, carbonizando e formando ampolas. Quantos mais passos dava para ele, mas oponentes saltavam em seu caminho. E enquanto Delilah brigava em seu caminho para ele não era seu amigo, maldição! Viu a Nola agachar-se, deslizar-se passando a um dragão que acabava de apunhalar um vampiro no estômago e lhe cortar os tendões por cima dos calcanhares. Houve outro rugido quando a criatura caiu, já não podia se pôr de pé.

Delilah a alcançou então. O vampiro de cabelo branco tinha desaparecido.

—Onde esta Lily? —Perguntou-lhe Nola, com pânico cobrindo sua voz.

Mechas de cabelo negro lhe cobriam a delicada cara enquanto procurava a esquerda e a direita. Poderia ser uma solitária, mas amava Lily tanto como o resto delas.

Delilah seguiu a direção de seu olhar e finalmente encontrou a jaula que Lily tinha ocupado. Estava vazia. Não. Não, não, não.

—Certamente uma das outras a libertou e a colocou a salvo.

—Esse não era o plano. Ia ser levada com jaula e tudo para mantê-la a salvo e cômoda, fora de perigo. O mais provável é que tenha aberto a fechadura ela mesma. Sabe como fazê-lo, ao menos nos asseguramos de que tenha sido assim.

—Certo. Muito bem. Você procura para o norte, eu irei ao sul. Encontraremos-la.

Nola assentiu e se foram.

Delilah correu entre as árvores, os galhos lhe esbofeteavam a face e os braços. As rochas perfuravam a sola de suas botas. Todo o tempo manteve os olhos no chão, procurando... Procurando... Aí. Três pares de rastros apareceram à vista. Uma delas era delicada e nua, as outras duas eram largas e com botas. Machos.

Os três se dirigiam para o Acampamento das Amazonas.

Os dragões não conheciam o caminho, o que significava que Lily estava sendo perseguida.

Enfurecida, Delilah aumentou a velocidade dos passos enquanto escutava seus próprios ofegos cansados. Por uma vez, lamentou o fato de que Lily não tivesse sido treinada na arte da batalha como todas as outras amazonas.

Doce Lily, a única filha da rainha. Tinha sido uma menina pequena, nascida antes de tempo e constantemente doente. Teria que ter sido assassinada ao nascer ou ao menos, mas tarde, quando se fez evidente que nunca seria suficientemente forte para a guerra. Mas ninguém tinha sido capaz de fazê-lo. Ela tinha capturado seus corações desde o começo.

E assim, doente como estava, a menina não tinha sido separada de sua mãe. Não tinha sido



enviada ao treinamento de combate à idade de cinco anos. Não tinha sido golpeada para que não mostrasse qualquer indício de debilidade, como as lágrimas e a tristeza. Não tinha sido esfaqueada e machucada e depois jogada nos elementos para aprender como sobreviver enquanto seu corpo gritava de dor e o mundo a seu redor era substituído por ossos congelados de frio ou pele derretida pelo calor.

Por sua conta, Lily ia morrer.

Violada, Lily provavelmente queria morrer.

Já vou, doce. Já vou. Onde está? Onde...?

Um grito de terror penetrou o ar, uma resposta a suas orações. Seus pesadelos.

Lily! Ainda correndo, Delilah desembainhou as adagas restantes da cintura. Atravessou o matagal esmeralda e encontrou Lily sendo retida, seus tornozelos atados, suas mãos agitando-se enquanto tratava de se afastar do homem que a submetia.

—Me solte! — Gritou.

—Trouxe a guerra a nossa porta, menina. Agora vai voltar com nosso rei o queira ou não.

As lágrimas desciam por suas bochechas e soluçou.

—Só quero ir a casa.

De um salto, Delilah estava lá. Deu uma cotovelada no peito de um, girou e chutou a outro no pescoço. Ambos se estrelaram contra o chão com grunhidos aturdidos. Não lhes deu tempo de recuperar-se. Cruzando as mãos, fincou as laminas nos restantes. Incrustaram-se no peito de cada objetivo. Houve um murmúrio, um uivo e depois ambos os homens desabaram, cada pulsação de seus corações mais perto da morte.

—Lilah — Exclamou Lily, tirando-as ataduras dos tornozelos. Levantou-se e se atirou nos braços de Delilah que a esperava. A garota estava tremendo e chorando, as lágrimas ainda corriam para baixo por suas bochechas.

Delilah se manteve em guarda enquanto passava uma mão através do cabelo sedoso da garota.

—Estou aqui, agora tudo estará bem.

—Eu não quis... O sangue... Minha culpa... — Disse Lily entre soluços — Eu só queria ser forte como você. Provar a mim mesma. Explorar. Quando topei com os dragões decidi emboscá-los e levar para casa suas garras como prova de minha habilidade. Estive praticando por mim conta, mas eles não me atacaram. Só me levaram a sua casa e me encerraram para que deixasse de tentar machucá-los. Eles não sabiam o que fazer comigo. Sinto muito. Sinto tanto. Eu só... Não sou uma menina.

—Sei, carinho. Sei — Faria tudo para acalmá-la. Inclusive uma mentira.

Lily estava insatisfeita com sua vida? Antes de desaparecer, Lily não tinha devotado nada mais que sorrisos e risadas. Tinha sido um radiante raio de luz entre as escuras e violentas guerreiras. Tinha sido objeto de adoração, mimada e ela parecia absorver a atenção.

—Se alguém morrer por minha culpa...

—Sabe mais que isso — Delilah tomou sua mandíbula e a elevou até que olharam uma à outra. Chorosos olhos verdes a observavam, rodeados de vermelho e um pouco inchados pelas



lágrimas — Suas irmãs estarão bem. Elas são guerreiras até a medula e os respiradores de fogo não as vencerão.

—E o que acontece com os vampiros?

O pulso deu outra dessas ondas estranhas, o sangue imediatamente esquentando-se nas veias.

Lily estremeceu.

—Promete? — Perguntou fracamente, esperançada.

—A necessidade de uma promessa é insultante.

—Sinto muito. Eu nunca te insultaria de propósito, mas estou assustada pelos dragões. Eles não me feriram, foram realmente amáveis.

—Isso não importa — Sua voz se endureceu — Deveriam te deixar ir imediatamente. Ao contrário, retiveram-lhe. Encerraram-lhe. Sua mãe esteve louca de preocupação.

—Mas...

—Se formos indulgentes neste caso, outras raças pensariam que esse tipo de tratamento para você será tolerado. Seremos vistas como fracas e nos encontraremos abaixo de constantes ataques. Portanto, temos que lutar agora para evitar piores conflitos depois — A lição tinha sido marcada nela até que foi tão natural como o respirar.

Uma ofensa, uma resposta.

—Agora. É minha vez de obter uma promessa sua — Enquanto falava, explorava a selva. Até agora não havia nenhuma indicação de que estivessem sendo vigiadas ou seguidas. Entretanto, isso não significava que estivessem completamente a salvo.

Lily mordeu o lábio inferior, mas assentiu.

OH, esta garota, pensou Delilah com um suspiro. Amanhã, ia cursar uma petição à rainha pedindo que Lily fosse treinada para o combate. Ela não queria à garota brigando, mas queria que fosse capaz de defender-se a si mesma.

—Me prometa que nunca deixará de novo nosso lar sem permissão.

—Prometo — A resposta foi feita no mesmo instante. Sem vacilação—. Nunca estive tão assustada, Lilah. Os homens não são os seres fracos que pensei que eram.

Não, não eram. O vampiro... Delilah apertou os dentes e pôs a mente em branco.

—Se não cumprir sua promessa, menina, os dragões e os vampiros não serão a única coisa da qual terá que preocupar-se. Entendido?

Lily estremeceu.

—Sim.

Enquanto a batalha continuava com ferocidade, Layel procurou no claro à guerreira de cabelo azul mas não viu sinais dela. Estava surpreendentemente decepcionado, o que era completamente inaceitável. Primeiro desejo, agora... Desejava vê-la?

Com sorte, teria sido assassinada. Sim, com sorte, pensou, embora uma parte oculta dele gritava que não. Melhor que morresse em batalha a atormentar a mente dele um segundo mais. Seus pensamentos pertenciam a Susan. Somente a Susan.



—Deveria saber que estaria perto — Espetou uma voz atrás dele.

Layel girou e se encontrou de frente a Brand e Tagart. Finalmente. OH, por fim. Ainda estavam em forma humana, mais vulneráveis ao ataque. Sorriu lentamente, elevando um braço e apontando, com o sangue gotejando da mão. Tinha abandonado as armas fazia tempo, preferindo fazer a matança mais pessoal com suas unhas e dentes.

—Você.

—Sim, eu. É hora de pôr fim a isto, Layel — Disse Brand

—Seus amigos tinha um gosto bom — Disse, limpando a boca e sabendo que mancharia mais de sangue o rosto — Mas acredito que os dois serão melhor.

Uma negra cortina de fúria caiu sobre as feições salpicadas de sangue de Tagart. O estômago do guerreiro tinha um corte, aberto e sangrando, mas não parecia notá-lo.

—Te matar vai ser um prazer, vampiro.

—É uma lástima que pense isso, porque nunca te será concedida a oportunidade de fazê-lo.

Um músculo saltou debaixo do olho de Brand.

—Sofrerá por tudo o que fez a meus amigos e tudo o que pensa nos fazer, vampiro. Sabe não?

—Não sei nada disso. E não sei, porque desfrutei de tudo o que fiz a seus amigos. E, sim, ameí cada momento disso.

Layel podia ter matado os dragões que violaram e queimaram a Susan, podia ter levado a alguns deles a seu calabouço e torturá-los durante semanas antes de dar o golpe final, mas não acreditava que alguma vez se cansasse de fazer dano a seus irmãos de raça.

Verdadeiramente, vivia com um propósito: acabar com toda sua linhagem.

— Nos convida à guerra! — Disse Brand

—É curioso, pensava que já lhes tinha convidado à guerra faz duzentos anos. Acabam de receber o convite?

—Recebi. E aqui está minha confirmação.

Tagart deu vários passos para frente antes que Brand agarrasse seu braço, mantendo-o quieto. O escuro guerreiro parecia a ponto de afastar-se do agarre de seu comandante e atacar.

—Ainda não — Disse Brand.

Depois rugiu forte e alto, transformando-se em sua forma de dragão. As roupas se rasgaram, flutuando para o chão, e escamas verdes lhe cobriram a pele. Um focinho se alargou na cara, as garras se estenderam dos dedos e os dentes afiados até suas molhadas pontas. Asas brotaram das costas, tênues e claras, aparentemente inocentes enquanto se alargavam para as árvores. A transformação de Tagart seguiu rapidamente.

—Venham por mim, pequenas criaturas — Disse Layel.

Uma rajada de fogo depois, Brand e Tagart estavam voando para ele. Layel saltou para eles, preparado, tão disposto.

—Susan! — Gritou.

Era seu grito de guerra. Um aviso constante do que lhe tinham arrebatado, por isso lutava, por isso morreria.



Exceto nunca alcançou os guerreiros.

A metade de caminho, o mundo inteiro de Layel se enegreceu e desmoronou peça a peça em um nada. Nada a seu redor, nada à frente ou atrás dele. O chão era sua única ancoragem segura, abriu-se e o tragou, seu corpo caindo de repente por um comprido e escuro vazio. Girava dando voltas e voltas. Grunhindo, procurou outra âncora, mas só encontrou o caprichoso ar.

Ignorando o pânico que varria através dele, esforçou-se por acalmar a respiração e, o coração, a pôr fim a seu errático tamborilar. Se transporte, Agora! Tentou-o, mas passou um momento e nada aconteceu; continuou caindo, o corpo era uma massa sólida. Chiando os dentes, estendeu os braços e tentou voar. Mas a cadeia invisível o puxou para baixo... Abaixo... Abaixo... Sem afrouxar, resistindo a abandonar o agarre sobre ele.

A comoção e a raiva se uniram ao pânico e correram através dele com uma intensidade doentia. Não sabia o que estava acontecendo, nem o que estava passando. Simplesmente não podia detê-lo.

Golpeou algo duro com a mão. Deu-se conta que era um homem. O peito de um homem. O homem o agarrou, seus dedos com garras preparados para enganchar. Layel gritou, o braço se rasgou em migalhas. Felizmente, saiu fora de seu alcance e caiu na suavidade do corpo de uma mulher. Ficou sem fôlego, o som era baixo, assustado. Quantos? Perguntou-se, mesmo que bateu com... Um cavalo? Houve um relincho.

Alguém gritou. Alguém gemeu. Todo o tempo continuou caindo, sem aterrissagem à vista.

Em meio da selva, Delilah empurrou Lily atrás de suas costas. De repente, espreitava o perigo. Podia-o sentir, quase cheirar uma presença, um poder denso no ar.

—O que acontece? —Sussurrou Lily, seu terror era evidente.

— Se mantém atrás de mim.

Delilah recuperou as adagas que tinha usado para matar os dragões com seu férreo controle. Onde está? Percorreu as árvores, as folhas e as sombras. Ali, à direita, alguém estava sacudindo os ramos juntos. Os galhos se entreabriram, os olhos enfocaram, mas não podia ver uma forma. Só...

Um ofego escapou de seus lábios quando algo saltou para ela, tão claro como o ar que respirava, mas mais grosso, como a água. Não teve tempo de reagir, nenhuma forma de atacar. Então estava aí, justo em frente dela, consumindo-a, sugando-a em um buraco negro.

—Lily! — Gritou, perdeu as adagas enquanto estendia as mãos, desesperada por algum tipo de segurança. Não encontrou nada. Só caía. Quanto mais caía, onda após onda de enjôo a assaltavam, golpeando-a com força suficiente para dobrá-la pela metade. Gritos, grunhidos e gemidos atravessaram seus ouvidos, tão discordantes como os sons que soam quando uma amazona morre.

—Lily!

—Amazona — A chamou uma voz masculina familiar, por cima do caos.

—Vampiro? — Os batimentos de seu coração não deveria ter se acalmado, o suor que cobria sua pele não deveria ter esfriado, mas o fez. Não deveria sentir-se aliviada, mas estava. Enquanto enfrentava a ele precisava de um toque, só necessitava um toque, a cabeça golpeou no que



deveria ser uma rocha irregular e grunhiu, foi lançada para trás separando-a do vampiro pela força.

As estrelas refulgiram em seus olhos, inchando-se até luzes brancas, ampliando-se, até ser a única coisa que via. De algum modo essa luz era mais aterradora que a escuridão, um raio de esperança oferecido do modo mais cruel.

—Se aproxime — Ordenou o vampiro.

—Não posso — Tentou dizer, mas as palavras se congelaram na garganta.

Ao final, ela não teve que tentar. Golpeou outra parede e foi jogada para frente. Os corpos chocaram, extraíndo o ar dos pulmões. Imediatamente, a terrível brancura foi substituída pela bem-vinda escuridão. Os músculos de Delilah se afrouxaram e a cabeça golpeou duramente contra algo. Os dedos do vampiro rodearam seu braço, quente e forte e mais necessário que a respiração. Ela se abraçou a ele, querendo aderir-se a ele para sempre.

O sexto mandamento a soou na cabeça: Agarra o que queira. É seu. Sabia além de nenhuma dúvida que a amazona que o criou não tinha pensado na ação de aconchegar-se contra um macho e pôr a segurança em suas mãos. De todos os modos, agarrou-se. Não me solte, pensou antes de deslizar-se no esquecimento.

### Capítulo 3

Layel piscou abrindo seus olhos, a luz opaca mudando, em uma combinação de brilho e escuridão, claridade e névoa. Lutando contra a confusão, grunhiu por causa de uma dor aguda em suas têmporas. Onde estava? O que tinha acontecido? Tinha estado em um campo de batalha, não é assim?

Sim, pensou, estava absolutamente seguro. A cena cintilou através de sua mente: ele, indo para seu inimigo, a espada em alto. Brand e Tagart em sua forma de dragão, voando para ele, com a morte em seus olhos dourados. E depois ele tinha sido arrancado para o nada.

Agora, deu-se conta que estava... Deitado. Sobre areia. Outra dor, seguido de um espessamento da névoa, desarmou sua onda de compreensão. Fechou as pálpebras apertando-as. Passou um batimento, depois dois. Tal como tinha esperado, a névoa se esclareceu e seus pensamentos se reorganizaram. Tinha sido ferido de morte antes de alcançar Brand e ao Tagart, e agora descansava na eternidade?

Ainda não! Quase gritou ele. Não estou preparado. Não vinguei a Susan.

Calma. Pensa. Tinha sido ferido, podia recordar isso. Um corte no peito, um braço destroçado. Se ele estivesse vivo, essas feridas deveriam estar presente. Tremendo, ele deslizou uma mão sob sua camiseta e se esfregou acima e abaixo em seu braço e peito para estar seguro. As crostas o receberam e sua boca se curvou em um meio sorriso.

Então... O que tinha acontecido? Perguntou de novo.

Inspirou e expirou, a essência do sal e de coco encheram seu nariz. Familiar. O retumbar das



turbulentas ondas banhando a costa ressonou em seus ouvidos. De novo, algo familiar.

Uma vez mais abriu seus olhos. Devagar desta vez, permitindo à luz alcançá-lo gradualmente. Ao princípio viu unicamente umas brancas e inchadas... Coisas flutuando através de um azul sem limites. Não era familiar. O meio sorriso se transformou em um profundo cenho. Usualmente uma abóbada de cristal rodeava Atlantis, arqueada e dentada. Onde estava?

Se concentre. Grunhindo, sentou-se.

Bolinhas douradas e rosa passaram rapidamente por sua visão. Para dentro e para fora, ele seguiu respirando. Quando as bolinhas se desvaneceram, exuberantes palmeiras em diferentes tons de verde e branco, da mais brilhante cor esmeralda até é mais pálido jade e marfim, ficaram à vista. Girou a cabeça, e teve que massagear suas têmporas para acalmar outra dor aguda. A suave areia se estendia para o claro oceano azul, a água ondulava até converter-se em espuma e bruma, avermelhando sob os fortes raios de uma brilhante e laranja... Esfera.

Uma esfera que queimava sua pele muito mais do que a abóbada alguma vez tinha feito, notou ele, franzindo o cenho mais intensamente.

Seus olhos se umedeceram tanto que teve que dirigir seu olhar de volta para a areia. Isto não diminuiu o ardor, mas a ardência logo se converteu na menor de suas preocupações. Havia corpos dispersos na areia. Inconscientes. Mortos?

Layel permaneceu em seu lugar e estudou o homem mais próximo a ele. Era Zane, precaveu-se, quem já não estava cortado nem golpeado. O peito do guerreiro estava subindo e descendo, uma prova de que seguia vivo. Graças aos deuses. Depois ele viu... Ficou tenso. Vários pés mais à frente, Brand jazia deitado sobre suas costas. Apesar de ter se transformado em dragão durante a batalha, rasgando sua roupa, ele era agora humano e estava vestido. A seu lado estava estendido Tagart. Em forma humana e vestido também.

Como se nunca o tivesse abandonado, só afastado a uma parte de sua mente, a raiva correu através de Layel. Raiva porque sua briga tinha acabado tão abruptamente, raiva porque os dragões não estavam mortos.

O que seja que tivesse acontecido para trazê-los para esta estranha terra, a Layel de repente não importava. Os dragões deviam morrer. Deveriam estar mortos já. Franzindo o cenho, ficou de pé. Balançou-se por causa de uma onda de tontura, cambaleando, tropeçou para frente de todas as formas. Tratou de alcançar suas adagas, cada onça de determinação pulsando da ponta de seus dedos.

As espadas se foram. Um grunhido ecoou em sua garganta, cada vez mais forte, mais feroz, quando uma rápida revisão revelou que cada peça de seu arsenal tinha desaparecido.

Não se intimidou. Usar os dentes para rasgar seus jugulares funcionaria igual de bem. Ainda assim, um par de armas teria estado bem. Só no caso de precisar. Entretanto, não importava.

Estava quase sobre eles... Quase... E se estrelou contra uma barreira invisível.

Cada osso em seu corpo vibrou pelo impacto, e aquele maldito enjôo passou através dele de novo. Piscou, confuso, levantando suas mãos e as pressionando no ar. Mas que inferno? Havia alguma espécie de... Escudo?

Sim, sim, Se deu conta. Isso é exatamente o que era. Transparente, invisível e ainda assim





sólida, evitando que ele se movesse outra polegada. Golpeou seus punhos contra o escudo, mas este se manteve firme. Arranhou-o com suas garras mas não se rachou. Não, rompeu duas de suas unhas da base, fazendo que o sangue corresse por suas mãos. Ele o investiu com seu ombro, quase deslocando o osso, mas o escudo nem sequer tremeu.

Maldição! Não seria derrotado. Perderia um membro se fosse necessário. O que importava a dor física frente tão delicioso resultado? Ao tempo que arrojava seu corpo contra a barreira uma e outra vez, olhava enfurecido a seus ainda adormecidos inimigos. Nunca uma ocasião tinha sido mais oportuna para a vingança. Depois... Junto aos dragões havia duas Amazonas, uma das quais resultou ser sua jovem de cabelo azul sedenta de sangue. Não é minha, corrigiu-se fervorosamente imediatamente. Mas ele não podia negar que a visão dela fazia que sua respiração se esquentasse e queimava seus pulmões. Não pôde negar que seu sangue se acelerou.

Ao tempo que caía através daquele vazio escuro, ele tinha ouvido sua voz rouca e obstinado a seu corpo inerte. Ela tinha estado cálida e suave, um tortura para ele. E ainda assim, tinha sido estranhamente protetor com ela, embalando-a contra ele, maravilhando-se de sua essência beijada pelo mar enquanto recordava a forma em que ela o olhava durante a batalha, como se ele fosse um milagre e um demônio envoltos no mesmo pacote tentador.

Ele não recordava havê-la deixado ir, entretanto eles claramente tinham sido separados. Agora se enchia dela quando deveria ter afastado o olhar.

Ela parecia desarrumada, como se tivesse dormido depois de passar uma hora fazendo amor vigorosamente e só despertasse agora por mais. Seus olhos se inclinavam ligeiramente para cima, as pálpebras meio fechadas, sombreados por largas e escuras pestanas. Seu nariz era pequeno e refinado, os lábios ainda vermelhos e exuberantes. E sua pele... havia mais ao descoberto, lisa, de cor âmbar, cada ponto de seu pulso martelando deliciosamente. Um grande hematoma cobria o lado esquerdo de sua mandíbula. Seus seios...

Não pense nela dessa maneira, você repugnante montão de excrementos de dragão. As fêmeas estavam fora dos limites para ele.

Layel afastou seu olhar da Amazona e renovou o estudo das outras criaturas, e só então se deu conta que tinha parado de golpear o escudo de ar. Todos estavam começando a mover-se, sentando-se e esfregando suas caras. Ele podia não ser capaz de alcançá-los, ainda, mas podia escutá-los. Os gemidos logo eclipsaram o som das ondas.

Havia dois nymphs, um macho e uma fêmea, lutando por ficar em pé e olhando confusa e fixamente a praia cheia de criaturas. A seu redor havia um par de minotauros, demônios, centauros, formorianos e gorgonas. As serpentes sobre a cabeça destas últimas assobiavam e mostraram presas muito mais afiadas que os de Layel. Duas de cada raça. Por que dois?

Que infernos estava acontecendo? Perguntou uma vez mais.

A Amazona esfregou uma mão sobre seu delicado rosto, agora pintado com os restos dos redemoinhos azuis. Aqueles traços que estavam gravados em suas têmporas não despintavam. Seriam tatuagens? Ela estava piscando, como se não pudesse acreditar o que estava vendo.

Esta olhando ela de novo. Ele grunhiu e voltou sua atenção aos dragões, sua ira intensificando-se. Golpeou a parede invisível. Ainda ali, ainda impenetrável. Seus dedos estavam



agora sangrando e destroçados, virtualmente inúteis. Seu ombro estava completamente deslocado.

Ele precisava pensar fazer um plano. Mais que isso, ele precisava encontrar sombra. A pele que estava nua agora parecia como se estivesse cheia de bolhas. Provavelmente estivesse. Odiando a idéia de uma retirada, e odiando a si mesmo, moveu-se suavemente para trás, tratando de não atrair atenção indesejada, deteve-se junto a Zane e se agachou, agarrando os ombros do vampiro e sacudindo-os.

As pálpebras de Zane se abriram e ele assobiou entre dentes, empunhando uma garra por reflexo rápido como um batimento de coração, Layel inclinou as costas, conseguindo fugir de um ataque fatal na garganta — Calma — Ordenou em voz baixa.

Passaram segundos enquanto o vampiro se orientava — O que aconteceu? — Exigiu Zane bruscamente, ficando de pé um momento depois. O consumado guerreiro apoiou suas pernas separadas com as mãos empunhadas aos lados, preparado para iniciar uma batalha. Seus olhos estavam escuros, sem expressão e luzia faminto por sangue. Como Layel, sua pele estava avermelhada, começando a queimar-se.

—Não estou seguro. — Layel se levantou e assinalou a outros com uma inclinação de seu queixo — Em um momento estávamos brigando, no seguinte não estávamos.

—O que é este lugar? — O olhar do Zane circulou pelos arredores — Por que me sinto como se estivesse aceso em fogo? — Tocou o corpo para baixo, grunhindo — E onde estão minhas armas?

Algo que Susan havia dito fazia muito tempo, depois de terem feito amor ao ar livre, debaixo da cintilante abóbada de Atlantis, de repente passou através de sua mente. Sua boca se abriu com assombro. Desejaria que pudéssemos viajar ao mundo de meu povo. Só por um momento. Com todas as histórias que minha família estava acostumada a me contar, penso que nós adoráramos.

Ele a tinha sustentado mais estreitamente, com temor a que ela de alguma forma escorregasse através de seus dedos. Conte-me a respeito dele.

Ela o fez, com grande detalhe, como se ela o tivesse visitado em seus sonhos. Uma extensão de azul aparentemente sem fim: o céu. Gordas e esponjosas massas brancas: nuvens. Uma incandescente esfera laranja: o sol.

—Penso...Penso que estamos no mundo da superfície.

—Como? Por quê?

— Sei que podíamos tolerar a luz do dia sob a abóbada, mas a luz do sol deve ser mais forte. Mais potente. E as armas? Desaparecidas.

—A superfície? — A boca do Zane se abriu em um reflexo da expressão de Layel.

—Devemos achar proteção. Agora.

—Nossa batalha...

—Pode esperar.

Juntos deram a volta para trás, nenhum desejoso de deixar às outras criaturas a suas costas, com escudo ou não, e se moveram para a espessura de árvores. Imediatamente, o sangue de Layel se esfriou.



Ele suspirou.

—Permaneceremos no bosque até que descobrimos o que está acontecendo —Inclusive se isso significava evitar os dragões. Agora mesmo eles pareciam ter a vantagem, o sol os acariciava como se fossem amantes em vez de odiados inimigos.

—Deveríamos fazer armas novas— Disse Zane.

—Sim — Mas não se moveu uma polegada. Mal podia formar um pensamento coerente. A Amazona de cabelo azul acabava de ficar de pé, seus olhos eram selvagens. Ela ia tomar algo de sua cintura, provavelmente uma espada, não encontrou nada e franziu o cenho. Como ele e como Zane tocou o corpo. Assim como eles dois, encontrou a si mesma completamente desarmada.

Alguém tinha tomado todas suas armas.

Ele observou como ela girava em um círculo, estudando boquiaberta. Quando viu a outra Amazona se lançou para diante.

—Nola! — Gritou ela, tão forte que Layel não teve nenhum problema em ouvi-la desde seu novo santuário. Ela se inclinou, com mechas de sedoso cabelo caindo sobre seus ombros, e sacudiu a sua irmã.

A fêmea de cabelo escuro gemeu e esfregou sua testa, suas pálpebras se abriram de repente.

—Delilah?

Delilah. O nome brincou através de sua mente. Delilah...Delilah...Suave, feminino, exótico. Um nome feito especialmente para as fantasias de meia noite e a paixão insaciável. Um nome que poderia pôr o homem mais forte de joelhos. Quando registrou o pensamento, Layel se esticou. Eu nunca direi esse nome em voz alta, prometeu. Era muito... Perigoso.

—Estou aqui — Disse a mulher em questão — Bem aqui.

A que se chamava Nola massageou suas têmporas, com os lábios apertados em um forte gesto de dor.

—O que aconteceu?

Não havia dúvidas de que essa era a pergunta que todos na praia fariam.

—Desejaria saber. Delilah olhou para a direita e esquerda, procurando de novo, avaliando, e depois estava olhando fixamente para o Layel, as sombras não eram nada para ela.

A força daquele olhar violeta o sacudiu. Fez que seus músculos saltassem. Por um momento ele ficou tonto de novo e sentiu uma dor em seu peito, exatamente onde residia seu coração, como se aquele estivesse uma vez mais são e completo. Como ela estava fazendo isto?

Aparentemente ele não era o único que estava sofrendo uma estranha resposta. O pulso da Amazona palpitava em seu pescoço, ele não podia vê-lo, mas podia senti-lo, escutá-lo, cada errático batimento como um dedo que o chamava. A boca lhe fez água, preparando-se para o banquete incluso quando ele se saciou durante a batalha. Quando ele afundasse suas presas naquela mulher ele... Sua mandíbula se apertou dolorosamente. O que está fazendo? Você nunca a provará. Da morte da Susan, o único sangue que ele se permitia era o sangue de seus inimigos. E os fornecimentos eram vastos. Ele nunca ficava sem eles, não precisava tomar o de ninguém mais.

Quem era esta amazona, que era capaz de tentá-lo a esquecer? Ela era adorável, sim, mas



não era Susan. Nunca poderia ser sua doce e gentil Susan. E ele não corromperia a memória de seu amor com caprichosos pensamentos sobre outra.

Delilah se moveu bruscamente para ele.

—Quem nos fez isto? Como fomos postos aqui? Você sabe?

Layel a ignorou. Sua voz rouca era tão sedutora como seu corpo e ele já tinha cometido o engano de debilitar-se por ela várias vezes. Não o faria de novo. Ser amável com ela fomentaria a familiaridade entre eles, quando ele só desejava pôr distância.

—Vampiro.

Ele girou o rosto para longe dela, perguntando-se como tinha quebrado o muro invisível. Nem sequer pense nela. Todas as criaturas se levantaram e agora se reuniam com seus casais, grunhindo e vaiando a seus inimigos, embora parecesse que nenhum podia conseguir uma distância suficiente. Diferente de Delilah, eles se encontraram com o mesmo obstáculo que ele tinha achado.

—Demônios — Espetou bruscamente Zane. Partiu para frente, fazendo evidente com cada passo sua intenção de massacrar, seu acordo de permanecer na sombra obviamente esquecido. Quando ele também golpeou a barreira transparente, fez uma pausa e sacudiu a cabeça. Golpeou o punho contra esta uma, duas vezes. Deteve-se de novo. Gritou uma blasfêmia de frustração. Um segundo depois, atacou o ar com violência, gritando todo o tempo maldições e promessas de brutalidade, alheio ao cruel sol.

Layel nem sequer tratou de controlar a fúria do vampiro. Eles tinham estado juntos só uns poucos meses, e nesse tempo ele tinha aprendido que Zane não podia ser submetido até que o esgotamento se apoderasse dele. O macho tinha passado séculos como consorte de uma rainha demônio, voluntária ou involuntariamente, Layel não sabia. Ele só sabia que a experiência tinha deixado o guerreiro selvagem e incontrolável, e tão volátil que Layel só o usava durante a batalha.

Não havia melhor assassino que Zane.

Layel esperou até que os movimentos do guerreiro se fizessem mais lentos. Uma eternidade, sem dúvida. Dirigiu-se para ele a passo longos, longe da Amazona, e pôs uma mão sobre um dos tensos ombros de Zane.

Ofegando, o vampiro girou para enfrentar a ele, as presas nuas preparadas para morder. Zane se deteve a tempo, e Layel retirou a mão, o que queria dizer estava dito.

—Por alguma razão, não podemos feri-los — Até lá — Deve ficar calmo.

—Quero a esses demônios cravados em uma lança — Grunhiu o guerreiro.

—E eu quero que as cabeças dos dragões rodem.

O silêncio os envolveu ao tempo que se olhavam o um ao outro com compreensão. Seus inimigos podiam ser diferentes, mas sua dor não era. Layel só desejava saber o que haviam feito ao guerreiro.

Finalmente, Zane assentiu. Mas um músculo palpitava sob seu olho esquerdo, contradizendo a fácil aceitação.

—O que devemos fazer?

—Deveríamos aprender o terreno deste lugar. Possivelmente eles poderiam encontrar um



lugar perfeito para emboscar os outros. Se a barreira invisível não os detivesse de novo. Talvez enquanto o fazemos descobriremos a razão pela que fomos trazido até aqui.

—Onde estão minhas armas? — Gritou Brand de repente, chamando a atenção de Layel. O soldado dragão estava procurando na areia suas espadas, os grãos voavam em todas as direções — Me Digam ou queimarei tudo...

—A minha também desapareceu. — Grunhiu Tagart. Seu flanco já não sangrava. Infelizmente ele já tinha sarado.

—Olhem! — Disse alguém, seu assombro passando através da comoção.

—É isso... Pode ser...?

Intrigado, Layel virou. Encontrou a si mesmo esforçando-se para ver uma grande abóbada de cristal a várias milhas de distância, a qual se estendia por cima das ondas e distorcia por momentos o luminoso arco íris que brilhava na borda da água.

Era Atlantis, deu-se conta, com o temor retorcendo seu estômago. Como era possível? Esta se encontrava muito abaixo da superfície. Mas a estava vendo, de pé sobre uma terra da qual ele só tinha ouvido histórias. Ou não?

Poderia seu mundo oculto ter níveis, com partes que ele não tinha conhecimento? Ele poderia estar dentro de Atlantis, só que em outra parte dela? Se assim fosse, poderia haver um caminho para casa. Ele só tinha que encontrá-lo. Talvez o mesmo caminho pelo qual tinha chegado aqui, o túnel que tinha puxado ele para baixo, baixando, baixando.

Entretanto, como tinha encontrado o túnel? Um deus? Certamente eles eram o suficientemente poderosos para criar tal transporte, movendo mais de uma dúzia de criaturas de uma localização a outra em segundos, roubando suas armas e erigindo um escudo para evitar que se matassem uns aos outros.

Poderia ser?

Os deuses não eram algo que ele usualmente tivesse em conta. Eles tinham abandonado os Atlantes por centenas de anos, retornando fazia só uns poucos meses. Ou algo assim tinha ouvido. Ele mesmo não se encontrou com um. Que possível razão poderiam ter eles para trazer para duas de cada raça a esta ilha?

Incapaz de deter-se, ele permaneceu indefeso enquanto seu olhar encontrava outra vez à Amazona. Ela ainda o estava olhando, aqueles lábios tentadores franzidos como se estivesse perdida em seus pensamentos, tratando de decidir o melhor curso de ação. Uma mecha de cabelo lhe acariciava a bochecha, e ele encontrou a si mesmo perguntando-se se a pele dela era tão suave como recordava. Encontrou a si mesmo com ciume de que seus dedos não fossem os que a acariciavam.

OH, não. Não, não, não. Não haveria nada disso, recordou-se a si mesmo, determinado a repetir o mantra tantas vezes como fosse necessário. Suas pálpebras se estreitaram até duas aberturas pequenas, e a faísca do ódio que havia sentido antes cresceu. Intensificado. Talvez o fato de que suas armas fossem tomadas tivesse sido o melhor. Ele poderia ter assassinado à Amazona por atrever-se a reclamar desejos que pertenciam só a Susan.

—Deveríamos nadar para ali? — Perguntou à multidão uma das gorgonas.



Um debate começou.

—Vamos — Disse Layel a Zane. Ele ignorou a sensação de perda que o assaltou no tempo que se virava as costas mais uma vez mais. Nadar, estava certo, resultaria ser inútil. Alguém poderoso os queria ali, assim ali permaneceriam — Temos que fabricar armas.

O suor brilhava no rosto do outro vampiro enquanto ele assentia.

— Não poderei relaxar até que tenha espadas em minhas mãos.

Eles se moveram mais profundamente para a espessura, a folhagem coberta de rocio a ponto de envolvê-los por completo.

—Nós... — Layel golpeou outra parede invisível e amaldiçoou.

Grunhindo, Zane deu um soco.

—Ninguém deveria ser capaz de nos prender assim.

—Presos — Disse alguém atrás deles— O bosque está bloqueado

—O que devemos fazer? —exigiu alguém mais. Uma fêmea

Layel se girou, viu os dois nymphs que o tinham seguido e esfregou uma mão por sua cara. Valerian, o rei nymph, era seu único amigo verdadeiro, e os seguidores do homem, seus aliados. Estes dois eram mais formosos que a maioria, ambos de cabelo claro, e vívidos olhos azuis. Traços tão puros e perfeitos que superavam com acréscimo o resplendor do sol.

—Broderick — O reconheceu com um gesto — Por que não está tratando de nadar de volta a Atlantis?

—Várias razões. A primeira, é que não estou convencido de que isso nos faça nenhum bem, e preferiria por agora me manter quente e seco se esse for o caso. A segunda, é que confio em você mais do que confio em qualquer das outras criaturas aqui. Aonde você vá, minha irmã e eu iremos. Tem alguma idéia do que é o que está acontecendo?

—Tudo o que sei é que nosso caminho está sendo bloqueado, o qual deve significar que não vamos abandonar a praia. Possivelmente se retornarmos, quem é que nos haja feito isto finalmente se revelará.

Bastardo.

—Podemos esperar — Disse Broderick voltando juntos — O certo é que estava lutando contra os dragões de novo.

—Sim

—Ganhou?

—Não ainda. Mas o faria.

—Eles não são homens maus.

Valerian se aliou recentemente com os dragões para salvar a sua companheira. Layel tinha entendido a necessidade de tal união, inclusive se a desprezava com todo seu ser. Ele não haveria feito nada menos pela Susan.

—Eles são respeitosos com nossas mulheres, ajudam-nos com a defesa de nosso palácio, nunca nos atacam com rancor. Eles...

—Não são objeto de discussão. Tendo alcançado o início das árvores, Layel foi cuidadoso de permanecer na sombra. Estudou às criaturas de novo. Eles estavam divididos, sussurrando em



grupos de dois.

Ou talvez não estivessem tão divididos depois de tudo.

—Só há um único caminho para sair daqui. Quem está comigo? —A proclamação veio de Brand ao mesmo tempo em que ele se dirigia para a água. Outros se apressaram a lhe seguir.

Um momento depois se ouviu uma agitação na água, depois outra e outra. Cada criatura menos Layel, Zane e os dois nymphs se apressaram, nadando para a abóbada. Inclusive Delilah. A cabeça dela se balançava para cima e para baixo com as ondas.

Ele apertou os dentes. Deve deixar de procurá-la.

—Deveríamos segui-los? — Perguntou Zane

—Eles retornarão — Replicou ele confidencialmente — Há poderes trabalhando. Estranhos e fortes poderes. Como disse, claramente somos requeridos aqui. Não haverá escapatória.

Ele observou como braços e pernas apareciam por cima da água, alguns pequenos, outros cobertos de chifres, alguns parecidos com os humanos. Passaram cinco minutos. Dez. Quinze. Vinte, trinta. Ninguém avançou nenhuma distância. Não importava quão forte lutassem contra o oceano, eles permaneciam a uns poucos pés da praia.

Um por um, deram-se por vencidos e se arrastaram até a borda, exaustos e ofegando. Delilah foi à última em sair, o qual dizia muito a respeito de seu caráter. Forte, determinada, disposta a não admitir a derrota.

Ele não deveria admirá-la por isso.

Ela franzia o cenho ao tempo que seu olhar se aferrava ao dele. Ela avançava pesadamente, sua expressão obscurecendo-se mais à medida que se aproximava. Toda sua pintura de guerra tinha sido lavada, revelando uma pele dourada tatuada com complicados desenhos do mesmo tom delicioso de suas mechas azuis claro, que se formavam redemoinhos ao redor de seu rosto, braços, cintura e coxas.

A pouca roupa que levava se aferrava a suas curvas.

Mechas de cabelo molhado estavam grudados a ela, gotejando líquido por seu estômago e coxas. O olhar dele seguiu o percurso de várias gotas, e seu sangue se esquentou como se estivesse assando ao sol de novo. OH, lambê-los...

Zane se esticou e deu um passo à frente dele.

—Inimigo aproximando-se.

—Deixa-a vir. — Se é que pode. Deteria-a desta vez o escudo de ar?

Curioso, Layel manteve suas mãos fechadas aos flancos. Uma parte dele esperava que permitissem chegar a ele. Tinha tratado de ignorar o sensual poder que ela exercia, a consciência que bulia cada vez que a olhava. Ele o tinha tentado, e tinha falhado. Passou um tempo antes que a loucura finalizasse. Susan merecia algo melhor dele. E havia uma só maneira em que podia pensar, que deteria seus novos desejos permanentemente. A morte.

Como ele ainda não estava preparado para morrer, isso deixava uma opção. Matar à Amazona. Ele não estaria afetado por isso, não sentiria saudades. Ele nem sequer a conhecia.

—Não a toque. Nem sequer se aproximem dela, não importar o que ela fizer ou diga.

A ordem surpreendeu a ambos, mas ele não a retirou. Pertencia a ele, entregaria-lhe seu





último fôlego.

Com os olhos entreabertos, Zane se moveu para fora do caminho. Olhou fixamente a Delilah enquanto ela se dirigia a ele, ainda que não houvesse nenhuma evidência do escudo de ar.

Ela lançou um olhar fulminante ao homem antes de centrar sua fúria sobre o Layel uma vez mais.

—Um guarda-costas — Disse ela — Tem medo de uma pequena menina, vampiro? Não sei por que, mas esperava algo melhor de você.

Ela estava agora a polegadas dele, virtualmente em sua cara, sua essência de beijo marinho atormentando seu nariz e eletrificando-o. Ele tinha decidido matá-la. Poderia, entretanto? Perguntava-se agora ao tempo que seu olhar se cruzava com a dela. Todo esse violeta... Um homem podia perder-se. As mãos dele ainda descansavam a seus flancos, os músculos relaxados. Faz! Golpeia! Nem sequer se moveu.

—Não me importa o que você esperava. Sua opinião não tem nenhum valor para mim — Cruel, sim, mas necessário. Se ele não podia feri-la fisicamente, o que está te detendo? Só faz que se mova, ele teria que feri-la emocionalmente. Algo para conservar a distância entre eles.

A boca dela se abriu a dor brilhando em seus olhos. Dor que ela rapidamente mascarou.

Tem que ser assim recordou-se a si mesmo, desde que ele claramente não era o suficientemente homem para lhe matar.

—Não se aproxime de mim mulher. Não me olhe, nem sequer respire em minha direção.

Enquanto ele falava, ela passava a língua pelos dentes.

—Como se eu fosse à única olhando. Direi-te uma coisa, vampiro. Eu deixarei de te olhar se você deixar de olhar a mim.

Sua mandíbula se apertou, e ele se recusava a admitir o que ela falava, ele se endureceu diante da visão de sua língua rosada.

—Certo. — Se forçou para mover-se, com cuidado de evitá-la.

Ela se esticou e saltou de volta frente a ele.

—Fique onde esta. Há umas quantas coisas mais nas que precisamos trabalhar.

Fiel a sua palavra, ele manteve seus olhos separados do dela.

—Não. Agora sai de meu caminho, Amazona. Era um engano, deixar que se aproximasse dele. Além de estar muito quente, a pele dele parecia de repente, muito estreita para seus ossos e tinha um nó no estômago.

—Estas sendo muito rude — Disse ela — Matei homens por menos que isso.

—Quer um prêmio? — Perguntou ele secamente. Mesmo assim, continuou a olhar para a praia. Sua essência de sal marinho continuava burlando-se dele, forte, adorável. Inquietantemente familiar.

—Me Conformaria com seu testículo como meu troféu.

Isso não o divertiu.

—Talvez depois. Neste momento os necessito. — Ele se dirigiu para Brand, que estava sentado perto da água, os joelhos recolhidas frente ao peito. Dava as costas a Layel, seu trançado cabelo loiro tão molhado como o de Delilah. Obviamente os escudos de ar se foram, não só para



Delilah mas para todo mundo, as criaturas agora tocavam as uma às outras.

Como se o percebesse, Brand saltou sobre seus pés e girou. Seus lábios curvados em um sorriso, o rancor aflorando como se não tivesse havido pausa entre batalhas.

— Esperava-te antes.

— Vivo para te decepcionar. Preparado para morrer?

— Vêem por mim, chupa sangue.

— Será um pra... Layel golpeou a maldita parede invisível de novo, tirando o ar de seus pulmões.

O sorriso do Brand se voltou petulante.

— Qual é o problema? Trocou de opinião? Assustado?

Calma. Não mostre nenhuma emoção.

— Você é um covarde, dragão — Disse Delilah, subitamente ao lado de Layel. A petulância de Brand se converteu em fúria.

— Pode se mover depois deste ponto? — Perguntou Layel sem olhá-la, tratando de sufocar o prazer que veio com a defesa dela.

Ela se incomodou por seu tom rude.

— você pode?

— Mulher.

— Esse não é meu nome. Ela manteve seu olhar sobre Layel; ele sentiu o calor disso. Uma rápida olhada para ela provou que ele tinha razão, e que suas mãos permaneciam empunhadas como se esperasse que Brand atacasse em qualquer momento.

— Pode passar deste condenado ponto, mulher?

Silêncio.

Ele esperou. Inclusive Brand esperou. Ainda assim ela não falava. Tinha-a machucado-a de novo? Nadavam lágrimas em suas adoráveis íris lavanda? Por que a perspectiva disso não lhe agradava por muito que devesse fazê-lo?

— Meu nome é Delilah.

— Sei.

O ombro dela roçou seu braço e ela gritou.

— Diga meu nome — Ela disse, repentinamente sem fôlego — E considerarei averiguá-lo.

Algo em seu tom... Desafio puro jazendo sob a superfície como se ela quisesse que ele se negasse. Ele não estava seguro do que fazer respeito a isso.

— Por que deseja que faça isso?

— Quero escutar meu nome em sua boca.

— De novo, por quê?

— Porque sim. — Teimosa como ele se deu conta que era, ela não disse nada mais

— Me diga por que — Exigiu ele.

— Simplesmente diga-o!

— Não — Disse ele, enquanto o interior de sua mente sussurrava Delilah, arrastando cada sílaba. O nome era uma prece e uma maldição, ambos, maravilhoso e maligno. Incapaz de evitar,



ele olhou para baixo e a estudou. Tão adorável e ainda assim tão perigosa de uma forma que ela não poderia compreender.

Uma pausa. Uma respiração profunda, como se ela rogasse por paciência. — Faz da sua maneira, vampiro. Mas se não irá dizer meu nome, ao menos me diga o seu.

Não havia razão para negar. Ela o descobriria de uma forma ou outra.

—Sou Layel.

Seus olhos se abriram.

—O rei vampiro?

Ele assentiu secamente. Era admiração o que cintilava em seus olhos? Certamente não.

—Tenta-o e dá um passo diante de mim. Por favor — Acrescentou a contra gosto. Era mais fácil rogar que lhe dar o que ela queria.

Em silêncio, tremula, ela se moveu mais perto de Brand. Sem obstáculos, sem restrições. A irritação correu através de Layel, porque ela podia fazê-lo e ele não. Ela não permaneceu lá, entretanto. Retornou ao lado de Layel.

Quer que mate o dragão para você enquanto estou aqui? — Perguntou ela, tão casualmente como se estivesse discutindo o clima.

Brand soprou, sem o mais mínimo temor. Tolo.

Layel sacudiu um pouco a cabeça.

—Por quê? — Exigiu ao céu. Mas se os deuses o ouviram, não deram nenhum sinal disso. Como era comum.

—Talvez o faça para meu próprio prazer, então — Disse ela a Brand, ignorando Layel ao mesmo tempo que estreitava seus olhos — Não esqueci o que fizeram a minha irmã.

O dragão passou dois dedos pela mandíbula.

—O pouco que foi feito, ela mesma buscou. E de todas as maneiras tenho o pressentimento de que não estamos destinados a nos machucar. Por que outra razão nossas armas teriam sido tomadas?

—Eu não necessito armas para te derrotar — Layel deu um passo frente de Delilah. Não para protegê-la, disse-se a si mesmo, se não para chamar a atenção de Brand — Por que não tenta e rompe o escudo, dragão?

—Não, não acredito que faça — Disse Brand — Terminei com esta conversa. Terminei contigo também, agora minha ira esfriou. Deixarei você à... Tenra compaixão da Amazona — Logo, ele fez o impensável. Afastou-se dali. Só malditamente se afastou dali.

As presas de Layel cortaram seu lábio inferior, derramando sangue. Ele tratou de segui-lo. Não pôde.

Delilah girou sobre seus pés, ficando frente a ele de novo, bloqueando sua visão do dragão que se afastava.

—Como estava dizendo, temos algumas coisas para discutir você e eu.

Ele estalou a mandíbula antes de forçar uma expressão relaxada. Ela ainda estava pronta para uma briga, ainda parecia ansiar uma.

—Pobre bebê — Disse ele, sem desejos de lhe dar o que ela queria — Feri seus sentimentos



quando te abandonei faz um momento?

Suas maçãs do rosto ruborizaram, destacando as sardas sobre seu delicado nariz. Ela teria uma covinha ao sorrir? Se é que ela alguma vez sorria. Até agora, a Amazona só lhe tinha olhado.

Susan tinha duas covinhas, e raramente ficava sem sorrir. Era uma coisa que sempre lhe tinha encantado. Assim por que o olhar de Delilah o afetava tão poderosamente?

Layel quase bate a si mesmo nas têmporas para tirar-se esse tortuoso pensamento. Ele não compararia outra mulher com Susan. Não havia comparação. Ela não tinha igual, nem então nem agora.

—Por que está me olhando assim? — Perguntou Delilah, agora mais curiosa que alterada — De fato, por que está me olhando absolutamente? Disse que não o faria.

Porque sou um terrível marido. Como estava te olhando? — Ele olhou além dela, mais à frente da água, à abóbada de cristal que estava tão perto e de uma vez tão longe. Como queria trazê-la perto e empurrá-la longe ao mesmo tempo? Como poderia querer ao mesmo tempo saboreá-la e matá-la? Como se fosse perigosa de uma forma em que não tem direito a sê-lo?

—Como se eu fosse um desagradável demônio — Disse ela.

Ela não era um demônio; ela era de longe, pior. Entretanto, lhe admitir daria poder sobre ele.

—Por que se aproximou, Amazona? O que quer de mim? Entenda que não brigarei contigo, não importa o que diga. Não agora. Deixa de tentar me provocar.

—Não estava tentando te provocar — Disse ela indignada.

—Teve êxito, de todas as formas. Fiz-te uma pergunta. Responda.

A princípio, ela não reagiu a suas palavras. Logo franziu os lábios. Aqueles exuberantes, formosos lábios. Como seriam contra sua pele? Como seria...

Com um assobio, ela lançou sua perna, golpeando ambos os tornozelos dele como o havia feito a ela no bosque. Ao mesmo tempo, lhe empurrou os ombros, impulsionando-o para trás sem lhe dar oportunidade a que ele se equilibrasse ou se sustentasse. Quando caiu no chão, aterrissou fortemente, perdendo a respiração

Você sabia que não podia se permitir ficar distraído em presença de uma guerreira Amazona repreendeu-se a si mesmo, tratando de tomar uma baforada de ar. Perto de nenhum inimigo, de fato, mas especialmente não de um tão volátil.

Delilah saltou em cima dele, lhe segurando os ombros sobre a areia com seus joelhos. Ele se deu conta que havia outra capa em sua já complexa essência. Excitação. O descobrimento o impactou. Quente, erótico, excitante, e sua boca secou, a língua se desesperou para lambar entre suas pernas, onde ela devia estar molhada. Se ele se movesse, e elevasse a cabeça só um pouco, seria capaz de saciar sua repentina e desesperada sede.

Não. Não!

—Assim está melhor — Disse ela, virtualmente cantarolando de satisfação. E decepção? Queria ser mais fraco que ele? Certamente não. Para ela, tal coisa só traria humilhação — O rei dos vampiros, sob meu comando. Agora vai responder a minhas perguntas. Diga-me por que não tratou de nadar para casa como o resto de nós. Você sabe algo. Deve saber.



Lutando contra sua necessidade dela, só um toque, uma prova, ele disse bruscamente.

—Nunca serei seu para que me governe. Nunca serei seu. Ponto.

—Já veremos. —Finos fios de seu cabelo roçavam as bochechas dele. Um ronrono retumbava atrás de sua garganta, e ele grunhiu para ocultá-lo — Ouvi sobre suas conquistas, rei vampiro.

—Tem-no feito? Devagar, ele elevou suas mãos até a cintura dela, simulando que queria sustentá-la, estar mais perto dela. Odiando que não fosse tão fingido como deveria ter sido.

Ela não protestou.

—Sim, são impressionantes. Matou a rainha demônio, chupando seu sangue até deixá-la seca. Matou mais dragões que qualquer outro que tenha vivido. Combinando tortura sem piedade simplesmente para ouvir seu oponente gritar.

—E ainda assim parece notavelmente imperturbável por tais façanhas temerárias.

—Ouviu você, por acaso, a respeito de minhas conquistas? — Ela soava esperançosa.

—Não — Ele não o tinha feito, mas desejava o contrário.

—Mentiroso — Disse ela, incapaz de ocultar seu abatimento.

—Sobre muitas coisas, sim, mas não nesta. —Quando ela abriu a boca, talvez para enumerar suas próprias façanhas, ele acrescentou—. Não desejo escutar a respeito delas, tampouco. — Prova de que, de fato, ele mentia cada vez que queria.

O fogo ardia em seus olhos ao tempo que ela lambia os lábios, deixando ao descoberto essa língua rosada de novo.

—Tudo o que quero saber é por que...

Com um movimento de seus pulsos, lançou-a por cima de sua cabeça. Ela aterrissou sobre suas costas e rodou, mas ele esperava esse movimento e rodou também para trás, sustentando-a contra a areia com o peso de seu corpo. Atrás deles soou um grito de assombro. Seguido de uma risada de vitória. Entretanto não se ouviram pisadas na areia. Talvez, como ele, os outros não podiam passar o escudo. Ou possivelmente estavam simplesmente desfrutando do show.

Delilah jazeu aturdida por um momento.

—Dizia? — Perguntou ele, uma sobrancelha arqueada com suficiência.

—Me solte Layel. Agora.

Seus seios pressionados contra seu peito, os mamilos dela estavam duros e necessitados. Ele estava tentado, tão tentado a tocá-los. Deu-se conta que tremia pela necessidade.

—O que está fazendo? Como consegue fazer com que eu me sinta dessa maneira?

Ela piscou para ele, verdadeiramente confusa.

—De que maneira?

Ele não admitiria seu desejo em voz alta. Eles estavam em um engano, era inaceitável. OH, ele sabia que os homens e as mulheres constantemente caíam dentro e fora da luxúria. Sabia que muitos dos que perdiam a seu amante, afligiam-se por um tempo e logo encontravam a alguém mais.

Ele não poderia, não o faria.

Susan tinha sido assassinada da forma mais dolorosa e brutalmente imaginável. Ela tinha



sido humilhada, usada, cuspidada e finalmente queimada. Tinha sentido seu bebê morrer dentro dela, as batidas fazendo-se gradualmente mais lentas até que cessaram de todo. Ela tinha rogado e suplicado pela ajuda de Layel, mas ele não a tinha alcançado a tempo. Não a tinha salvo.

Ele não merecia outra oportunidade para o amor.

Ele não merecia outra mulher.

Mais que isso, Susan não merecia que sua memória fosse escurecida pela de outra mulher.

—De que forma? — Insistiu Delilah, levantando-se.

O que ela quis fazer, ele talvez não soubesse nunca. Ele saltou sobre seus pés com um grunhido.

—Não me toque. Nunca. Só se mantém longe de mim, Amazona. Entende?

Ele não esperou por uma resposta, mas sim caminhou para longe dela. Afastou-se antes de olhá-la, ver em seus olhos que a tinha ferido e desculpar-se. Antes de lhe rogar que ignorasse suas palavras e o tocasse de todas as formas. Antes de jogar-se sobre ela, suplicando por uma oportunidade de algo que não merecia.

A areia foi jogada contra suas panturrilhas e ele soube que ela só ficou em seu lugar.

—Só me aproximei de você para te perguntar se sabia quem havia nos trazido aqui — Disse ela. Não havia nenhuma emoção em seu tom. Meramente um indício de que repentinamente o odiava quase tanto como aos dragões.

Em silêncio, ele continuou afastando-se dela com uma feroz determinação que normalmente reservava para o campo de batalha. Um só olhar amoroso de uma mulher e uma parte de ti deseja esquecer a Susan. Prometeu a ela uma eternidade, e ainda assim só lhe deu umas poucas centenas de anos. Patético.

Envergonhado, cobriu os ouvidos com as mãos. Escuras, traiçoeiras emoções lutavam dentro dele, perto de dobrá-lo. Se tinham êxito, Layel se perderia nelas para sempre. Não haveria um modo de recuperar a prudência. A vingança seria esquecida, sua própria dor tudo o que ele seria capaz de ver.

—Sabe? Alguém sabe? — Gritou Delilah

—Eu sei. — Respondeu uma voz retumbante, desfrutando de cada sílaba— Eu sei.

## Capítulo 4

Delilah congelou. Essa voz e poder... Em todos os seus anos de vida, nunca tinha escutado tal som ou sentido tal presença. Entretanto, o choque de ambos falhou em comparar-se com o choque de ter estado cara a cara, corpo a corpo com o Layel, rei dos vampiros.

Tinha ouvido histórias da destreza do homem, é óbvio, de sua natureza escura, de sua insaciável sede de sangue e poder. Deliciosas qualidades, de fato, e ela não podia evitar desejar toda sua força, todo seu ardor, na ponta dos dedos de novo. Era um guerreiro até a medula e não se preocuparia com o que suas irmãs pensassem dele. Ele brigaria pelo que quisesse, ao diabo



com as conseqüências.

Era o tipo de homem que tinha desejado secretamente durante anos, essa necessidade solidificando-se cada vez que via um casal, sem importar sua raça, arrulhando o um ao outro. A espécie de homem que uma vez tinha pensado que tinha, só para perdê-lo porque ele não tinha desejado mais que uma noite. Mas a diferença do outro, Vorik, quem, no topo da paixão, tinha afirmado que a desejaria por sempre, Layel disse que não queria ter nada que a ver com ela. Deveria acreditar? Seus quentes olhares sugeriam o contrário.

Quase desejava ter passado mais tempo com os machos da espécie. Mas com a exceção de sua malograda escolha, sua tribo só se juntava com eles duas vezes ao ano na temporada de emparelhamento; quando os homens eram seqüestrados de seus lares, reduzidos a escravos e, seus corpos usados repetidamente. Quando as amazonas terminavam com eles, eram enviados de volta.

Como Vorik não tinha sido um desses escravos, Delilah tinha esperado bobamente que, depois de todas suas tenras promessas e cálidas carícias, seu homem brigasse para ficar com ela. Ou, ao menos, que brigasse para levar-lhe com ele.

Nenhum olhar para trás, meditou ela tristemente.

Tantas vezes, depois, perguntou-se por que nenhum dos homens não só o dela nunca tinha querido mais. Depois de tudo, nunca houve um só escravo que brigasse quando se dava conta de seu destino e finalidade. De fato, tinham parecido loucos de felicidade. Desejando e ansiando. E mesmo quando eram escravos, eram tratados bem, tinham sexo disponível em qualquer momento que quisessem.

Mas parecia que, embora as amazonas fossem diversão por um tempo, não eram dignas de tê-lo para sempre. Não era como qualquer outra amazona, ela queria para sempre. O que passa comigo? Embora há tempos sua virgindade estivesse perdida, graças a Vorik, sequer podia usar os escravos casualmente, como as vasilhas sexuais que eles estavam destinados a ser.

Desde que tomou seu amante, Delilah nunca tinha experimentado o desejo de entregar-se a outro, só para afastá-lo depois, ou ser afastada ela mesma, a antiga vida dele seria mais importante da qual nova poderia construir com ela. Mas Layel... o desejava, deu-se conta. Desejava sua língua na boca, quente e insistente. Desejava sua pele empapada de suor, escorregadia, e deslizar-se juntos. Desejava seu corpo arqueando-se e estirando-se sobre o seu.

Moça tola. Podia desejar tais coisas, mas nunca poderia permitir-se. Já desejava Layel muito ferozmente. Quanto mais o desejaria se conhecesse a realidade de seu toque? O verdadeiro paraíso? Entregaria - se a ele, completa e totalmente, entretanto ele iria embora depois. Outra vez, seria esquecida. Desta vez, entretanto, suspeitava não superar a perda. Havia dado uma olhada no homem atrás da lenda e tinha gostado do que tinha visto.

Alguém se aproximou de seus pés, tirando-a das problemáticas meditações de volta ao igualmente perturbador presente. O que estava acontecendo neste lugar? Todos estavam avançando pouco a pouco para a praia.

—Se revele — Estava dizendo o dragão com as tranças ao ser invisível, seus braços se estendiam amplamente enquanto girava em círculo frente a ela — Se tiver coragem.





Alguém ofegou. Alguém assinalou.

Maravilhoso. Outra surpresa. Delilah seguiu a direção daquele dedo, e seus olhos se abriram de par em par. Ali, sobre a água, o ar tinha começado a cristalizar-se e espessar-se. Uma força do bem? Ou do mal? Ela atrasou um pé, pronta para saltar e atacar sem aviso prévio. Notou que as outras criaturas fizeram o mesmo, cada um deles preparando-se para brigar.

Infelizmente, as únicas armas que tinham eram seus próprios corpos.

Inclusive Layel se deteve para encarar o ser que estava formado redemoinhos. Sua expressão era de concentração, embora indomável, feroz e selvagem, e de algum jeito, coberta com inegável sensualidade.

—OH, eu tenho a coragem. Mas você tem, dragão? Algum de vocês tem? Só o tempo dirá. — O vento ondeava e orvalhava gotas úmidas—. Cidadãos de Atlantes, bem-vindos ao Paraíso, criado para os deuses, entretanto felizmente abandonado para vocês, nossos fiéis servos.

Paraíso? Servos?

A voz vinha da água, mas o ar nunca se solidificou completamente. Só permaneceu espesso e pintalgado na forma de um humano alto, provavelmente masculino. Três sereias uma loira, uma morena e uma ruiva nadavam ao redor da nebulosa forma, arrulhando de admiração ante seu poder e glória.

—Não tenham medo — Continuou o ser — Foram escolhidos para participar de um evento monumental. Tudo o que pedimos como retribuição é que nos mostrem seu valor, força e engenho, qualidades que desdobraram amplamente nos campos de batalha de seu lar. —Fez uma pausa, provavelmente aguardando assentimentos e murmúrios de fôlego.

Não obteve nenhum. Outros estavam sem dúvida tão perplexos como Delilah.

Um grunhido de irritação soou da água.

—Por que nos trouxe aqui? — Perguntou ela antes que o ser pudesse falar de novo. Até agora, ele não tinha devotado respostas, só mais confusão.

—Vai haver problemas — Cantou felizmente uma das sereias.

—Não me fale nesse tom — Anunciou a ressonante voz, o espesso ar ondulando violentamente.

—E não pode simplesmente... — Começou Delilah.

—Silêncio!

Um jorro de água a golpeou com tanta força que caiu de joelhos, ofegando em busca de ar. Sua boca se encheu, e ela gorjeou e engasgou. Inclusive se está morrendo, não mostre medo. O segundo mandamento. Hoje, podia ter quebrado a maioria dos mandamentos, mas não quebraria esse.

Seu olhar automaticamente procurou Layel, o homem que a havia feito sentir-se protegida e odiada. Seus formosos olhos azuis se estreitaram sobre ela, seus suaves lábios afinados. Com desagrado? Não o tinha visto mover-se, mas parecia mais perto que antes. Obrigou-se a mostrar uma expressão neutra.

—Da próxima vez, Amazona, será enterrada em água — Advertiu o ser.

Ela não respondeu, inclusive quando o jato de água cessou e conseguiu inalar ar até os



pulmões. Como uma guerreira, tinha sido treinada em combate desde os cinco anos. Cada vez que tinha falhado em uma lição, foi castigada severamente. Chicotadas a maioria das vezes, até que a carne se converteu em farrapos. Algumas vezes um apedrejamento. Outras vezes um desfile através do acampamento, suas falhas gritadas para ser ouvidos por todos.

Entendeu a necessidade de tal treinamento, não o lamentava. Seus ancestrais tinham sido escravas de machos de todas as raças, igual aos escravos que elas agora acolhiam em seu próprio acampamento durante dois meses ao ano. Só que seu cativo tinha sido eterno. Ou tinha tido intenção de sê-lo eternamente. Um dia se levantaram, atacaram e escaparam decididas a não sofrer nunca tal destino de novo. Determinadas a que nenhuma amazona o fizesse. E assim tinham nascido os mandamentos.

Delilah levava as cicatrizes internas e externas orgulhosamente, já que tinha aprendido a não falhar duas vezes na mesma coisa. Este deus não receberia uma segunda oportunidade para vencê-la.

—A rabugice não será tolerada. Somos Seres Supremos, seus líderes, os criadores. Tratem-nos com o respeito que merecemos, ou sofrerão nossa ira.

Nós. Havia só um ser aqui, entretanto falava de outros. Estavam todos aqui, simplesmente invisíveis? A idéia não a assustava; não, enfurecia-a. Um inimigo invisível e desconhecido seria mais difícil de derrotar.

—Escutem todos. São nossas criações, criados para nossa diversão e proteção, entretanto nunca fizemos uso de vocês. Durante muito tempo foram esquecidos, nossa atenção estava sobre os humanos. Foram lembrados e agora conhecerão nossa avaliação.

A voz fez uma pausa de novo, como se todos devessem gritar de júbilo por ser recordados. Quando ninguém o fez, houve outro grunhido irritado.

—Nosso maior desejo é aprender tudo de vocês. Durante semanas estivemos os observando, os estudando, nos perguntando quem entre vocês é o mais forte. Aqueles tocados pela chama de Apolo? Aqueles obsequiados com a beleza da Afrodita? Aqueles com a sede de Ares pela guerra? E assim é como chegaram a esta ilha, já que depois de uma cuidadosa consideração, escolhemos os mais valentes, aos mais temidos pelas massas. —Uma vez mais o vento bramou—. Fiéis servos é hora de que ponham um final a nossas perguntas, de uma vez e para sempre.

Delilah quase gemeu. Podia supor o que o deus que mais podia ser a força a não ser um deus? Diria a seguir. Jam forçar às criaturas presente a brigar entre si. Enquanto que não lhe importava brigar, não gostava de ser se separada de seu lar, de Lily para...

Lily.

Maldição! O que tinha acontecido à moça depois de que Delilah tinha desaparecido? Tinha conseguido chegar à casa de forma segura? Tinha sido capturada de novo? Ferida? As mãos de Delilah se fecharam em punhos, desesperados para golpear algo. Alguém. O décimo e mais importante mandamento era sempre proteger à rainha e sua família. Tinha deixado Lily à mercê dos dragões?

—Esta não será uma tarefa fácil, nem será rápida. Não para vocês, e não para nós. Necessita-



se tempo para peneirar a terra e encontrar ouro. Isso é por que permanecerão nesta ilha — Continuou o ser — Onde serão divididos em dois grupos. Cada poucos dias serão postos a prova, desafiados, nossa maneira de separar a terra do ouro. Dependerá de vocês provar sua têmpera e nos mostrar que estávamos no correto ao retornar a Atlantis.

“Cada poucos dias” viria traduzido em semanas, se não meses. As unhas cavaram semicírculos na palma. O que fiz para merecer isto? A coragem deveria ser recompensada, não castigada.

— Antes que proclamem seu entusiasmo diante esta grande honra que lhes concedemos, deveriam saber que acordamos vários dias antes de lhes trazer aqui, uma verdade bem clara para todos nós: o fraco deveria sentir a ardência de nossa decepção. — Houve outra pausa, carregada de tensão — Por isso a equipe perdedora se reunirá conosco. E um membro será eleito... Para sua execução.

Ofegos surpreendidos se ouviram pela praia. A mandíbula de Delilah quase golpeou o chão. Executado? Por perder um tolo desafio? Ela podia entender a surra que uma amazona levaria, mas a morte? Importa? Ganhará mediante qualquer meio necessário.

— Não temos dúvidas de que todos vocês farão seu melhor esforço. Mas ao final, só poderá haver um ganhador.

— Meu senhor — Disse Brand, dando um passo para frente —. Nós...

— Por agora — O deus se interpôs, cortando o dragão — Tomem este dia para vocês. Notarão que os elementos já não lhes causarão dor — Parecia dirigir-se diretamente a Layel e ao outro vampiro. Estavam feridos? — Recuperem o vigor, construam as armas que acreditam necessitar para os ajudar no caminho à vitória. Os proibi de matar uns aos outros logo que despertaram, mas não intervirei mais. Só saibam que ao destruir a outra criatura poderiam muito bem destruir a sua própria equipe, e assim poderia lhes levar um passo mais perto de enfrentar a execução. Bem-vindos a Paraíso, Atlantes. Que comecem os jogos.

O ar espesso começou a quebrar-se, reduzindo-se a gotas de chuva... Depois neblina. Mas rápido se dissipou, também, formando espirais para o brilhante azul de cima. Um azul tão claro e impenetrável como os olhos de Layel.

As três sereias desapareceram sob a superfície da água. Um segundo depois, suas caldas se elevaram e menearam. Logo, também, desvaneceram-se. Mesmo assim, ninguém na praia falou.

Talvez, como Delilah, estavam sacudidos até a medula, com as gargantas paralisadas.

Nola foi primeira a mover-se. Cruzou a distância, pegou o braço de Delilah sem deter-se e puxou ela até as palmeiras dos arredores. Quando estiveram o bastante longe para que os outros não pudessem as ouvir, a guerreira se deteve e girou.

— O que vamos fazer? Quem era esse?

— Não sei. — Massageou atrás do pescoço, odiando mais a situação a cada segundo que passava — Simplesmente não sei. Muito provavelmente, Poseidón, já que ele é o deus da água — Nunca havia interagido com um deus antes e nunca tinha pensado que o faria. Como o ser havia dito os soberanos celestiais não tinham se incomodado com os cidadãos de Atlantis durante milhares de anos, e isso tinha estado muito bem.



—A voz falou em nós — Continuou Delilah— Há outros envoltos.

—Fez? Não notei. Tudo no que podia pensar era no fato de que estava observando uma criatura composta exclusivamente de água que queria me pôr a prova ou morrerai. —Nola negou com a cabeça, o cabelo escuro voando em todas as direções— Nunca fomos amigas, Delilah, mas é a única pessoa em que confio neste chamado Paraíso. E se somos separadas? Postas em equipes contrárias? Nosso primeiro mandamento é sempre ajudar a uma irmã que o necessite. Como poderei te ajudar se repentinamente formos inimigas?

—Nola, estou tão confusa como você. — Nada parecido tinha ocorrido alguma vez. A maioria dos dias eram iguais. Despertar, treinar para a guerra, comer, treinar para a guerra, dormir. Repetir. A única diferença era usualmente ir à guerra, algo que faziam ao menos duas vezes ao ano, fossem provocadas ou não, para provar continuamente sua força—. Deixe-Me pensar um momento.

Andou para frente e para trás, as árvores se obscureceram. Das duas, Nola era a mais jovem, a menos experimentada. Isso significava que a responsabilidade de manter a moça viva caía sobre os ombros de Delilah.

—Não podemos ir, sabemos disso. E se não podermos ir, significa que devemos competir nos tolos jogos do deus ou ser aniquiladas. —Se eram forçadas a competir uma contra a outra, Delilah sabia que não seria capaz de machucar a Nola. Inclusive se isso significava sua morte.

Foi criada para proteger a suas irmãs, sem importar de que. Esse era seu propósito, seu privilégio. Um jogo não ia mudar nada.

Momentos antes tinha pensado em ganhar mediante qualquer meio que fosse necessário. Agora bufou.

—Pode ser que não nos separem, assim não nos preocupemos com isso ainda. Agora mesmo vamos reunir todos os ramos que possamos carregar, assim como também, toda rocha afiada que vejamos. Quero que estejamos preparadas para a batalha ao anoitecer. Só por preocupação.

Nola lhe ofereceu um rígido assentimento, mas não se moveu imediatamente.

—Me diga que retornaremos para casa logo. Diga-me isso e acreditarei. —A vulnerabilidade que emanava de sua expressão foi surpreendente.

—Retornaremos para casa — replicou sem vacilar. A derrota não era algo que Delilah permitisse. Alguma vez. O que acontece com Layel? Ele te derrubou, poderia ter te machucado e você não teria sido capaz de detê-lo — Tem minha palavra —Afastou o passado e engoliu o nó repentino na garganta, seu sangue se agitava em um raio líquido. Maldito homem, e maldito céus!—. Vai. Antes que alguém mais comece fazer armas, , e não fique nada para nós.

Coberto pela sombra, Layel tinha observado como cada casal de criaturas desaparecia entre as árvores. Para falar, estava seguro. Para planejar. Para armar-se. Até o momento, estava muito furioso para mover-se. Tinham-lhe separado de sua gente e sua guerra para o divertimento dos deuses. Intolerável!

—Não esperava por isso — Disse Zane bruscamente a seu lado.

—Eu tampouco.



Zane piscou com surpresa, como se tivesse esperado que Layel o castigasse em lugar de estar de acordo.

—O que podemos fazer?

—Podemos matar a cada criatura que os deuses trouxeram para a ilha. Dessa maneira, não haverá jogadores para este sádico jogo e poderemos retornar a casa.

—O que faria com os nymphs que tanto favorece?

Escapou-lhe um suspiro.

—São nossos amigos. Eles vivem.

—O que acontece com as amazonas?

Layel fechou os olhos por um momento, inalou um estremecedor fôlego. Tinha pensado em matar Delilah previamente, mas tinha falhado. Engano. Agora havia outra razão para fazê-lo. Uma razão não tão fácil de descartar.

—Não serão tão afortunadas.

Um largo sorriso se estendeu pelo pálido rosto do Zane.

—Os deuses se arrependerão de nos ter trazido aqui.

—Sim. — Uma cálida brisa se deslizou contra a pouca pele que Layel tinha descoberto, a pele de seu rosto, assim como uma porção do braço onde um dos dragões tinha queimado sua camiseta. Enquanto ele cheirava o sal e o mar, planta, flor, fruta e mulher excitada, maldição, mas queria desterrar esse aroma! Esta ilha carecia da essência de encantamento que possuía Atlantes.

Em Atlantis podia vagar pelos corredores de seu palácio, imaginando Susan a seu lado, sorrindo, seus olhos verdes brilhando. Aqui, ele não podia refletir em nada além da pequena amazona. Inclusive agora, tudo o que podia pensar era nesse cabelo azul em seu punho, esse rosto exótico levantado lhe olhando com paixão e necessidade, aqueles olhos ardentes, as pernas estendidas, seu centro feminino úmido e brilhando, a língua dele riscando aquelas tatuagens.

Ele ansiava seu sangue na boca.

As presas cresceram, preparados... Tão dispostos...

Mataria ela primeiro, decidiu, as mãos comprimindo-se em punhos. As unhas uma vez mais se transformaram em garras. Cortaram atravessando a pele da palma da mão até que o sangue escorreu quente e apareceu pelas dobras dos dedos. Por que está tão zangado? Por que está se machucando? Mais perda de sangue e te debilitará. Como disse o deus, necessita sua força.

—Esperaremos até que caia a noite — Disse a Zane, as palavras emergiram entre outro daqueles quebrados suspiros. Por que era resistente a ver seu plano realizado? Não se preocupava com a amazona. Odiava-a. Sim, odiava-a. Com quase a mesma intensidade com que odiava aos dragões—. Então os atacaremos, um por um.

Delilah não havia feito nada mau, protestou sua mente. Ela não merece a morte a suas mãos.

Logicamente sabia que isso era verdade. Entretanto a lógica não significava nada para ele nestes momentos. Tinha que tirar essa mulher da cabeça. Não pertencia ali e estava perturbando a sensação de paz que conhecia. Uma paz que necessitava desesperadamente, já que qualquer



distração poderia permitir aos dragões lhe vencer.

Desta vez, quando estivesse ao alcance, não a olharia, não cheiraria sua doce fragrância. Simplesmente atuaria.

—Vêem, necessitamos distância dos deuses — Disse, levando sua carga mais profundo dentro do bosque, sem deter-se até alcançar uma borda de rio.

Zane se abaixou, agarrou uma pedra e a jogou dentro da água antiga.

—Me pergunto o que aconteceu a nossa irmandade depois que nos agarraram.

—Se assumirem que estamos mortos e coroarem um novo rei, matarei a todos.

Zane bufou com diversão, como tinha sido a intenção de Layel. Valorizava sua gente; eles eram sua mais poderosa arma contra o inimigo. E embora estivesse brincando, sabia bem quão leais eram seus homens, não toleraria um novo rei. Era engraçado, realmente, já que uma vez tinha negado sua coroa.

—Se forem os guerreiros que treinei para serem — Continuou —Terminaram de matar aos dragões e agora estão celebrando a vitória e planejando nos encontrar.

—Uma celebração em que não estamos. — Um olhar escuro se estendeu sobre os olhos do Zane, fazendo sua íris tão negro como o ônix. Agarrou e jogou outra pedra—. Odeio este lugar. Os demônios aqui...

—São Seus. — Quando Layel tinha tomado o palácio da rainha demônio para roubar seu tesouro depois que a tinha matado, tinha encontrado Zane esperando na cama dela, nu e lubrificado de azeite, preparado para seu prazer. Claramente, não tinha sido forçado fisicamente a permanecer ali, mas seu alívio depois de sua morte tinha sido evidente.

Layel não sabia por que ele estava ali, aparentemente de maneira voluntária; só sabia que o ódio do guerreiro era tão grande como o seu.

Os amplos ombros de Zane relaxaram ligeiramente. Até que ambos os homens captaram uma imagem de cabelo azul há vários metros ao longe. A proprietária daquele cabelo nenhuma vez entrou no campo visual, os ramos e arbustos a escondiam enquanto procurava... Armas? Um lugar onde ficar? Não, sua primeira hipótese era a correta, meditou, seu traiçoeiro coração acelerando-se. Apostaria sua vida nisso. Sabia ela que ele estava perto? Provavelmente.

—O que acontece a pequena amazona que quase te come? — Zane suspirou ferozmente— Eu Também gostaria de terminar com ela.

Layel experimentou um brilho de fúria.

—É minha. Ocuparei-me dela.

—Isso, sei. Mas planeja ir à cama com ela ou matá-la? Parecia preparado para ambas às coisas quando se sentou escarranchado sobre seu peito.

—Que acredita? — Perguntou-lhe, porque não queria mentir a um companheiro vampiro.

—Você disse. Acredito que você gostaria de fazer ambas.

—E eu acredito que está em perigo de desencadear minha ira.

— Certo.

—Não há nada novo nisso. — Despreocupado, Zane jogou outra pedra. Plop, plop — Talvez possa fazer ambas.



Certamente isso não tinha sido melancolia emanando de seu tom.

—Não — Layel deslizou a língua sobre os dentes. Uma das presas lhe cravou no sensível órgão, a resultante gota de sangue lhe recordando que se saciou antes, enquanto brigava com os dragões, entretanto isso não tinha detido seus desejos por Delilah — Não — Repetiu para seu próprio bem — Muito cruel. — Para Delilah e para ele.

—Alguma vez saboreaste uma amazona?

—Não — Cada raça possuía um sabor único. Os dragões, enxofre. Os demônios, podridão. Centauros, doce, quase como um feno com mel. Minotauros, forte e penetrante. Nymphs, ambrósia. Mas as Amazonas? Que gosto teriam elas? Ela?

Nunca o descobrirá, jurou. Morreria antes de posar qualquer parte de si dentro dessa mulher. Era hora de trocar de tema.

—Vêem. O tempo se acaba. Faremos lanças, adagas e flechas.

—E qual planeja utilizar com a moça?

—Minhas mãos nuas — disse. Inclusive enquanto falava, desejava usar as mãos de uma maneira diferente. Para o prazer, não para a dor. Satisfação, não morte. Nenhuma das quais se permitiria. O fato de que ainda desejasse fazer tais coisas lhe dizia além de toda dúvida que precisava desfazer-se dela, justo como tinha planejado.

Zane lhe ofereceu outra daqueles misteriosos sorrisos.

—Até o anoitecer, então.

Layel assentiu lúgubre.

## Capítulo 5

Poseidón, deus do mar, elevava-se dentro do palácio de coral que tinha construído ele mesmo no centro do oceano, olhando para um comprido espelho coberto de neblina. Além da neblina, Paraíso e seus resistentes e novos habitantes eram visíveis, um regozijo para seu olhar.

—Eles estão confusos — Disse.

Tinha-os deixado momento antes, havia-lhes dito que não se preocupassem certo? Entretanto, seu pânico só tinha aumentado.

murmúrios de “sim” se elevaram, os tons uma mistura de excitação, resolução e imperturbabilidade.

Outros quatro deuses tinham viajado através dos portais do Monte Olimpo para unir-se aqui. Poseidón girou, estudando-os tão intensamente como tinha estudado aos Atlantes no espelho. Ares, deus da guerra, possuía um temperamento muito pior que o de Poseidón. Hestia, não atraente, mas de algum jeito sedutora, de quem as habilidades de lançamento de feitiços estavam eclipsadas por sua determinação de fazer seu nome por si mesma de qualquer meio possível, justo ou sujo. Apolo, com o sorriso mais brilhante que o sol que ele controlava, ferozmente leal a quem amava. E finalmente, Artemisa, irmã gêmea de Apolo, tão selvagem como as flores que cresciam





na terra, e tão fria como o gelo.

Depois de sua chegada, Poseidón tinha sido forçado a drenar seu palácio para acomodar os pulmões não tão superiores aos seus. Agora a água oceânica se agitava fora mais que dentro, batendo contra as paredes exteriores e o teto. A cada poucos segundos, uma gota caía da aranha envolta de luzes e salpicava o chão negro.

Hestia olhava aquelas gotas com desdém.

Se não fosse cuidadosa, afogaria-a.

Durante séculos, Poseidón tinha permanecido aqui na água. Rei da gente do oceano, esquecido pelos terrícolas e totalmente aborrecido. Verdadeiramente, nada o tinha entretido. Nem paz ou prosperidade. Nem tormentas, fome ou guerra. Então, uns meses atrás, segundo o calendário Atlante, duas de suas sereias lhe tinham informado do desacordo em Atlantes. Atlantes, um lugar que ele tinha esquecido completamente através dos anos. Um lugar que todos eles tinham esquecido.

Um lugar que lhes pertencia.

Ele tinha deslizado dentro de Atlantes, observando inadvertidamente durante um momento, surpreso de encontrar às criaturas prosperando. Curioso de sua reação diante dele, finalmente tinha anunciado. Ainda aborrecido, tinha começado a mover os cidadãos como peças de xadrez, enfrentando aos dragões contra os nymphs e observando aos fortes e determinados guerreiros recorrer à batalha na necessidade de proteger a suas fêmeas e lares. Mas ao final não se mataram entre si como ele tinha antecipado. Nem sequer haviam realmente discutido. Tinham chegado a um acordo, desconcertando-o.

A imprevisibilidade tinha sido deliciosa. E dessa maneira, todo seu aborrecimento tinha desaparecido.

Outros deuses, tão aborrecidos com suas rotinas como tinha estado ele, notaram a abrupta mudança em seu humor. Não era como se o pudesse ocultar. As revoltas águas se estabeleceram em uma calma serenidade. Seus quatro inesperados convidados logo tinham atracado aqui, aguardando saber a fonte de sua diversão.

Deveria ter mentido. Haver-lhes contado algo, menos sobre o Atlantes.

O fatídico dia de sua chegada estava gravado dentro de sua cabeça.

“Não podem entrar assim como se nada” lhes havia dito depois de sua confissão, e seu subsequente desejo de fazer o que ele tinha feito, esperando manter seu novo brinquedo favorito para si mesmo.

“por que não?” Hestia tinha curvado as mãos sobre os quadris maravilhosamente largos. “Você o fez”.

“Sim, e não podemos lhes dar outra surpresa. Seria cruel”.

Are tinha bufado.

“Como você é todo amor e alegria. Vamos entrar e não poderá nos deter”.

Suas mãos formaram punhos pela frustração.

“O que planejam ganhar com esta visita? Tal como uma vez esquecemos aos Atlantes, agora eles nos esqueceram. Não serão adorados em seu reino, nem lhes darão obrigado por



reaparecer”.

Apolo deu de ombros, a horrível advertência não lhe importava.

“Quero saber o que aconteceu com meus nymphs sem mim. Não deveria tê-los abandonado como fiz e desejo ressarcir-los por isso”.

Seus nymphs? Seus?

“Eles foram criados com iguais medidas de cada um de nós” lhe tinha recordado Poseidón com irritação. Mas se fosse honesto, teria admitido que algumas raças tendiam a favorecer a um deus sobre outros, como se uma guerra tivesse acontecido durante sua criação e certas características tivessem derrotado às outras. “Além disso, eles prosperaram apesar de sua negligência. Estão felizes agora e desprezariam qualquer interferência”.

“Como desprezam as suas?” Apolo estendeu os braços. “Não importa. Eles prosperaram melhor que a maioria, estou seguro”.

“Que supõe que quer dizer isso?” tinha perguntado Artemisa. “Se uma criatura se parecer contigo é melhor que aquelas que lhe rodeiam?”

Dessa maneira tinha começado um animado debate de uma hora de duração a respeito das forças de cada raça, as debilidades de cada raça, a quem se pareciam cada raça, finalmente culminando em um fastidioso e, entretanto, excitante anúncio por parte de Are.

“Suficiente! Discutir não resolve nada. Ponhamo-los a prova de acordo?”

“O que propõe?” tinha-lhe perguntado hesitantemente Hestia.

“Simplesmente que exponhamos nossas opiniões a uma última prova com uma pequena aposta. Tomaremos dois de cada raça, não emparelhados, é obvio, ou haverá uma insurreição, e enfrentemos às criaturas entre si. Se seus escolhidos ganham, podem entrar e sair de Atlantis livremente. Entretanto, se seus escolhidos perdem, não poderão pôr de novo um pé na cúpula”.

Poseidón tinha inclinado a cabeça enquanto considerava os prós e os contra. Se perdia, sua diversão terminava. Se assegurasse que suas criaturas ganhassem, poderia ter Atlantis toda para ele, justo como queria.

“Uma idéia razoável, mas...” Apolo franziu o cenho. “Por que dois?”

“Um poderoso guerreiro pode ser uma anomalia” disse Are. “Dois poderosos guerreiros provarão a força e inteligência superior da raça”.

“E como escolheremos aos competidores?” tinha perguntado Artemisa, arqueando uma sobrancelha.

“Justo como Poseidón escolheu os peões em seu pequeno jogo, é obvio. Observação. Observaremos e optaremos pelos mais fortes, os mais valentes e os mais resistentes entre si. Logo, desenharemos desafios que provarão sua força, inteligência e determinação”.

“O que acontecerá às criaturas que perderem?” perguntou Artemisa.

“Acredito que deveríamos eliminar os perdedores” tinha sugerido Poseidón. “Dessa maneira não poderão cantar histórias sobre nossas ações às pessoas de Atlantis. E ele, o ganhador, não teria que enfrentar-se à reação. Além disso, estou seguro que parte de vocês estarão zangados e procurarão vingança quando seu eleito perca contra o meu. “Matar as criaturas que lhes causou a derrota será certamente catártico”.



Os olhos da Hestia se estreitaram.

“Veremos quem ganha não é certo?”

Duas semanas depois, e aqui estavam eles.

—O vampiro ganhará — Disse confidencialmente Ares — Ele tem a morte em seus olhos. Um olhar que conheço bem.

Hestia olhou atentamente às criaturas movendo-se pelo bosque, criaturas que não podiam vê-los.

—O rei vampiro ou seu guerreiro?

—Importa? Íamos escolher uma raça, não um indivíduo.

—Era simplesmente curiosidade. — Ela sacudiu a cabeça, os cabelos escuros caíram pelas costas — Mas tem razão. Não importa, já que as amazonas ganharão, sem dúvida. São flexíveis, determinadas, sem medo de lutar pelo que sabem que merecem. Muito parecidas comigo. A mais jovem foi traída por cada um amou. Há amargura dentro dela. Amargura e ódio. Desatará uma tormenta de fúria nada parecida com o que tenha visto alguma vez.

—Por favor — Apolo riu. O despreocupado som discordante com o combatente que era — Ela poderá ser uma ardente caldeira de escuras emoções, mas possui o coração de uma inocente. Mais que isso, os nymphs levam minha luz por dentro. Por que acreditam que todas as criaturas, fêmeas ou machos sentem-se atraídos para eles? Sua amazona não será a exceção e terminará dobrando-se.

—Os nymphs são de verdade sedutores — Disse Artemisa — Mas sua beleza não pode competir com os demônios que desejam ganhar a qualquer preço ou sua suja mentalidade. Eles comeriam a seus próprios jovens para ganhar uma batalha.

—Bem, eu digo que os dragões comerão a todos antes que o primeiro jogo termine — Respondeu Poseidón — Sua força e fome são legendárias. Inclusive a gente da terra os exalta.

Are esfregou as mãos. Ele era muito alto, inclusive Poseidón tinha que elevar o olhar. Tinha cabelo escuro assim como os olhos, e irradiava tal maldade que podia passar pelo gêmeo de Hades.

—Todos fizemos nossas escolhas. É tempo de começar.

Outro murmúrio de “sim” se elevou, este foi expresso com entusiasmo.

—As outras criaturas — Disse — Aquelas Poseidón pelas quais não votamos. Os minotauros, centauros, gorgonas e formorians...

—Se uma das desfavorecidas ganhar, a competição é... O que estou dizendo? —Ares riu — Desfavorecidos não ganharão.

—Bem, estou pronta para ver quem o fará. Não pode haver nenhuma interferência a partir deste momento — Disse Artemisa, olhando a cada deus até que recebeu um assentimento de conformidade —. O que tiver que acontecer, acontecerá. Quem quer que ganhe, ganhará, e aceitaremos o resultado e as conseqüências com a elegância conveniente a nossa gente.

—É obvio. — Poseidón agitou as mãos no ar, esperando parecer convincente.

Ele se asseguraria de que os dragões ganhassem pelos meios que fossem necessários. Não tinha dúvidas de que seus deuses amigos chegariam a respeitar suas ações com o tempo. Não



tinha elogiado Artemisa aos demônios por tal crueldade, e Hestia admirado às amazonas por uma similar e inflexível agressividade?

Quando os dragões ganhassem, Poseidón ganharia, e Atlantes seria, uma vez mais, dele e só dele.

Fazia tempo que a noite tinha caído.

O ar era quente, fragrante e carregado de perigo. Os insetos estavam misteriosamente silenciosos, nem um gorjeio ou piar para ser escutados. Só o vento parecia insensível à ameaça circundante, removendo as folhas e estalando os ramos entre si.

Cada instinto de autoproteção de Delilah permanecia em máxima alerta. Não distinguia onde estavam as outras criaturas. Tinha divisado alguns aqui e ali enquanto juntava pedras e ramos. E logo tinham desaparecido, escondendo-se entre as sombras. Podia-os ter capturado, podia havê-los desafiado para provar sua força, assim agiam as amazonas, mas não tinha feito.

A advertência do deus tinha recusado a deixar sua mente. E se matava a algum membro de sua equipe? Começar com uma desvantagem seria o epítome da burrice. E tinha sido um pouco tola muitas vezes ultimamente.

Ela e Nola tinham optado por dormir nas árvores, as mais difíceis de encontrar, e alcançar. Agora mesmo estavam recostadas sobre um grosso ramo, as pernas balançando pela borda, uma artesanal lança agarrada fortemente com as mãos. Adagas de madeira estavam amarradas às pernas, cintura e costas. Agradecidamente tinha sido treinada na arte do armamento, aprendendo como criar a mais mortal das ferramentas de qualquer e tudo o que pudesse encontrar no bosque.

Uma aguda casca lhe cravava as costelas, ajudando-a a manter-se acordada, alerta. O que estavam fazendo as outras criaturas nesse momento?

O que estava fazendo Layel?

Layel... Formoso Layel. Havia apenas interagido com ele, entretanto, seus breves intercâmbios tinham sido suficientes para fasciná-la de maneira completamente estúpida. Ali, uma admissão. Ele não se parecia com ninguém com quem tropeçou alguma vez. Constantemente encontrava-se perguntando como seria seu corpo debaixo de suas roupas, como seria seu rosto perdido pela paixão, como se sentiria se ele bombeasse e se deslizasse dentro dela.

Ele te despreza. É melhor esquecê-lo.

Esquecer que sua pele era pálida e tão suave como a seda? Esquecer que seus olhos eram azuis como safiras e emolduradas por pestanas negras que eram um notável contraste contra seu branco cabelo como a neve? Esquecer que era alto com largos ombros e irradiava uma escura sensualidade pela que as mulheres salivavam? Impossível.

Que tipo de mulher ele gostava? Que tipo de mulher tinha permitido em sua cama? Em todas as histórias que tinha ouvido dele, nenhuma palavra tinha sido a respeito de suas companheiras de cama preferidas. Isso não queria dizer que tivesse permanecido sozinho todos esses anos.

Fáscas de algo sinistro tremiam em seu peito. Ciúmes, talvez. Queria negar a emoção, mas não podia. Meu, pensou ela. Ele podia não querer ter nada a ver com ela, mas não o permitiria ter



outra mulher. Não enquanto habitassem esta ilha.

O que ocorre? Os homens já não eram algo que entesourasse, sonhando com amor e risadas na escuridão das noites. Para ela, eram simplesmente algo para ser usados por suas irmãs duas vezes ao ano, algo para destruir se alguma vez ameaçavam a seus seres queridos. Desde que seu emparelhamento tinha terminado tão desastrosamente, não tinha pensado de novo, alguma vez, em encontrar-se em posse de um homem.

Quantas vezes havia observado a suas irmãs brigar por um escravo em particular, como se ele fosse um formoso adorno que se pudesse levar? “Ele é meu”, tinham gritado, os mandamentos esquecidos convenientemente. “É minha cama a que esquentará esta noite”. Sempre seguia uma batalha de adagas, assim como feridas e sangrentas guerreiras. Quantas vezes tinha observado a aqueles “valorados” homens irem quando o amor tinha terminado? Sem um olhar para as mulheres que estavam deixando para trás? Não é como se suas irmãs tivesse se importado. Mas tinha observado e se perguntou. Como não podiam querer mais um do outro?

Depois de Vorik, Delilah tinha acreditado ser imune aos homens, seus desejos secretos enterrados. Até agora. Sentou-se escarranchado sobre os ombros do vampiro e ele a tinha olhado entre as pernas com calor não diluído. A idéia de entregar-se a ele não tinha sido detestável. Tinha querido dirigir as mãos dele sobre ela, sua boca, tudo, tudo. Tinha desejado que ele se impusesse.

Um estremecimento seguiu o pensamento, afogando-se em outra onda desse profundo e inexorável desejo. Como seria deitar-se com ele? Seria gentil, tomando-a lentamente? Ou seria sua paixão tão feroz como seus selvagens olhos azuis prometiam? Talvez inclusive um pouco peralta?

—Está excitada, Amazona. Por quê?

A voz de Layel estava tão perto, tão rouca, como se lhe sussurre uma súplica, não estava segura se tinha imaginado. Ficou rígida, os dedos se esticaram sobre a lança enquanto o buscava na escuridão. Só traços de árvores e aves noturnas apareceram á sua frente. Onde, nem sequer com os reflexos da bola dourada penetravam através da abóbada de folhas, distinguia-se a forma de um homem. Lentamente relaxou.

Por que estou excitada? Por sua causa, desejou dizer a essa fantasia.

—Bem? — Um frio fôlego lhe acariciou a orelha.

Ela ofegou.

Muito real, muito real, muito real...

Antes que tivesse tempo de reagir, de qualquer forma, uma dura mão posou sobre sua boca enquanto outra a empurrou sobre suas costas. Um forte e musculoso peso se chocou contra seu corpo. Ela perdeu o fôlego, mal se arrumando para permanecer sobre o ramo.

Em segundos, Layel a tinha tombada, as pernas retidas. Os olhos se abriram de par em par ao tempo que a lança era separada de seu agarre e jogada no chão. Um zombador som ecoou em seu ouvido. Ela fechou a mão e a moveu para golpeá-lo, mas ele liberou sua boca para controlar a ação. A seguir encerrou seus braços entre os corpos.

—Não me machucará — Disse ele.

—E, entretanto você se sente livre para me machucar. Além disso, farei tudo que queira.



—Tenta-o.

Uma palavra, mas era tão petulante que desejava esbofeteá-lo. Infelizmente, debaixo do anseio de violência, também estava à necessidade de beijá-lo. Ela não se assustou. Ainda. Nola estava perto. Provavelmente aproximando-se às escondidas de Layel... Agora. Mas não. Um momento transcorreu, depois outro.

Nola nunca chegou.

O coração de Delilah começou a golpear erratically no peito, uma deslumbrante compreensão estabelecendo-se em seu interior. O sangue corria pelas veias com uma enjoativa velocidade, e uma necessidade estremecia em seu ventre. Ali estava sua fantasia secreta, em pessoa. Sua para tomá-la. Parte dela, de qualquer forma. Não havia um “viveram felizes para sempre” com este homem, mas podia haver prazer, um momento de dar, compartilhar e receber entre um homem e uma mulher.

É uma amazona. Haja como uma.

Forçando-se a entrar em ação, elevou a cabeça e afundou os dentes em seu pescoço até que saboreou o forte gosto metálico do sangue. Ele gritou em seu ouvido, o som era uma mistura entre prazer e dor.

Está mordendo para que escape, certo? Então, por que está se retorcendo?

Mmmm, tão bom... Tamborilou com a língua o pulso acelerado dele.

Com as mãos agora livres, ele agarrou seu cabelo e a afastou. Estava ofegando, aborrecimento e excitação brilhavam em seus olhos.

—Você se acredita um vampiro, certo? Ou é metade vampiro? Sei que sua espécie se junta com todas as criaturas e pôde ter sido engendrada por qualquer das muitas raças.

Abriu sua boca para responder, mas ele negou com a cabeça, detendo-a.

—Grita e se arrependerá.

—Como se fosse gritar — Murmurou, ofendida de que acreditasse tão pouco em suas habilidades.

Sim lhe permitiu aproximar-se às escondidas de você.

OH, se cale.

Piscou surpreso, como se esperasse que ela gritasse apesar de sua ameaça.

A irritação dela se intensificou, e lhe dedicou um olhar furioso.

—Como chegou aqui em cima? Machucou a minha irmã?

—Ela tinha desaparecido quando te alcancei. Não a toquei.

Onde tinha ido Nola, então?

—Suponho que te permitirei viver. Por agora. Mas muito em breve me cansarei de permitir que me aflija.

Ele bufou.

—Digo a sério. Agradece que não tenha te matado agora.

—Não se engane, Amazona. Estaria morta agora mesmo se não tivesse detido minha mão.

Havia fúria em sua voz e ódio em sua expressão. Detido sua mão? Assim tinha vindo a matá-la? Bastardo! Exceto, apesar de tudo o que havia dito apesar do genuíno aborrecimento dirigido a



ela, as pernas estavam entre as suas e podia sentir a longitude de seu pênis endurecendo-se, crescendo, alargando-se.

Assim nada mais, o sangue ferveu outro grau. Abrasando suas veias. Como conseguia fazer isso com ela?

Sou insensível, e não me importa ninguém mais que minhas irmãs.

Se eles estivessem em Atlantes, podia admitir tomá-lo como seu escravo. Embora só durante dois meses os homens estavam permitidos no Acampamento das Amazonas. Mas ali, nessa ilha, com uma competição em marcha, bem podiam ser inimigos.

Um estremecimento desceu por sua espinha.

—Assustada, Delilah? — Perguntou sedosamente, depois murmurou uma maldição que ela mal compreendeu.

Então entendeu o porquê. Finalmente, havia dito seu nome. Queria rir. Falando desses lábios manchados com sangue... Um quente desejo florescendo entre as pernas, umidade juntando-se ali. Antes, não tinha querido dizer seu nome, mas ela precisava escutá-lo e tinha tratado de forçá-lo. Ainda assim resistiu. E cada vez que a tinha chamado “Amazona”, o desprezo tinha sido evidente em sua voz. Isso só devia ter causado que ela o pusesse no mesmo grupo olvidável de homens com os que alguma vez cruzou. Mas inclusive assim, debaixo de seu desgosto, tinha existido uma insinuação de rouca satisfação, como se ele já estivesse dentro dela, e ela tivesse ansiado por mais dele.

—Do que? — As palavras emergiram sem fôlego. Queria lhe indicar o que ele tinha feito, o que havia dito, mas tinha medo de que nunca voltasse a fazer se o fizesse.

—Morrer. Dor.

—Não — Respondeu honestamente.

Morrer não a assustava. A dor não a estremecia. Mas sua reação a esse homem a petrificava. A fazia sentir-se vulnerável, como se não pudesse confiar em si mesma. Como se o necessitasse para existir. Ele já tinha conquistado seus pensamentos.

—Deveria estar muito assustada — Disse.

Ela elevou o olhar para ele. Seus olhos estavam estreitos, entretanto radiantes com fogo interno, atraindo-a, cativando-a.

Não deixe ele te vencer. De novo.

—Minha paciência acaba. Por que está aqui?

—Acreditei que tinha deixado claro. Vim te matar.

Falou com total naturalidade, estava surpresa pela afirmação. Deveria ter brigado contra ele nesse ponto. Maldição deveria. Deveria tê-lo tirado de cima de si, ao menos. Lançá-lo ao chão ou lhe demandar... Uma desculpa? Reparação?

Em troca, permaneceu quieta. Odiando-se. Mas deuses, desfrutava tê-lo em cima dela.

—Então, por que não o fez? — Não era como se pensasse que ele teria tido êxito, inclusive se tentasse.

Alguma parte dela devia ter sabido que estava perto. Alguma parte dela devia ter sabido que não a machucaria, e esse era o porquê tinha permitido chegar tão perto.





—Exerce algum tipo de poder mágico sobre mim, e quero saber o que é — Grunhiu ele.

Esse grunhido... Se deslizou ao longo de sua espinha, relâmpagos em uma tormenta do verão.

—Magia? Poder? — Perguntou, desejando soar indignada mais que intrigada — Eu?

—Não finja ignorância — A pegou pelos ombros, apertando, sacudindo — Me Diga o que tem feito a mim, maldita! Ordeno que me dê uma resposta.

—E eu te ordeno que tire as mãos de cima de mim antes que as perca. — A advertência escapou automaticamente, mas sua mente gritava uma negação: Não me solte. Sustente-me, Deseje-me da maneira que te desejo.

— Te machucarei se precisar, Delilah.

Uma vez mais, seu nome naqueles lábios sensuais era totalmente erótico, de algum jeito uma maldição, igualmente uma carícia. De novo estremeceu. Seus mamilos se endureceram como pérolas, lhe buscando, erodindo o Top de couro que ela vestia.

—Faz, então. Machuque-me. — Inclinou o queixo, sabendo que era a imagem da teimosia.

O que faria ele, esse guerreiro que conseguiu aproximar-se furtivamente dela? Como reagiria diante de seu desafio?

As fossas nasais dele se ampliaram. A luz em seus olhos cresceu em intensidade, arrojando uma sombra azul sobre seu rosto malvadamente misterioso. Ele observava fixamente sua boca. Por um momento, pensou que tinha a intenção de beijá-la. Um beijo para ferir e castigar. Por favor... Mas transcorreu um minuto, e não fazia nada há não ser olhá-la.

Cansada de esperar, com um puxão liberou uma mão, elevando-a e separando as mechas de seu cabelo com os dedos.

—Suave — Sussurrou.

—Solta.

—Não.

—Solta!

—Me obrigue.

Com outro grunhido, ele se desprende do abraço. Longe dela, cortando qualquer rastro de conexão. Balançou-se na ponta do galho, o olhar seguindo suas tatuagens com... Desejo?

Não, não estava balançando, corrigiu-se. Ele revoava, flutuando no lugar. Quando notou que estava observando cuidadosamente os desenhos de guerra que sua comandante lhe tinha dado cada vez que provou ser invencível em batalha, elevou o olhar para seu rosto, ódio de novo cintilando em seus olhos, uma penetrante lança vermelha apontou diretamente a ela.

Estranho que parecesse cortar todo o caminho até sua alma.

—Não me toque de novo.

—Então não se deite sobre mim. — Lentamente ele se sentou, o olhar dela nunca o deixou — A próxima vez poderia não ser tão gentil contigo.

—A próxima vez, estará morta antes que note que estou perto.

Ela estalou a língua, embora suas palavras penetrassem fundo.

—Estou alerta agora. Não chegará tão perto assim outra vez.



—Veremos.

Deus, sua arrogância a excitava. Nada que ele dissesse era um vão alarde. Algo que proclamava que podia fazer, bem, sabia que tinha o poder de fazê-lo. Admirava isso a respeito dele. Infelizmente, ele não admirava nada a respeito dela.

O que tinha ela que o zangava assim? Das histórias que tinha ouvido, ele só tratava os dragões e a seus aliados com aborrecimento. Com todos outros, era educado embora distante.

Não, não era verdade, pensou ela, reproduzindo algumas daquelas histórias na cabeça.

Ele queria o rei nymph, Valerian, como a um irmão e tinha brigado a seu lado em várias ocasiões.

Se ela se entregasse a Layel não pense assim, é perigoso, não pode, aconteceria o mesmo que antes seu rosto se suavizaria? Iria olhá-la com admiração? Alegria?

—Por que me odeia? — Perguntou-lhe curiosamente.

Sua cabeça se inclinou para um lado ao tempo que a estudava.

—Por que se importa?

Argh.

—Por que não sai voando e me deixa sozinha?

—Por que não foge de mim?

—Por que não me beijou? —O último escapou involuntariamente, mas uma vez dito, não queria retirar as palavras.

As presas se alargaram enquanto a olhava, vibrantes olhos seguiam a língua ao deslizá-la pelos lábios, para depois descer por seu pescoço.

—Pensando em me morder? — Zombou, insegura de por que o fazia.

Tinha sido mordida por um vampiro antes, um vagabundo que tinha estado faminto e a tinha emboscado enquanto estava treinando um grupo de amazonas jovens, e não tinha sido prazeroso. Mas a idéia dos dentes do Layel dentro de sua veia... Estremeceu diante a delícia.

As pupilas dele se dilataram, o olhar caiu de novo e permaneceu em seu seio.

—Seus mamilos estão duros.

Estavam duros? Não queria afastar o olhar dele e estava assustada de tocá-los. Estremeciam, ansiavam. Por ele, só por ele.

—Obrigado por notar.

Um músculo na mandíbula se crispou.

— Mulher Incorrigível— Suspirou — Um amigo meu me ensinou o poder da troca — Disse — E agora farei uma troca com você. Enquanto estejamos aqui, mantereí afastado de você e, em troca, você se manterá afastada de mim. De acordo?

Ela aprisionou uma onda de decepção.

—Então, decidiu não me matar depois de tudo?

—Por agora.

—Não pode suportar a idéia de estar sem mim?

—Está de acordo? — Insistiu, ignorando a pergunta.

—Não — Não vacilou com a resposta — Nunca faço acordos.



Uma das sobrancelhas se arqueou.

—Nenhuma vez?

—Nunca. Não por nada. — Negociar significava que não era o suficiente forte para tomar o que realmente queria, e Delilah se recusava a mostrar debilidade. Bem, negava-se a mostrar ainda mais — Agora, terminei de brincar. Vai, e não te machucarei.

Ele estava junto a seu rosto no instante seguinte.

—Isso me soa como uma troca.

O fôlego era quente, docemente perfumado. Os lábios abertos estavam perto dos dela... Tão maravilhosamente perto. A pálida pele brilhava, quase translúcida à luz daquele azul elétrico.

Todo o seu corpo sentia cócegas, igual aos seus mamilos. O estômago se agitava em agonizante calor. Nunca havia se sentido assim, nem sequer com Vorik. Deslizou a língua ao longo da comissura da boca, dessa vez imaginando a língua de Layel em seu lugar. Deuses desejava uma prova. Só uma pequena prova. Talvez assim sua obsessão terminasse. Só a curiosidade a manteve centrada em sua mente.

Lentamente, inclinou-se para ele. Ele não a encontrou na metade do caminho, mas não se afastou, tampouco. Dentro dela a antecipação formava redemoinhos. Permitiria ele o contato?

—Seus lábios — Disse ela.

—O que acontece com eles?

—Os desejo.

Os ombros se endireitaram com uma sacudida.

—Não? — Provavelmente tinha tido a intenção de dizer a negação como um fato, mas emergiu como uma pergunta.

Mais perto... Um pouco mais perto... Ainda assim se manteve em seu lugar. O fôlego entupido na garganta; captou o escasso som e o gozou. Mais perto...

Justo antes que os lábios se encontrassem, de qualquer modo, uma severa maldição ecoou através da noite, e não provinha de Layel.

Quem quer que tenha gritado desprende ele de seu... Feitiço, provavelmente é o que teria dito ele. Magia, de fato. Como desejava ser capaz de conjurar encantamentos. Amarraria a este homem à árvore, mantendo-o no lugar até que ao menos ela conhecesse seu sabor.

Layel se endireitou, a fúria caía de novo sobre suas cativantes feições, escurecendo cada insinuação de calidez.

—Permiti-te que me distraía de meu propósito desta vez. Não voltará a acontecer. —E logo estava no ar, voando longe dela tão apressadamente como se ela fosse uma Gorgona, capaz de convertê-lo em pedra com um olhar.

Delilah se sentou ali por um momento, estremeceu até a medula. Teria acreditado que tinha sonhado todo o encontro se não fosse pelo fogo propagando-se pelo sangue, fundindo todos os seus membros.

O que ia fazer com este homem?

Layel voou através das árvores, frescos ramos lhe esbofeteavam o rosto. Estava agradecido pela penetrante dor, já que o ajudava a acalmar seu desenfreado e traidor corpo. Ele era um



bastardo. Desagradável e malvado, desejando a alguém que não devia.

Deuses, essa mulher...

Ela era uma ameaça. Sim, uma ameaça. Maldição! Por que cheirava como as flores de chuva e se via como uma deusa? Por que sua pele tinha que parecer tão suave como veludo dourado? Por que seus olhos tinham que resplandecer com um violeta tão vibrante? Era violenta, rude, tão sedenta de sangue como qualquer vampiro.

Não digna, gritou sua mente.

Entretanto, não podia deixar de pensar nela. Não podia deixar de imaginar-lhe nua e retorcendo-se contra ele. Úmida, quente, tensa. Ansiosa. Por ele. Por sua posse.

Deveria havê-la matado.

Mas uma vez mais não tinha sido capaz de fazê-lo. Só o som da maldição de Zane o tinha detido de beijá-la, o que teria sido com certeza sua ruína.

Sinto muito, Susan. Tanto. Não só te falhei uma vez, pareço estar falhando outra vez.

—... Só porque os deuses podem nos pôr na mesma equipe — Estava dizendo bruscamente uma mulher — Do contrário, degolaria seu pescoço aqui e agora.

—Tenta e olhe o que acontece. — Havia fúria na voz do Zane. Mas também... Não, certamente não. Certamente não era confusão. Zane usualmente revelava duas emoções: desejo de matar e desejo de ferir. Não havia incerteza em seu mundo branco e negro.

—Como se pudesse me ferir — Disse a mulher — Só deve olhar para sua jaula para saber o que ocorre quando tenta algo tão tolo.

—Pagará por isso mulher.

A mulher em questão riu um som de verdadeiro regozijo.

—Pobre bebê. Só músculo e nada de cérebro.

Layel irrompeu em um bosque e se deteve abruptamente, compreendendo a cena. Zane estava apanhado dentro de uma jaula improvisada, pendurada de uma árvore. A segunda amazona, Nola, recordou, balançava-se sobre um ramo, olhando-o e rindo.

Quando ela sentiu a chegada de Layel, perdeu seu sorriso e girou bruscamente o rosto para olhá-lo. Seus lábios se entreabriram, e suas mãos se fecharam em punhos aos flancos em preparação para a batalha.

—Também, deve me matar?

Embora estivesse concentrado na mulher, Layel mantinha Zane em sua visão periférica. As bochechas do guerreiro estavam de um vermelho brilhante, tintas com mortificação. Tinha sido derrotado por uma mulher. Layel teria rido se não fosse pelo fato de que Delilah o tinha atirado de traseiro no chão antes.

—Bem? — Assinalou Nola.

Um momento depois, Delilah apareceu junto a Layel. Ele se esticou ao ser assaltá-lo pela essência de beijo de chuva uma vez mais, assim como o calor que emanava de seu corpo. Não podia alguma vez escapar deles?

Tão perto dela, recordava a pior parte de seu encontro anterior. Tinha-o desejado, tinha estado faminta por seu beijo. Seus mamilos tinham rogado por seu toque. E quase lhe tinha dado



ambos. Com os dentes cortando o interior das bochechas, afastou-se dela, nem sequer tratando de esconder a ação. Odiava que fosse forçado a agir tão covardemente, odiava a debilidade que lhe causava. Mas simplesmente não podia estar perto dela.

Dirigiu-lhe um furioso olhar justo quando um raio de lua a alcançava, revelando as manchas de sujeira por todo seu corpo. Infelizmente, isso não diminuía sua atração.

—Então. Você pensou em me matar e seu amigo pensou em matar à minha amiga — Disse ela.

—Não finja surpresa.

Seus olhos se estreitaram em pequenas frestas, as pestanas superiores e inferiores fundindo-se entre si.

—Surpresa? Simplesmente estou agradecendo aos deuses que ambos sejam uns incompetentes.

Ele tinha falhado ante tantas coisas esses últimos anos, que suas palavras penetraram diretamente até os ossos. Tinha falhado em destruir os dragões. Tinha falhado em intumescer-se ante a dor da morte de Susan. Tinha falhado em dar o golpe de morte em Delilah, uma mulher que ameaçava a memória de seu primeiro e único amor.

Queria golpeá-la. Machucá-la.

Não se aproxime dela. Simplesmente está te atormentando.

—O deus nos disse que só haverá um sobrevivente neste jogo. Um. Veremos qual de nós se mantém em pé.

—Não ameace a minha irmã — Gritou Nola, avançando para ele — Decapitei homens por menos.

Ele não duvidava.

O olhar nunca o deixou, Delilah sustentou em alto uma mão. A outra amazona se deteve e pressionou os lábios entre si.

—Tentou provocar meu temperamento desde o começo — Disse ela — Bem, agora teve êxito. Te derrubar será divertido, vampiro.

Ele estudou suas envoltentes e formosas feições.

—Temo que o prazer seja todo meu. Mas talvez, no final, não te matarei — Replicou ele — Talvez te deixe viver. Como minha sobremesa — A brincadeira tinha intenção de enfurecê-la mais, atormentá-la, enlouquecê-la, elevadas emoções tinham arruinado a muitos bons guerreiros em batalha, mas no momento em que se precaveu do que havia dito, sentiu-se atormentado.

Desejava pôr a boca sobre a sua, beber da doçura de seu sangue e saborear cada gota.

A mesma urgência devia ter emanado dentro dela, porque suas pupilas se dilataram. Sua boca se entreabriu em um ofego de fome.

—Vou escravizar você — Sussurrou ela ferozmente — Obedecerá todas minhas ordens, e todos em Atlantis saberão que Layel, rei dos vampiros, pertence a Delilah. Ter-me-á de sobremesa só quando eu o permita.

Ele pensou, alarmantemente, que podia ser capaz de fazê-lo. Sem uma palavra. Só um olhar, um fôlego em sua direção. Um toque, como quando lhe sustentou uma mecha do cabelo entre os



dedos. Pateticamente, estava reduzido a uma criatura de sensações quando estava perto dela. Inclusive seu couro cabeludo se tornou sensibilizado, cada cabelo um fio de sensação.

Por ela. Nunca mais, nunca mais, nunca mais.

—O dia que me incline diante de você será o dia... Não. Tal dia nunca chegará. —Houve apenas uma pausa antes que ele adicionasse — Sabe por que as amazonas foram criadas? Porque os deuses estavam tentando criar homens... E falharam.

Esperava que arremettesse contra ele. Em troca, moveu-se para trás, com as feições tão aflitas que seu peito doeu.

—Ambos somos enganados — Disse suavemente ela.

Amaldiçoando-se, voou à copa da árvore que pendurava Zane e cortou a corda com as garras. Ao tempo que a jaula, repentinamente livre, caía ao chão, ele vaiou a Nola em forma de ameaça.

Logo Layel deixou a área e nem uma vez olhou atrás. Nunca se tinha odiado tanto.

## Capítulo 6

Quando a luz coroou a terra, Layel se encontrou transportado à praia tão abruptamente como o tinha sido à ilha. A única diferença era que não sentia como se estivesse caindo através de um túnel. Em um momento, tinha estado afiando uma pedra para transformá-la em uma ponta de flecha no bosque; e no seguinte, de pé na areia com as mãos vazias. Sem sombras, a pele esquentou. Não era muito doloroso, simplesmente incômodo. Ao menos, o sol não era tão brilhante e tão quente como ontem. Possivelmente não o deixasse cheio de bolhas. Depois de tudo, o deus tinha prometido que os elementos não afetariam negativamente os atlantes durante mais tempo.

Uma rápida olhada revelou que todas as outras criaturas estavam alinhadas a seu lado, observando seu entorno com confusão.

Incapaz de evitar, sempre seria assim? Procurou Delilah. A princípio, não a localizou. Possivelmente esteja a salvo, de retorno a Atlantes.

Bom, isso estava bem. O pouco que tinha conseguido dormi, arruinou-se, porque tinha sido atormentado em cada um de seus sonhos. Rindo dele, lhe chamando para que se unisse a ela na cama. Mamilos rosados e duros, pernas estendidas, seu feminino centro úmido e necessitado. Tatuagens, suas para lambê-los.

Em seus sonhos, tinha sido incapaz de resistir. Tinha-lhe lambido, todos, e ela se retorceu contra sua língua. Inclusive a tinha mordido em meio de seu desejo, algo que nunca havia feito a Susan por medo de que sua impetuosidade ferisse sua tenra carne, e Delilah tinha pedido mais.

Ainda agora, seu corpo reagiu imediatamente diante da lembrança dela, com desejo, endurecendo-se. Com antecipação. Deveria ter passado a noite caçando dragões e matando seus inimigos, mas não tinha feito. Tinha pensado: E se destruo aos membros da equipe de Delilah?



Poria Delilah em perigo de perder e, portanto, em perigo de que a executassem.

Quando a mulher morresse, seria por sua própria mão. Não permitiria a ninguém mais que lhe fizesse mal. Inclusive tinha ordenado a Zane, ainda mal-humorado por seu encontro com Nola, que se absteria de caçar ou matar.

Além disso, Layel tinha decidido deixá-la viver. Um pouco mais de tempo, de todos os modos, e apesar de que o atormentasse. Mesmo que ela ameaçasse sua resolução. Não sabia por que tinha decidido fazer tal coisa, não queria pensar mais nisso. Quando o fazia, o maravilhoso rosto abria caminho em sua mente, olhos violetas brilhantes de dor, com uma frequência que afastava lentamente Susan de sua cabeça.

Onde estava? Perguntou-se de novo. Seu olhar seguia passando através da massa, por diante de Zane, que tipo de rei sou, para me preocupar com um inimigo mais que de um seguidor leal? Diante de Nola e Brand. Por que seria devolvida a Atlantes? A não ser que alguém a tivesse ferido depois que Layel a deixou. Ou a tivessem matado.

Uma neblina vermelha lhe cobriu a visão. Se alguém daqui houvesse... A descobriu e se relaxou. Então assobiou. Ela estava de pé atrás do dragão chamado Tagart, que estava cotovelo com cotovelo com o Brand.

Era tão miúda, que quase não podia lhe ver seu rosto através da fenda entre aqueles enormes corpos de guerreiro. Seu cabelo azul brilhava e seus olhos eram tão vibrantes que quando o sol incidia neles lançavam raios lavanda em todas as direções. Layel apertou a mandíbula. Não gostava de vê-la tão perto de seu maior inimigo.

Como se pressentisse o escrutínio, seus olhos se dirigiram para ele e seus olhares se encontraram em uma batalha acalorada. Desta vez não houve nenhum tipo de dor em sua expressão. Realmente, nenhuma expressão absolutamente. Isto o decepcionou quando deveria ter adorado.

Melhor assim. As ondas lhe ressonavam nos ouvidos e o sal saturava a cálida brisa, mas Layel tinha jurado que podia escutar sua leve respiração e perceber a doçura de seu aroma de chuva. Talvez estivesse mais afetado do que aparentava.

Tagart tinha se deslocado, ampliando a distância entre ele e Brand, proporcionando a Layel uma melhor visão de Delilah. Ainda levava o Top de couro sobre o peito e a mini saia que chegava justo debaixo da curva de seu traseiro. Suas sandálias foram entrelaçadas como botas lhe cobrindo as panturrilhas, abraçando a forte carne e a suave pele.

Embora, estava claro que tinha tomado um banho. A sujeira tinha desaparecido, e as tatuagens sobre a parte superior das têmporas, os braços, a cintura e as coxas brilhavam intensamente. Essas tatuagens... Mais que nunca queria tocá-las. Riscar os desenhos deslizando a língua. Teria mais? Desenhos que ainda não podia ver? O que significavam? Por que os tinha?

Para! Não pense nela dessa maneira.

Baixou o olhar. Queria baixar o olhar para a areia, mas em troca se encontrou concentrado em seus seios. Inclusive percebeu seus mamilos endurecidos em pequenos pontos apertados, como se mendigassem por sua atenção. Layel se envergonhou de havê-lo notado, de desejá-lo, e se forçou a olhar mais abaixo. Pequenos machucados salpicavam o plano estômago. Deu-se conta





que seu umbigo se destacava deliciosamente, outro lugar para desfrutar com a língua.

Amo a Susan. E além do mais, sou um rei, um guerreiro. Haja como tal. Necessitará cada onça de sua força para finalmente...

—Bom dia, concursantes. Confio em que tenham dormido bem, e que estejam tão impacientes como nós para que os jogos dêem começo. Assim, sem mais demora... saúdem seus companheiros de equipe — Pronunciou de repente a voz de um deus.

Esta voz era mais profunda que a de ontem, mais dura. Outro deus?

Na piscada de um olho, Layel foi transportado para outro lugar da praia, estava de pé em uma nova linha, embora fosse metade menor que a da noite anterior e de frente a outra fila de atlantes. Apertou os dentes quando a irritação lhe alagou. Ser movido como uma marionete lhe deixava com os nervos irritados.

Tinha ao Zane diante de si. Tratou de chamar a atenção do soldado, mas fracassou. Seguindo a direção do olhar do homem, deu-se conta de que Zane estava olhando para Nola, que ocupava o mesmo lado da praia que Layel. A luxúria brilhava na expressão do guerreiro. Luxúria, confusão e talvez um pouco de temor.

Delilah estava na linha de Zane.

O medo se concentrou no estômago de Layel enquanto as suspeitas dançavam em sua mente. Sem dúvida, este deus não seria tão cruel. Sem dúvida, este soberano do céu não enfrentaria amigo contra amigo, homem contra mulher.

—Sim, competirá contra sua própria espécie. E, sim, competirá com o sexo oposto — Surgiu uma risada, ressonante, forte, cheia de alegria, embora com um fio resistente. Então, um dos muitos poderes do deus era ler a mente? — Que melhor maneira de provar a astúcia, a determinação e os instintos de sobrevivência?

Tal e como a água fez ontem, a areia entre as duas filas formou redemoinhos unindo-se, mais e mais rápido, elevando-se... Elevando-se... Até forma a silhueta de um corpo. Uns poucos grãos caprichosos foram parar à boca de Layel, e os cuspiu com repugnância.

—Quem entre você colocará sua lealdade em sua própria raça, e quem em seus companheiros de equipe, hmmm?

Layel olhou a sua equipe de esquerda a direita. Um centauro, uma nymph, Brand o dragão – A bÍlis lhe subiu à garganta, um demônio, Nola a amazona – Tragou, um minotauro, um formorian e uma gorgona zangada. Todos exceto a nymph tinham uma coisa em comum. Olhavam-no com repulsão. Por quê? Deu de ombros, indiferente. A única coisa que lhe incomodava neste momento era o fato de que Delilah não estava em seu grupo.

Seria forçado a lutar contra ela.

—Todo poderoso, quero pedir um favor — Brand deu um passo à frente, seu olhar fixo em Layel.

—Adiante — Disse a voz — Embora não posso prometer que o receba.

Brand apontou Layel, com olhos acusadores.

—Esta sanguessuga... Quis nos matar a todos enquanto dormíamos. Peço que o tirem de minha equipe.



Então, Delilah o tinha delatado. Sentia-se traído pela revelação, o que era uma tolice. Pelo menos, o rechaço de seus companheiros de equipe agora tinha sentido.

—E, entretanto, não matou nem a ti nem a ninguém — Disse o deus em sua defesa, o qual o surpreendeu.

—Seguirá tentando se lhe der a oportunidade. Peço que seja destruído aqui e agora — Continuou Brand.

—E eu me nego.

—Mas...

Antes de poder dizer uma palavra mais, Brand caiu de joelhos com um grunhido, como se já não pudesse suportar seu próprio peso. Queixava-se, agarrando o estômago e desabando sobre a areia. Um fio de sangue lhe escapava pela boca.

—Já teve a resposta, e entretanto se atreve a insistir. Que isto sirva de lição para todos os que questionem a sabedoria dos deuses.

Ninguém se precipitou em ajuda do dragão, e Layel sorriu. Não tinha visto com uma visão tão bem-vinda. À exceção de Delilah... Ontem à noite... Debaixo dele, ofegando... Ansiando sua boca... Murmurou uma maldição, e pôs a mente em branco.

—Daremos uma margem de umas poucas horas. As utilizem para criar uma estratégia de equipe. Esta noite — Continuou o deus, como se a interrupção de Brand não tivesse ocorrido — Levaremos a cabo a primeira competição. Necessitarão toda sua força para sobreviver. Devido ao fato que a prova será dura, a equipe ganhadora se verá recompensada. E não regulem esforços para levar a sua equipe à vitória. A equipe perdedora se apresentará diante mim, e, como se mencionou antes, o opositor mais fraco será executado.

—Partam agora. Façam o que tiverem que fazer para se fortalecerem e se preparem para a provação que está por vir. Não me decepcionem — O último parecia dirigido diretamente a Layel.

Abriu a boca para dizer algo, não sabia o que, mas um segundo depois, a areia, imobilizou-se, derrubou-se e o ser claramente se foi.

Então, uma nuvem escura assaltou Layel, e uma palavra foi sussurrada em seus ouvidos “manopla”. Seus olhos arderam, alguns dos grânulos de areia foram parar sob suas pálpebras. Passou uma mão pela face. Manopla? Confuso, reteve o fôlego até que a nuvem passou. Esta varreu a outras criaturas, e eles tossiram. Mas não agiram como se tivessem ouvido uma voz.

Finalmente Brand deixou de retorcer-se e com dificuldade ficou de pé com um áspero cenho fixo em Layel. Todos outros jogaram uma olhada ao redor da ilha, como se estivessem inseguros do que fazer a seguir.

—Isto é ridículo.

—Não me emparelharei com um demônio.

—Ou um vampiro.

Layel bloqueou seu bate-papo. Duas equipes. Competindo o um contra o outro. Alguém da equipe perdedora morreria. Esta noite. Delilah? Fechou os dedos com força, cortando-se com as unhas. Não pense nela. A atenção outra vez enfocada em sua equipe. Como, como se supunha que



ele ia participar de boa vontade ao lado de um dragão? Um demônio? Preferia morrer.

Simplesmente o fará.

Suspirou. Manopla. Seria seu desafio? Ou era um truque? Supunha que logo descobriria.

Saindo da praia, Zane atravessou as árvores afastando-se da forte luz da manhã e das criaturas que tanto desprezava. Se tivesse ficado, o fino fio que lhe mantinha sob controle se teria quebrado.

Coisas más passavam quando se rompia.

Mas não podia pensar em nada para acalmar-se. Os sentimentos que lhe provocava Nola, a amazona, eram muitos confusos, muito parecidos com os que outra mulher o fez experimentar uma vez. Os sentimentos que o tinham mudado, e não para melhor. Mais que isso, tinha fome. Layel tinha ordenado ontem à noite que não matasse, e não o tinha feito. O que queria dizer que tampouco tinha comido.

Zane só bebia de criaturas que tinha matado. Assim, as expressões de medo e súplicas de piedade não o atormentavam.

E, entretanto, aquelas criaturas cheias de vida tinham começado a lhe parecer saborosas. Além disso, agarrar a um ser vivo significava lhe sustentar com as mãos e contemplar seu corpo. Estremeceu.

A noite anterior tinha querido se dar um banquete com a amazona, já que possuía o aroma mais doce que tivesse percebido em qualquer outro. Inclusive Cassandra, a mulher pela que tinha negociado com anos de sua vida, a mulher que então não tinha querido saber nada dele.

De fato, tinha desejado destruir Nola mais que aos demônios.

Mas tinha sido superado.

Tinha-lhe dado a primeira navalhada no pescoço, mas ela tinha antecipado seu movimento e tinha golpeado primeiro. Só que não tinha machucado. Escorou-se sobre ele como um animal. Para fazê-lo assim, havia-o tocado e o tinha olhado. E ele não tinha querido correr, ocultar-se, inclusive morrer como queria quando geralmente fazia quando o tocavam ou o olhavam.

Em realidade, queria que ela fizesse ambas as coisas outra vez.

Que estranho poder exerciam estas amazonas? A de cabelo azul deixava Layel muito confuso. Zane nunca tinha visto o rei tão confuso. Inclusive dócil. Layel vivia e respirava morte. Vingança. Duas coisas que Zane admirava. Entretanto, nenhum deles tinha sido capaz de fazer mal às mulheres. Pior até, ambos os homens agora pereciam as desejar.

Inaceitável.

Zane tinha evitado às mulheres desde que o liberaram do palácio dos demônios. O sexo não era algo que necessitasse para sobreviver, inclusive era algo que não queria experimentar mais, portanto não sentia prazer. Nunca. Inclusive um acoplamento precipitado dava poder à mulher sobre o homem.

Ninguém ocuparia seus pensamentos, ninguém ditaria os sentimentos de seu corpo. Muitas vezes durante anos tinha tido que... A bÍlis se elevou pela garganta. Tragou e apartou as lembranças. Mas sabia que isto voltaria. Sempre o fazia.



Layel provavelmente pensava que tinha sido seqüestrado, retido e forçado. Layel se enganou. Zane tinha ido aos demônios por vontade própria. Cada coisa asquerosa que a rainha dos demônios tinha feito, ele tinha permitido. Inclusive pedido. Tinha sido amaldiçoado com uma beleza que a maioria dos demônios achava irresistível e a rainha tinha desejado-o apesar que seu coração pertencia a outra. Um escravo. “Permanecerá comigo até que eu me canse de você”, havia-lhe dito a rainha, “e depois liberarei ambos”. Mas não o tinha feito e Cassandra, uma sereia escravizada pelos demônios, tinha começado a lhe olhar com ódio.

“Putas dos demônios” escutou em sua mente, inclusive agora. “Putas dos demônios, putas dos demônios”.

Franzindo o cenho, colocou as mãos sobre as orelhas. As brincadeiras não cessaram. Só pareciam aumentar de volume. Um rugido surgiu dele, e deu um murro no tronco da árvore mais próxima. A casca lhe feriu rasgando a pele. O sangue gotejava descendo pelo braço. As coisas degradantes que fez... Tudo por nada.

—Tem-te feito dano? OH, espero que seja terrivelmente doloroso!

A voz feminina, suave e harmoniosa, de algum modo tinha conseguido escurecer o alvoroço da cabeça. Virou-se e ali, diante dele, estava sua atormentadora, pior que qualquer demônio que se enfrentou. Nola. Era tão encantadora, que lhe deixava sem fôlego. Era alta, mas não volumosa. Magra, mas forte. Entretanto, tinha uma aparência delicada, como se fosse quebrar com um forte abraço. Angelical, como se não tivesse nenhum outro pensamento que o prazer.

Sabia que os olhares de anjo eram enganadores.

Embora não necessitasse seu contato ou seu respeito... Por que, por que...? Encontrou-se não gostando do jeito dela. Comportava-se como um demônio, exigente, feliz de tirar de outros sem dar nada em troca. Arrebatando-lhe sua concentração, seus instintos de auto-proteção.

—Me seguir foi uma estupidez.

Se só tivesse suas facas. Poderia havê-los jogado, incrustar cada um em seu peito. Mas quando o deus tinha transportado Zane à praia, os paus que tão minuciosamente tinha afiado e atado com correias junto de seu corpo tinham desaparecido. E isto não tinha sentido. Haviam-lhes dito que podiam confeccionar armas que eles desejassem, mas que não tinham permitido as usar ainda.

—Nós dois sabemos que não pode me fazer dano — Nola levantou o queixo, com uma expressão de suficiência. Não, seus traços expressavam uma jactância que não podia obter. Também notou pela primeira vez uma certa vulnerabilidade. Muita angústia — Não é inteligente nem o suficientemente rápido.

Os insultos já não o afetavam. Tinham-lhe machucado muitos durante anos. Além disso, enquanto zombasse dele, não haveria calidez entre eles.

—Noite passada me surpreendeu. Não disporá dessa vantagem de novo.

Inconscientemente baixou o olhar para seu pescoço, onde seu pulso tamborilava grosseiramente.

Ela afastou o cabelo escuro sobre um ombro, deixando inclusive mais pele descoberta. Tremia-lhe a mão.



—Faminto, vampiro?

Havia desafio... Desejo...? Em seu tom. Como se ele pudesse olhar, mas nunca saborear. Seus olhos se entrecerraram, de repente sentiu desejos de responder ao desafio.

—A idéia de ter seu sangue em minha boca me põe doente.

Não podia matá-la, já que estava na equipe de Layel e Zane nunca faria mal intencionalmente ao homem que tinha matado à rainha demônio, libertando Cassandra. E se não podia matar Nola, seria capaz de lhe tocar. E se a noite anterior tiver sido um engano? E se ela lhe tocava e ele queria morrer, como fazia sempre que outros o faziam? Ou pior, e se queria mais dela?

—Você está doente, né? — A diferença dele, não podia passar por cima um insulto. Fúria e dor brilharam momentaneamente nas esferas de vivo esmeralda, substituídos rapidamente pela determinação — Poderia fazer que mendigasse. Muitos homens o fazem. Ou poderia te fazer escravo igual Delilah fará com seu rei.

Cada vez que abria a boca, menos gostava. Como podia desejá-la, então? Nem sequer por um momento?

—Você é minha inimiga, agora mais que antes. Não sou escravo de ninguém — Nunca seria um escravo de novo, disposto ou não — Só o que quero de você é sua ausência. E acredite, embora deteste, estou inclusive disposto a implorar.

Um tremor lhe sacudiu o esbelto corpo.

—Ah, sim? E acredita que seus companheiros de equipe lhe oferecerão seu sangue?

—O mais provável — Não que fosse provar uma só gota — Procurarão me manter forte. Não quererão a um membro débil que os atrase.

Ela levantou o queixo.

—Saberão que pensa matá-los. Assegurar-me-ei disso.

—Sim, mas agora são seus inimigos. Não prestarão atenção ao que diga — Não sabia se o que dizia era certo. Só queria eliminar esse olhar arrogante de seu formoso rosto.

Ela percorreu os dentes com a ponta da língua, e seu membro saltou diante a visão dessa rosada umidade. Ele franziu o cenho pela surpresa. Um desejo verdadeiro? Outra vez? Isto não lhe tinha passado desde fazia anos, e agora tinha acontecido duas vezes em dois dias.

Por que a desejava? A ela entre todas as pessoas? Uma presunçosa, uma diaba irritante com a pele de um anjo?

—Vou alimentar-me — Sussurrou com ferocidade — E depois vou fazer tudo o que esteja em meu poder para me assegurar que perca esta noite. Então, rezarei para que seja a primeira a ser executada.

Deu um passo para ele, com os punhos apertados.

—É um bode. Não é melhor que minha mãe. Não é melhor que meu pai, meus irmãos, os homens aos que minha mãe entregou a suas irmãs, os homens que a ajudaram a me destruir — O ódio gotejava por sua pele. Ódio e fúria — Sabe o que lhes fiz?

—Matou-os? —Zane se obrigou a permanecer em seu lugar, embora tudo em seu interior gritasse para que fugisse correndo antes que pudesse alcançá-lo. Não porque tivesse medo do que



ela pudesse fazer, mas sim porque tinha medo de sua própria reação. Tinha sofrido? Possivelmente tanto como ele?

—Depois de jogar com eles um pouco — Disse com tom sedoso — Pediram a morte. Ainda assim esperei dias antes de dar-lhe - Se deteve, virou-se, mas sem mover-se — OH, e uma coisa mais. Se minha equipe perder esta noite, poderia ser muito bem seu rei o executado. De fato, assegurar-me-ei disso. Pensa nisso.

Delilah permaneceu na praia, apesar de que todos outros se foram. Incluindo a Nola, sua irmã de raça... E seu novo inimigo?

Mordeu o interior da bochecha até sangrar. Toda sua vida, seu único objetivo tinha sido proteger a suas irmãs. Tanto às que queria, como às que não. Agora devia lutar contra uma.

E Layel...

O que ia fazer com ele? Tinha se perguntado durante toda a noite, mas ainda não tinha uma resposta. Eram inimigos, agora mais que antes. Ao menos, supunha-se que deviam ser.

Ontem à noite havia dito coisas cruéis. Ao princípio, tinha-lhe feito dano e houve momentos nos que quis golpear sem sentido e outros chorar em seus braços como uma mulher. Mas tinha recordado algo. Na batalha, tudo era válido. Ela sabia melhor que ninguém, e ontem à noite haviam enfrentado em uma feroz batalha de desejo. As palavras não significavam nada. As ações, tudo.

Desejava-a. A prova: só fazia um momento que a tinha olhado atentamente com puro desejo nos olhos. Mas embora a desejasse, estava claro que não queria fazê-lo. Prova: sempre se afastava.

Uma parte de Delilah estava disposta a lhe ajudar em sua luta, até que ele mudasse de opinião. Até que ele admitisse que desejava seu beijo tanto como ela o desejava. E, entretanto, a outra parte de Delilah insistia em não fazer nada, o que lhe obrigaria a lutar por ela e tratá-la como o prêmio que sempre tinha querido ser. Estava confusa pela natureza contraditória de seus desejos. Lutar por ele, o obrigar a lutar por ela. Ser dominada, dominá-lo.

Sabia que não o faria, mesmo que se tivesse permitido momentos de debilidade e quase tivesse cedido diante de uma idéia tão prazerosa. Para entregar-se a um homem, tinha que saber que ela era a coisa mais importante em sua vida. Tinha que querê-la mais que a ninguém. Tinha que necessitá-la.

Layel necessitaria alguma vez a alguém?

Alguém se aproximava, e se esticou. Escutou o rumor de uns passos sobre a areia, inclusive o tênue som de uma respiração. Não era Layel, mas este homem irradiava calor e cheirava a sexo.

—Nymph.

Incorporou-se e girou para ele, com as mãos fechadas em punhos. No caso de precisar.

—Amazona — Chegou a seu lado um momento depois. Colocando-se de frente para o mar, cuidando de não enfocar o decadente olhar nela, fechou as mãos por atrás das costas — Somos companheiros de equipe, você e eu — Disse.

Era alto, obrigando-a a olhar para cima... E acima... E acima. Tinha o cabelo claro e os olhos



azuis. Seu corpo era puro músculo, visível inclusive através da roupa. Normalmente, permanecia tão longe dos nymph como era possível depois de tudo, eram capazes de escravizar a uma mulher só com um olhar.

Entretanto, não sentia o despertar de nenhuma paixão por ele. Nenhuma obrigação de despir-se diante dele, o beijar, o tocar. Seus olhos não eram de um azul o bastante claro. Seu cabelo não era branco, totalmente desprovido de cor. Sua pele não era pálido veludo e um pouco fria ao tato. Suas feições não eram sedutoras.

—Sim — Disse finalmente — Somos.

—Para que ganhemos, tenho que continuar estando forte.

—Sim — Do que se tratava isto?

Por fim a encarou ela, seus lábios se curvaram em um terno sorriso.

—Me alegre de que tenhamos nos entendido — As palavras eram ocasionais, o tom alegre

— Prefere com roupa ou sem?

Sacudiu a cabeça, convencida que tinha escutado mal.

—O que?

—Com roupa ou sem? — Tinha o punho na bainha da camisa, disposto a levantá-la a qualquer momento.

Queridos deuses. Esperava deitar-se com ela.

—Nem sequer sei seu nome e espera que te dê a boas vindas a meu corpo?

—Meu nome é Broderick. E, sim.

Vamos ver. Como podia responder sem insultar um companheiro de equipe que poderia necessitar sua ajuda para esta noite?

—Deuses, não.

—Não? — Franziu o cenho por um momento antes de suavizá-lo — OH, quer dizer, sem roupa — A camisa estava em seus pés. Agora estava sorrindo.

—Não haverá cama — Embora, por que não o desejava? Por que não a impressionava? Era bonito, tão poderoso como tinha sido Vorik o dragão, poderia ser capaz de falar com suas irmãs de algo sem ter que lutar por ela, as machucando. Com um nymph nunca seria a única. Será exatamente o que nunca quis: uma conveniência.

Broderick perdeu o sorriso e piscou surpreso.

—Mas para manter minha força, necessito sexo.

—Então deve ter relações sexuais — Colocou as mãos nos quadris.

Ele suspirou com alívio e assentiu com satisfação.

—Onde você gostaria de fazer?Aqui?

Todos os nymph eram tão folgados?

—Não acredito que entenda o que estou dizendo, assim vou explicar um pouco melhor — No lapso de só um batimento, agarrou-lhe pelo pulso o girou e o retorceu para colocá-lo em suas costas, com um empurrão o atirou sobre o estômago fazendo tragar um bocado de areia — Não compartilharei nenhum leito contigo em nenhum lugar, nunca.

Cuspindo os grãos brancos, deu a volta e franziu o cenho para ela.





—Mas somos companheiros de equipe. Se estiver fraco, poderíamos perder.

—Isso é o que disse.

—Se perdermos, um de nós morrerá.

Esfriou-lhe o sangue, convertendo-se em rios de gelo. Ele tinha razão. Um elo fraco podia arrastar a todo um exército. Já tinha visto o que acontecia, em realidade, tinha ajudado para que acontecesse, suas irmãs, às vezes, seduziam um guerreiro e conseguiam que traísse a sua própria raça.

Não era uma perdedora e nunca admitiria bem a derrota.

Mas deitar com este homem? Este nymph? Só para ganhar? Uma vez tinha deixado que um formorian a acariciasse enquanto suas irmãs sigilosamente procuravam em sua casa às jovens Amazonas que ele tinha seqüestrado e prendido, com a esperança das treinar como sua guarda pessoal. Teria-lhe rechaçado, mas ela tinha contribuído com um sorriso. Inclusive lhe tinha acariciado a cabeça como se ele fosse seu mascote preferido.

Uma vez que tinham encontrado às garotas, Delilah tinha cortado seu pescoço.

Deixar-se tocar tinha sido por uma boa causa. Isto, também era uma boa causa, entretanto, a idéia de ter prazer com alguém que não fosse Layel de algum jeito era... abominável.

Broderick estava de pé e não parecia feliz. Os grãos de areia se agarravam amorosamente a seu peito. Areia feminina? Uma grande cicatriz lhe percorria dos mamilos até o umbigo.

As mulheres se entregavam a ele com facilidade, com entusiasmo. Isso era evidente. Delilah se perguntou se foi ela a primeira que lhe havia dito que não.

—Amazona, não encontrará meu toque desagradável, juro-o.

—Broderick, se afaste dela.

Delilah e o nymph giraram de uma vez para fazer frente ao intruso. Layel. O coração acelerou, martelando tão forte nas costelas que certamente se romperia. Sua voz estava desprovida de emoção, assim com sua expressão. Não obstante, era a visão mais formosa que já tinha visto. Sensual, duro, decidido. Meu.

Perigo... OH, sim, era. De todas as formas imagináveis, inclusive algumas que não o eram.

Um gemido de necessidade subiu pela garganta, e mal conseguiu silenciá-lo.

—Layel — Disse o nymph, e realmente não havia simpatia em seu tom.

Eram amigos, e essa amizade fazia que sua própria relação turbulenta com o vampiro parecesse muito mais escura.

—Ela é minha — Disse Layel firmemente.

Os grossos lábios de Broderick mostraram um gesto confuso.

—Mas você...

—Minha — Insistiu.

Escutar a reclamação do vampiro foi como ser marcada, as ardentes palavras a esquentaram até a alma. Deveria havê-lo rechaçado. Deviam manter as aparências. Diante dos outros, sobre tudo diante seus novos companheiros de equipe, tinha que manter-se fria, desumana. Mas não conseguia cuspir as palavras.

Ele havia dito: “Minha”, imitando seus próprios pensamentos. Ela queria sorrir.



O nymph suspirou com decepção, entretanto, deu um tom afiado a seu tom quando disse:

—Nunca usurpei a propriedade de outro homem, sabe. Se mudar de idéia...

—Não vou fazê-lo.

Espera. Propriedade? Broderick acabava de catalogá-la como propriedade do Layel?

Broderick deu de ombros e cruzou a passos longos a praia. Sua fácil capitulação confirmou o que tinha suspeitado. Não era importante para o nymph. Teria sido um corpo quente em uma larga fila de corpos quentes, olvidáveis quando o coito tivesse terminado. Não o suficientemente bom para nada mais que uma noite.

O que precisava para ser importante para um homem? Para significar algo? Para significar tudo?

Durante vários segundos nem Delilah nem Layel falaram. Ela não sabia o que dizer, realmente tinha muito medo de arruinar este momento tão embriagador.

—Não ache que me preocupo com seu bem-estar — Disse ele, sem olhá-la, com a vista fixa na distância sobre a água.

Momento arruinado. Ainda decidido a rejeitá-la, verdade? A decepção a balançou, mas ajeitou os ombros e levantou o queixo. As palavras não significavam nada, recordou uma vez mais. As ações, tudo.

—Não pense que rejeitarei um homem se o quiser.

Um músculo se contraiu na obstinada mandíbula do Layel.

—Então me diga. Se não me quer para si mesmo. Por que recusar o formoso Broderick? — Disse.

Passaram vários segundos com uma lentidão angustiante.

— Te verei no campo de batalha, Amazona — Foi tudo o que disse ao final.

E então, também se afastou.

## Capítulo 7

—Layel desapareceu.

Alyssa, feroz soldado do exército vampiro, olhou para cima ao rei nymph, avaliando sua reação diante o anúncio. Valerian era o único homem em quem Layel verdadeiramente confiava. O único homem que contava como a um amigo. Layel respeitava os seus guerreiros, é obvio, era justo e generoso com sua gente. Mas se mantinha a distância, sempre afastado.

Ainda assim, desde que o soberano nymph tinha estabelecido uma aliança com os dragões para manter a paz e posse de seu palácio, a amizade ficou estremecida, e por isso Alyssa não podia estar segura da inocência de Valerian.

Havia Valerian machucado Layel, o rei vampiro responsável por centenas de mortes de dragões, para apaziguar o seu novo aliado?

O rei nymph franziu o cenho, a preocupação iluminando seus formosos olhos azuis.



—Quanto tempo faz que desapareceu?

Essa preocupação parecia genuína, e Alyssa experimentou uma rajada de alívio. Layel não estava em condições de sofrer outra perda devastadora. Não sobreviveria. Se é que ainda vivia.

—Este é o segundo dia — Disse — Ele desapareceu em metade... — Alyssa cambaleou, tudo na cabeça repentinamente lhe dando voltas, os joelhos mais fracos do habitual. De algum jeito conseguiu permanecer em pé.

—Mulher? — Perguntou Valerian agora com a preocupação dirigindo-se a ela.

—Esquece a interrupção. Estou bem — Mas não o estava. Necessitava sangue. Sangue que não tinha sido capaz de tomar em meses. Mais tempo e morreria, nem toda a determinação ou força que tivesse seria capaz de salvá-la — Ele desapareceu em meio de uma batalha no Bosque dos Dragões.

Valerian não era fácil de distrair.

—Encontra-te mau? Agora temos a uma curadora na residência. Brenna...

Não se atrevia a olhar ao homem junto a Valerian. Olhos à frente.

—Estou bem — Repetiu firmemente — Estávamos falando de Layel...

Seu cenho se aprofundou em seu limite. Era um homem muito bonito, provavelmente a criatura mais sensual e formosa que os deuses haviam alguma vez criado. Tinha cabelo dourado, um duro e musculoso corpo e um erotismo que irradiava dele sem importar onde estivesse ou que o que estivesse fazendo.

Fêmeas jovens e maiores constantemente se jogavam nele, embora houvesse uma só mulher que ele desejava. E essa mulher estava agora sentada em seu colo, franzindo o cenho tão profundamente como ele.

—Layel já desapareceu antes — Disse a Rainha Shaye, aplaudindo o braço de seu companheiro em uma tentativa de confortá-lo.

O peito da Alyssa doeu diante a visão do óbvio amor de um pelo outro. Queria isso para si mesma. Tinha acreditado, por uma só noite, que o tinha encontrado. Quão equivocada tinha estado.

Uma vez mais tinha que recordar em manter os olhos focados em algo distinto do soldado parado junto a Valerian. Shivawn.

Tinha estado faminta dele desde a primeira vez que o tinha visto e a fome só tinha crescido. A primeira vez que o tinha visto, tinha ansiado sua amizade, sua feroz lealdade. Mas ao fazer-se mulher, essa ansiedade se converteu em sexual. Para sua absoluta devastação, ele nunca tinha querido ter nada com ela. Exceto uma vez... Depois de ignorá-la durante anos, finalmente tinha permitido atraí-lo a sua cama. Por horas, ela tinha se dado um banquete com seu corpo. Tinha saboreado cada som que tinha pronunciado, cada movimento que tinha feito e cada delicioso batimento de seu coração. Tinha sido a mais deliciosa noite de toda sua vida.

Mas quando o ato amoroso tinha terminado, ele tinha ido. Nenhum terno adeus, nenhum beijo de despedida.

Nenhuma tentativa de capturá-la e atraí-la de novo a seus braços ao dia seguinte. De fato, não lhe tinha falado após, mesmo que quando tinham topado várias vezes. Só com seu olhar, não



obstante, tinha irradiado sua mensagem perfeitamente: ela era uma moléstia. Inferior a ele. Não era digna. Queria odiá-lo. Em troca, recordava. Ainda o desejava. Possivelmente para sempre.

Seu olhar se moveu por própria vontade, pousando nele, e seu coração saltou um batimento. Era alto; o cabelo cor areia caía em ondas sobre os largos ombros. Ele olhava além dela, justo por cima de seus ombros. Sua expressão transmitia aborrecimento, como se não pudesse esperar a que se fosse.

Quando entenderia? Ir-se era a única coisa que nunca poderia fazer, não sem ele. Patético por parte dela, sim. Mas apesar de quão cruel ele estava resultando ser, agora o necessitava para subsistir. Muito mais tempo e ela verdadeiramente morreria. Ele simplesmente não sabia ainda.

—Minha companheira diz a verdade — Disse Valerian, reclamando a atenção da Alyssa uma vez mais — Layel frequentemente toma uns dias para si mesmo.

—Entretanto, nunca tinha abandonado a sua própria gente sem uma palavra ou pelo menos sem avisar sobre quando retornaria. Nunca tinha ido sem deixar a um segundo no comando. E sabe tão bem como eu, que nunca iria durante uma batalha contra dragões.

—É verdade. — A pele bronzeada de Valerian empalideceu, os fortes braços se esticaram ao redor de sua companheira. Ela era como a neve recém caída, com o prateado cabelo branco e sua pele tão luminosa que virtualmente resplandecia. A única cor nela eram seus grandes olhos escuros. Era humana, uma filha do mundo da superfície, com sangue que cheirava puro e doce.

Ou pelo menos estava acostumado a ser, os deuses tinham obsequiado aos vampiros, humanos que eles não queriam que danificassem esse mundo da superfície. Mmmm, ela recordava quão deliciosos tinham sido. Ninguém tinha sabor melhor.

Exceto Shivawn.

Tinha-o saboreado essa noite em que ele a tinha permitido seduzi-lo. O sensual poder que tinha encontrado em um só gole, a embriaguez... Enjoada, quase perdeu o equilíbrio de novo. Tinha sido incapaz de tomar uma só gota do néctar carmesim de qualquer outro após.

OH, tinha tentado. Mas tudo tinha sabor de podridão quando o comparava ao Shivawn e só lhe dava náusea. Finalmente, tinha deixado de tratar de alimentar-se. Tinha perdido peso, força, e agora passava mais tempo na cama que fora dela. Estava se voltando mais e mais se desesperada por ter outra provada do Shivawn.

—Mandarei uma tropa percorrer as cidades do Interior e Exterior — Disse Valerian — O encontraremos.

—Outro vampiro também desapareceu — Disse ela — Zane, um guerreiro. Ele é selvagem, inclusive imprevisível, mas é leal a Layel e sei que não o teria machucado.

Pensativo, Valerian tamborilou a bochecha.

—Dois vampiros desaparecidos, diz?

—Sim.

—Nenhum outro?

Ela negou com a cabeça.

—Dois? — Insistiu.

—Sim.



—Isso me perturba, já que dois de meus nymphs estão desaparecidos. Dois de minha elite. Tinha pensado que toparam com companheiras de cama e simplesmente tinham perdido o curso do tempo. Mas...

Dois vampiros, dois nymphs.

—O que poderia significar isto?

—Me perguntou se alguma das outras criaturas estão desaparecidas —Valerian dirigiu um olhar a Shivawn — Entra nas cidades, inteira-se do que acontece e me informe. Quero uma resposta pela manhã.

Shivawn deu um rígido assentimento e girou os pés calçados com botas.

—Meu senhor — Se apressou a dizer Alyssa, aproximando-se ao estrado do rei. Se tivesse sido qualquer outra criatura, seus guardas a teriam atacado. Porque era um vampiro, servente de Layel, a ação era tolerada — Devo insistir em acompanhar seu soldado.

Shivawn, que não se deteve durante seu discurso, deteve-se abruptamente. Continuou dando as costas a ambos, Valerian e Alyssa. Ao tempo que parava ali, o cabelo trançado nas têmporas ondeava atrás e adiante, os ornamentos chocando-se entre si.

—E eu devo insistir em ir só, meu rei.

Os olhos dela se estreitaram nele, mas não lhe dirigiu suas palavras.

—Seu homem não conseguirá fazer nada se é forçado a repelir cada mulher que se encontre. Mais que isso, zangará os homens daquelas mulheres escravizadas e se recusarão a ajudá-lo.

Shaye suspirou, um som de rivalidade feminina.

—Ela tem razão. Vocês os nymphs e sua maldita magia. Arruínam tudo!

Magia?

—Tudo? — Perguntou roucamente Valerian à rainha, como se soubesse exatamente o que ela queria dizer. Nesse mesmo momento, eles eram as únicas duas pessoas na câmara, todos outros foram esquecidos.

A humana riu e beijou sua bochecha.

—Bem, talvez não tudo.

Outra dor atravessou o peito da Alyssa ao mesmo tempo que Valerian olhava meigamente a sua companheira. OH, ser amada dessa maneira.

—Shivawn — Disse Valerian — Leva a vampira contigo.

Girando, irradiando indignação, Shivawn franziu o cenho.

—Meu rei, eu...

—Faça — Foi à firme e penetrante interrupção.

Transcorreu um momento. Logo outro. O repentino silêncio era denso e opressivo. Constrangedor. Shivawn queria discutir. Sabia pela forma em que apertou as mandíbulas, o batimento debaixo do olho e os punhos que tratava de manter escondidos aos flancos.

Alyssa afastou o olhar dele. Ao final, ele não recusaria seu rei. Mas sua vacilação a feria tão profundamente que desejava deixar cair sobre os joelhos e soluçar. Teria-lhe dado boas-vindas a alguma outra mulher, estava segura. Por que a odiava tanto? Esclarece sua mente. Não mostre a profundidade de sua ferida.



Com os membros tremendo, ela estudou a habitação do trono. Os chãos eram de mármore branco salpicado com prata, as paredes de ônix negro salpicado com jóias de todas as cores. Desde safiras a rubis, desde esmeraldas a diamantes, estas piscavam para ela, zombando com sua formosura e pureza.

Por que me odeia tanto? Perguntou-se de novo, incapaz de sepultar a pergunta esta vez.

Você sabe a razão, simplesmente não deseja admiti-lo. Verdade. Admitir a verdade significava perder toda a esperança de ganhar o homem. Não havia esperança. Para o Shivawn, era, e sempre seria defeituosa, porque desprezava os demônios e os vampiros; e ela formava parte de ambos por igual. Ele não sabia ninguém sabia, mas ele devia sentir a certo nível.

Aos demônios culpava pela morte de seu pai tantos anos atrás. Um crime no que se viu envolta inadvertidamente, entretanto ele não sabia isso tampouco. Nunca saberia se dependesse dela.

Aos vampiros desprezava por sua necessidade de sangue, já que um quase o havia matado. Essa noite, em sua cama, quando ela tinha afundado os dentes em seu peito, quase a tinha esbofeteado. Apenas tinha arrumado para lhe deter a mão.

Depois que ele se foi, ela tinha se desculpado e enviado convites para que se reunissem de novo. Tal como a ignorava quando estava presente, tinha ignorado seus convites. Mas... As vezes poderia ter jurado que ele estava escondido nos arredores, seu olhar buscando-a. Ilusões, pois nunca o tinha visto. Treinada como estava, teria encontrado um rastro. Um rastro. Um fio de seu cabelo.

Inclusive se não necessitasse seu sangue, teria sido capaz de afastar-se dele? A resposta a isso não era nada novo. Não. Afastar-se era perder toda a esperança de ganhar. Não somente sou um demônio, vampiro e familiar do homem que destruiu seu pai. Sou uma descerebrada, também. Outro defeito. Como tinha pensado antes, não havia esperança. Algumas vezes, entretanto, podia enganar-se a si mesma.

—Muito bem — Disse finalmente Shivawn, seu tom era rígido. Deixou a habitação sem outra palavra.

Frustrada com ele, Alyssa girou para a formação de guerreiros vampiros, alinhados contra a parede.

—A metade de vocês se unirão ao exército de Valerian na busca de nosso rei. A outra metade retornará ao palácio. Informarei sobre nossos descobrimentos pela manhã.

Acostumados a seguir ordens dela quando Layel não estava, assentiram e saíram em fila da câmara. Lutando contra outra onda de enjôo, Alyssa seguiu a Shivawn.

A escuridão cairia logo de novo, e quando o fizesse o primeiro desafio começaria. Embora ontem ele tivesse construído armas, tinha passado várias horas juntando os ramos perfeitos para um arco e flechas. O deus finalmente tinha dado sua permissão para usar e não lhes seriam retiradas de novo. Tinha passado várias horas mais afiando e polindo. Suas mãos estavam agora em carne viva, e suas unhas, que tinham sarado logo depois de seu encontro com o escudo de ar, estavam uma vez mais cobertas de sangue seco. Ele estava fraco pela perda deste e precisava



alimentar-se.

Mas não o fazia. Não o tinha feito.

Em seu tolo e odiado desejo por Delilah, tinha abandonado seu único propósito: morte a todos os dragões. Nada mais e nada menos. A mulher tinha ocupado muitos de seus pensamentos, tinha-o torturado com sua feminilidade, enchendo de preocupação por seu bem-estar e quase o enforcando de ciúmes. Ciúmes.

Não permitiria nunca mais.

Ela não tinha importância para ele. Susan importava. Sempre o faria só Susan.

Provarei. Agora mesmo ele revoava em uma árvore, oculto pelos ramos e a grossa folhagem verde, olhando para baixo à equipe de Delilah. Seu arco estava carregado, sua flecha pronta para atravessar o coração da besta.

—... Trabalhar juntos — Estava dizendo Tagart — É a única maneira de ganhar. Estavam reunidos em um círculo, um fogo ardendo, alguma espécie de peixe ancorado sobre o fogo, assando e enchendo o ar com um doce aroma. Todas as criaturas estavam escutando intensamente, absortos olhares enfocados em Tagart. Exceto Zane, que se sentava atrás, afiando um ramo com suas garras tal como Layel fazia.

Delilah dava as costas a Layel, o cabelo ondeando grosseiramente, como fios que seus dedos estavam se desesperados por acariciar. Se ela ficava de pé, Layel a mataria em vez do dragão. Layel dizia a si mesmo que não se importava. Que já a tinha evitado muitas vezes. Entretanto, escutou a si mesmo?

—Como podem saber que teremos a oportunidade de trabalhar juntos — Perguntou Delilah — Em vez de um a um para representar o grupo? O deus não especificou.

Sua voz o estremeceu, um abraço, uma tentação. Os dedos estreitaram o arco fortemente. Relaxe, maldição. A madeira se quebrará com um pouco mais de pressão. Gradualmente, os dedos perderam o agarre. Até tinha um claro tiro de Tagart, poderia perdê-lo em qualquer momento. Faz! Fere-o.

—Não sei. Não estou seguro — Disse Tagart — Mas temos que estar preparados para algo. Se não estivermos...

—Um de nós morrerá — Terminou Delilah pelo dragão, sua voz agora era severa.

O guerreiro assentiu seriamente.

Está olhando um dragão. Nunca antes tinha vacilado. Por que agora? As mãos de Layel permaneceram quietas apesar da guerra interna, entretanto ainda não disparava a maldita flecha. Fez chiar os dentes entre si, envergonhado e aborrecido. Tinha vindo aqui com um propósito. Desviar-se disso de novo era vergonhoso.

—Mas se ganharmos, nosso irmão na equipe perdedora poderia morrer — acrescentou Delilah miseravelmente.

—Escutaram o que disse o deus. Estão-nos provando. Nossa tempera, nossa determinação. Devemos decidir quem é mais importante? Eles? Ou nós?

Cada músculo do corpo de Layel se esticou diante isso. Eles ou nós? Ecoou em sua cabeça. Eles ou nós? Se matasse Tagart, estaria condenando Zane? Um guerreiro que tinha jurado





proteger? Não importava Delilah. Não pense nela, não se atreva a pensar nela.

O que fosse que Layel fizesse alguém ia morrer esta noite.

Zane... Tagart... Delilah... Ele queria aos últimos dois desaparecidos, mas não seria capaz de viver consigo mesmo se por engano ferisse o primeiro. Mas se sua equipe perdia, ele seria muito provavelmente eliminado. Depois da forma em que eles o tinham olhado esta manhã, sabendo que tinha considerado matar a todos... Talvez ser o primeiro a morrer fosse o melhor. Talvez então, poderia finalmente unir-se a Susan.

Não, quase gritou. Não, não. Não ainda. Mais do que queria aniquilar os dragões nesta ilha, queria aniquilar o rei dragão. Darius. Só o nome o fazia grunhir. Darius deveria ter detido seus guerreiros de ferir Susan, deveria ter tido um melhor controle sobre eles.

Tal e como se supunha que eu deveria ter tido o controle de meus homens. Afastou o pensamento a um lado. Seu crime não tinha destruído a Susan.

Uma vez, a cerca de seis meses atrás, Layel quase tinha tido êxito em matar o soberano dragão. Mas então tinha visto Darius com uma amante humana e tinha recordado a Susan e seus poucos dias de felicidade. Nesse momento de debilidade, Layel tinha se afastado.

Agora a mulher de Darius estava grávida. Outro dragão nasceria. Era inaceitável. Sua culpa.

Jurei nunca me afastar de uma matança de novo, recordou, os olhos uma vez mais estreitando-se em seu objetivo.

Layel queria tão desesperadamente unir-se a Susan. Tudo o que precisa fazer é arrasar toda a raça de respiradores de fogo. Um a um... O dedo se crispou detido. Os dentes chiaram entre si.

Uma cinzenta brisa bramava por diante dele, sacudindo as folhas. Se fizer isto, Delilah te verá como um covarde. Não digno, sem honra. Bem. Era-o. Os dedos se esticaram... Esticaram. A corda do arco estirada, pesada. Quase pronta... Logo. Queria que Delilah pensasse pouco dele. Não, corrigiu-se, necessitava que ela pensasse pouco dele. Outro dedo se crispou. Tagart se moveu, o arco de Layel movendo-se com ele, mantendo o tiro perfeito. Direto ao enegrecido coração do homem, fatiando-o em dois como havia feito com incontáveis outros.

—Há algo que devo fazer. Voltarei em breve — Disse Delilah, ficando rapidamente de pé e bloqueando o Tagart.

Layel congelou. Se mova, mulher! Finalmente tinha se convencido a agir.

Ela permaneceu no lugar. Não era tão alta como o dragão, assim a flecha de Layel se cravaria entre seus olhos. O suor lhe banhava a pele. Ele poderia tentar e disparar a flecha para o rosto de Tagart, alcançando um olho possivelmente, ferindo a amazona, mas isso não necessariamente o mataria ou inclusive não entorpeceria o bastardo.

—Não terminamos aqui — Disse Tagart bruscamente a Delilah — Ainda há muito mais por discutir.

Ela agitou o cabelo sobre seus ombros e riu.

—Tenta me deter e olhe o que ocorre. Além disso, deve-me um “obrigado” por isso.

—Um obrigado? Por quê? O que vai fazer? Fazer uma cama e me seduzir?

Houve uma pausa.

—Algo está seriamente muito errado com os homens por aqui — Murmurou ela.



Os lábios do guerreiro formaram uma linha fina. Obviamente queria pressioná-la, mas pela razão que fosse, decidiu calar suas objeções.

—Bem. Vai. Mas não chore por nosso perdão se você for à razão pela qual nossa equipe fracasse.

—Então, espera fracassar?

Ele balbuciou.

—Não.

O grupo dos centauros se elevou sobre as quatro patas e se aproximou dela. Sempre mediador, o homem-cavalo disse:

—Tagart tem razão. Agora não é o momento...

—Talvez não fui clara — O interrompeu Delilah — Não ficarei aqui. Dirijo-me ao bosque para pensar, sozinha. Não se atrevam a me seguir — Rápida como um estalo, agarrou uma de suas adagas de madeira com a mão e a girou na palma. Lançou-a ao ar, e a apanhou — Entendido?

Ninguém disse outra palavra.

A minguante luz do sol a acariciou, Delilah se afastou deles. Seus quadris se balançavam, uma dança de emparelhamento que Layel não era o único macho em notar. Todos seus companheiros de equipe a observavam, a luxúria resplandecendo em suas expressões. Layel lutou contra a feroz urgência de voar da árvore e cortar seus pescoços enquanto que ela se dirigia ao bosque. Finalmente, desapareceu da vista e ele relaxou.

Agora. Haja agora. Não havia melhor momento. Nada mais importava. A vingança será de Susan, o descanso será dele. Se concentre, se concentre. Maldito fosse, o centauro bloqueava cada tiro mortal, involuntariamente protegendo a Tagart. Bem, então, simplesmente acabaria com o centauro, também, decidiu.

—Não posso acreditar — Sussurrou ferozmente uma zangada voz feminina.

O reconhecimento escorregou sobre sua pele com toda delicadeza como se fosse o cabelo de répteis das gorgonas. Duro, mordente e inegável. Seu pênis se inchou, o odiado traidor. Mas não podia negar que uma parte dele a tinha aguardado, tinha... Esperado. Maldita mulher.

Lentamente, ele baixou o arco e a flecha e flutuou da árvore, aterrissando frente à Delilah. Sua essência de gota de chuva imediatamente invadiu seu nariz, embriagadora e erótica. Seus olhos cor lavanda cintilaram como se uma tormenta elétrica acontecesse dentro deles.

—Como soube que estava aqui?

Ela arqueou uma escura sobrancelha, e ele pôde distinguir que sua pergunta a ofendia. Como se ele devesse esperar mais dela. Talvez devesse.

—Cheirei-o.

Ele deslizou a língua pela ponta de uma presa, simplesmente tamborilando atrás e adiante. Ela era tão consciente dele? Tão consciente dele como ele o era dela? Com as perguntas houve uma intensificação da sempre presente excitação que o infestava cada vez que ela se aproximava.

Fome. Só fome, assegurou-se. Por sua própria conta, os olhos observaram seu pescoço. Uma vez mais, seu pulsou estava martelando. Selvagem. Uma vez mais, encheu sua boca de água.

Ela inclinou o queixo a um lado enquanto o estudava, sua fúria parecia desvanecer-se.



—Está mais pálido que o usual. Por quê?

—Retorna com seus novos amigos — Disse bruscamente, tão irascível como tinha sido Tagart. Não queria que ela notasse coisas a respeito dele. Especialmente os pequenos detalhes, o tipo de coisas que um amante notaria. Não queria que se preocupasse com ele em nenhum nível.

Sua outra sobrancelha recuou se unindo à primeira em uma tenaz careta.

—Eu gosto onde estou. Pode se afastar de mim.

Não o fez. Os pés estavam presos no lugar. Esta mulher... O atraía, retinha-o, por razões que não tinham nada que haver com sua sede de sangue.

Aí. Tinha-o admitido sem dar uma desculpa. Ainda odiava o conhecimento com todo seu ser, ainda planejava resistir, mas não podia negar o efeito que tinha sobre ele por mais tempo. Queria estar perto dela.

Por que ela, depois de tantos anos?

Por que agora?

—Se necessitar sangue — Disse ela, escolhendo passar por cima da ausência de resposta a sua pergunta — Toma o meu.

Nunca havia feito uma oferta mais tentadora.

—Por que ofereceria tal coisa?

Deu de ombros, provavelmente tratando de parecer casual, não afetada. Entretanto a vulnerabilidade obscureceu sua íris violetas em uma profunda cor púrpura.

—Por quê?

Os exuberantes lábios vermelhos se pressionaram entre si em uma fina linha.

Ele engoliu seco. Tão exuberantes, tão vermelhos, eles estavam amadurecidos para serem tomados.

—Minha resposta é não, sem importar a razão — Mas a necessidade de beber dela e só dela era forte, apenas controlável.

Com os olhos estreitos, avançou para ele.

—Veio me matar, e te ofereço meu sangue. Não tolerarei aborrecimento da sua parte agora. Um excelente ponto.

—Não estou aqui por você — Admitiu.

—Mentiroso.

—Sempre questiona a veracidade de minha afirmação quando não minto. —Ele não podia ter silenciado a admissão sob nenhum preço.

A surpresa desceu sobre sua expressão, colorindo suas bochechas em um rosado vibrante.

—Por quem, então?

—Não importa. Não o fiz. —Sua depreciação ameaçava lhe arrancando a vida.

A compreensão emergiu. Exatamente o que ela acreditava compreender?

—Não deveria nem sequer estar aqui — Disse ela — Espiar para sua equipe é para covardes.

—Por favor. Só desejo estar do outro lado da ilha, escutando as estratégias do meu grupo. Além disso, não preciso espiar para te derrotar. Segurei-te debaixo de mim, recorda? — No momento em que as palavras escaparam dele, a lembrança de quando ela o tinha segurado



cintilou por sua mente. Suas pernas abertas sobre ele, seu centro tão perto que só tinha que elevar a cabeça para saboreá-la.

Claramente, ela também recordava.

Suas pupilas se dilataram e essa cor rosada se estendeu de suas bochechas, lentamente cobrindo sua mandíbula até a clavícula. Ao tempo que cortava mais a distância entre eles, ela tamborilava seus lábios com a ponta da língua.

—Pare — Ordenou, inclusive enquanto se aproximava paulatinamente a ela e também a essa língua...

Um gemido escapou dela, um gemido.

—Não posso.

O que está fazendo? Agindo como o covarde que o tinha chamado, cessou de mover-se para sua ruína e realmente recuou, até que se chocou contra a árvore.

Ainda assim, Delilah avançava.

—Um de nós poderia ser a pessoa que irá morrer esta noite — Disse ela roucamente.

—Nós não seremos escolhidos — Se forçou a dizer, inclusive embora tivesse pensado o mesmo tão somente uns momentos antes.

—Não pode saber com segurança. — Por fim ela o alcançou, estava simplesmente a um sussurro de distância. Seu calor corporal se irradiava para ele, o rodeando, atraindo-o mais perto. Ele sempre tinha preferido o frio, ou tinha pensado que o fazia. Este calor o cativava envolvendo nos inexoráveis fios de desejo que só ela parecia ser capaz de entrelaçar.

Tão pequena como era, a parte superior de sua cabeça só chegava ao queixo. Surpreendentemente seu cabelo azul flutuava com a brisa, pregando-se à camisa e a pele como se alguma parte dela tivesse que estar em contato com ele. Tragou, a boca secando, o sangue correndo a uma velocidade frenética.

Antes que pudesse as deter, as mãos estavam nos quadris dela, mantendo-a cativa. As unhas estavam tão afiadas que deviam estar cortando sua pele, mas ela não fez nenhum protesto. Não, ela se inclinou mais perto, até que as duras pontas de seus mamilos se esfregaram a camisa. Até que suas pernas encaixaram entre as suas, balançando sua ereção.

Ele não podia pensar, não queria pensar.

—Sei que ambos somos fortes e decididos e não permitiremos que nada aconteça — Disse ele tentando... Tão bom, tão malditamente bom... Pensar em algo exceto em possuí-la. Tomá-la. Escutar seus gritos de prazer em seus ouvidos. Havia ele estado falando de morrer, ou de lhe fazer amor? Não podia dizê-lo com segurança.

—Desejo-te — Ela admitiu. Suas pálpebras baixaram na metade — Antes. Em Atlantes. Disse a mim mesma que não podia permitir. Disse que seria um engano. Disse-me que precisava me manter afastada de você. Mas agora mesmo, só posso pensar em uma coisa da qual me arrependerei se morrer.

Pressiona-a!

—E qual é essa? — As palavras emergiram amortecidas, roucas.

—De não conhecer seu beijo — Não lhe pediu permissão, nem sequer lhe deu a



oportunidade de responder. Simplesmente se elevou nas pontas dos pés e enlaçou os lábios, a língua metendo-se dentro de sua boca.

Ele gemeu o som mais animal que humano. O calor... O sabor... O desespero... O encheram, consumiam e aniquilavam. Sim, algo dentro dele morreu. Ou se quebrou. O quer que fosse uma sensação pulsou pelo intumescimento que ele tinha forçado sobre seu corpo com a ferocidade de uma tormenta de inverno, arrasando tudo em seu caminho, estendendo-se... Estendendo-se tão rapidamente que não tinha controle. Não estava seguro de que queria controlá-la.

Grunhindo, mantendo Delilah presa em seus braços, foi à carga para frente. Anos de negação do instinto emergiram a superfície, demandando que se apoderasse do controle. Muito tempo. Não tinha estado com uma mulher em muito tempo. Não tinha desejado a uma em duzentos anos, e agora todos seus desejos latentes estavam repentinamente se revelando, desesperados e ávidos.

Quando as costas de Delilah golpearam uma das árvores, ela ofegou. Seu corpo a sustentou e penetrou a língua mais profundamente, tomando tudo e demandando mais. Segurou-lhe a mandíbula, não para detê-lo e sim para sustentá-lo e incliná-lo para um contato inclusive mais profundo. Seu agarre era tão feroz que ela teria quebrado os ossos de um homem menor. Gostava disso. Gostava que estivesse tão perdida na paixão como ele estava.

—Mais — Exigiu ela.

—Pede — Disse ele, porque ia contra a mesma natureza do que ela era. Podia recusar-se, podia rejeitá-lo, e a loucura finalmente terminaria. Talvez inclusive se afastasse zangada e ele poderia recuperar seus sentidos.

Suas mãos se moveram para a cabeça dele e suas unhas se cravaram no couro cabeludo, tão afiada como adagas.

—Por favor.

Ele estava surpreso pela súplica, inclusive tão surpreso que caiu mais profundo na paixão. Com um toque em seu tornozelo, separou-lhe as pernas e balançou a ereção contra ela, dureza contra suavidade.

Em um estremecido gemido, ela disse:

—Sim, sim. Assim. Mais.

—Pede — Desta vez, era uma súplica dela. Ele estava desesperado por escutar a petição em sua voz.

—Por favor, por favor. Layel, por favor — Com cada suplicante ofego, a excitação dela parecia aumentar.

Permitiria-lhe ter controle completo, precaveu-se ele em estado de choque. Esta poderosa amazona voluntariamente se submeteria a suas demandas. O conhecimento queimou dentro dele ao tempo que tomava um de seus seios. Sentiu a rigidez de seu mamilo através da roupa, mas não era suficiente. Arrastou as garras sobre o material, rasgando-o pela metade e liberando seus seios. Eram pequenos e firmes, perfeitamente nivelados.

Mais... Mais... Ele necessitava mais, sentia-se louco de necessidade. O doce sabor de sua pele era aditivo, uma droga. Seus gemidos eram como a entrada do céu.



Ele beliscou um doce e rosado mamilo e esfregou o duro e ofegante membro entre suas pernas. Se pudesse desejar que sua roupa desaparecesse. Pele com pele; morreria sem isso.

—Coloca suas pernas ao redor de minha cintura.

No momento em que obedeceu, ela se retorceu e gemeu.

—Layel. OH, deuses. Tão bom.

Enquanto ela tratou de cavalgar sobre seu membro através das roupas, a mente dele produziu um só pensamento, todo o resto foi esquecido: penetrá-la. O que tivesse que fazer para que acontecesse, faria. Tinha que entrar nela. Despi-la. Atirá-la... Sim, sim. Ele afastou os farrapos restantes de seu Top a um lado e a empurrou para o chão.

—Vai tomar-me. Tudo.

—Sim.

A paixão fluía por ele, repentinamente sua única razão para viver. Permitiu que todo seu peso se estabelecesse sobre ela ao arrastar-se para baixo, pouco a pouco. Sua língua tamborilando e banhando seu perolado mamilo.

Mais... Mais... Nunca tinha sido assim. Tinha que ter mais.

—Não pare. Nunca pensei... Tão bom.

—Deterei-me se disser para me deter. — O poder estava chegando a ele, urgindo-o a seguir, lhe demandando que tomasse mais — Entendido.

—Por favor. Mais. Quase ali...

Com a mão entrou sob sua pequena saia, passando a fina barreira de roupa entre suas pernas. Estava quente, úmida. Tão úmida. Tão apertada. Experimentou uma onda de possessividade enquanto colocava um dedo profundamente e ela gritou, alto e comprido, tão penetrante e doce. Seus músculos internos se apertaram ao redor dele, tomando o último prazer.

Mais... Mais... Sim, tinha que ter mais.

—Layel, Layel.

Incorporou-se subitamente, os dentes expostos, preparado para tomar seu sangue enquanto o membro tomava o controle de seu corpo. Mas tinha que soltá-la para liberar o pênis, e não podia forçar-se a soltá-la. Um momento depois, o dilema foi tirado. Umas mãos fortes se situaram sobre seus ombros e o afastaram de Delilah.

—Bastardo! — Ouviu ele.

Layel vaiou de fúria e se lançou contra seu novo oponente. Necessitava Delilah. Ninguém a tiraria. Estava carregado com tanta paixão e fúria, uma fúria escura, desejo, mais desejo, era como lava dentro dele.

Tagart foi atirado ao chão. No instante seguinte Layel estava ali, afundando as presas na veia do dragão. O sangue encheu sua boca, tão quente como fogo. Familiar.

Mais Delilah. Mais, gritava sua mente. Mata ao dragão, retorna a Delilah.

O guerreiro lhe golpeou com o punho a mandíbula, e ele foi jogado para um lado. Estava sobre seus pés um instante depois, cálido sangue gotejando do rosto. Um passo, dois, ele avançou como um predador focado em sua presa.

Delilah se colocou frente a ele, ofegando, as bochechas rosadas pelo clímax. Não se



incomodou em cobrir os formosos seios enquanto estendia para o alto as mãos para acalmá-lo.

—Layel — Disse preocupada — Se Acalme. Tem que se acalmar.

Não é Susan, gritou repentinamente sua mente. Ela não é Susan. Ela não tinha direito a estar preocupada com ele. Não tinha direito a beijá-lo ou tocá-lo. Ele não tinha direito de beijá-la e tocá-la em resposta. Beber dela, regozijar-se em seu prazer.

O fogo em suas veias morreu velozmente, já nem sequer fervia. Deixando só dor e arrependimento. Ele se tranqüilizou, fazendo o melhor que pôde para recuperar o fôlego, enquanto a vergonha o atravessava.

Tagart se deteve no lugar, sua expressão faiscando com fúria.

—Se aproxime dela de novo, e não vacilarei em te matar.

—Não vacile agora, bastardo de fogo.

O dragão dobrou os joelhos para saltar, mas Delilah negou com a cabeça e ele ficou quieto.

—Não estava me machucando — Disse ela.

Tagart olhou de Delilah a Layel, de Layel a Delilah.

—Mas gritou.

—De prazer — Admitiu, brilhantes mancha de mortificação subindo pelas bochechas.

A compreensão se acendeu em seus olhos, e Tagart franziu o cenho.

—Não se preocupe — Disse Layel, seu tom mais frio do que alguma vez o tinha sido — Nunca mais me aproximarei dela. É sua — Com isso, foi tão rápido como lhe permitiram os pés.

## Capítulo 8

Um gongo soou atravessando a noite aparentemente tranqüila, seguida pelo eco de um sussurro. A praia...

Delilah quase grunhiu: Não. Agora não. Ainda não. Apenas fazia um momento que Layel tinha terminado de beijá-la. Durante esse beijo, o mundo ao seu redor se desvaneceu, destruindo tudo o que alguma vez tinha conhecido, antes que outra âncora assumisse o poder: sua língua, seu toque. Ele. E então se afastou dela, deixando-a só com o dragão. Não, não tinha caminhado. Tinha se deslocado como se demônios devorassem sua pele. Deixando-a seminua, doída. Confusa. Ele não havia tornado a olhar para trás.

Tinha deixado-a tal como Vorik o tinha feito.

Com as mãos tremendo ela se inclinou e recolheu o que restava do Top. Precipitadamente o pôs ao redor, atando-o no centro o que provocou que os peitos se elevassem e juntassem. Maravilhoso. Se corresse, ricocheteariam. Por outra parte, possivelmente Layel gostaria disso. Tola.

Tagart não se afastou enquanto se vestia. Observou-a todo o tempo através das pálpebras entreabertas, com os dourados olhos brilhando. Bastardo.

—O rei vampiro verdadeiramente não te quer — Disse ele.





Podia ter separado a cabeça do corpo por isso, por expressar o que ela mais temia. “O rei vampiro verdadeiramente não te quer”. Layel a tinha deixado e tinha jurado que nunca se aproximaria dela outra vez, outorgando veracidade à declaração de Tagart. Mas... Essa paixão não podia ter sido forçada. Mais que isso, Layel tinha combatido com o dragão como um louco. Por ela. Sabia que tinha sido por ela.

Por favor, permite que tenha sido por ela.

Quando não respondeu, Tagart suspirou.

—Sabe muito bem que Layel é o inimigo. Nosso inimigo, não só meu agora mesmo.

Sim, ela sabia isso. Só que não importava. Podia ter declarado que suas ações tinham sido pelo bem da equipe. Um beijo para suavizar e debilitar o vampiro. Entretanto, o alarde não podia sair de sua língua. Finalmente tinha descoberto a magia nos braços de um homem. Não tinha desejos de manchar essa lembrança.

Mas maldito fosse, nunca havia se sentido tão viva. O que aconteceu com Layel... O que tinha experimentado nos braços do vampiro... Tinha sido uma posse. Por esse breve tempo, ela tinha sido a coisa mais importante em sua vida, e teria traído a sua tribo, sem mencionar a sua equipe, por ele. Teria-lhe seguido a qualquer lugar, teria rogado para sempre.

Tinha-lhe dado prazer, desenfreado, liberdade para simplesmente experimentar. Ela tinha culminado ao redor de seus dedos, com sua boca sobre o mamilo. Havia sentido o raspar de seus dentes afiados, mas ele não tinha perfurado a pele, algo com o qual deveria ter ficado muito contente, porque voluntariamente lhe tivesse dado tudo o sangue do corpo, embora só pôde permanecer em seu abraço.

Nesse momento, ele tinha tido poder absoluto sobre ela. Longe de zangá-la como deveria fazê-lo, deleitou-se com o conhecimento. Não podia tê-lo detido. Não podia ter escapado. Estremeceu enquanto recordada. Tinha sido sua cativa, não tinha se preocupado com nada e tinha celebrado o conhecimento de que estava a salvo, protegida, valorizada, e pôde entregar-se por completo sem nenhum tipo de rechaço. Com Vorik, nunca tinha perdido suas inibições e simplesmente voltar-se selvagem em seus braços. Preocupava-se com tudo. Estou fazendo certo? Gosta disto? Deveria fazer mais?

—Não vai responder, Amazona?

—Sei que é nosso inimigo — Foi tudo o que disse.

—Esperava mais de você. Uma combatente feroz. A mesma mulher que me lançou de lado durante a batalha faz só um dia.

Piscou para ele com surpresa. Tinha tido tantos adversários, que não poderia recordar nem um só rosto de dragão.

—Lutamos?

Ele levantou as mãos com desgosto.

—Sou tão insignificante, que nem sequer recorda.

—Briga mais duro a próxima vez — Sugeriu amavelmente.

Longe de agradecer-lhe grunhiu com fúria.

—Cada vez mais estou menos seguro do por que me preocupo com você. Possivelmente



—você e o vampiro estão aliados desde o começo. Uniu-se a você no campo de batalha e cada vez que te vejo, está perto dele. Ou lhe observando. Está te pagando para fazer cair a sua própria equipe? Um clímax por cada perda?

Ela fechou o punho e o golpeou, movendo-se tão rapidamente que ele não teve tempo de proteger-se. Os nódulos se estrelaram contra o nariz, rompendo-o. Ele uivou de dor, de indignação. Inclusive deu um passo para ela, como se tivesse a intenção de lhe devolver o golpe com um dele. Mas não o fez.

Olhou-a furioso, o sangue gotejando pelo queixo.

—Faz isso outra vez e lamentará.

—Os dragões conseguiram a fúria das amazonas quando ataram a uma de nossas irmãs. — Lily. Pobre, doce Lily. Como o estava passando? Delilah empurrou a preocupação fora da mente. Era isso, ou distrair-se — Que sejamos companheiros de equipe é a única razão pela que está ainda vivo. E agora que o ridículo jogo dos deuses está começando, vejamos quanto tempo permanece assim. — Soprou-lhe um beijo indiferente, assombrada de ver que as feridas agudas em seu pescoço se torciam fechando-se e que com um rangido o nariz voltava para seu lugar novamente.

Os dragões e os vampiros eram curadores velozes. Infelizmente, as amazonas não eram. Quando se feriam, eram tão sensíveis como os humanos. A recuperação de um osso quebrado podia levar semanas, inclusive meses. Essa era uma das razões pelas qual treinavam tão rigorosamente. Impedir as lesões era necessário para a sobrevivência.

Sem outra palavra, ela se pôs em marcha. O gongo soou outra vez. O que aconteceria se ignorava? Outra rajada de água em sua cara? Provavelmente. Os passos aumentaram em velocidade, e logo um centauro a ultrapassou.

Qual poderia ser o primeiro desafio? Briga a espada? Combate mão à mão?

Um ramo nu a esbofeteou a bochecha, e ela roçou a ferida fresca. Aí foi quando se deu conta de que ainda tremia pelo beijo de Layel. Ainda estava ardente, dolorida. Tagart não a tinha acalmado, a chamada não a tinha acalmado. Pela Tocha da Kreja, o clímax não a tinha acalmado.

Pior, sabia que se Layel tivesse ficado perto, se ele tivesse mostrado a menor ansiedade, teria caído de novo diretamente em seus braços. Algo para ter toda sua força envolta ao redor, sob as palmas, seu para lambê-lo

Maldito Tagart por interromper! Amaldiçoou uma parte dela.

Elogiados os deuses porque ele interrompeu! Regozijo-se outra parte.

Associar-se com o inimigo simplesmente pelo prazer ridículo! E completamente contrário ao código do amazonas. Agora, o mais provável é que tivesse que enfrentar ao rei vampiro no campo de batalha. Outra vez. Esticou a coluna vertebral e jogou mão de cada pinga de determinação que possuía. Zangado como ele estava, poderia tentar lhe machucar em primeiro lugar.

Se fosse assim, teria que matá-lo.

Atravessou a folhagem e por fim chegou à areia resplandecente. A luz da lua, formosa luz da lua, banhava a ilha em uma névoa âmbar. As ondas dançavam sem uma preocupação, orvalhando gotas sobre a costa com delicioso abandono.



Várias das criaturas já esperavam diante dela, e seus olhos se ampliaram enquanto distinguia a... Coisa larga, sinuosa, frente a eles. Feita de madeira, estendia-se através da água. Múltiplos espigões bicudos balançando-se a ambos os lados. Sussurro. Zumbido. Sussurro. Havia buracos esculpidos nas pranchas inferiores.

Alguém que caminhasse ao longo disso seria ou golpeado pelos espigões ou cairia no oceano, onde os tubarões já o rodeavam permanecendo perto como se pressentissem um delicioso bocado. E se não estivesse equivocada, guerreiros do mar estavam também na água, às lanças elevadas, os dentes brilhando enquanto sorriam.

Confusa, Delilah caminhava ao lado... Ela procurou em sua mente mas não pode recordar o nome do Minotauro, embora ele estivesse em sua equipe. Era alto, com pelagem cobrindo cada polegada da cara de touro e o corpo humano. Dentes de sabre se projetavam dos lábios até o queixo. Dois chifres rosa se levantavam a cada lado da cabeça em lugar de orelhas.

Ela tinha invadido um Acampamento Minotauro uma vez. Os homens touro não tinham tido um rei em séculos, mas um se levantou entre suas filas e tinha tentado tomar as rédeas do poder. Para demonstrar sua força e que não tinha medo, a tola criatura tinha insultado quase a cada rei e rainha em Atlantes.

Kreja, rainha amazônica então e agora, tinha decidido lhe ensinar o engano do caminho que seguia e lhe tinha ordenado a Delilah que conduzisse o exército à batalha. Delilah tinha escolhido um ataque surpresa, considerando a débil raça indigna de um ataque direto. Durante uma tormenta, infiltrou-se no meio deles e simplesmente cortou as extremidades do corpo do bastardo.

Ao dia seguinte, tinha entregue cada uma dessas extremidades a alguns dos reis e rainhas que ele tinha insultado. Perguntou-se como teria reagido Layel diante o presente, de ter sido um dos destinatários.

—O que é isso? — Perguntou-lhe o minotauro agora, assinalando com a cabeça a monstrosidade que havia diante do caminho.

Ele girou a cabeça e a olhou de acima a abaixo. Procurando armas, provavelmente. Ela agitou as pestanas para ele, lhe projetando: Sou inofensiva. Não tem nada que temer. Se as acusações de Tagart alcançassem a seus companheiros de equipe, o mais provável é que tratassem de matá-la enquanto dormia. Poderiam acreditar, também, porque ela tinha deixado a reunião muito abruptamente.

Deuses, iria ter que ganhar sua lealdade.

Lentamente o homem touro relaxou.

—Acredito que se chama manopla. Minha mãe estava acostumada me contar histórias a respeito de guerreiros valentes que tentaram derrotar semelhantes coisas.

Manopla... A palavra se reproduziu através de sua mente, finalmente estalando em seu lugar. Os contos para a hora de dormir tratavam sobre soldados valentes forçados a correr por toda a longitude para provar seu valor. A trepidação borbulhou em seu peito, seguida rapidamente pela excitação. O perigo sempre tinha esse efeito. A metade dela o odiava enquanto a outra metade prosperava bem nele.



Possivelmente sempre tinha sido uma mulher dividida. Possivelmente não podia pôr suas necessidades em duelo para conquistar e ser conquistada aos pés de Layel.

Como se os pensamentos o tivessem convocado, uma deslizante navalha negra apareceu na praia. Layel tinha chegado. Seu estômago estremeceu, e os joelhos debilitaram. A umidade alagou entre as pernas. Deuses. Não estava perto dela, mas quase podia sentir seus dedos no interior, bombeando-a até a satisfação.

Seu efeito era ainda mais potente que a idéia de perigo, pois não havia uma só parte dela que o odiasse. Vêem mim, projetou. Ele não o fez. E necessitou de toda a força de vontade para permanecer em seu lugar, ou ao menos, não mover-se.

Deveria lhe chamar? Olhar seus olhos, isso era tudo o que ela necessitava. Felizmente, ele tinha acalmado, esquecendo esses demônios invisíveis.

Ao final, ela não teve que fazer nada. Ele a confrontou, uma olhada rápida antes de desviar o olhar. Normalmente aparentava ser frio, retraído. Algumas vezes, como fazia pouco, feroz. Mas agora o ódio tinha retornado. OH, tinha retornado o aborrecimento. O calor e a força que emanava eram cegadores.

Por que?

Ela procurou por todos os cantos da mente mas não podia recordar nada que pudesse haver feito para o ofender. Ele poderia, como ela, estar lutando contra os desejos contraditórios? O tinha perguntado antes, mas nunca tinha parecido à possibilidade mais provável.

Ela sabia o porquê o fez. Queria ser mulher e guerreira, respeitada por suas irmãs e amada por um homem. Qual era seu raciocínio?

—Se nos fazer fracassar — Disse Tagart, de repente a seu lado e bloqueando Layel de sua vista — Te matarei. Não duvide.

Ficou rígida. No passado, ninguém teria conseguido aproximar-se às escondidas. Maldito Layel e a estranha atração que exercia sobre ela!

—Possivelmente não se deu conta de que suas ameaças não significam nada para mim.

Nola se aproximou pelo outro lado, e Delilah se afastou do dragão. Um insulto, sabia. Como se fosse tão insignificante que não merecesse sua atenção. Entretanto, manteve seus ouvidos atentos, em caso de que ele decidisse lhe golpear.

Ele grunhiu desde em sua garganta, mas nunca se moveu para atacar.

—Isto não pode terminar bem — Resmungou Nola. As mechas do cabelo escuro roçando sua bochecha e açoitando os olhos — Odeio que tenhamos sido separadas. Minha equipe deixa muito a desejar.

Embora nunca tivessem sido próximas, a lealdade de Delilah pertencia a os de sua própria raça. Não se esqueça.

—Sem importar as ordens que recebamos, não te trairei ou te machucarei. Tem minha palavra.

O olhar fixo da Nola se centrou na manopla.

—Quero acreditar. Faço-o. Mas...

—Não. Nenhum deus vai trocar minha lealdade.



—Não posso acreditar que isto esteja ocorrendo realmente. Quero ir para casa. Quero abraçar Lily. Quero recuperar minha vida, buliçosa como era.

—Todo mundo aqui quer retornar a Atlantes, mas não podemos. Assim vai deixar de pensar nessas coisas e se concentrar na tarefa pendente. É uma ordem. É a única maneira para assegurar sua sobrevivência.

Nola se arrepiou, mas um momento passou e lhe dedicou outra inclinação de cabeça.

—Está bem. Sim.

O alívio do Delilah foi de curta duração.

—Chegou a hora.

A voz do deus chegou repentinamente, sem prévio aviso, e o corpo já rígido de Delilah deu um puxão. Esta voz soava diferente, mais profunda que a que se escutou ontem, mais áspera que a de antes. Um terceiro deus? Olhou ao oceano, onde o ar e a água ao lado da manopla se misturavam, espessando-se, salpicando e já tomando a forma de um homem. De novo, nenhuma cara era visível.

—Cidadãos de Atlantes — Chegou à voz de novo — Esperamos que tenham tido suficiente tempo de se prepararem para esta primeira prova de força. Se não, não são os guerreiros que pensamos que fossem e estaremos altamente desapontados.

Repentinamente um trovão retumbou no céu. Um segundo depois, nuvens escuras se formaram por cima dos guerreiros e da manopla, e gotas grossas caíram sobre o grupo em um duro aguaceiro. Delilah não se incomodou em limpar a água da cara, não lhe daria ao deus a satisfação.

—Na vida, assim como neste jogo, há muitos obstáculos. Um movimento em falso e poderiam ser destruídos. Recordem...

O relâmpago se moveu brilhando a grande velocidade, iluminando o deus por uma fração de segundo. Debaixo da máscara de água, Delilah acreditou ver a face de um homem gloriosamente bonito. Olhos azuis brilhantes, cabelo de sedoso mel. Lábios perfeitos curvados em um delicioso e perfeito sorriso.

—Se alinhem — Ordenou. A chuva se misturou com gelo, golpeando contra eles, machucando.

A princípio, ninguém se moveu. Estavam eles, como ela, desgostados pelo comportamento deste deus? O que aconteceria continuavam negando-se?

Resistentes a descobri-lo, finalmente formaram penosamente três fileiras separadas um por um. Logo estavam de pé sobre uma plataforma plana. Havia dois caminhos idênticos diante do patíbulo, cada um conduzindo a um idêntico caminho. Ela estava tremendo, o frio nublando com cada fôlego dela, enquanto estudava a manopla deste novo ângulo. Como tinha chegado até este ponto? Podia ter dedicado sua vida a dominar a arte de combate, mas nunca tinha imaginado estar envolta em algo tão sinistro como isto.

Tagart afastou a cotoveladas Delilah e reclamou a primeira posição de sua equipe. Ela pensou em protestar, então deu de ombros. Deixe-o liderar. Ele poderia ser o primeiro a cair, o primeiro a ser empurrado.



Na outra linha, Brand assumiu a liderança e Layel flutuou para o espaço logo atrás dele. Seu braço roçou o dela, uma lenta carícia de fogo. Involuntário? E por que estava morno? Estava normalmente tão frio como o gelo que caía agora do céu. Não olhe, não se atreva a olhar. Iria distraí-la, possivelmente destruiria sua determinação.

—Um afortunado componente da equipe trabalhará para assegurar que todos os membros saiam de uma batalha, não só ele mesmo — Disse o deus — Sugiro que usem todos os meios necessários para manter à equipe, para que cada um de vocês chegue até o final. — Um trovão retumbou, e o deus esclareceu voz — A primeira equipe que chegar ao final, Vence. Não só irá gozar do calor de nossa aprovação, mas também será recompensado por seus esforços, lhes daremos de presente algo que certamente desejam ainda mais que outra manhã. Um vislumbre de seu lar, seus seres queridos.

Uma olhada de seus seres queridos... De Lily. Ela tremeu ante a força repentina de sua determinação, tudo enquanto continuava combatendo o desejo de confrontar a Layel, medir sua reação pelo anúncio do deus. Havia alguém em sua casa, lhe esperando? Talvez, uma mulher, aconchegada em sua cama?

Não olhe, não olhe, não o faça, fez, sua vontade quebrada pela necessidade. Olhou-o. Conteve a respiração na garganta. O vampiro estava observando-a, e os olhares se chocaram tão abruptamente como a tormenta.

Qual rapidamente, o sangue se esquentou com desejo renovado. Renovado? Como se o zumbido doce alguma vez a tivesse deixado.

Os mamilos se arrepiaram outra vez, os joelhos se debilitaram.

Antes que pudesse voltar a lhe dar costas, descartando-a, ela voltou a concentrar a atenção no deus. Instantaneamente os olhos se lamentaram pela perda de seu decadente rosto.

—Antes que comecemos, há uma regra que devo mencionar. Se um participante cair na água, essa criatura deve retornar ao início e começar de novo. Um pequeno castigo por falhar. Se quiserem ajudar a sua equipe ou não. Pôr- obstáculos a sua equipe ou não. A decisão é sua. Só sei que estaremos observando, julgando. Decidindo. —Com apenas uma pausa, o deus acrescentou — Partam.

Passou um momento antes que Delilah notasse que a competição tinha começado. Tagart, também vacilou, inclusive quando Brand deu um salto para frente.

—Vamos, vamos, vamos! — Gritou ela, empurrando Tagart sobre o limite. O coração lhe acelerou no peito, a adrenalina surgindo forte. Ele tropeçou, deslizando pela madeira coberta de gelo. Quando estabilizou, fez um rápido movimento. Ela permaneceu perto de seus calcanhares, apenas capaz de ver além da pesada chuva. A primeira lança com picos se balançou diante ela, e se escondeu. Passou como um assobio. Um dos picos a fez um corte na omoplata. Houve um aguilhão afiado, um correr de sangue quente, e escorreu.

Não se deteve.

—Salta — Gritou Tagart.

Ela fez, enquanto um buraco se abria repentinamente sob seus pés, os tubarões nadando justo debaixo, estalando para ela. Seus dentes eram largos, brancos e bicudos. Enquanto



aterrissava, com os joelhos amortecendo o impacto, gritou por cima do ombro:

—Salta!

O minotauro não reagiu tão velozmente como ela e falhou em obedecer a tempo. Começou a cair, abaixo, abaixo, rapidamente. Não sabendo se fazia bem ou mau, Delilah se deteve, deu-se a volta e se deixou cair sobre o estômago, lhe agarrando por braço. As palmas golpearam entre elas, e ele se segurou a ela com frenético desespero. Seu peso quase a deslizou de sua posição.

O membro da equipe que ia atrás do minotauro saltou e aterrissou nas costas de Delilah com suas penas de centauro tirando-a o ar dos pulmões. O bastardo continuou galopando, obviamente decidindo que ela não valia o esforço. Tanto para seu grupo quanto a manter a união à equipe.

—Sobe — Gritou o centauro, seus olhos movendo-se entre ela e o peixe faminto debaixo dele. O suor gotejou da escura pelagem, e ela perdeu agarre. Seus dedos escorregando.

—Se agarre mais forte, maldição!

Um sorridente tritão nadou para o touro e se estirou, tentando lhe agarrar os tornozelos. Enquanto isso ela se esforçou em levantá-lo. Era forte, mas ele era tão pesado que sentiu como se os braços estivessem sendo arrancados das articulações.

—O chute — Ordenou ela através dos dentes apertados. Cravou as pontas das botas nas pranchas de madeira e girou os quadris. Lentamente, com cada movimento, ela retrocedeu lentamente — Não permita te agarrar.

Outro membro da equipe a golpeou nas costas, e quase perdeu o agarre outra vez. Isso quanto a jogadores em equipe. De algum jeito conseguiu manter a sujeição bem forte esta vez, inclusive enquanto o minotauro se agitava violentamente para evitar o risonho tritão.

Layel apareceu a seu lado, sobressaltando-a. Olhou para cima, envergonhada por necessitar ajuda mas feliz de vê-lo de todos os modos. Não a tocou ou disse uma palavra enquanto introduzia a perna no oco. O pé se estrelou contra a cara do minotauro.

—O que está fazendo? — Gritou ela, a chuva lhe enchendo a boca.

O minotauro soltou e a agarrou o pulso com a outra mão.

—Deixa-o ir.

—Não!

Layel chutou o touro outra vez.

Uns braços firmes se fecharam repentinamente sobre sua cintura, uma grossa perna passou lhe roçando a têmpora e conectando com o peito de Layel. O vampiro foi jogado para trás e seu ajudante lhe deu um forte puxão, arrastando Delilah sobre seus pés e o minotauro a salvo. Ela levantou o olhar, ofegando, e viu Tagart.

Seus olhos estavam sombrios, a cara atalho e ensangüentada. A água gotejava de suas bochechas em pequenos riachos.

—Vamos. — Deu a volta e se foi, relutante em esperá-la.

Ela esfregou o ombro e tropeçou para frente. Enquanto se movia, um brilho negro pela esquerda atraiu sua atenção. Layel tinha recuperado o equilíbrio e agora tinha chegado a sua altura em seu lado da manopla, observando-a através dos olhos vermelhos de ira. O tempo pareceu parar, o dragão e o minotauro correndo velozes para a linha de meta e outros





companheiros de equipe apressando-se atrás dela, seu penoso trote muito lento.

Decidida, aumentou a velocidade. Cada passo a sacudia seu ombro e a atravessava com mais dor, mas não se importou. Fugiu dos picos e saltou os buracos sem perder o ritmo.

Notou que Layel, simplesmente flutuava por cima dos buracos. Nunca ficou atrás, nem se adiantou. Realmente, qual era seu propósito? Podia havê-la mutilado, podia atrasá-la e ter ganho, mas não o fez.

Um pêndulo se balançou diante e ela se agachou, logo compreendeu que havia um ritmo no jogo. Passo, passo, agachar-se. Passo, salto. Passo, passo, agachar-se. E outra vez, ela aliviou os movimentos. Duas vezes, deu uma derrapagem através do gelo escorregadio, mas as duas vezes conseguiu deter-se antes de deslizar-se diretamente à água.

Onde estava Nola? Tinha alcançado a garota já o final? Ela olhou, escorregando.

Se concentre. Agachando-se quase até seu estômago enquanto a lança zumbia por cima, o olhar de Delilah se conectou com os de Layel como presos fortemente por uma corrente invisível. Ele já tinha conseguido chegar ao pico e se afastava de lado, junto a um buraco.

Um de seus companheiros de equipe tinha caído pelo buraco, ela viu, pendurado por uma só mão. Sem deixar de olhá-la, Layel pisou nos dedos da criatura. Houve um grito dolorido. Então nada. Depois um esguicho. Logo um grito. Abriu a boca involuntariamente em estado de choque. Por que havia feito isso? Tinha posto obstáculos a sua própria equipe, sentenciando-os a perder.

Para mostrar que não tinha remorso quando se tratava de assassinar?

Para ajudar ela a ganhar?

O pensamento era embriagador. Vergonhoso, mas embriagador. Queria jogar-se em seus braços, senti-lo abraçá-la. Ouvi-lo proclamar a todo mundo que era dele, pertencia-lhe, e seria capaz de tudo para assegurar sua felicidade.

Alguém a agarrou pelo braço, e ela gritou ante a renovada agonia no ombro. Deslizou o olhar para seu atormentador. Tagart.

Lançou-lhe um escuro olhar.

—É a última. Anda pressa! — Com isso, empurrou-a com força para frente.

Ela tentou recuar. Bobamente, não queria que Layel perdesse. Mas era muito tarde. Em segundos, chegaram ao final. Viu cada um de seus companheiros de equipe curvada, ofegando em busca de ar. Mas estavam ali, o qual queria dizer que sua equipe tinha ganho. Os gritos de vitória logo rasgaram o ar, mais forte até que o estrondo de um trovão.

Deu a volta enquanto Layel alcançava a sua equipe. Estavam encurvados e ofegando, também, mas não fizeram uma ovação quando viram o vampiro. Grunhiram de fúria. Ele era a razão pela que tinham perdido, e sabiam.

—Pagará— Grunhiu Brand.

—Você o pisou! — Rugiu um centauro — Você pisou em Errem.

Errem, o formorian em questão, coxeou por volta da linha de chegada pouco tempo depois. Seu único braço se aferrava a sua articulação com tiras de carne vermelha. Como todos os de sua raça, possuía uma só perna. A essa perna faltavam partes de músculo. Suas duas asas estavam arruinadas, apenas capazes de bater as asas, mas mantendo-se direitas. Ferido como estava, ainda



atacou a Layel por trás.

Franzindo o cenho, Layel ficou atrás dele, agarrou à criatura e a lançou para cima. Caiu. Errem golpeou a madeira, fazendo que a plataforma inteira vibrasse. O formorian não se levantou. Só ficou ali, ofegando, as lágrimas caindo por suas bochechas.

—Podia ter me ajudado — Cuspiu Errem — Podiam ter me ajudado.

—Mas não fiz — Respondeu Layel friamente. Ele olhava fixamente a Delilah enquanto falava, como se cada ação sua fosse em seu benefício. Pensou que a afastaria, repelida por ele? Esperava que o fizesse?

A violência não lhe era chateava. Ela tinha feito coisas muito piores através dos anos.

Sem saber o que fazer, Delilah afastou o olhar e foi em busca de Nola. Encontrou à garota em um canto, olhando-a carrancuda. Culpando-a pela derrota?

Apesar de tudo, Delilah se moveu pesadamente para ela. Pouco antes que alcançasse seu objetivo, entretanto, cada um na equipe perdedora desapareceu. Estavam ali em um momento, fora no seguinte. A princípio, Delilah olhou ao redor confusa. Então seu estômago se apertou enquanto a compreensão se estabeleceu.

Eliminação.

Um membro não retornaria de seu conselho com os deuses. E depois da forma que a equipe tinha olhado furioso a Layel, ela não teve que adivinhar que membro seria nessa equipe.

No lapso de um batimento, Layel se encontrou sentado diante de um fogo, com árvores lhe rodeando. A chuva se deteve. Maldição! Estava cansado de ser introduzido e tirado de lugares sem advertência. Ele mesmo tinha essa habilidade mas poucas vezes a utilizava, não gostava da sensação de esgotamento total que sempre acompanhava ao transporte. Entretanto, preferia tratar com o cansaço que com o poder aparentemente invencível do deus. A liberdade de escolha era algo que ele valorizava.

Seus companheiros de equipe se sentaram em círculo ao redor dele. Eles, também, tinham aparecido aqui. Que... Maravilhoso.

—Você empurrou de propósito o formorian à água — Grunhiu Brand sem preâmbulos.

Layel arqueou uma sobrancelha, mas verbalmente não respondeu. Recusava explicar-se ante a um respirador de fogo.

Em realidade, nem sequer poderia explicar a si mesmo. Não pensava que tinha agido para impedir à equipe de Delilah perder. Desprezava essa mulher e seus perigosos beijos. Mais que isso, se tivessem perdido, Tagart poderia ter sido o que morreria, um pensamento que agradava ao Layel.

Tagart.

Os dentes de Layel cortaram as gengivas e saboreou seu sangue na língua. Tagart claramente desejava Delilah, obviamente a queria para si mesmo. O bastardo dragão era indigno de sua paixão. Todos os homens o eram.

—Ele pisou em minha mão — Chorou Errem, o tirando de suas escuras divagações.

Brand tomou uma posição elevada. O fogo crepitou, a luz âmbar dançava sobre seu rude



semblante. Suas mechas de cabelo golpeando juntos em uma pulsação desfavorável.

—Você nos custou à vitória, chupa sangue.

Em vez de dirigir-se ao dragão, Layel olhou ao formorian.

—Você nos custou à vitória, e sabe. Simplesmente é muito covarde para admitir. Se não tivesse caído no buraco e freado nosso impulso, não teria conseguido pisar em sua mão, não é?

As bochechas machucadas da criatura se coloriram de vergonha, um arco íris de vermelhos, azuis e negros. Seus brilhantes olhos verdes se acrescentaram ao efeito de arco íris.

—Não me culpe disto! Teria subido com segurança.

—Com seu braço ou sua perna? — Mofou sem piedade — É o mais fraco entre nós e teria feito com que perdêssemos de qualquer modo, se subisse por vontade própria ou não. Fará com que percamos cada prova, não duvido — Sacudiu a cabeça com repugnância, embora secretamente admitia que a repugnância não era pela doença da criatura. Mas que sua ação resultava do desejo que tinha visto nos olhos de Errem cada vez que a criatura olhava Delilah — Merecia ser ferido.

Surpreendentemente Brand não respondeu a isso. Nenhum deles o fez.

Em meio do silêncio, a mente de Layel retornou a Delilah e a seu beijo... As presas se estiraram até mais. Tinha tido a língua e os dedos dentro dela. Tinha esfregado o pênis inchado contra ela. Teria bebido dela e teria se deitado com ela se Tagart não tivesse interrompido.

Nem sequer uma vez tinha pensado em Susan.

Nem sequer uma vez tinha importado que não foi a voz suave de sua companheira dizendo com voz rouca seu nome, suas mãos suaves lhe arranhando as costas. Não, Susan não o teria arranhado. Seu amor sempre tinha sido sensível, tão doce como Susan mesma. Tinha saboreado cada instante com ela.

Nem sequer uma vez havia esse sentido desejo de dominá-la como o sentiu com Delilah. Tinha querido possuir a alma da amazona. Marcá-la em seu interior, reclamar cada célula para si mesmo. A necessidade tinha sido feroz, uma crescente onda de confusa, luz e escuridão.

Por isso, tinha traído Susan mais do que nunca. Não merecia prazer. Não merecia felicidade. E que os tivesse experimentado, até por tão breve tempo, fez-lhe tão patético e vergonhoso como os dragões. Com tudo e isso...

Quando Delilah tinha tratado de alcançar a seu companheiro de equipe, quase caindo durante o processo, seu primeiro instinto tinha sido agarrá-la. Salvá-la, mantê-la perto. Protegê-la. Conteve-se a princípio, dizendo a si mesmo que seria mais fácil assim. Ela cairia, possivelmente morreria, definitivamente seria ferida. E deixaria de desejá-la ardentemente.

Finalmente, entretanto, tinha sido incapaz de resistir. Moveu-se para ela. Em lugar de tocá-la, entretanto, tinha tentado desalojar ao bastardo que a segurava. Teimosa como ela era, tinha querido salvar o membro de sua equipe. O que Tagart tinha ajudado a fazer.

Layel pôs a mente em branco enquanto apertava os dentes. Está feito. Não pode voltar e mudar o que aconteceu.

Enquanto se focava no aqui e o agora, precaveu-se de que Brand se pôs de frente a ele. Os olhos dourados o fitavam, quentes, selvagens.



—Fiz-te uma pergunta, e não serei ignorado mais tempo.

—O que pergunta?

—A ti ocorre fingir ignorância?

O desgosto varreu através dele, seguro e potente. Tinha estado cismado e longe da conversa. Entretanto, não se confessaria responsável por isso. Em troca, tirou uma das adagas de madeira, movendo-se com a velocidade de um raio para esfaquear a jugular do Brand. Mas a folha desapareceu de sua mão, fazendo que Layel atacasse o dragão com os dedos. Brand abriu a boca para jogar fogo.

—Se sentem — Ordenou uma estonteante voz. Uma voz feminina desta vez, embora tão poderosa como as vozes masculinas que tinham escutado antes.

Ele franziu o cenho. Quantos deuses estavam puxando os fios? Observando-os? Torturando-os? Esta era o quarto. Olhou à esquerda, à direita, sem surpreender-se de que não pudesse ver a forma do ser.

—Até a próxima vez, bastardo de fogo — Disse.

—A próxima vez, chupa sangue. Se sobreviver à eliminação, o qual não acredito que seja o caso. — Apertando os dentes, Brand pisou com força de retorno a seu assento.

Layel fez o mesmo, tristemente suspeitando que Brand estava correto. Esta seria provavelmente sua última noite vivo. Merecia a morte, embora ainda não estava preparado para ela. Mas não pelas razões de costume, maldito pelos deuses. Descobriu, nesse instante, que lamentava morrer sem saborear a Delilah completamente.

—Aqui estamos, no círculo dos perdedores, o primeiro desafio completado. Alguns de vocês mostraram mais coragem que outros. Algum de vós mais debilidade. — Houve uma pausa. Layel tinha notado que os deuses amavam suas dramáticas pausas — No final, deixaram seus adversários os superar, e por isso ganhou nosso desagrado. Enquanto a outra equipe celebra sua vitória, colhendo suas recompensas, estão aqui diante de mim, um de vocês destinado a morrer.

Outra pausa, desta vez furiosa.

—Devido ao fato de não nos conseguirmos um acordo entre nós, deixaremos a votação para vocês — Disse a deusa — A criatura com a maioria dos votos será a que irá enfrentar a execução. Posso recomendar o dragão ou o vampiro?

Com suas últimas palavras, um grunhido varreu ao redor deles tão feroz como o vento. Só afiado. Cortando. Layel pensou que ouviu as palavras “Sem interferências”, mas não podia estar seguro.

A deusa suspirou, então articulou uma risada afogada claramente forçada.

—Só um pouco de humor negro, é obvio. Escolham a quem quiserem, mas digno de ser eliminado, o guerreiro que causará que vocês percam repetidas vezes se ficar em sua equipe.

Layel elevou o queixo, ainda quando estremeceu seu coração. Sua morte nunca tinha sido mais certa, pois seus companheiros de equipe nunca poderiam confiar nele.

—Brand. — Ela disse seu nome com... Aversão? — Pode começar.

—Necessitamos tempo — Disse o guerreiro — Tempo para falar e decidir.

—Em realidade, o que precisamos é ser enviados para casa. — Layel acreditava que estava a



ponto de morrer, assim, por que não dizer o que pensava? — Este jogo é brutal. Nunca deveríamos ter sido trazidos aqui.

—Brand — Respondeu bruscamente a deusa, e Layel fechou os punhos por ser ignorado — Vota. Agora.

Um por um, os membros disseram sua escolha. Layel se sentou rigidamente, e quando seu turno chegou uma espada se materializou e gravitou justo sobre o fogo. Esperando... Esperando um branco. E então o último voto foi entregue.

—E assim está feito — Disse a deusa.

A afiada prata girou no ar e eliminou o primeiro membro da partida.

## Capítulo 9

Delilah se sentou na praia, a manopla já não estava em seu lugar. Fazia pouco tempo, cada peça de madeira se desvaneceu como a bruma com o amanhecer. O que mais lhe surpreendia, de qualquer forma, era que já não piscava quando coisas estranhas aconteciam. Tendo sido transportada de um lado a outro, várias vezes, tendo visto os deuses aparecer e desaparecer no prazo de um batimento de coração, tinha aceito a contra gosto que agora as coisas estranhas eram simplesmente parte de sua vida.

As ondas cobriam seus pés e os tornozelos enquanto sua mente dava voltas com compreensão. Quando a equipe perdedora tinha desaparecido, seu primeiro pensamento foi o bem-estar do Layel. Não o da Nola, como devesse ter sido.

Deuses, o que é o que estava errado com ela?

Possivelmente o beijo do vampiro a tinha marcado, profundo na alma, e estava agora atada a ele para toda a eternidade. Possuída por ele. Uma escrava das suas ordens. Obcecada, sua para adorá-lo. Gemeu.

Nem sequer o prêmio que sua equipe recebeu por ganhar o desafio tinha diminuído sua preocupação por ele.

Fazia menos de uma hora, um redondo e intrincadamente emoldurado espelho tinha aparecido frente a sua equipe. O deus não tinha mentido quando tinha prometido uma recompensa. “Desfrutem”, havia dito uma voz. “Fizeram bem e nos orgulharam”. Tinham olhado o espelho simultaneamente, mas aparentemente cada um tinha visto algo diferente: à pessoa que mais sentiam saudades em Atlantes.

Delilah tinha visto Lily.

A delicada garota estava estabelecida de forma cômoda e segura no Acampamento das Amazonas, mas tinha estado envolta nos braços da rainha, chorando. Por Delilah. Ambas as mulheres assumiam que ela e Nola estavam mortas. Estavam se lamentando, e Lily culpava a si mesma.

Justo quando Delilah tinha alcançado o espelho, determinada a sacudi-lo até que Kreja ou



Lily a vissem, este havia se desmaterializado como a manopla. Tinha gritado e amaldiçoado em vão. Todos eles o tinham feito. Para acalmar-se, tinha tido que fechar a mente e acalmar a respiração, e repetir em voz baixa que Lily estava viva, Lily estava bem. Triste, mas bem. Uma preocupação a menos. E então, ansiando seus fortes braços a seu redor, Delilah tinha começado a revisar a ilha em busca dele.

Cada volta a tinha dirigido de novo diretamente a este lugar. Estava Layel ainda com vida? Já tinha sido aniquilado?

Uns passos soaram atrás dela. Não virou, para não deixar que o intruso soubesse que havia notado sua presença. Seu modo pesado de caminhar lhe informou que era um dragão; o aroma a especiarias e escuridão lhe informou que se tratava de Tagart. Possivelmente, se o ignorava, se fosse.

la direto para ela.

—Preocupada com seu amante? — Perguntou, arrastando as palavras.

Não era sua noite de sorte, depois de tudo.

—Está bêbado.

—Sim. Não é maravilhoso?

—Onde encontrou vinho?

—Cada dragão possui uma mítica habilidade. Alguns podem respirar sob a água, outros podem viajar de um lugar a outro em uma abrir e fechar de olhos. Alguns podem ver qualquer pessoas em qualquer lugar simplesmente dizendo seu nome. Eu posso converter água em vinho — Vergonha e vestígios de aborrecimento vagavam na profundidade de suas palavras. Por quê? — Onde está seu vampiro? — Perguntou-lhe antes que Delilah pudesse pressioná-lo ainda mais — Morto?

O coração se cambaleou dentro do peito, uma visão do Layel jazendo imóvel, o sangue amontoando-se a seu redor, cintilou-a em sua mente.

—Vai para o inferno, Tagart — Ficou de pé de um salto, disposta a não lhe dar nenhum tipo de vantagem. Inclusive uma tão simples como a altura.

—Preocupa-se por ele — Era uma afirmação, não uma pergunta.

—Já tivemos esta conversa, e não vou tê-la de novo.

—Tem razão. Eu... Sinto.

Uma desculpa? Em efeito, devia estar bêbado para havê-la devotado. Abriu os olhos de par em par, e estudou o homem responsável por isso atentamente. Era tão forte como Layel. Escuro, atraente, extremo. Flexível e capaz. Não vacilaria em destruir a um inimigo. E, admitindo a contra gosto, tinha-a ajudado-a durante o desafio. Por que não podia seu corpo ansiar a este homem? Sabia de primeira mão quão luxurioso podia ser um dragão.

—É valente — Disse ele, cambaleando-se ligeiramente — E não teme. Faríamos uma grande equipe.

—Estamos na mesma equipe.

Ele ondeou uma mão pelo ar, cambaleando de novo.

—Refiro a nós. Juntos. Somos os mais fortes do grupo, os mais competentes.



Tudo o que pôde fazer foi piscar.

—Não entendo o que é o que está tentando me dizer.

—Amazona tola — Riu, um som de verdadeira alegria. Sentava-lhe bem, iluminava suas feições e afastavam as sombras que sempre pareciam rondá-lo. Agarrou-a pelo ombro, mas logo decidiu não tocá-la e deixou cair o braço de lado — Cuidarei das suas costas e você cuidará da minha. No caso de que percamos um desafio, nunca votaremos para que o outro seja assassinado.

—Votar? Do que está falando?

—Não sabe?

—Não — Disse, e a expressão dele trocou por uma de simpatia — Me conte!

—Delilah...

Reduziu a distância entre eles, teriam estado nariz com nariz se fosse mais alta. As ondas molhavam os pés, a luz da lua que estava pronta a desaparecer alagava a torrentes em cada direção, e o canto dos pássaros noturnos fazia eco. Mas nada eclipsava o pulsar de seu coração.

—Me conte.

—A outra equipe retornou. Contaram-nos o que aconteceu, como foram forçados a votar pela criatura que desejavam eliminar de sua equipe. — Uma pesada pausa — Houve uma execução.

Instantaneamente, pânico e terror a alagaram o sangue, correndo por ela, rindo dela. Agarrou a andrajosa camisa de Tagart, apertando o material entre as mãos.

—Voltou... Nola?

Ele assentiu lentamente, a seriedade da conversa claramente o deixou lúcido, e estudou suas feições.

—Deseja saber se o rei vampiro retornou, também?

O fazia. Com todo seu ser, desejava-o, mas estava assustada de sua própria reação. Se soubesse que estava vivo, sorriria? Riria, dançaria? Se soubesse que, de fato, estava morto, gritaria? Soluçaria?

—Considerarei sua solicitação de uma aliança — Disse, soltando-o. Afastou-se lentamente, desesperada para ficar sozinha, e determinada a não mostrar — Falaremos logo.

—Não estava com os outros quando retornaram — Disse Tagart de todos os modos.

Isso não quer dizer nada, tratou de dizer-se a si mesma. Mas não respondeu a Tagart, simplesmente continuou movendo-se para trás. Longe. Tinha que afastar-se dele.

A mandíbula dele se apertou.

—Se pensar muito tempo em minha oferta, irei retirá-la e a farei a alguém mais.

E ela seria primeira pela qual votariam, Delilah não duvidava. Ainda assim, permaneceu em silêncio. Finalmente, passou a linha das árvores. Seus ramos se amontoavam frente a ela, bloqueando ao dragão de sua visão. Imediatamente, girou e correu, braços e pernas movendo-se furiosamente. Sua pele era como gelo, mas o suor emergiu de todas formas, gotejando.

É obvio que a equipe de Layel tinha votado por ele. Tinha ferido a um dos seus.

As lágrimas ardiam nos olhos, as mesmas lágrimas que tinha temido tanto. Só o conheceu por dois dias, e suspeitava que isto ia ocorrer. Por que está triste? Não lhe tinha causado mais que





problemas e tristeza. E prazer. OH, deuses, o prazer. Nunca experimentaria de novo seus beijos, seu toque. Nunca descobriria seus segredos, nem aliviaria a dor que tinha visto em seus olhos cada vez que o observava. Nunca brilharia a luz dentro da escuridão de sua alma.

Tola, pensou pela milésima vez. De onde tinha vindo esse pensamento? Brilhar a luz dentro de sua alma? A sua era tão escura como a dele. Ou bem, tinha sido. Um gemido se elevou por sua garganta.

Distraída como estava, não notou a figura que aparecia frente a ela. Delilah chocou contra esta. Era tão duro como uma pedra, mas não estava preparado para o golpe. Tombaram no chão, fortes braços a agarraram sua cintura. Ele tomou o impacto da queda, sua respiração soprava sobre seu rosto. Metálica, doce.

Estava de pé um momento depois, pronta para a batalha. Mas nunca a atacou. Simplesmente se levantou e limpou a erva de sua roupa, dizendo:

—Eu gostaria de dizer que foi divertido, mas disse que não mentiria para você.

Essa voz... Rouca, sardônica.

—Layel?

Tinha-a estado observando com raiva, seus oceânicos olhos azuis escondidos pelo marco de suas pestanas, mas esse olhar se desvaneceu ao tempo que estudava sua expressão.

—Está... Chorando?

Estava aqui; estava vivo. Não tinha sido escolhido para a execução. Tratando de não sorrir, limpou os olhos com o dorso da mão.

—Não.

—Não lhe disseram que Nola sobreviveu? — Perguntou brandamente. Por um instante, só um instante, olhou-a com algo parecido à ternura.

—Disseram-me isso — Seu coração já golpeava erráticamente desde sua queda, mas agora, ao tempo que se embebia com a visão dele, o tolo órgão queria abrir-se a cada golpes—. Como é que está vivo?

Estalou a língua, de algum jeito transmitindo uma abundância de dor e regozijo com o som.

—Decepcionada?

Elevou o queixo, recusando-se a mentir, entretanto, igualmente não desejando admitir a verdade. Rejeitaria ela de novamente, e suas emoções estavam muito frescas para tratar com outra.

Ele gemeu.

—Quero estar sozinho agora — Disse. Girou, afastando-se, e recolheu um tronco, depois continuou... O que fosse que estivesse fazendo antes que ela se topasse com ele.

Estava... Cavando um poço? Pressionou o tronco no chão para reunir um monte de terra, depois jogou a areia para um lado.

Seus músculos se ondebaram enquanto se movia, e lhe encheu a boca de água. Eu apertei esses músculos uma vez. Tive-os sob as pontas de meus dedos. Tão desesperadamente queria passar os dedos através de seu cabelo branco. Inclusive posar a palma contra seu peito e sentir o fluxo de vida ao tempo que bebia dela.



—Estou esperando uma resposta a minha pergunta — Insistiu — Como é que está vivo?  
Seus largos ombros se elevaram em um casual encolhimento de ombros.

—Minha equipe decidiu que eu não era o que causaria que perdessem a próxima luta. Assim que... — Outro encolhimento de ombros, mas este foi rígido, coibido — Agora, vá — Disse, cravando um largo tronco no chão. Depois atirando-o para cima, afastando um monte de terra a centímetros de distância.

—Quem foi escolhido?

—Eu gosto de ser ignorado. — Sem fazer uma pausa em sua tarefa, disse — O formorian que... — Apertou os lábios. A terra caía sobre seus ombros ao tempo que elevava o ramo para cima.

—A quem jogou na água — Terminou por ele.

Fez um breve assentimento.

Para evitar cortar todo rastro de distância entre eles e posar a cabeça no buraco de seu pescoço, moveu-se e reclinou o ombro sobre a árvore mais próxima.

—Você e Brand parecem odiar-se entre si. Surpreende-me que não tenha votado em você, sem importar que o formorian fosse débil.

Layel riu.

—OH, votou em mim. Vários membros o fizeram. Um voto mais, e teria sido o que perdeu a cabeça.

Quão perto tinha estado de perdê-lo?

—Os deuses realmente o decapitaram?

Outro assentimento.

Alguma parte dela tinha pensado, possivelmente esperado, que mudassem de idéia.

—Por que o fez? — Perguntou depois de uma pausa carregada de tensão.

—Fazer o que? — Perguntou, mas sabia que só estava fingindo ignorância.

—Ferir um membro de sua própria equipe.

—Talvez me divertiui ouvi-lo gritar. Possivelmente vivo pelas mortes que causei, como os rumores em Atlantes afirmam — Outro monte de terra voou sobre os ombros.

Este foi jogado para ela. Saltou fora do caminho, escapando da chuva de terra. Tinha-a dirigido de propósito para ela, o bastardo.

—Isso foi infantil — Disse, cruzando os braços pela cintura.

—Mas foi gratificante.

—Recorda Lily agora mesmo.

—Lily?

—Minha irmã de raça, a futura rainha das amazonas e a garota que os dragões estavam transportando naquela jaula. — Só ontem, precaveu-se, embora sentia como se tivesse passado uma eternidade — Quando Lily não se sai bem com algo, tem um acesso de raiva.

—Não estou tendo um acesso de raiva.

—Não, está jogando terra. Isso é melhor?

Um retumbante som escapou dele, e não estava segura se expressava divertimento ou



irritação. Fez uma pausa em sua escavação, embora continuasse lhe dando as costas.

—Vai, Delilah — Soava cansado.

Alguma vez se acostumaria aos deliciosos tremores que a sacudiam cada vez que ele pronunciava seu nome?

—Não. O que está fazendo aqui, de todas as formas?

—Nada que seja de sua incumbência. Vai.

—De novo, não. — Quase o tinha perdido esta noite. Parte dela não queria estar separada dele de novo. Como tinha comprometido suas emoções tão fortemente e tão rapidamente?—. Não estou segura se me trata desta maneira porque genuinamente te desagrado ou porque tem medo de mim.

—Não se pergunte mais. Desagrada-me — Com movimentos rígidos, golpeou de novo o tronco contra o chão, e então outro monte de terra voou para ela.

Desta vez, permaneceu no lugar. As partículas a esmurraram suas panturrilhas e tornozelos, e apertou os dentes.

—Se te desagrado tanto, por que colocou sua língua dentro de minha boca e seus dedos dentro de mim...?

—Suficiente! — O tronco se quebrou pela metade. Atirando a metade que ainda sustentava, virou-se, olhando-a — Poderia te dizer que não tem que me agradar para me deitar contigo. É isso o que precisa ouvir? Iria se o dissesse?

—Diria de verdade? — Perguntou-lhe com uma voz fraca que mal reconheceu sendo sua própria voz.

Em silêncio, recolheu outro tronco e começou a cavar de novo. Madeira e barro colidiram uma e outra vez, claramente ampliar o poço já não lhe preocupava. A fúria emanava dele, fazendo que seus movimentos fossem frenéticos.

A intensa onda de dor que tinha experimentado, por ele dito que ela não precisa agradar a ele para que se deite com ela, gradualmente se desvaneceu. Ele não podia afirmar que o dizia a sério porque não sentia daquela maneira. Não querendo empurrá-lo a mentir, de qualquer modo, deixou que o tema caísse. Por agora. Pela razão que fosse, não estava preparado para lhe mostrar seu lado suave.

—Me diga o que está fazendo.

Deteve-se, ofegando, suando.

—Delilah.

—Layel.

—Isto não está fazendo nenhum bem a nenhum dos dois — Se endireitou, seu perfil diante dela. A elegante curva de seu nariz arrojava uma sombra sobre sua bochecha. Parecia estranho que um homem tão cruel tivesse tais feições tão formosas. Não era como se estivesse se queixando.

—Preferiria beijar que falar? — Perguntou, esperançosa.

A ponta de sua língua emergiu, deslizando-se por seu lábio inferior. Recordando seu sabor? Depois passou uma mão suja ao longo de seu rosto. Raias negras ficaram marcadas.



—Estou enterrando o corpo.

Corpo? Tão perdida como havia estado com o pensamento de seu beijo, transcorreu um instante até que recordou a morte do formorian. Olhou para o amontoamento de árvores, procurando. Bastante segura, encontrou ao corpo a vários metros de distância e franziu o cenho. Agora, por que o homem, que supostamente odiava a todos a seu redor, iria preocupar-se com o enterro de um estranho?

Culpa? Um oculto sentido da honra?

Que contradição que era Layel.

Com um gemido, recolheu um tronco e começou a cavar junto a ele, sem fazer caso de seu ombro machucado. Ele não a repreendeu, e se arrumaram para trabalhar em silêncio. O que pareceu toda uma vida depois, o poço foi o bastante grande para um corpo. Sombriamente, ajudou ao vampiro a pôr ao formorian dentro.

—Assim sabe o porquê eu estava lutando contra os dragões ontem, para salvar Lily. Mas e você? Por que odeia tanto os dragões? — Jogou seu tronco ao chão e o olhou atentamente, determinada a obter ao menos uma resposta esta noite.

Pelo prazo de um único pulsar, seus olhos brilharam com um resplandecente e feroz vermelho, um olhar de debilitante e cheio dor caiu sobre seu rosto e ela quase se deixa cair sobre os joelhos. Quase lhe rogou que não respondesse. Ninguém deveria sofrer assim. Ninguém. Como se estivesse morrendo de dentro para fora, lentamente, inexoravelmente, e cada célula murchasse, cada órgão que falhasse, envenenasse a outro, até que só tivesse ficado putrefação e morte. Só agonia. Mas logo sua expressão se esclareceu, e disse rotundamente:

—Tomaram algo que me pertencia. E se te atrever a perguntar o que, Te matarei aqui e agora.

A guerreira nela queria pressionar; a mulher não queria ver essa dor dentro dele de novo. Assim disse:

—Talvez ainda não se deu conta que as ameaças só me excitam — Em um esforço por domar seu cabelo. Depois o olhou nervosamente. Brincar com um homem não era algo no que fosse experiente. Estava fazendo-o corretamente?

Seus lábios se transformaram no que parecia um sorriso, causando que seu estômago se agitasse e o coração saltasse um batimento completo.

—Dava-me conta. — Também, jogou seu ramo. Não ofereceu nenhuma palavra de agradecimento por sua ajuda — Sua equipe está celebrando sua vitória. Deveria se unir a eles.

Estar aqui com ele, falar com ele, ver esse sorriso, excitava-a mais que qualquer celebração. Mas se virou lhe dando as costas.

—Tem razão. — Não queria deixá-lo, e por isso era precisamente que devia fazê-lo. Lentamente se afastou. Prolongar o contato só era provocar um desejo mais.

Quando pensou que estava morto, tinha chorado. Chorado. Quanto mais tempo passava com ele, mais o desejava. O que aconteceria se fosse assassinado? O que aconteceria se, se entregasse a ele e ele logo a afastava? Da próxima vez, poderia não sobreviver.

—Amazona — A chamou.



Irritação a alagou. Chamava-a “Amazona” quando queria pôr distância entre eles. Sabia. Mas ainda assim se deteve. Só que não o olhou.

—Sim.

—Eu... Sinto. A respeito... A respeito de antes. A respeito do que disse.

Uma desculpa de outro homem. Devia haver algo na água.

—Não me arrependo a respeito de nada do que tenha ocorrido ou tenha sido dito entre nós

— Não, isso não era verdade. Arrependia-se de que seu tempo juntos tivesse que finalizar. Esta noite, muito provavelmente para sempre. Se pudesse manter-se longe dele, já que essa era a verdadeira batalha.

Fortificando sua resolução, começou a avançar para diante de novo.

—Amazona — A chamou outra vez.

E uma vez mais, deteve-se, incapaz de evitá-lo.

—Sim.

—Não se aproxime de mim nunca mais. A sua equipe não gostará, e a próxima vez será a você a quem votam.

Preocupação? Por ela? Deuses, estava tão indefesa diante disso como estava para resistir a ele.

—Posso cuidar de mim mesma.

—Aprendi que neste jogo a opinião de seus companheiros de equipe importa mais que seu verdadeiro desempenho.

—Não é o primeiro a me dizer tal coisa. Tagart me pediu que me aliasse com ele.

Uma pesada e rangente pausa, logo, perguntou tensamente:

—Aceitou?

—Ainda não.

—Deveria. — O Ultimo foi dito asperamente, como se as palavras lhe arranhassem a garganta até deixá-la em carne viva.

Não gostava da idéia dela com outro homem, como tinha considerado antes, ou simplesmente odiava aos dragões tanto que aborrecia a idéia de que qualquer deles a ajudasse?

—Viu a cascata na parte norte da ilha? — Encontrou-se perguntando. Detenha, não faça isto. Está-te indo escapar dele.

—Sim.

—Estarei ali em uma hora. Sozinha.

Silêncio. Depois:

—E permanecerá sozinha. Não podemos ser... Amigos, Delilah. Sinto muito.

Outra desculpa. Tragou, ferida de novo, começou a avançar para frente pela terceira vez. Parte dela esperava que a chamasse para que voltasse. Mas não o fez. Não outra vez. Alcançou a celebração minutos depois. Estava coberta de terra e suor, mas não lhe importava.

Seus companheiros de equipe estavam dançando ao redor do fogo, bebendo vinho e rindo. Todos salvo o nymph, precaveu-se. Broderick não estava. Como tampouco sua outra companheira feminina de equipe. Uma gorgona. Assim tinha optado por arriscar-se a voltar-se pedra para



passar um pequeno momento entre as pernas da mulher serpente. Layel, suspeitava, nunca faria tal coisa.

Falando de Layel, sua equipe se sentava a vários metros de distância. A fêmea nymph, como Broderick, não estavam, como tampouco... Hmm, todos os homens estavam pressentem, e cada membro estava olhando com ciúmes à equipe de Delilah. Inclusive Nola.

Delilah encontrou o olhar da amazona. Mais que um sorriso ou uma saudação, recebeu um curto e abrupto assentimento e quase gemeu. Já havia discordâncias dentro das mesmas raças. Pensava Nola que a tinha traído? Tinha convencido a Layel que perdesse? Disso se encarregaria mais tarde. Nesse momento precisava aproximar-se de Tagart. O dragão cessou seu baile, seu sorriso desapareceu quando a viu. O suor emanava de sua pele, e exalava um masculino almíscar que toda outra mulher na ilha provavelmente teria desfrutado.

Delilah descobriu que preferia a doçura metálica da essência de Layel.

—Aceito sua oferta — Sussurrou. Não confiava nele, mas não lhe importava usá-lo. “Deveria”, havia dito Layel, como se não lhe importasse que forjasse uma aliança com seu inimigo.

Logo conheceriam a verdade disso.

O óbvio desagrado de Layel pelos dragões era a única razão pela que tinha vacilado antes, precaveu-se agora. Subconscientemente, tinha-lhe permitido a ele começar a afetar suas decisões. Nunca mais.

Lentamente os lábios do Tagart se curvaram em um sorriso satisfeito.

—Sabia que encontraria a razão — Elevou uma mão para ela, tendo a intenção de atraí-la para seu abraço para um baile.

Recuou um passo, não querendo levar sua aliança tão longe. Bem ou mau para ela, Layel era o único homem que queria que a tocasse.

—Só me diga uma coisa.

Os dourados olhos de dragão do Tagart resplandeceram como moedas polidas.

—E o que seria isso? Quer que te diga que a nymph da outra equipe está ali fora agora mesmo, procurando a seu vampiro, determinada a tê-lo?

O que? Por quê? Essa cadela! Não tinha nenhum direito. Ele é meu. Não, não, imediatamente se castigou a si mesmo. Não pense dessa maneira.

—O que tiraram os de sua raça de Layel para causar uma guerra com os vampiros? — O que as histórias que tinha escutado da destreza do Layel nunca haviam dito.

O resplendor de seus olhos morreu.

—Não lhe contou isso?

—Não.

A culpa cintilou, mas disse desoladamente.

—Tomamos... A sua companheira.

Layel lutou contra si mesmo durante toda a hora que Delilah tinha lhe dado. Sabia o que deveria fazer, sabia o que era inteligente. Não podia ir a ela. Absolutamente, não. Não. Mas lentamente, despojava-o de sua prudência.



Cada minuto que passava com ela, desejava-a mais.

Cada minuto que pensava nela, desejava-a mais.

Cada minuto que estava sem ela, desejava-a mais.

Provocava-o. Se tivesse visto como Susan ou agindo como Susan, teria entendido sua estranha atração por ele. Mas não o fazia, assim não o entendia.

—Estou contente de que tenha sobrevivido — Disse Zane atrás dele.

Layel tinha estado esperando o guerreiro, e estava simplesmente surpreso de que não tivesse chegado antes. O que tinha estado fazendo?

—Tenho uma missão para você — Disse, girando.

Zane flutuava frente a ele. Layel podia cheirar a doce essência de sangue fresco no soldado. Sangue feminino. Fez-lhe um nó no estômago, já que era amplamente conhecido que o vampiro só a tirava dos moribundos.

—De quem se alimentou?

Zane piscou diante a fúria do tom.

—Isso dificilmente importa.

—Me diga! — Layel estava junto a seu rosto um instante depois. Não havia tantas mulheres na ilha. Se tivesse afundado essas presas em Delilah...

—Melhor recuar, rei. Sirvo-te porque o desejo, mas isso pode trocar em qualquer momento.

Tinha ouvido palavras similares de parte do guerreiro milhares de vezes.

—Delilah não é...

—A que provei, não.

Instantaneamente, Layel relaxou. Ódio por ele mesmo, por Delilah emergiu livre, nunca longe da superfície. Sempre esperando para equilibrar-se. Não deveria ter importado de quem bebesse Zane.

Zane negou com a escura cabeça.

—Vejo, que assim são as coisas.

—Não vê nada — Grunhiu.

—Vejo que delimitaste sua propriedade nela. Bem, adivinha o que. Está no acampamento agora mesmo, unindo forças com esse bastardo, Tagart.

Então se tinha aliado com o dragão. Quando lhe tinha contado da oferta de Tagart, tinha querido gritar, eu te protegerei. Eu. Não ele. Mas tinha sustentado sua língua, sabendo que isso era o curso mais inteligente. Se o permitia, Delilah seria sua ruína. Desejaria viver com ela, mais que unir-se a Susan mais à frente. Inaceitável!

Estudou a saciada expressão de Zane. Um só pensamento lhe encheu a cabeça, escurecendo todo o resto. Poderia ter o sangue de Delilah em minhas veias agora mesmo. Permitiria-me isso. Não teria que tomar seu corpo, não teria que agradá-la ou tomar prazer para mim mesmo. Tragou em seco contra o ataque violento de ardente luxúria. OH, a tentação...

—Tenho uma missão para você — Repetiu com a garganta dolorida. Resiste.

—Me deixe adivinhar. Devo proteger à garota.

Sim. Mas...





—Sua arrogância me desagrada.

—Sou um guerreiro, não um guarda-costas — Cuspiu Zane.

—É o que seja que te diga que seja. Não confio em Tagart. Se a ajuda, bem. Mas se parecer que a vai trair...

Um músculo palpitou na mandíbula do Zane.

—Isso é tudo? Rei — Acrescentou logo depois de uma tensa pausa.

—Não. Retornará a sua equipe, e escutará o que planejam. Eu farei o mesmo. Amanhã compartilharemos o que temos descoberto e decidiremos nosso curso de ação. Os deuses pensam nos dividir, mas não lhes permitiremos ter êxito. Certo?

Houve uma ligeira vacilação antes que Zane desse um rígido assentimento.

Quando o vampiro se retirou, Layel olhou em direção à cascata. Sua hora tinha passado. Estava Delilah esperando por ele? Possivelmente nestes momentos estava pulando enquanto a água a lambia, nua e resplandecente. O extraviado pensamento se elevou, uma imagem exata disso se formou, e estava a meio caminho dali antes de dar-se conta do que estava fazendo.

## Capítulo 10

Alyssa tinha passado a noite com Shivawn procurando nas Cidades Interior e Exterior, voando de uma a outra, ou no caso de Shivawn, galopando sobre um centauro. Não lhe tinha dirigido a palavra nem uma vez. Não em todas as horas que levavam juntos.

A frustração cavalgou com força, afundando as afiadas garras em cada parte de seu corpo. Agora estavam retornando ao palácio de Valerian. Podia-se ver no horizonte, uma enorme monstruosidade de pedra e cristal sobre um íngreme escarpado. Shivawn ainda estava sobre o centauro, e ela mantinha o passo a seu lado, flutuando mais que caminhando ou cavalgando. Isto tinha três vantagens: Sempre lhe tinha à vista. Se ela tivesse caminhado teria tropeçado. E nenhum centauro a teria permitido ir sobre suas costas sem uma feroz discussão para a que não tinha forças.

Um grupo de minotauros e grifos correram lhes recebendo, dirigindo-se à Cidade Exterior. Estavam rindo perseguindo um belo unicórnio branco. Se tivesse um pouco de tempo livre, Alyssa teria se unido a eles e tratado de capturar ao chifrudo semental. Um desejo que viria bem agora mesmo.

—Seu rei não estará feliz — Comentou para quebrar o silêncio e distrair-se. Não, isso não era toda a verdade. Desejava sua voz tanto como seu toque. Certamente se ela falasse primeiro, seguiria seu exemplo—. Tudo o que descobrimos foi que duas criaturas de quase cada raça desapareceram em uma piscar de olhos. Nada mais. Valerian quererá a razão.

Shivawn não respondeu.

As tranças cor areia ondulavam ao redor de suas têmporas. Parecia tão frio de perfil como de frente. Mas só era frio com ela. Nas cidades tinha flertado excessivamente com as mulheres. Tinha



sido encantador, cheio de sorrisos e risadas.

Só uma noite tinha sido qualquer outra coisa menos frio com a Alyssa. Só por uma noite tinha sido ardente...

Ela estremeceu, recordando.

Ele grunhiu em sua garganta.

—Poda esses pensamentos de sua mente, mulher. Agora.

O som da voz a sobressaltou, tanto como a tinha desejado.

—Q...Que pensamentos?

Ele não podia saber que estava visualizando sua noite juntos, o corpo escorregando e deslizando-se dentro dela... levando-a alto, tão alto... OH, o prazer...

—Sexo. Corpos. Estirando-se — Fez uma pausa —. Nós.

Seus olhos se abriram completamente.

—Como soube? — Ruborizou-se ao confirmá-lo.

—Posso cheirar seu desejo — Disse com desgosto.

Desgosto?

—Isso te ofende? — Quase grunhiu.

—Não é minha companheira, mulher. Esperar-me não te trará nada, salva dor.

Seria inteligente se lhe escutasse. Esperar havia lhe trazido satisfação só uma vez e, como afirmava, dor em várias ocasiões. Mas...

—Não pode saber que não sou...

—Sim — Disse firmemente — Posso.

Seu orgulho não significava nada ante uma resposta.

—Como pode saber? Além de toda dúvida? — Certamente não lhe teria desejado com tanta intensidade se não estavam destinados a estar juntos. Certamente seria capaz de consumir o sangue de outro.

—Sentiria e seria... Incapaz de tomar a outra.

A diferença dela, ele estava forte, assim é obvio que tinha tido outras amantes desde sua noite juntos. Os nymphs se debilitavam sem sexo.

—Teve a outras? — Encontrou-se a si mesmo perguntando de todas formas.

Um conciso assentimento.

Queria vomitar. Não tinha estado com ninguém mais, tinha esperado que ele se aproximasse dela sozinho para renovar forças.

—Te teria ajudado.

—Não queria você.

O estômago lhe revolveu com mais desse horrível espasmo. Gostava que a ferissem? Parecia que sim, se continuava lhe incitando a terminar com seu orgulho feminino.

—Poderia matar a cada mulher que há tocado. Sabe disso, verdade?

Ficou rígido, esticando cada músculo do corpo. E embora só podia ver seu perfil, distinguiu a aversão ondeando por debaixo das bochechas. Viu o furioso ônix brilhar em seus olhos.

—Dito por um verdadeiro parasita.



Parasita? Assim era como a via? OH, isso dóia.

—Não estou pedindo mais do que esteja disposto a dar, Shivawn. Só quero uma oportunidade de ser a mulher que vele por suas necessidades. Só por pouco tempo.

Finalmente a olhou, girando sobre a cadeira de montar. Não podia ler sua expressão.

—Se dá conta de quão patética soa? — Uma devastadora calma acompanhou as palavras.

Sim, o fazia. Ainda assim o pressionava, recusando-se a estar envergonhada por seu desejo.

—Quero-te em minha cama. Isso é tudo. Farei tudo para te ter aí. Normalmente se deita com qualquer fêmea. Por que não comigo?

O escarpado começou a elevar-se, tornando-se intransitável para o centauro. Silencioso agora, Shivawn desmontou e lhe despediu educadamente.

—Obrigado. Pode retornar ao estábulo por seus próprios meios.

O centauro trotou afastando-se.

Shivawn observou até que o último tamborilar de cascos deixou de ser ouvido. Se sabia que ela ainda estava atrás, não deu nenhuma amostra disso. Que pensamentos lhe rondavam pela cabeça?

—Quero-te em minha cama — Repetiu para obter sua atenção.

—Teve-me em sua cama.

As mechas de cabelo escuro a açoitaram o rosto, e os apartou bruscamente. Com movimentos concisos os colocou detrás das orelhas.

—Sim, e te quero ali de novo.

Ele exalou um suspiro enquanto girava para ela. O rosto perfeitamente cinzelado, nem um só defeito.

—Está-me forçando a dizer algo que você não gostará de ouvir.

De novo se sentiu doente, mas não podia deter-se. Tinha que saber, além de toda dúvida, o que era o que lhe afastava dela.

—O que? Diga-o.

—Está segura de que quer sabê-lo?

Seu sangue congelou, gelo cristalizando-se nos músculos e ossos.

—Sim. Me diga — O desespero gotejava de cada palavra. Odiou-se por isso, mas era muito forte para escondê-lo.

—Me deitar com você não foi... Bom para mim. Nem sequer gozei.

—Mas... Mas... — OH, deuses. Sua afirmação ecoou em seus ouvidos. “me deitar com você não foi bom para mim” — Está mentindo. Tem que fazê-lo.

—Não.

Sua boca titubeou abrindo-se e fechando-se. A verdade de sua afirmação estava ali, na dura expressão. Ela nenhuma tinha experimentado o prazer que sentiu com Shivawn e, Ele não sentiu nada? Sabia que sua mordida o tinha incomodado, mas não se precaveu de que seu desconforto tinha persistido toda a noite.

A mortificação a consumia, mastigando o orgulho em pequenos pedaços para logo cuspir os ossos.



—Sinto muito. Não queria dizer isso mas...

Ainda cambaleando-se prosseguiu a viagem subindo pelo escarpado, agora desesperada por escapar dele. Por esconder-se. Como tinha podido estar tão enganada? Tinha tido poucos amantes em sua vida, entretanto nenhum deles se queixou. Nenhum tinha ficado insatisfeito.

Até onde você sabe.

Por um momento sentiu aranhas arrastando-se pela pele, e arranhou os braços. Durante um tempo tinha sonhado ganhar o coração deste homem. Cada sua ação tinha sido uma tentativa por impressioná-lo, ou deslumbrá-lo.

Não era uma guerreira, não de coração, mas tinha treinado como uma sabendo que, de outra maneira, Layel não teria permitido acompanhar à fortaleza dos nymphs. Tinha lutado, tinha matado. Por Shivawn. O sangue lhe banhava as mãos. Sempre. Nada as limpava. Por Shivawn.

Tinha subido na hierarquia do exército vampiro, utilizando qualquer método necessário.

Por Shivawn.

Entretanto ele nunca a tinha desejado, nem sequer a vez que se entregou a ela. Um nymph, uma criatura conhecida por ser mais sensual que seletiva, não a achava atraente. Tinha deixado sua cama ainda duro e palpitante. Provavelmente se tinha deitado com outra mulher imediatamente depois, para aliviar o desejo.

—Alyssa — Disse brandamente.

Ouviu-lhe tão claramente como se estivesse gritando. Maldição, não tinha posto muita distância entre eles.

Os pés quase tocavam o chão, inclusive sua habilidade para flutuar tratava de abandoná-la.

Segue se movendo. Não reduza a velocidade.

—Veio para mim só porque a humana do Joachim te rejeitou? Não me desejava nem sequer um pouco? — Alyssa o tinha visto deixando a habitação do Joachim uma noite; a noite que passaram juntos, e ele tinha emprestado a humana.

Os olhos tinham permanecido escuros, fantasmais. Depois tinha descoberto que a escrava humana de Shivawn tinha escolhido a outro guerreiro nymph como seu companheiro, deixando o Shivawn sem mulher. E devido a que os nymphs necessitavam sexo para sobreviver, não tinha existido melhor momento para que Alyssa o seduzisse. Tinha pensado: Finalmente, será meu. Deseja-me como eu o desejo a ele.

Mas não consegui nem o fazer chegar ao orgasmo. OH, deuses, OH, deuses.

—Fez?

—Sim, usei-te. E, não, não te desejo.

—Você... — Deuses, por que está fazendo isto? — Pensou nela enquanto estava comigo?

Houve uma pausa dolorosa e cheia de tensão.

—Importa?

OH, deuses.

Essa era resposta suficiente, entretanto ainda precisava ouvi-lo dizer. Talvez logo o amor por ele morreria. Talvez logo a obsessão por ele diminuísse.

—Importa. Me conte. Diga-o.



Ele emitiu outro suspiro.

—Então, sim. Fiz, mas inclusive assim...

Mas inclusive assim não pôde gozar. Maldito! E maldita ela!

Suas unhas se alargaram enquanto apertava os dedos em punhos, transpassando a pele, vertendo seu próprio sangue. Precaveu-se de que estava ofegando.

—Não deveria me haver usado enquanto pensava em outra.

—Não, e o lamento.

Ela riu amargamente, sentindo os enfatiados olhos sobre suas costas.

—Devo ser como todas as outras mulheres em sua vida, me jogando sobre você, disposta a aceitar qualquer migalha de afeto que lance em meu caminho. Não é que alguma vez me desse algum momento para recordar. Um momento pelo que suspirar na escuridão da noite, com o que sonhar durante nos próximos anos, e do qual rir com minhas amigas — Se tivesse tido alguma.

— Não podia tê-lo evitado. A atração do nymph é impossível de ignorar.

Mas nenhum outro nymph a fez desejar coisas que nunca poderia ter.

—Riem de nós quando estão sozinhos? — Perguntou, esforçando-se por soar despreocupada. Por dentro ainda fervia. Que direito tinha Shivawn de lhe machucar assim? Para usá-la e humilhá-la? Para tratá-la como algo inferior? Nenhum. Uma idéia criou raízes em sua mente e se recusou a ir-se.

Não, não posso fazê-lo. Mas o merece.

—Rir? De quem? — Apressou o passo até estar a seu lado, obviamente aborrecido por ficar atrás.

Ela afastou um ramo branco como a neve de uma árvore fantasma, desfrutando de um pequeno momento de satisfação quando esbofeteou Shivawn na bochecha e este grunhiu.

—Das mulheres — Esclareceu — De suas mulheres. Daquelas que se jogam sobre você.

—Espero não chegar a ser tão insensível. Morreria sem essas mulheres. Necessito-as a todas elas tanto como me desejam.

Claramente ela não formava parte do “elas”.

Bastardo. Ninguém mais lhe dará o que merece. Nem os deuses, nem meu rei. Devo fazê-lo.

—Me perguntou por que em algum momento te desejei — E por que, apesar de tudo, ainda o fazia.

—Também me perguntei o mesmo — Replicou sobriamente.

—É forte — Ofereceu sem querer admitir a verdadeira razão.

—Também o são os outros.

—É atraente.

—Outros o são mais.

Certo, e entretanto... Ninguém mais tinha seus olhos. Provavelmente alguns compartilhassem a cor, mas não a dor que havia ali; o rastro de, bem, de um homem possuído por fantasmas e paixão escura.

Uma vez, muitos anos atrás, ela tinha percebido a besta dentro dele.

Ele não sabia, não a tinha visto, mas tinha sido cativada por ele.



Seu pai... Tragou em seco. Tinha jurado não pensar nunca de novo nesse terrível momento, para que não lhe crescessem asas e voasse do mais profundo de suas lembranças, recordando-lhe a ele. Mas as escuras imagens a alagaram, imagens daquele fatídico dia que marcaram o começo de sua obsessão, e não pôde as deter.

Apesar de que Alyssa era mista de sangue, vampiro e demônio, nunca se permitiu pensar ou agir como um demônio. Muitas raças os desprezavam. Como se parecia em cada detalhe aos vampiros, o engano não era difícil.

Mas aquele dia, essa semana na realidade, tinha entrado furtivamente no Acampamento dos Demônios, sentia curiosidade pelo pai ao que nunca tinha conhecido, por sua gente. Tinha-lhes observado durante dias, começando a lhes desprezar. Matavam por diversão, deleitando-se nos gritos de suas vítimas. Faziam mais que beber sangue; comiam carne.

Um dia vários guerreiros demônios, seus irmãos, emboscaram ao pai de Shivawn, um inocente, durante as negociações de paz. Tinham-lhe torturado por diversão de formas horrendas, e a jovem Alyssa tinha permanecido escondida nas sombras, encolhida de medo, muito assustada para tratar de lhes deter.

Shivawn tinha visto o corpo inerte de seu pai, parecido a uma árvore e golpeado. Começou uma batalha e finalmente ele tinha triunfado, aniquilando os demônios responsáveis. O amor por seu pai se mostrou em cada estocada de espada, em cada rugido de fúria e impotência que tinha saído de sua boca. Isso era o que tinha querido com seu próprio pai: A lealdade, o amor. Ela não tinha tido nenhuma, mas a essas alturas tampouco as teria querido. Não de parte dele. Talvez devido a isso, suas esperanças e sonhos se orientaram tão facilmente para Shivawn.

Depois, com as partes de demônios cravados nas árvores como seu pai tinha estado, ele se tinha deixado cair sobre os joelhos e tinha soluçado. Tinha sustentado seu pai com ternura, reverentemente, e tinha rogado aos deuses que o despertassem.

Alyssa o tinha desejado por ele, inclusive enquanto as fantasias tinham começado a dar voltas em sua mente. Fantasias do Shivawn sendo seu irmão, estando junto a ela se alguma vez tirava o chapéu à secreta vergonha de seu dobro herança.

Ao passar os anos tinha crescido até converter-se em uma mulher, e as fantasias de estabilidade e lar tinham tomado uma inclinação mais sensual. Já não lhe tinha desejado como um irmão. Tinha-lhe desejado como amante. Ninguém mais serviria, embora tinha dado várias oportunidade. Não se podiam comparar aos sonhos como Shivawn, de maneira nenhuma.

Determinada a experimentar a felicidade do toque de Shivawn, tinha viajado ao acampamento nymph e ido em sua busca. Ele a tinha dedicado um olhar, e tinha vomitado.

Não tinha sabido o porquê, ainda não o fazia, mas não se deu por vencida. Deveria havê-lo feito. Deveria haver-se dado por vencida. Olhe onde tinha terminado. Rota, em carne viva. Fisicamente arruinada.

—Vi a forma em que os soldados vampiros a observam — Ele comentou, deslizando-se dentro de seus escuros pensamentos — Escolhe um como companheiro.

Enquanto que ela aborrecia a idéia dele com outra mulher, Ele não podia esperar a que tivesse outro homem?



Lhe dê o que se merece...

Não sou como meu demônio progenitor. Não sou vingativa e corrupta.

Nem é uma mártir. Fará mal a outras da mesma forma, até que seja detido.

Sim, fará.

—Não me atraem — Respondeu finalmente, ainda não preparada para agir.

—Não sou especial.

—Possivelmente eu gosto da maneira em que mata.

Tinha-lhe visto em batalha, havia inclusive brigado junto a ele.

Seus lábios se curvaram, como se por uma vez lhe tivesse divertido.

—Trata de agir como uma guerreira, vampira, mas te vi vacilar antes de dar o golpe mortal.

Pode ser que brigue, mas você não gosta de fazê-lo.

Era o primeiro em notar sua secreta repulsão na batalha; uma repulsão que, sem dúvida, era resultado de seu desejo por apartar-se dos atos diabólicos da guerra. Piscou aturdida. Brigou contra a suavidade em seu peito.

—Não sabe nada de mim, nymph — Pronunciou a última palavra com tanto desgosto como pôde — Me evitou em todo momento.

—Certo, mas conheço as mulheres.

OH, isso queimava.

Limpou todo rastro de suavidade. Era uma entre milhares de outras para ele.

Lhe dê o que se merece!

Sim, decidiu. Sim.

—Sempre me perguntei o porquê luta quando obviamente o odeia.

—Você? Perguntava sobre mim? É a segunda vez que o admite. Surpreende-me que não tenha explodido.

Uma vez mais, seus lábios se curvaram.

Ela parou. Ele continuou andando, e ao dar-se conta de que se deteve, girou olhando-a. Ao lhe observar seu batimento se acelerou.

Realmente vai fazer?

—Nada do que disse era para te ferir — Comentou brandamente — Mas faz semanas decidi tomar uma mulher como própria, inclusive uma que não seja minha companheira, já que desejo estabilidade. Isso quer dizer que não posso estar contigo, e você não me pode... Pedir isso de novo.

Qualquer mulher serviria exceto ela, é o que estava dizendo.

Sim, vou fazer.

Lentamente, muito lentamente, reduziu a distância entre eles.

—Não quer que me aproxime e a incomode.

Ele deu um rígido assentimento.

—Então te darei minha palavra, Shivawn.

Pouco a pouco as feições se relaxaram.

—Não me aproximarei dela.





—Obrigado.

—Mas então, tampouco o fará você.

Ele franziu o cenho.

Lançou-se sobre ele com a última reserva de força que tinha, despindo as presas.

Valerian balançou a sua companheira nos braços, apreciando a pele escorregadia e suada pelo prazer que acabavam de compartilhar. Esta mulher nunca cessava de lhe assombrar. Era a beleza personificada, terna; mas uma tigresa cada vez que compartilhavam a cama.

—Se Shivawn não retornar logo, terei que deixar o palácio e ir em sua busca. Ele é leal, teria mandado uma mensagem pelo atraso. Se pudesse.

Shaye ficou rígida de preocupação.

—Suspeitas de algum jogo sujo?

—Não estou seguro, mas algo não está bem.

—A vampira...

Negou com a cabeça, seguro.

—Alyssa não o machucará. Obviamente o ama. Além disso, os nymphs e os vampiros são aliados.

—Uh, sinto dizer isso bombom, mas uma mulher apaixonada não é uma aliada de ninguém, salvo de seu coração.

—Conheço as mulheres, Lua, e...

—Detenha aí mesmo. Não sabe uma merda, grandão. Se não, não lhe estaria contando a sua esposa o que aprendeu com outras mulheres.

Compassiva? Tinha pensado seriamente nesse adjetivo relacionado com sua companheira humana?

Pressionou os lábios para evitar rir. Tão feroz e possessiva, sua esposa. Uma vez havia dito que mataria a qualquer que “fizesse preposições a seu corpo”. E ele não esperaria o contrário.

Ela posou um beijo sobre seu seio, justo em cima do coração, a língua acariciando e deixando um rastro de fogo.

—Possivelmente fale com Poseidón. Poderia nos dizer o que é o que está passando. Se estiver aborrecido e procurando provocar problemas, quero dizer.

Para consternação de Valerian, Shaye e o variável e molesto deus se tornaram amigos.

—Não. Cada vez que fala com ele, algum tipo de desastre ocorre.

—Ei, ele nos uniu de novo. Dê ao homem um tempo.

—Eu gostaria de lhe dar um...

Pôs-lhe a mão sobre a boca.

—Escutei-o — Disse uma voz irritante.

Valerian procurou a espada, mas esta desapareceu no momento em que os dedos se curvaram ao redor do punho. Franzindo o cenho olhou a Shaye para assegurar-se de que estivesse coberta, e viu que um lençol de seda negra a cobria do peito até os tornozelos. Relaxou. Apenas.

O ar se cristalizou frente à cama, espessando-se até que apareceu o corpo de um homem.



Algumas mulheres haviam dito que Poseidón era o macho mais formoso que alguma vez caminhou sob o mar.

Cabelo brilhante, olhos azuis. Músculos, poder. Valerian não via o atraente, mas de todas formas tampouco os olhos de Shaye.

Isso divertiu ao deus, e riu.

—Como se isso fizesse alguma diferença.

Valerian mordeu o interior das bochechas para evitar responder. Uma palavra errônea, e o deus do mar poderia destruir a cidade inteira. Quase o fez, de fato.

Shaye apartou os dedos de Valerian.

—Bem-vindo, OH poderoso deus do mar. E já que nos honraste com sua presença, me pergunto se estiver disposto a nos ajudar. Parece que perdemos a dois de nossos soldados — Disse — Bem, agora três. Sabe algo sobre isso?

—Possivelmente — Foi a despreocupada resposta. Poseidón se transportou à parede longínqua e deslizou o dedo pelo centro. A espada do Valerian finalmente reapareceu. Pendurava para baixo, com coloridas cintas atadas na ponta.

Nenhuma palavra.

— Irá nos contar sobre isso? — Perguntou Shaye docemente — Por favor.

Valerian lhe apertou o flanco como advertência.

—Darei às mulheres outra lição sobre direito feminino — Acrescentou — Isso frustrará os guerreiros, e te dará muito entretenimento.

Valerian estremeceu. A última vez que havia feito isso, os guerreiros tinham estado sem sexo durante dias, e se tinham convertido em grandes bestas, iniciando brigas com qualquer um que encontravam.

Poseidón deu de ombros, e depois desapareceu como se nunca tivesse estado ali. Valerian pensou que era o final e estava agradecido. Não gostava do deus. Mas então essa voz superior sussurrou através da habitação, o sobressaltando.

—Os primeiros dois estão participando de um pequeno jogo. O terceiro, bem, simplesmente foi comido vivo.

A profunda risada do deus ecoou na noite.

## Capítulo 11

Layel nunca alcançou a cascata essa noite.

Pelo caminho, tinha encontrado a Jada, a mulher nymph, irmã de Broderick, e estava determinada ao ter “à força” porque “confiava no amigo de seu rei”.

Durante anos, muitas fêmeas o tinham devotado. Inalcançável como era, tinham-no etiquetado como um desafio, um prêmio. Tinha negado todos esses nomes, ainda assim algumas ainda proclamavam ter estado com ele. Zangadas pelo rechaço, as histórias não tinham sido



amáveis.

Aqui, agora, havia duas fêmeas formosas que competiam por ele. Uma tentação. Uma moléstia, embora a beleza da Jada eclipsava a Delilah.

Ou poderia fazê-lo, para alguns. Para ele, o cabelo da Jada era muito comum, aos olhos safira faltava algum indício de púrpura. Era alta e magra com curvas que deveriam ter sido impossíveis, os mamilos permanentemente duros. Ainda assim, tudo o que tinha podido pensar quando se pressionou contra ele, foi na firmeza do corpo de Delilah e quão perfeita era para suas mãos. Como amava a maneira em que os mamilos se endureciam bem diante de seus olhos.

Tinha afastado a Jada, mas em seu ardor tinha tomado o gesto como de aprovação e rapidamente se despiu. Ele tinha permanecido impassível. Tão impassível como tinha estado durante os passados duzentos anos, o que fez a habilidade de Delilah para lhe tentar até mais inegável. Graças aos deuses que não tinha ido para a cascata, depois de tudo, mas tinha tido que caçar animais para distrair-se.

Se a tivesse encontrado, teria bebido dela. Era o mais próximo que tinha chegado a admitir.

Agora, depois de um dia sem incidentes; sem um encontro com sua equipe, ou a equipe contrária, inclusive com os deuses amantes do poder que não haviam, por alguma razão, forçado uma provação para eles hoje, encontrou-se caminhando a grandes passos para a cascata, incapaz de afastar-se desta vez. O que estava fazendo Delilah? Estaria bem? A noite tinha caído outra vez. Deveria havê-la visto, deveria havê-la ouvido.

Para sua consternação, não estava ali. Inclusive o doce perfume estava curiosamente ausente. Deveria ficar um indício, ao menos um rastro persistente de sua essência. Em seu lugar, era como se nunca tivesse se aproximado da área. Isso não pareceu importar a seu corpo. Duro e dolorido, assim era como estava, porque ela tinha esperado a ele aqui neste lugar.

As imagens dela se reproduziam através de sua mente. Imagens dela nua, retorcendo-se. Dele.

Em sua mente, cada movimento que fazia era um baile sensual para ele. Cada som que escapava dos lábios úmidos, amadurecidos era uma bênção. Cada pulsar de seu coração era uma chamada para unirem-se.

As imagens eram equivocadas, tão equivocadas, mas fez sua a boca encher de água e os dentes se afiarem. Como poderia tira-lá da mente? Além de matá-la, o qual já tinha admitido que não poderia fazer, havia uma única coisa que ficava por tentar.

Tinha que beber dela. Sem resistir mais.

Havia-lhe dito que nunca o faria. Mas a idéia tinha sido plantada, tinha crescido e se intensificou. Agora, compreendeu que devia fazê-lo.

Era um bastardo por sequer considerá-lo; carecia de honra e integridade. Verdadeiramente, era um monstro. Ela queria tudo dele, mas ele só tinha a intenção de beber. Iria encher suas veias com o néctar de sua vida, ia reduzi-la a comida. Finalmente conheceria seu sabor e então poderia esquecê-la. As fantasias a tinham elevado, mas a realidade a faria cair. Não havia forma possível em que pudesse saber que tão maravilhosa imaginava. Ninguém poderia.

O sexo não entraria na disposição. Esta vez, quando colocasse os lábios sobre seu corpo, se



controlaria. Não havia melhor momento para beber dela. A fome não o dominava; a debilidade não tinha lhe reclamado. Alimentou-se com voracidade do dragão ontem e não necessitava o sangue.

Onde estava? Se tinha se banhado na cascata ou se deitou sobre as rochas musgosas, não tinha deixado rastro. Layel caminhou através do bosque, raios mudos do crepúsculo, rosados e púrpuras nebulosos, iluminavam o caminho. As exuberantes árvores esmeraldas eram diferentes dos que havia em Atlantes, mas de algum jeito lhe eram familiares depois de só dois dias. Mais musgo cobria o chão, suave contra os pés.

Estando em casa, treinaria com seu exército e pensaria nas maneiras de frustrar e matar aos dragões. Poderia estar atormentando aos respiradores de fogo encerrados na masmorra, os gritos seriam sua única sensação autêntica de paz.

Malvado, freqüentemente tinha sido chamado dessa maneira. Não o negava. Não poderia negá-lo. Seu coração estava corroído. Podre. Sua alma era negra. Já não era o homem que Susan poderia ter amado. No momento de sua morte, converteu-se em tudo o que sua amada companheira tinha desprezado.

Nem sequer havia viagem de retorno. Nem retornar ao homem que uma vez tinha sido. Não para ele. O ódio pulsava em suas veias, mais espesso que o sangue. A vingança era a única coisa que permitia na mente.

Até Delilah.

Os pensamentos sempre retornavam a ela. Deus, como o rondava. Deveria estar procurando Zane, quem ainda não se apresentou para lhe informar sobre sua equipe. Deveria estar planejando a seguinte manobra contra Brand e Tagart. Em lugar disso, aqui estava, esperando uma prova de Delilah.

O que era isso que constantemente o atraía? Já que ela possuía uma beleza impressionante, um engenho agudo e um zumbido de energia, nunca duvidaria em trair a um amante para proteger a suas irmãs. Isso era muito óbvio cada vez que olhava a Nola uma mulher que não estava seguro que Delilah gostasse com determinada lealdade. Não havia afeto na voz quando falava com a garota, nem suavidade na expressão. Mas claramente se sentia responsável por ela.

Uma piscada de ciúmes brotou dentro de seu do peito, e pestanejou com surpresa. Ciúmes? De que? Da lealdade de Delilah para sua tribo? Certamente não, mas não queria considerar a outra opção: Que Delilah colocava o bem-estar de outro por cima do dele.

Não tinha nenhum sentido essa linha de pensamento. Realmente não a conhecia, certamente não gostava e nem sequer contemplaria um futuro com ela. Está confuso, explicou-lhe sua mente. Isso é tudo. Sua vida foi desorganizada. Quando as coisas voltarem para a normalidade, assim farão suas emoções.

Onde estava ela?

Farejou o ar. O doce perfume dela, tão em conflito com a personalidade guerreira, repentinamente pareceu inspirar cada fenda da área, mas não percebeu seu rastro. Seu pênis inchou outra vez, a fome que tinha negado fazia só uns momentos lhe caiu repentinamente em cima. A boca se encheu de água. Sangue...



Ela estava perto.

O lado tenro que possuía e que tinha acreditado morto como seu coração atravessou lodo e escombros, emocionando-se. Não pode fazer isto. Se sentirá traída. Irá sofrer.

Os dentes chiaram tão agudamente que lhe cortaram as gengivas. O que era melhor? Trair Delilah ou Susan?

A resposta era óbvia. Ou deveria ter sido. Delilah devia sair de sua mente. Logo, muito em breve, faria-o. Pois não deixaria de caçar até que a encontrasse. Os deuses os poderiam convocar para outro desafio há momento. A equipe perdedora seria chamada diante do fogo, e Layel se veria forçado a esperar. Se vivesse a outro conselho.

—Come isto — Ouviu repentinamente Delilah dizer — Está pálida.

Cada célula do corpo esquentou, provocando pequenos tremores. Houve uma resposta resmungada de uma fêmea. Provavelmente a outra amazona, Nola. Layel flutuou por cima do chão com apenas um pensamento, aproximando-se à porta de folhas arqueando-se frente a ela.

Ficando nas sombras, olhou às escondidas. E ali estava ela, agachou-se ao lado de Nola. Seu torturante cabelo azul, olhos violeta. As duas equipes estavam juntas, sentados ao redor do fogo, alguma classe de animal assando-se no meio.

A tensão era intensa entre os ganhadores e os perdedores.

As equipes poderiam estar juntas, mas não estavam unificadas. Olhares furiosos eram abundantes. Zane sentado longe de um lado, afiando uma vara. Cada poucos segundos, seu olhar se estreitava movendo-se para Delilah e Nola. A pele estava ruborizada, os movimentos um baile de poder, mas ele pulsava com cólera.

Teria que esperar, parecia. Layel caminhou através das árvores com apenas o mais ligeiro sussurro e se aproximou do outro vampiro. Como rei, era sua responsabilidade assegurar que nenhuma animosidade aumentasse entre eles. Quando se sentou, Zane não deu indícios de que notasse sua presença.

Todos os outros, entretanto, notaram.

As conversas diminuíram até deixarem de existir. Houve até um vaio furioso de Brand. Layel o ignorou, sabendo que excitaria à besta de Brand. Tentando não sorrir abertamente com o pensamento, o olhar se desviou para as amazonas. Nola ficou com o olhar fixo em sua comida, movendo-a com os dedos a cada poucos segundos mas nunca na verdade comendo. Delilah bebeu a metade de um coco, drenando o leite.

Os olhos se fixaram em Layel, o apanhando, o mantendo preso. Ele não poderia ter afastado o olhar até se uma espada tivesse estado lhe pressionando o pescoço. O olhar era precavido, nenhum indício das emoções presente. Por que? O que ela escondia?

Despiu as presas diante ela e as lambeu.

Finalmente. Emoção. Um brilho de desejo antes que tragasse saliva e afastasse o olhar. Só então, livre de seu poderoso agarre, deu-se conta de que algo duro e opressivo tinha tomado morada em seu peito. Lentamente relaxou, se permitindo respirar. Seu pênis não se tranqüilizou mas sim continuou pulsando.

—Está tudo bem? — Perguntou a Zane, notando os lábios tintos de sangue que seu amigo



ainda conservava. O sangue sempre fortalecia a um vampiro sem importar a fonte, mas o sangue transbordante de vinho ou medicamentos poderia para a agressão, a cólera e a violência. Poderia isso ser a causa do atual estado de ânimo escuro de Zane? Tinha tomado sangue de alguém ébrio?

—Sim. — Nenhuma pausa no movimento. Cada vez que eram chamados, o deus continuava lhes tirando as armas, obrigando-os a fazer mais em cada oportunidade. Durante as horas “livres”, tinham que preparar-se para algo—. Estou bem.

Verdade? Uma mentira?

—Então, você não gosta de seus novos deveres.

—Não me preocupo com eles. — O tom lacônico, os músculos crispados.

—Algo está errado contigo, Zane.

—Sim.

Ao menos não o negou.

—Me diga.

—Como rei?

—Como... Amigo. —O único amigo que Layel se permitiu através dos anos era Valerian, e isso só aconteceu porque o tinha conhecido antes da morte de Susan. Reuniram-se na Cidade Exterior e se aliaram quando eram muito jovens para ter um melhor critério, a mescla das espécies era freqüentemente mau vista. Tinha jogado juntos, tinham descoberto a paixão pelas fêmeas juntos, e tinham brigado juntos, protegendo-as costas um ao outro.

Depois de Susan, bom, o rei nymph o tinha levado e tinha cuidado dele até que a angústia emocional fez caminho a uma sede de vingança.

Possivelmente Zane necessitava que alguém cuidasse dele. O tempo que tinha passado com os demônios provavelmente tinha esmigalhado a farrapos sua alma.

—Seguro que quer saber? —inquiriu Zane.

Layel assentiu com a cabeça.

—Antes, quando me perguntou de quem tinha tomado sangue — Os dedos de Zane se apertaram sobre a rocha e faíscas fizeram erupção na ponta da vara.

O estômago se retorceu em um nó. Não diga Delilah. Se seu nome deixava os lábios do vampiro, Layel não estava seguro de como reagiria. Suspeitava que alguém morreria.

—Proíbo você de me dizer isso.

—Tirei de uma mulher.

Não.

—De uma amazona.

Não!

—De Nola.

Primeiro houve cólera porque Zane tinha mentido, provavelmente por vergonha. Logo alívio. Quase o derrubou, e notou que tinha estado tratado de alcançar a adaga que tinha afiado só algumas horas atrás. Graças aos deuses. As mãos caíram no colo.

—Ela permitiu isso?

—Sim, embora duvide que recorde. — Sim, era vergonha escorrendo pelas palavras.



Piscou de surpresa.

—Por que não recordaria disso?

—Fui a ela enquanto estava dormindo.

—E não despertou?

—Não.

—Como? — Insistiu. As amazonas eram altamente treinadas. Despertariam no momento em que um homem se situasse em cima delas. Sabia de primeira mão. E até que Nola de algum jeito tivesse falhado em fazer isso, teria notado as feridas da espetada depois.

—Invadi sua mente. — A vergonha se transformou em auto-recriminação.

Layel esfregou o rosto com uma mão. Alguns vampiros estavam dotados com a habilidade de introduzir pensamentos e imagens na mente de outro. A maioria não a tinham. Layel não podia, embora sempre tivesse desejado o contrário. Quanta diversão poderia haver em convencer a um guerreiro dragão de matar violentamente a outro?

—Enchi sua mente de sonhos de fazer amor comigo, e quando abriu os braços e estendeu as pernas, tomei o que necessitava.

—Como escondeu as marcas? Dos outros?

No momento que terminou de perguntar, Layel compreendeu a resposta. Com tão pouca roupa como as amazonas vestiam, havia só um esconderijo.

Zane o olhou furioso por um momento.

—Se não fosse meu rei e meu amigo, Sabe que te mataria agora mesmo, verdade?

—Sim.

—Ainda desejas que o diga?

—Sim. — Sem titubear. Obrigando a dizê-lo poderia impedir que o fizesse de novo, expressar a vergonha, para nunca mais ser esquecida.

—Mordi entre suas pernas.

Embora soubesse o que ele diria, as palavras ainda conseguiram mexer com ele. Outra vez, perdi o controle de meus homens. Sob a regra de Layel, os vampiros viviam com um código. Podiam beber dos guerreiros dragão em qualquer momento que o desejassem, mas nunca... Nunca!... Tirariam de outra raça sem permissão.

Algumas criaturas desfrutavam ao ser mordidas, mas outras se negavam inclusive a considerá-lo, equivocadamente temerosos de ser convertidos em bebedores de sangue. Através dos anos, Layel tinha aprendido que só os humanos podiam ser transformados. A maioria morria, entretanto, por isso nunca tinha tentado transformar a Susan.

Repentinamente uma corrente de gritos de sua companheira bombardeou a mente do Layel, o suficientemente forte para fazer estalar vidros se tivessem sido audíveis, e suficientemente agudos para ferir sua alma. Ficavam o tempo todo perto da superfície, mas usualmente podia mantê-los de lado. Se cale, se cale, se cale!

Só quando seu olhar se travou com o de Delilah que pôde silenciá-los. Como? Por que? Estava suando. Ofegando. Franzindo o cenho, Delilah se virou para olhar a sua irmã. Para livrar-se de seu agarre, ele fez o mesmo. Agradecidamente, os gritos não retornaram.





Fazia um momento, Delilah tinha notado a pálida Nola, mas a mulher estava lívida, as linhas azuis das veias eram evidentes. Círculos escuros formavam meias luas debaixo dos olhos.

—Tomou muito — Disse a Zane.

—Sei — Respondeu rigidamente.

—Não a tocará outra vez. Entende?

—É sua companheira de equipe. É obvio que a quer forte. O que segue? Exigirá que perca por você?

O fogo ardeu sob a pele.

—Deveria vigiar a língua antes de perdê-la. Ela merecia uma escolha, Zane, uma escolha verdadeira, e não ofereceu a ela — Hipócrita, pensou. Não era ele quem estava planejando tomar a decisão por Delilah?

—Sei!

—Problemas entre os chupa sangue? — Zombou Brand, atraindo a atenção de Layel e sua fúria — Que triste.

Várias criaturas riram arrogantemente.

—Guarda-o para o seguinte desafio — Disse Delilah. Ao menos soou zangada em vez de divertida.

Tagart arqueou uma sobrancelha, os olhos dourados brilhando intensamente.

—Uma amazona com um coração suave. Quem o diria?

—Um dragão com um futuro desolado — Devolveu o disparo — O suspeitava.

As pálpebras se entrecerraram.

—É essa uma ameaça?

Ela ficou de pé e endireitou os ombros.

—Não. Uma promessa. Não tolerarei insultos. Especialmente de meu suposto aliado.

Um batimento mais tarde Layel estava parado a seu lado antes que se precavesse sequer de que se moveu.

—Desafiando a uma garota, bastardo de fogo? Possivelmente finalmente compreendeu que as pessoas importantes são muito para você.

A atenção do Tagart se situou nele, ameaça pura.

—Não esqueci a forma em que me mordeu. E não consegui tirar seu sujo sabor de minha boca. Uma labareda de fúria absoluta passou sobre o rosto do dragão e em uma fração de segundo, os ossos se alargaram, revelando um vislumbre do focinho, afiados dentes e escamas verdes. Aparentemente, a besta nunca estava muito longe da superfície.

—Não vou esperar que sua equipe vote para que seja morto, vampiro. Nem concederei aos deuses o prazer de te matar. Me encarregarei de você aqui e agora.

O sangue de Layel ferveu, lhe convertendo as veias em cinza.

—Vêem e me alcance. Por favor.

—Basta — Disse Delilah, dando um passo entre eles.

O olhar de Layel se desviou para ela. Seu comprido cabelo açoitou seu redor por uma corrente de vento. O vento... Suspeitava que cada brisa trazia mais perto aos deuses, observando,



sempre observando. Estava tensa, os dedos arqueados em garras.

Que desse as costas a Layel dizia tudo, embora não estava seguro que Tagart entendesse. O dragão sorria maliciosamente agora, como se a amazona tivesse pensado em lhe proteger. Estúpido. Delilah confiava que Layel não atacaria enquanto fosse vulnerável.

Estúpida, pensou outra vez, desta vez se dirigindo a Delilah. Não deveria confiar assim nele. Deveria escapar. Rápido e para sempre. Provavelmente a perseguiria.

Estúpido! Essa maldição tinha sido para si mesmo. Ela não era dele, nunca poderia ser dele.

Por isso, mais que nada, quis jogar-se repentinamente sobre Tagart e devorá-lo, órgão por órgão. Os olhos do bastardo seriam o último, para que pudesse ver cada coisa terrível que lhe fizesse.

Manuseou o punho da espada.

—Estou esperando.

Delilah o alcançou de novo e colocou a palma da mão sobre seu estômago. Logo que conteve um ofego sobressaltado, excitado.

Independentemente do olhar que ela dirigisse ao dragão, tinha as bochechas coloridas. Jogou a Layel um olhar furioso final antes de caminhar a grandes passos para as árvores, Brand virou em seus calcanhares. Provavelmente tinham a intenção de planejar seu assassinato. Esperava que o fizesse. Frustrar as suas tentativas poderia resultar uma agradável distração.

Múltiplos pares de olhos observaram como Delilah se virou e o enfrentou. Essa íris violetas emolduradas em negro percorreram a longitude de seu corpo, virtualmente lhe despindo. Encontrou-se dando um passo atrás, longe da força, calor e tentação dela.

—A cascata — Sussurrou — Se reunirá comigo?

—Estará ali desta vez? — Sussurrou em resposta, odiando o tom rouco de sua voz.

Ela tremeu, os lábios caindo abertos pela surpresa.

—Foi?

—Ontem à noite? Não — Disse. A verdade. Mas obviamente ela não tinha ido absolutamente.

—E ainda assim em seu tom sinto a reprimenda por não ir. Não, não diga outra palavra. Fui detida por minha irmã — Explicou.

Nunca admitiria o alívio que sentiu de que ela não tivesse mudado de idéia.

As criaturas ao redor do fogo se inclinaram para eles, desavergonhadamente esforçando-se por escutar a conversa. Layel vaiou para eles, e rapidamente apartaram o olhar. Alguém inclusive começou a assobiar.

Uma eternidade passou enquanto Delilah o estudava. Não, sem dúvida alguma só tinham acontecido alguns segundos.

—Deu prazer a nymph fêmea?

Eram ciúmes em seu tom? Não se deleitava isso. Realmente. Ainda recusando-se a expressar a resposta que ela parecia desejar ardentemente, disse:

—Importaria se tivesse feito?

—Não. Claro que não. — Baixou o olhar — Mas te vi no bosque. Com ela. Assim...



Não lhe devia uma explicação. Não a deu.

—vai ser novamente distraída por sua irmã?

Enquanto jogava um olhar à multidão que os rodeava, disse brandamente:

—Quero falar contigo. A respeito da nymph. Fez...

Permitiria a ela trocar de tema?

—Se verdadeiramente tivesse nos visto, saberia o que aconteceu.

—Não fiquei e olhei até o final. Teria matado-a, e logo sua equipe teria tido a baixa de dois membros.

Assim apesar de ter pensado que ele se deitava com outra mulher, tinha sido incapaz de cometer uma ação que finalmente pudesse provocar sua execução. O pensamento o esquentou.

—Se for à cascata, não estarei em um estado de ânimo para conversar.

Excitação ao fato instantânea se acumulou em suas feições.

—Estará com humor para que, então? — Perguntou em um tom rico como o vinho — Provavelmente para o mesmo que fez com a mulher nymph?

—Se aparecer pela cascata, Delilah, Irei te morder. Entende? Beberei seu sangue.

Seu fôlego se deteve.

—Mas jurou não fazê-lo nunca. — Não soou alterada pela possibilidade de que tivesse trocado de idéia—. Mordeu a NY...

—Menti, como você sempre me acusa de fazer. Morderei a você.

A frustração fez mais escura sua expressão.

—A respeito de que mais mentiste? A nymph?

Se ela dizia essa palavra uma vez mais, poderia... Rir.

—Não precisa saber.

—Assim é como te ocorre me atrair à cascata? Posso ser uma amazona e não estar familiarizada com os costumes dos homens, mas sei esperar algumas palavras ternas em uma situação como esta. Melhor repensar sua aproximação se na realidade quer que me una a você. Porque duvido que a pequena e feia nymph estivesse ali.

Crisparam-lhe os lábios e sentiu um comichão na garganta.

—Não lhe propus isso. Você o fez. E irei. Parte de mim espera que se mantenha afastada.

Faíscas iluminaram os olhos, uma flama de fúria e excitação aparentemente sempre presente.

—E o que é o que a outra parte de você espera? Que a cadela faminta de sexo vá em vez disso?

—Que você venha, que possa deixar de pensar em você.

Ela suavizou algo, como fez a crescente dor em seu peito.

—E se não poder?

—Estarei tão fraco pela perda de sangue que falharei durante a seguinte prova e serei escolhido para morrer. — Havia uma verdade sombria no tom, embora não estava seguro de ter desejado dizer cada palavra.

—Mentiroso. — Ela arqueou a sobrancelha, não lhe dando a reação que tinha esperado —



Me deseja, tem medo de admitir. Além disso, me disse uma e outra vez que nunca mais confiasse em você — Disse com confiança absoluta — Mas nunca me disse se deitou com a nymph.

Tampouco teve reação que estava procurando.

—E não o farei. Agora, entreguei minha advertência. Isso é tudo o que posso fazer. Vêem a cascata sob seu próprio risco.

—Não te temo, Layel — Disse, levantando o queixo.

—Tola.

—Confiante em minhas habilidades.

—Tola — Insistiu. Mas ele era o tolo.

O mundo ao redor deles depois de um momento se desvaneceu. Era consciente dela e só dela. Alguém poderia ter aparecido por cima dele e não teria importado. Ela deu um passo a mais para ele, cortando seu prezado espaço pessoal para lhe olhar desafiante.

—Me diga uma coisa ao menos.

—Me deixe adivinhar. A nymph?

A irritação cobriu seus traços enquanto respondia bruscamente.

—O que seja que queira com ela. Não me importa.

Quando soava preparada para matar violentamente a outra fêmea? Importava-lhe.

—O que quero saber — Continuou, fechando ainda mais a distância — É se ficaria de luto por mim se fosse executada.

Um pouco mais perto, e poderia envolver os braços ao redor dela. Poderia pressionar os lábios nos dela, e devorá-la. O pensamento de sua morte... Machucou-o, fez com que desejasse agarrá-la e nunca deixá-la ir.

—Não — Conseguiu apertar mais à frente do nó crescendo na garganta — Não.

Assombrando-lhe ainda mais, lentamente sorriu abertamente.

—Outra vez me vejo forçada a te recordar que me disse que nunca mais acreditasse em uma palavra que saísse de sua boca — Disse — Acredito que sentiria muitas saudades — Com isso, encaminhou-se tranquilamente em direção à cascata.

## Capítulo 12

Será que Layel viria?

E havia tocado essa cadela nymph? Delilah tinha a súbita urgência de lançar a longitude de sua lança de madeira através da árvore mais próxima. Ou coração. Não era suscetível. Tinha passado mais tempo preocupando-se por ele e suas ações que por Lily, o seguinte desafio e os apavorantes dias por vir. Tristemente, duvidava que isso mudasse.

Tudo a seu redor, a água que caía em cascata na salpicada piscina de líquido cristalino, os caminhos de lírios que flutuavam sonhadoramente e uma preguiçosa luz da lua que gotejava do céu. Tudo a seu redor evocava paz e romance, entretanto o coração golpeava como um tambor de



guerra.

Layel tinha permanecido longe dela durante um dia inteiro. Dando prazer a essa suja nymph? Como esperava vê-lo, tinha-o procurado em cada sombra; sentia saudades terrivelmente, de seu temperamento escuro, cruéis palavras, tudo. Não tinha ido em sua busca, perdida como consequência da doentia revelação de Tagart. Teve uma companheira. Obviamente até chorava por ela.

Delilah não podia tolerar a idéia de Layel pensando em outra mulher enquanto a tocava. E a nymph?

—Argh! — Estava arriscando-se “muito” só para apaziguar a curiosidade. Ao menos, essa era a razão que dava a si mesma. Amanhã, possivelmente, acreditaria. Agora mesmo, queria experimentar a posse. Completa, a posse com a que tinha sempre sonhado. Ele desejava a Delilah. Em certo nível, desejava-a.

OH, deuses. Viria?

Layel a tinha considerado uma tonta por sugerir tal encontro, mas ele também tinha sugerido um. Talvez fosse uma tonta, mas precisava saber mais dele. A compulsão de estar perto dele, ter seus dentes em sua veia, a deixava louca. Maravilhosamente louca, e essa compulsão só se intensificava a cada momento que passava. Na realidade, estava agora tão profundamente enterrada nela, que não podia encontrá-la e matá-la. Só podia tolerar sua sempre crescente presença e seguir para onde quer que fosse conduzi-la.

Alguma vez viria?

Caminhava para trás e para frente, gotas de água salpicando suas panturrilhas. Espirais de medo se arrastavam por ela. Não temia a ele. Era uma guerreira muito bem treinada, para lhe permitir conquistá-la completamente e feri-la no processo. O que temia era que gostasse muito de tudo o que ele fazia. Gostava dele. Desejando, necessitando, ansiando mais e sendo incapaz de deixá-lo ir.

Isso não a afugentou. OH, não. Duvidava que algo pudesse afastá-la agora mesmo. Nunca, nada nem ninguém a tinham fascinado como Layel fazia. Tudo o que tinha que fazer era aparecer e ela se encarregaria do resto.

Outro minuto transcorreu, depois outro. Tinha passado a maior parte do dia fabricando mais armas, e agora pegou em um punho as duas espadas junto aos flancos antes de jogá-las. As lâminas cruzadas à costas logo as seguiram. Caíram umas contra outras sobre o musgo. Logo vieram as flechas que tinha esculpido cuidadosamente.

Sem elas, sentia-se nua. Entretanto, não tão nua como queria estar. Com um puf! Sentou-se na rocha mais seca à borda da água e desatou os cordões de suas botas. Atirou-as de lado, como havia feito com suas armas e inundou os dedos na cálida e tranquilizador água.

Onde Inferno ele estava?

Se mudasse de idéia, capturá-lo-ia e...

—Não devia ter vindo — Disse, de algum jeito atrás dela.

Ofegando, virou-se. Nem um som tinha delatado sua presença. Nem sequer um borrão de movimento. Mas estava aqui agora. Justo de frente a ela. Formoso, também misterioso, aqueles



trágicos e enfeitiçados olhos devorando-a em um ardente e cuidadoso escrutínio. Ao menos não a estava olhando com aborrecimento.

Mas ao vê-lo, a primeira emoção de vulnerabilidade a alcançou. Repentinamente estava insegura a respeito do que fazer ou dizer, e se desprezava por tal debilidade. No que pensava ao olhar-la dessa maneira? Possivelmente nada bom. Depois de tudo, ainda chorava a morte de sua companheira. Ainda defendia sua honra.

Ao Delilah, ameaçava-a aniquilando a cada oportunidade.

—Mas está aqui —disse finalmente.

Fez um rígido assentimento.

—Aqui estou. Eu... Não toquei a nymph.

O alívio relampejou através dela, tão potente que se teria caído se tivesse estado de pé. Graças aos deuses. Cabeças teriam rodado se lhe tivesse dado uma notícia diferente.

—Como se me importasse — Mentiu ligeiramente.

Claramente, não era muito fácil de enganar.

—Importa-se. Não deveria, mas o faz. Eu, de todas as formas, só vim a por seu pescoço.

—Precisa se alimentar — Disse, e a resposta repentinamente não lhe sentou bem.

Não tinha vindo especificamente por ela, não tinha vindo por paixão e satisfação. Tinha vindo por alimento, nada mais.

—Sabia. Você o disse. Mas necessitar? — Negou com a cabeça — Não. Nunca necessitarei de ninguém.

O que significava isso?

Ela não tinha pronunciado a pergunta, mas a respondeu de todas as maneiras.

—Quero seu sangue. Não a necessito.

—Está seguro?

Ignorou-a.

—Primeiro, dirá por que está tão disposta a me ajudar.

—Não sei.

Estudou-a, provavelmente seu olhar estava encontrando detalhes que eram privados para ela. Quão desesperadamente o desejava, quanto teria querido não fazê-lo.

—Não sabe nada a respeito de mim — Disse.

Sabia que era forte, leal e preparado. Terno quando queria sê-lo, sensual inclusive quando não queria sê-lo. Sabia que seus beijos eram aditivos, seu corpo arte viva.

—E eu não sei nada sobre você — Acrescentou, aproximando-se dela.

Um tremor se deslizou ao longo de sua espinha. Perto, tão perto. Só tinha que elevar a mão para tocá-lo, mas não o fez. Virou-se de novo para a água e brincou com as pontas de seu cabelo.

—Não, não o faz — Queria ele inclusive fazê-lo? Esperava que o fizesse, mas não podia estar segura.

Outro passo, e seus joelhos a roçaram os ombros. Em ambos os pontos de contato, a pele ardeu.

—O que aconteça aqui só pode terminar mal — Horríveis palavras, entretanto a fome



emanava de seu tom, chocando-se contra ela e animando a sua própria.

O desejo sexual não era novo. Quantas noites tinha jazido acordada, suando, ofegando, desejando e desejando? Incontáveis. Quantas vezes tinha sonhado com um homem que a amasse? De novo, incontáveis. Este homem não a amava, mas era forte, formoso, suas fantasias secreta voltaram a vida.

Estava perdendo o orgulho. Esquecendo os instintos de auto-proteção. Com este desejo assim intenso, não havia lugar para nada mais. Tinham sido queimados, reduzidos a cinzas. Ela não tinha defesas.

Fraca, é tão fraca. Era o mesmo tipo de fraqueza que sempre tinha desprezado em outros. E por que? Por um homem. Um homem que poderia muito bem imaginar que era outra enquanto tragava seu sangue.

—Se sua companheira estivesse viva... — O sentiu ficar rígido e se forçou a calar-se.

—Como se atreve a mencionar isso — Disse com um grunhido baixo — Como soube dela? Quem lhe contou isso? Rasgarei seu pescoço com meus dentes — A horrível ameaça ecoou ao redor deles — Não deveria ter vindo aqui.

—Espera — Sou patética. E entretanto, um rastro de fúria se misturou com seu desejo, fúria e ciúmes. Parte dela odiava a sua companheira até as profundidades de sua alma. Meu, gritava sua mente. Ele é meu — Está aqui agora. Fique.

Curvou os dedos sobre seus ombros e apertou. Gelado como estava, deveria ter experimentado um frio glacial. Em troca, ardeu com todo o calor.

—O que estava pensando, antes?

—Isso não é de sua incumbência — Respondeu com um... deuses, quão mortificante, rubor. Se soubesse, machucaria a ela. Possivelmente trataria de matá-la como tinha ameaçado.

—Suas mãos formam punhos como se te estivesse preparando para brigar.

—E isso te assusta?

Ele bufou, e pôde quase escutar um sorriso no som.

Em seu peito surgiu um estranho e pequeno desejo. Queria ver esse sorriso com uma intensidade que a surpreendeu.

—Algumas pessoas sim me temem, acredita-o ou não.

—Estou seguro de que o fazem.

Fingindo uma despreocupação que não sentia, reclinou o peso sobre as pernas dele. Não se afastou, mas sim aceitou o peso como seu direito. Ela levou uma mão para trás e acariciou suas pernas, acima e abaixo, suave e doce. As palmas lhe ardiam enquanto envolvia os dedos ao redor de seus tornozelos.

Sem nenhuma advertência, puxou seus pés para desequilibrá-lo.

Apanhado com o guarda baixa, chocou-se contra o chão sem sequer poder agarrar-se, incapaz de respirar com seus pulmões vazios. Ela saltou sobre seus pés, girou e saltou. Antes que pudesse elevar-se, tinha-a sentado aberta sobre seu peito.

—Estava dizendo, vampiro?

Houve um breve brilho de admiração em seus olhos azuis, rapidamente extinto.





—Lindo movimento. Obviamente seu favorito — Não houve nenhum sorriso como ela ansiava, mas pôde até escutar a diversão em sua voz.

—Obrigado. E, sim, prefiro-o.

Lentamente se elevou sobre os cotovelos. Ela afastou seu cabelo do ombro, despindo o pescoço, e inclinou a cabeça de lado.

—Vêem. Estou cansada de esperar que comece. Acabemos com isto.

Ele negou com a cabeça.

—Não te morderei aí — Inclusive enquanto pronunciava a restrição, olhou atentamente seu pescoço e lambeu os lábios sedutoramente — Seus companheiros de equipe verão a ferida, e não gostarão que esteja comigo — Sua voz era pouco clara, quase pronunciando mal, como se tivesse tomado muito vinho.

—Então, onde?

O olhar instantaneamente baixou a sua coxa interna.

Outro calafrio viajou por ela.

—Você gosta da idéia de minha boca ali? — Murmurou ferozmente. Antes que pudesse responder, de qualquer maneira, voltou a negar com a cabeça, com a irritação dançando em seus olhos — Não importa. Não responda. Encontro que sou mais parecido a meus homens do que pensava e não quero saber nada sobre seus desejos.

Ela respondeu, de todas maneiras, já que não lhe permitiria reduzi-la a uma coisa, um objeto sem sentimentos. Quando sua boca estivesse sobre ela, pensaria nela, e em ninguém mais. Sabia que estava ardente dele, ávida.

—Sim. Eu adoro. Sonho com isso. Desejo-o.

Suas pupilas se dilataram, e aspirou um fôlego. Contra sua coxa, ela pôde sentir o veloz batimento do coração dele. Simplesmente piscou, e de repente estava deitada sobre suas costas. Ele surgiu sobre ela, cabelo branco caindo como uma cortina lhe roçando as bochechas.

—Veremos se você gosta logo.

—Planeja me machucar de propósito? — Sua essência emanou para ela, e havia poder nesta, algo picante e masculino.

Ela inalou profundamente, saboreando, e seus seios se roçaram, dureza contra suavidade. Seus mamilos instantaneamente endureceram em pérolas, desesperados pelo contato.

—Separa as pernas — Disse entre dentes, ignorando sua pergunta.

Uma ordem. Embora uma vez tinha afirmado que nunca o obedeceria, tirou o chapéu a si mesma fazendo exatamente o que tinha ordenado. Seu sangue estava tão ardente que já tinha liquidificado seus ossos.

Seu grande peso se estabeleceu mais firmemente em cima dela.

A água cálida banhavam seus pés, subindo mais alto e mais alto sobre as pernas, os flancos, os ombros, como se quisesse acariciá-la. Várias mechas de cabelo se moveram e ondearam ao seu redor, farrapos contra a sensibilizada pele.

—Adverti-lhe isso. Disse que se mantivesse afastada de mim. Mas aqui está — Layel se arrastou para trás sobre os joelhos. Olhou-a para baixo, seu rosto era agora ilegível. O resto dele,



bem... Havia força depositada em cada tenso músculo.

Seu estômago estremeceu.

—Aqui estou. Delilah. Seu — Por agora. A idéia a entristeceu.

Suas fossas nasais se ampliaram. As mãos penduravam aos lados, suas unhas alargadas. Ela se imaginou sobre seu corpo, arranhando. Marcando um pouco. Logo, é obvio, lamperia para que se a dor fosse embora com um quente tamborilar de sua língua. Ela rogaria por mais, assim trocaria seu foco a entre suas pernas, tocando... OH, deuses. Estremeceu ao tempo que a umidade se juntava ali.

Ele deu um grunhido como de animal, puro predador.

—Me diga a verdade. Não minta. Alguma vez foi mordida por um vampiro?

—Sim. Não foi prazeroso.

Suas mãos se moveram à cintura dela e apertaram. Por ciúmes por não ser o primeiro a mordê-la?

—Então, não é viciada em nossos... Serviços.

—Difícilmente.

—Diz como se não houvesse uma possibilidade, mas te asseguro que quando se faz bem, pode ser prazeroso. Pergunto-me, entretanto. Por que me permite fazer isto aqui e agora se odeia tanto?

De algum jeito irradiava mais desse delicioso calor. Rodeava-a, perigoso, escurecendo tudo a seu caminho e deixando sozinho... Uma mulher. A guerreira em seu interior fazia tempo que havia dito adeus. Morderia-a Layel da forma correta? Faria prazeroso para ela?

—Bem? — Perguntou.

—Curiosidade — Disse, dando a mesma resposta que se deu a si mesma.

—Não acredito.

—Todo isso me diz que deveria pensar menos — Não queria dizer a verdade, que não podia conceber a idéia de que ele fosse a alguém mais.

A possessividade era tão nova para ela como esta necessidade que consumia tudo.

—Quer meus dentes dentro de você ou não?

—Fala muito, também.

—Provavelmente — Disse, mas não fez nenhum movimento para ela.

A indecisão se reproduzia em sua expressão, seu primeiro rastro de emoção desde que se elevou sobre ela. Treinada para a batalha como estava, suspeitava que esperava sair disto falando. Provavelmente esperava que as respostas dela as suas perguntas o ajudassem nisso.

Não ia afastar-se, não depois de que se submeteu desta maneira, algo que nunca havia feito por ninguém mais, nem sequer por suas irmãs. Nem sequer por Vorik.

—Se não me morder nos próximos três segundos, vampiro, levantarei. Te deixarei aqui e nada, nem sequer a curiosidade, Me trará de volta.

Ele pegou seus ombros, cravando-os no chão. Mas não se inclinou para ela.

—Não faça ameaças que não pensa manter. Dão ao inimigo uma vantagem sobre você.

—Um.



Deu-lhe uma pequena sacudida.

—Não me manipulará, e não me apressará. Entende-me?

—Dois.

—Se olhe — As mãos se moveram lentamente, resolutamente para seus seios. Amassou-os. Ofegando, ela caiu para trás e fechou suas pernas contra o repentino desejo pulsando ali — Pode contar.

A mandíbula dela se esticou.

—Três.

Tentou levantar-se. Pressionou-a para baixo com força, mantendo-a no lugar. Com uma onda de crescente fúria, corcoveou os quadris, fazendo-o cair. Deslizou uma das pernas entre seus corpos e chutou. Sua força devia tê-lo surpreendido, porque se propulsou para trás e aterrissou sobre suas costas.

Ficou de pé em um instante. A metade de seu cabelo estava molhado e gotejando pelas costas, frio, entretanto não fazia nada para diminuir o calor de sua irritação e sua sempre presente excitação.

—Terminamos. Tive...

Nunca o viu mover-se.

Em um segundo estava sobre suas costas, e no seguinte estava ajoelhado frente a ela, pegou-a com força juntando seus tornozelos e a jogou. Agora ela foi propulsada ao chão e quando se chocou, chocou forte. Durante um longo momento, não pôde respirar, não pôde pensar, com mareantes nuvens dentro da cabeça.

Não houve tempo para recuperar-se, tampouco. Os Afiados dentes de Layel se afundaram dentro de sua coxa sem advertência. Na penetração, gemeu. Ela gritou, caiu para trás. As mãos formaram punhos no cabelo dele, suave, sedoso, não para empurrá-lo longe, e sim para aproximá-lo.

O fazia corretamente.

Bebeu, bebeu e bebeu, sua existência inteira centrada na boca.

—Layel — Se encontrou dizendo.

Como uma prece? Uma súplica? OH, deuses. Tão bom. Tão malditamente bom. Era como se ambrósia fluísse dos dentes ao interior de seu corpo, esquentando-a, transformando suas terminações nervosas em breu ardente.

—Não deveria... Ser tão... Celestial. Celestial — Sua língua molhava a pele enquanto continuava sugando.

Arqueou-se e retorceu, com a cabeça se agitando.

—Mais. Toma mais — A negligente perna se curvou sobre seu ombro, descendo por suas costas.

As mãos dele agarraram seus quadris de novo, e desta vez as unhas cortaram profundamente. Não se importou. Em realidade gozou disso. Sua paixão era tão feroz como a dela.

—Não quero... Não posso tomar... Muito.

—Toma mais.



—Não deveria — Deu um último e forte puxão. Depois os dentes se deslizaram livres.

Gemeu decepcionada e se precaveu de que teria deixado ele sugar até secá-la. Algo por uma continuação desse prazer e dor. Suas pernas caíram flácidas, como se lhes faltassem os ossos. Estava ofegando, a velocidade que ainda corria por suas veias.

—Você disse... Que tomasse mais.

Ele lambeu os lábios e fechou os olhos em uma expressão de êxtase.

—Um pouco mais e teria sido incapaz de te levantar durante horas.

—Não me importa.

—Deveria.

OH, deuses. Estava flutuando. Desesperada, necessitada. Não podia forçar que seus quadris ficassem quietos. Moviam-se acima e abaixo, esquerda e direita, procurando a culminação.

—Seus dedos, então — Se ele não a tocasse... Maldição! Sua excitação era muito intensa para controlá-la ou esquecê-la—. Me Toque. Por favor.

Houve uma larga e tensa pausa.

—Não.

Tocou seus seios e os apertou, igual como ele havia feito antes. Os mamilos palpitarão todo o tempo, querendo suas mãos. Um soluço escapou dela. Normalmente teria odiado a si mesma por fazer tal som, mas agora, neste momento, estava possuída por sua paixão.

Estava acostumada a tomar o que necessitava, quando o necessitava. Agora mesmo, necessitava liberação. Morreria se não a obtinha.

—Me toque!

—Não!

—Mas dói — Choramando, suplicando.

—Sinto— Disse, e outra vez soava bêbado. Seu ardente olhar focado em seu gotejante centro — Alguma vez um homem te provou aí? Profundamente?

Em meus sonhos, você o fez.

—Um homem? Não — Vorik se despiu, entrando em uns segundos e não tinha havido nada, salvo uma investida nesse momento.

Seus olhos flamejaram profundamente, brilhante azul.

—Uma mulher?

—Não. Em sonhos... — Arqueou seus quadris para cima, acima — Toca.

—Você gostou? Em seus sonhos?

—Sim — Tinha gostado. Mas queria mais, queria realidade. Muitas amazonas tinham falado a respeito disso. Meu turno, pensou — Necessito-te. Por favor.

—Só a mim ou qualquer serviria?

Notou um rastro de ciúmes. Possivelmente inclusive, atrevia-se a esperar, possessividade.

—Você. Só você — Deslizou suas mãos por seu estômago, e o umbigo estremeceu.

Os dedos empurraram através da cintura de couro da saia e deslizaram pelo lugar em que precisava ser tocada. Mordeu seu lábio inferior. Ele faria?

Com um gemido, afastou as mãos dela e as substituiu com as suas, cavando sob o retalho do



material. Dois dedos se deslizaram dentro de sua molhada e propagada umidade. Os olhos se fecharam, como se estivesse saboreando tudo a respeito dela.

—Sim, sim!

O polegar fez círculos em seu inchado clitóris.

—Está tão estreita. Teve um homem, Delilah?

“Delilah”. Havia dito seu nome. Estava aqui com ela, não se imaginando com outra mulher. Quase gozou.

Baixou o olhar para enorme ereção, estirada tão orgulhosamente contra suas calças. Tinha que tocá-la, tinha que provar a cabeça aparecendo por seu cinturão, tinha que provar a semente brilhando ali.

—Teve você? — Perguntou, esperando que seu sarcasmo escondesse quanto poder tinha sobre ela nesse momento.

Seus lábios se curvaram.

—Quantos teve?

—A um — Admitiu finalmente.

—Acredito que o odeio.

Que coisa mais doce para dizer. Não permitiu considerar o fato de que Layel verdadeiramente odiaria a esse homem quando se inteirasse de que se entregou a um dragão. Possivelmente odiaria a ela, também. Inclusive mais do que já o fazia.

—Amava-o?

—Acreditei que o fazia. Não, não é verdade. Acreditei que poderia — Como poderia abordar o tema de sua companheira sem enfurecê-lo de novo? — Amou antes.

Ele assentiu.

—Sim. Duzentos anos atrás, ela era meu tudo — No momento em que falou, todo rastro de embriaguez o abandonou. Sua cor permaneceu alta, mas já não era suave. Cada polegada dele se endureceu. Saltou afastando-se dela como se fosse venenosa — É meu tudo. Ainda é.

Disse isso enquanto a excitação de Delilah gotejava de seus dedos.

O próprio sentido de possessividade dela faiscou com renovada vida, inclusive enquanto sua fervente excitação esfriava.

—Está morta.

Embora estivesse recém alimentado, suas presas descenderam sobre seu lábio inferior. Um lábio manchado de vermelho com o sangue dela.

—Não falará dela. Nunca.

—E se o faço? — Desafiou-o Delilah, levantando-se.

Relaxadas como estavam, os joelhos quase caíram. De algum jeito conseguiu permanecer de pé.

—Até agora te tratei gentilmente. Não me force a trocar isso.

—Gentilmente? — Riu, o som amargo — Machucou-me em cada oportunidade.

Ruborizou com vergonha? Arrependimento?

—Fala de novo dela e não somente te matarei, aniquilarei sua raça inteira.



Longe de estar intimidada, Delilah se recusou a recuar. O homem tinha chorado por duzentos anos. Devia desejar ter morrido com a mulher, mas não o tinha feito. Por isso Delilah acreditava, já era tempo de que voltasse a viver de novo.

—Como está fazendo com os dragões?

Enfrentou-a segundo meio depois. Apesar de tudo, queria jogar-se nele e aproximá-lo, colocar a língua dentro de sua boca e saboreá-lo. Inclusive o morderia, tão feroz era sua necessidade.

—Não tem nem idéia do que está falando, assim fecha a boca. Não menti. Não exagerei. Todos vocês, inclusive a rainha menina da que falou tão carinhosamente, morrerão por minha mão.

Fúria e descrença brigavam pelo controle em seu interior.

—Meu sangue esta inclusive agora viajando por seu corpo e se atreve a ameaçar a mim e a aqueles a quem amo? Isso é baixo, inclusive para você.

A faísca elétrica em seus olhos morreu.

—Sou um rei. Faço o que quero quando quero.

Um espelho de suas lembranças mais recentes, mas não gostava vindo dele.

—Inclusive um rei pode ser convertido em escravo.

—Assim espera me escravizar certo? Agora a verdade é revelada. Uma amazona até a medula. Dê seu sangue ao vampiro e observa-o rogar por mais. É isso?

—Isso não é...

Cortou-a com um baixo grunhido.

—Inteira-se agora que nunca te rogarei por nada, Amazona.

Finalmente ela se permitiu avançar um passo mais perto. Ainda assim não o agarrou, não o beijou.

—Isso é o que disse a respeito de beber de mim. Que gosto tenho? — Acabou com uma presunção que rogou aos deuses sentir.

Os olhos dele se estreitaram em perigosas frestas.

—Acredito que será melhor se nos evitarmos mutuamente. Como sugeri em todo momento.

—Estava para dizer o mesmo... — Seus joelhos se dobraram.

Paralisou no chão, a cabeça parecia voar para os céus com uma dor nas têmporas. Grunhindo, as massageou. Que Inferno estava acontecendo?

Layel amaldiçoou sob seu fôlego e a recolheu.

—Me solte — Conseguiu dizer, embora estivesse sem fôlego, fraca.

—Realmente não quer que te solte, Delilah.

Uma verdade mortificante.

—O que está errado comigo?

—Devo ter tomado muito — Poderia ter acrescentado — Nunca saboreei nada tão rico, tão bom — Mas não estava segura. As palavras foram mais um rumor que qualquer outra coisa.

—Bastardo. Nunca tinha caído antes — E não gostou de ter feito agora. Com este homem observando. E embora pudesse gostar de estar em seus braços, não podia esquecer as odiadas



coisas que lhe havia dito antes — Desça-me! Agora!

—De todos os modos caiu antes e se te desço, isso é exatamente o que fará. De novo.

—É um risco que estou disposta a correr.

Ele a desceu primeiro suas pernas, e imediatamente se arrependeu de havê-lo pedido. Até que uma fria carícia de ar a golpeou a metade inferior, não se tinha precavido quão cálida a fazia sentir. Ainda assim, plantou os pés na sólida base e travou os joelhos, determinada a permanecer de pé sem importar o custo.

Ali foi quando Layel a soltou completamente, estalando com a língua.

Como uma onda no oceano, ela se deslizou para frente sem a força para deter-se. Silencioso, envolveu os braços a seu redor e a sustentou. Simplesmente a sustentou. Quando ouviu o forte galope de seu coração, relaxou. Não tentou soltar-se. Só escutou. Lentamente, tão docemente, suas mãos alisavam suas costas acima e abaixo.

Esperava que a afastasse. Ou no mínimo dizer que o havia avisado. Isso tampouco o fez... Alguma vez o entenderia?

Os braços se apertaram a seu redor, quase tirando o ar de seus pulmões. Não se queixou. Gostava, sentia-se segura. O homem que agora a sustentava não era o mesmo homem que a tinha insultado.

—Confunde-me — Disse brandamente.

—Sei. Confundo a mim mesmo — Seu fôlego abanou o topo de sua cabeça, e logo descansou sua bochecha ali — Ainda acredito que seria inteligente permanecer à distância.

—Eu... — Quero que me beije. Quero que me faça esquecer por que estávamos brigando. Me convença que temos um manhã — Provavelmente tenha razão.

—Bem, bem, bem — Disse uma voz atrás deles — Não é terno?

## Capítulo 13

Layel não tinha ainda seu desejo sob controle quando escutou a voz do dragão invadindo seus pensamentos. Isto era algo bom. Realmente.

Delilah se esticou em seus braços.

Delilah... Seu sangue era o néctar dos deuses, sem dúvida. Um gole, e tinha sido transportado aos céus. Um só gole, e tinha experimentado mais êxtase sexual que o que tinha conhecido jamais, inclusive quando bombeava seu membro dentro de uma mulher. Não deveria havê-la provado. Tinha esperado encontrá-la comum, reduzi-la a comida.

Tinha fracassado.

Agora sabia a verdade. Agora compreendia que nada se comparava com ela. Nem um rico vinho antigo, nem a ambrósia.

Pouco a pouco, baixou as mãos aos flancos e se voltou, surpreso por quão aliviado estava de ver o casal de dragões. Surpreso de ver os dois dragões de pé juntos, como aliados, quando a





maioria das raças se voltaram uma contra a outra, graças ao cruel jogo dos Deuses. Um momento mais e podiam ter feito algo irrevogável. Como se já não o houvesse feito. Algo... terno, então.

Deuses, esta mulher o desafiava. Zangava-o e o atraía. Atormentava-o. Cortava-o e o deixava nu. Ela tinha tido um amante uma vez, tinha acolhido ao bastardo dentro de seu doce corpo, e ele desprezava ao homem com todo seu ser. Não era um bom momento para esses pensamentos.

Estudou a seus novos adversários. Ver esses olhos dourados despertava cada faísca de ódio armazenada em seu interior. Melhor. Essa emoção era uma parte constante nele, fundida nos ossos e fluindo pelas veias. E, entretanto, esta noite não sentia nenhuma necessidade de atacar ou matar. Por quê?

Delilah não pode estar curando as feridas do meu interior, assegurou a si mesmo. Não havia nada que curar. Algumas feridas causavam danos irreparáveis, de tal forma que não ficava nada para unir novamente. Não estava fazendo-o esquecer; ele nunca poderia esquecer. Talvez, fosse essa estranha sensação de alívio o que lhe mantinha no lugar e embotava sua raiva. Os dragões tinham impedido a ele de fazer algo estúpido.

Mais, Delilah tinha ofegado antes, e ele tinha estado muito perto de dar-lhe. Tinha estado a ponto de dar-lhe tudo. Sexo, promessas... Um para sempre. Ainda estava perto. Deuses, ela já não estava em seus braços, mas ainda podia sentir a suavidade de seu corpo. Pior ainda, essa sensação desagradável de ternura se manteve. Por ela.

Deu-se conta que ninguém havia dito uma palavra em vários segundos, minutos? Cada um deles tinha estado de pé em completo silêncio. Layel sabia o porquê o tinha feito; tinha estado perdido em seus pensamentos. Mas, por que o haviam feito eles?

—Que bom que se uniram a nós — Disse para romper o silêncio, seu tom suave.

Brand e Tagart piscaram, como se não pudessem acreditar no que havia dito. Não relaxaram, entretanto, evidentemente ainda esperando seu ataque. Ambos mantiveram o agarre sobre o punho de madeira de suas adagas.

—Estava-te fazendo mal? — Perguntou- Brand a Delilah.

Embora suas palavras estivessem dirigidas a ela, seus olhos, estreitados e cheios de ameaça, nunca deixaram Layel.

Layel não estava seguro do que esperava que a amazona dissesse em resposta ou o que ele queria que ela dissesse. Uma parte queria escutar a mulher, cujo sangue agora corria por suas veias, o defendendo. De pé, junto a ele. Eles dois contra o mundo, unidos, duas metades de um tudo. A outra parte, desejava escutá-la dizer que sim, tinha-a machucado. Isso seria mais fácil de tratar depois, quando estivesse sozinho com sua vergonha. Podia ser capaz de convencer-se a si mesmo que não a tinha beijado porque ansiava a ela mais do que ansiava a vingança; que não a tinha tratado, durante esse momento terrivelmente formoso, tão carinhosamente como tinha tratado antes a Susan.

Se só pudesse convencer-se a si mesmo disso. Porque, se Susan tivesse ressuscitado da morte e fosse ela que tivesse os interrompido, Layel não estava seguro se teria sido capaz de afastar-se de Delilah. Não se arrependeria de onde tinha as mãos. Ou onde tinha posto a boca antes.



Nesse momento se sentiria dividido, como dois seres andando em diferentes direções. Infelizmente, ambas as entidades tinham algo em comum: ambos o odiavam. Decidiu culpar à ilha. Não estava somente voltando irmãos contra irmãos, estava agora dividindo ele pela metade, o confundindo. Causando uma guerra consigo mesmo.

—Estou bem — Delilah finalmente respondeu ao dragão — Não há necessidade de preocupar-se.

Ficou decepcionado.

—Havia muitos gritos...

—Estou bem — Insistiu, com as bochechas transbordantes de cores brilhantes.

—Como eu estou — Disse Layel, embora duvidasse que os dragões se importassem.

Tagart apoiou um ombro contra o tronco de uma árvore, uma aparente pose casual.

—Tivemos esta conversa antes, não?

Sem dizer uma palavra ou lançar um olhar, Delilah se separou de Layel e se aproximou dos dragões. Seus inimigos, recordou a si mesmo. Um rugido lhe surgiu na garganta, mas rapidamente o cortou. Não a queria perto deles, somente queria atirar suas costas contra ele, sustentá-la com força e protegê-la. Isto é o melhor.

—Antes que façam outra pergunta — Continuou ela de plano — Saibam que não tenho que dar explicações a nenhum dos dois.

—Não? — Perguntou Tagart em voz baixa, com firmeza

Layel os olhou, do um ao outro. As bochechas de Delilah se esquentaram novamente, desta vez, com o que parecia ser culpa. Culpa? Sabia que tinha formado uma aliança com o dragão, mas não tinha pensado que existissem emoções entre o casal. Eram...? Podiam ser...? Não queria pensar nisso, mas não pôde evitar que a pergunta flutuasse à deriva por sua mente: E se estavam trabalhando juntos para lhe destruir?

—Me acompanhem ao acampamento — Disse Delilah aos dragões.

As mãos de Layel se apertaram em punhos enquanto a mulher se afastava dele. Por que lhes pedia escolta? Por que não a Layel? Porque se preocupava com Tagart, sua mente respondeu, e o quer a salvo.

Ela não importava. Não é nada para você. Seu sangue, seu sabor e sua força; seu doce, suave e quente corpo, doces, suaves e quentes gemidos não significavam nada.

Cravou o olhar em suas costas. Sua coluna vertebral estava elegantemente rígida, suas coxas fortes com pequenas gotas de sangue seca dentro e seus pés inundados na água, no mesmo lugar em que a tinha recostado. O lugar no qual ela se retorceu, gemeu e lhe tinha agarrado o cabelo.

Sua branca e quente paixão não tinha sido falsa. Independente que se preocupasse com Tagart ou não, tinha desejado Layel. Talvez ela, também, sentia-se como se fosse duas pessoas.

Ela cambaleou de repente e teve que separar as pernas para manter o equilíbrio.

—Vamos, dragões. Voltemos para o acampamento. Tenho fome — Parecia assustada, impaciente.

Layel franziu o cenho. Onde estava a mulher segura que tinha pedido mais? Debilitada, por sua culpa. Deu-se conta, de repente, que de todas as coisas que mais odiava desta experiência, o



pior era que ele tinha tomado muito de seu sangue e a tinha reduzido a isto. Não era melhor que Zane, a quem tinha repreendido por esse mesmo tema. A Delilah que ele conhecia iria embora com passo longos afastando-se de todos eles, despreocupada sobre quem a seguia e quem não.

Conhece-a tão bem? Verdade?

Seu cenho se estirou em uma careta.

—Então? — Perguntou aos dragões. Novamente, cambaleou.

Layel deteve a si mesmo de alcançá-la.

Tagart se incomodou por seu tom. Brand parecia que estava lutando contra um sorriso.

—Se querem conservar seus órgãos internos, sugiro que a levem ao acampamento — Disse Layel.

Confiar nos dragões para mantê-la a salvo? Em sua condição, não poderia ser capaz de defender-se.

Peça-lhe que fique.

Não. Não!

Quem é você? Em que tipo de homem se converteu? O companheiro de Susan não agiria desta maneira. A protegeria acima de qualquer coisa; poria a segurança de sua mulher por cima de suas próprias necessidades.

O olhar de Brand virou para ele, sua diversão anterior havia desaparecido.

—Duvido muito que se preocupe com meus órgãos, vampiro.

—Esta zangando à amazona, o que te põe em perigo. E se ela o elimina, o que vou ter para comer mais tarde? Hmm?

A fúria ardia depois do olhar dourado, mas não foi Brand quem se adiantou, lhe desafiando. Foi Tagart, com uma adaga levantada. Delilah moveu o braço e apertou os dedos ao redor de seu pulso, detendo-o.

—Não — Disse. Uma só palavra, mas efetiva.

A atenção do homem disparou para ela, ao igual à de Layel. Os dentes se apertaram ante a visão deles se tocando. Melhor assim. Muito melhor, disse-se de novo. Quantas vezes, seria forçado a pensar? Os dentes estavam tão afiados que lhe cortavam as gengivas. O próprio sangue, mesclado com a de Delilah, corria-lhe pela língua e garganta, picante.

A mão de Tagart baixou. Seu olhar não deixou a Delilah enquanto dizia:

—Não vamos permitir suas ameaças, Layel.

—Como sou rei, só pode se dirigir a mim como Sua Alteza — Disse — O que vai fazer se me nego a parar? Hmm?

—Seguro que quer saber, Layel? — Foi a resposta.

—Vamos! — Gritou Delilah, sua voz tremendo — Isto já está chato.

Não pode proteger os dragões de mim, pensou, o vermelho fechando-se sobre a visão.

Tagart colocou a adaga na vagem do flanco.

—Nós não o matamos, vampiro, porque nosso rei nos ordenou te deixar em paz.

—Tagart — Brand grunhiu como advertência.

Uma advertência que foi ignorada.



—Você nos caçou e nós o deixamos porque nosso rei desejava a paz. Ele sabia o que haviam feito a você e a sua companheira, e o lamentava, esperava fazer as pazes. Bem, eu não, e o Rei Dragão não está aqui. Nós sim. E se houver uma coisa positiva que sairá deste jogo miserável, vai ser seu desaparecimento. Fui detido a última vez. Não me deterei outra vez.

Ante a palavra companheira, a raiva de Layel se intensificou em um grau incontrolável. Lançou-se para frente, tentando jogar ao escuro dragão sobre seu traseiro e cortar seu pescoço com um único talho dos dentes.

Esperando-o, o dragão abriu as mãos e sorriu.

Mas Layel não colidiu contra ele. Chocou-se contra Delilah, quem se tinha arrojado em seu caminho. Caíram ao chão, golpeando-se contra as rochas enquanto rodavam. A plenitude de seus seios lhe pressionava o peito, suas desenfreadas batidas de seu coração eram um espelho dos seus. Seu cabelo um emaranhado ao redor de sua cara, um escudo azul marinho.

Os dentes estavam em seu pescoço antes que notasse o que estava acontecendo, a mente ainda sem aceitar que tinha errado seu objetivo. Seu doce, doce sangue lhe encheu a boca novamente. Mas não foi suave esta vez, não foi cuidadoso. Ela gritou de dor e medo, lhe devolvendo o sentido. Deu um grito de assombro e se afastou sobressaltado.

O quente e delicioso sangue lhe corria pelo queixo. Fixou o olhar nela, a mulher a que tinha atacado grosseiramente. Estava debaixo dele, com os olhos fechados e seu fôlego fechando-se para dentro e para fora. Não com prazer, e sim com dor. O vermelho cobria sua pele, banhando-a. Seus olhos se entreabriram, seus olhos estavam secos e vazios de lágrimas. Nem estavam cheios de ódio tampouco. Só um pânico cego porque sua vida poderia terminar agora.

E por que? Tratando de salvar um dragão que não o merecia?

—Por que fez isso? — Grunhiu, a raiva saindo dele e deixando a culpa. Remorso. Mais ódio por si mesmo — Por que?

Ela não respondeu. Provavelmente não podia. Seus olhos se fecharam suavemente outra vez.

Brand agarrou o ombro de Layel justo quando estava agachando-se para recolhê-la suavemente, com muita delicadeza e foi jogado para trás, separado dela. Layel lhes vaiou. Os dois dragões se abatiam sobre ela. Brand cuidava dela, deveria ser eu! E Tagart o olhando fixamente, o desafiando a aproximar-se.

—...Vai ficar bem — Dizia Brand — Tenho-te.

—Não. Eu a tenho.

Layel saltou para frente, agarrando-a com a maior suavidade possível e escapando pelo ar. Os guerreiros poderiam ter se transformado em suas formas de dragão e lhe seguir, mas não o fizeram. Por quê? Não sabia nem lhe importava.

Em seus braços, Delilah estava inerte.

Eu fiz isto. Eu.

A diferença dele, ela não sararia rápido. Ou sim? Não sabia muito das amazonas. Por favor, que sare rápido. Mas com tudo o sangue que tinha tirado dela antes e agora...

—Viverá, Delilah, embora só seja para me castigar por isso.



Quando viu um banco coberto de musgo na outra borda, flutuou para ao chão e suavemente a deitou. Arrancou sua camisa do peito e a envolveu ao redor de seu pescoço para deter o fluxo de sangue. Cuidadoso, muito cuidadoso.

Seus olhos se abriram novamente, afastando as sombras que suas pestanas tinham criado.

Quase não teve coragem de olhá-la. Mas o fez, obrigou-se, e seu peito se sacudiu. Estava tão pálida, mais pálida do que Nola tinha estado.

—Vai beber meu sangue — Disse.

Não era uma pergunta. Era uma ordem. Não tinha compartilhado o sangue em duzentos anos, mas não duvidou em fazê-lo agora.

Ela abriu a boca para responder, mas só saiu um doloroso grunhido. Usando uma das unhas, fez-se um corte em seu pulso e o sustentou sobre sua boca. Ela voltou à cabeça e apertou os lábios.

Com a mão livre, tomou seu queixo e o girou. Dois dos dedos se ancoraram em sua mandíbula e manteve sua boca aberta. O sangue gotejou passando seus dentes e depois sua garganta.

—Bebe.

O olhou. O pensamento de ingerir sangue de outro tinha que ser repugnante para ela. Pagão e repugnante. Só os vampiros se viam obrigados a fazê-lo para sobreviver, os demônios o faziam porque gostavam do sabor. A maioria dos outros desprezavam o ato.

—Não tem que se preocupar em se converter em vampiro. Só ocorre aos humanos.

Até o momento, até onde ele sabia, era assim. Entretanto, salvar Delilah valia a pena o risco.

—Agora, se precisar, vou fazer sua garganta engolir por você. Bebe!

Ela tragou.

—Por que tomou seu lugar? — Perguntou para distraí-la do que estava fazendo. Talvez ansiasse uma resposta, vale, mas alguma vez o admitiria em voz alta—. Por que o salvou?

Somente uma resposta tinha sentido, e gostava menos do que gostava antes. Uma aliança não levaria a uma mulher a tomar um sopro de morte destinado a outro. Ela o faria por amor, entretanto...

Tinha-o suspeitado. Agora tudo o que podia fazer era imaginar Delilah nos braços de Tagart, nua, retorcendo-se, ofegando o nome desse bastardo enquanto o nela. Da maneira em que Layel queria bombear nela.

Susan.

Não, não pense nela. Não agora. Mais tarde, poderia arrepender-se. Mais tarde poderia gritar, injuriar e amaldiçoar. Poderia odiar-se a si mesmo ainda mais. Mais tarde.

Novamente, Delilah tratou de girar sua cabeça. Aumentou a pressão em sua mandíbula.

—Beberá até que a cor retorne a sua pele.

Seus olhos violetas brilharam com ira.

Estava ainda muito pálida, com linhas de tensão ao redor de sua boca, hematomas debaixo dos olhos.

—Você me ajudou. Agora eu ajudo a você — A ferida do pulso continuamente tratava de



sarar-se, e teve que cortar-se três vezes mais para mantê-la aberta. Ela não voltou a tentar girar a cabeça ou fechar seus lábios.

Finalmente, convenceu-se de que ela tinha a suficiente.

Círculos gêmeos agora salpicavam suas bochechas, as linhas de tensão se desvaneceram e a pele se enchia diante seus olhos. Seu alívio era muito profundo para descartá-lo. Com as mãos tremendo, desembrolhou com suavidade a camisa de seu pescoço.

As marcas dos dentes ainda estavam ali, ainda profundas, ainda incorretas, mas já não estavam jorrando. Empurrou-se sobre seus pés, sem surpreender-se de encontrar que suas pernas estavam tremendo também. Foi até a água, dobrou-se e cortou tiras de tecido de sua calça. Inundou-as no líquido, as encharcando, antes de voltar caminhando para Delilah.

—Tive-as piores — Disse ela com voz rouca e áspera.

O fato de que ela pudesse falar, era surpreendente. Suas palavras, estremecedoras. Tinha-lhe feito dano, mas ali estava ela, tratando de reconfortá-lo. Por quê?

—Eu não pretendia...

—Sei.

—Se começar a se sentir doente — Disse com voz rouca — Faça-me saber. Com os humanos, sempre há uma oportunidade de que o sangue do vampiro trate de consumir o corpo como uma danosa enfermidade, lhes deixando mais fracos que nunca. Por outro lado, nunca escutei que isso acontecesse a nenhuma criatura de Atlantes.

—Os humanos podem converter-se em vampiros?

—Alguns podem. Muitos morrem.

Delilah soltou um suspiro de aborrecimento, seu primeiro sinal de emoções negativas.

—Mesmo assim. Não devia ter me obrigado a beber. Sou uma amazona, não um vampiro.

—Esta viva. Isso é tudo o que importa.

—Sim, e quando voltar a Atlantis, serei ainda mais afastada por minhas irmãs. Elas me desprezariam se me visse forçada a beber seu sangue para sobreviver.

Ela se considerava diferente? Por quê?

—Elas alguma vez tomaram escravos vampiros? Além disso, de que raça era seu pai?

Ela desviou o olhar, olhando para qualquer lugar, menos às proximidades de seu corpo.

—Não, nunca tomamos um escravo vampiro. E quanto à outra pergunta, não o vou dizer.

—Por favor.

Ela piscou surpreendida.

—Acredito que é a primeira vez que pediu de forma agradável algo.

—Por favor — Repetiu — Seja a raça que seja, é a razão de seu cabelo azul, verdade?

—Não. Muitas amazonas nascem com o cabelo de cor incomum.

Ficou desorientado, então.

—Delilah... Me fale.

—Você vai rir.

—Não o farei. Juro.

—Centauro — Disse, as bochechas vermelhas como rubis gêmeos — E se te atrever a me



chamar Garota cavalo, vou te matar.

Outros a tinham chamado por esse nome? Desejava castigá-los.

—É muito formosa para te chamar garota cavalo.

A cor em suas bochechas se acentuou.

—Eu. Obrigado. Ele não era o rei, tampouco um guerreiro. Só um plebeu com um sorriso irresistível. Isso é tudo o que sei dele.

Por seu tom, podia adivinhar que não gostava disso. Provavelmente, foi obrigada a provar sua força uma e outra vez devido à falta da mesma em seu pai. A necessidade de castigar as suas irmãs se fez mais forte. O que era estúpido. Hora de mudar de tema.

—Por que o fez? — Gotejou água sobre sua ferida, tratando de limpá-la sem tocá-la e lhe fazer um dano adicional.

Ela não tinha que perguntar ao que se referia.

—Não importa — Desviou o olhar.

—Sim importa.

—Por quê?

—Salvou-o.

Franziu o cenho.

—Salvei você.

—Não — O que queria dizer com isso? — Salvou a Tagart.

Ela fez um gesto com a mão no ar.

—E o que acontece se o fiz? Ele está na minha equipe.

—E isso o faz valer mais que sua própria vida? — Espetou Layel

—Uma equipe deve...

—Trabalha com ele para me destruir se for necessário, mas me diga algo. É seu amante?

Ela estudou Layel, considerando sua resposta, um pouco vacilante.

—Isso te importaria?

Sim.

—Não.

—Então, não te importaria se ele tocasse meus seios e lambesse meus mamilos? Não se importaria se colocasse seus dedos dentro de mim e...?

—Não! Agora, não diga outra palavra — Apertou em um punho o tecido, espremendo a umidade restante. Gotas claras mescladas com vermelho, criando um rio rosado deslizava por seu pescoço para o musgo verde — Se o levar a sua cama —Se encontrou adicionando, incapaz de deter as palavras — Comerei seu coração diante de você.

Poderia ter se equivocado, mas pareceu ver um brilho de alegria em seus olhos violetas.

—Só há um homem ao que desejo dessa forma — Admitiu suavemente.

Graças aos deuses. Faz-te mais desonroso por segundos.

Ela tratou de levantar-se, mas a agarrou pelos ombros e a manteve deitada.

—Ainda não. Descansa.

—Não me dê ordens.





—Ordeno-te se me agradar. Sou mais forte que você.

—Somente quando eu te deixo ser.

Agachou-se a seu lado e apoiou a mão em sua barriga, precisando sentir seu calor, sua vida. Seu ventre estremeceu.

—De verdade acredita ser mais forte que eu?

—Se eu acredito? — Soprou — Seu traseiro viu mais lixo que o meu nos dias passados.

Isso arrancou uma expressiva risada dele. Piscou. Risada? Agora? Isso não tinha formado parte de sua vida durante tanto tempo que tinha esquecido que tal coisa era possível.

Delilah olhava hipnotizada.

—Pensei que seu sorriso era encantador, mas... Deve rir mais freqüentemente. É impressionante.

Ele afastou a vista, demonstrando que ela era realmente a mais forte dos dois.

—Esta loucura terá que terminar logo — Disse em um suspiro — Encontraremos a maneira de acabá-la.

—Se não nos matarmos uns aos outros primeiro — Murmurou.

Como ela tinha estado perto da morte este dia? Infelizmente, sequer podia culpar aos deuses.

—Eu... O sinto.

—Por quê? — Perguntou, soando realmente confusa.

—Sua mente está confusa agora? Por que acha?

—Por me morder, sim, sei. Mas se explique, explica por que sente.

—Foi ferida, Delilah.

—Por minhas próprias ações, Layel, assim não há necessidade de desculpar-se pela dentada.

—Mereço uma desculpa por outras coisas, entretanto.

Seu nome em seus lábios era o paraíso.

—Que outras coisas?

—Deixou de me beijar. Deixou-me... Necessitada.

Calor, muito calor. Os músculos se contraíram em resposta, o membro se endureceu. Outra vez.

—Não me desculparei por isso.

Ela levou uma mão a seu pescoço e percorreu a ferida ali.

—Teria gostado de terminar — Disse com uma careta.

Permitiu que os dedos se envolvessem em seu bonito umbigo, sua pele suave, sua encantadora tatuagem, o sangue fluindo rápido e mais rápido nas veias. Para. Não posso. Moveu os dedos para seu pescoço, acoplando a palma na parte posterior.

—Sua disposição para me absolver é surpreendente.

—Voltamos para dentada?

—É obvio.

Ela suspirou, forte e profundamente.

—O que te surpreende?



—Não me parece do tipo que perdoa.

Seu pulso se torceu assim estiveram palma com palma.

—De que tipo pareço, então?

Olhou-a nos olhos, apanhado em um feitiço que não gostava, mas não podia fazer nada contra.

—Encantadora. Forte — Sorriu lentamente — Vingativa. Estava pronta para massacrar os dragões que levaram a sua irmã.

—Isso foi diferente.

—por quê?

—Minha irmã poderia ter sido ferida.

—Você foi ferida.

—Acredito que mencionei que eu o causei.

—O que não deveria ter feito e não o fará novamente. Terei sua palavra.

Sacudiu a cabeça, o cabelo azul dançando ao redor dela.

—Não, não a conseguirá. Pode tentar me obrigar, entretanto.

Havia prazer em seu tom. Uma provocação, um desafio. Seus olhos estavam entreabertos. Se ela tivesse sido sua mulher, o houvesse... Nada, disse. Não haveria feito nada. Nunca seria dela. Só considerar a possibilidade era uma traição.

—Não vale tanto como suas irmãs?

—Nasci para protegê-las.

Hmm. Via a si mesma sem valor quando se comparava com elas? Tão sem valor como você tratou de fazê-la sentir antes? Usando a mão livre, limpou seu rosto cansado.

—Se te tivesse a prejudicado de propósito, teria tomado represálias?

—Sim — Respondeu sem vacilar.

—Mas desta vez...

—Não sei — Lançou outro desses suspiros — Eu só sei que não queria que brigasse. Nem comigo, nem com os dragões.

—Eles não me teriam ganho.

—Sei.

Seramente? E por que encontrava tanto prazer em sabê-lo?

—Então por que...?

—Suas perguntas nunca acabarão, não é? — Não soava molesta, só resignada — Qualquer homem que possa me derrubar não pode ser facilmente superado. Sei isso, entretanto, esse conhecimento não impediu de preocupar que você ficasse ferido.

Ele. Não Tagart. A satisfação o encheu, tão potente como uma veia de sangue.

—Perdi várias batalhas durante os anos — Admitiu.

—Então, realmente não queria matar seu oponente — Disse simplesmente.

Ele piscou surpreso. Sabia isso, mas ninguém o tinha suspeitado. Tinha deixado a sua própria gente pensar que só tinha sido fraco nesses momentos, em lugar de lhes deixar saber a verdade. O orgulho não tinha importado nessas ocasiões.



Cada batalha que tinha perdido, havia-o feito porque se afastou depois de ver seus oponentes com suas companheiras. Estavam tão profundamente apaixonados. O peito tinha doído, como o estava fazendo agora. Não tinha sido capaz de dar esse golpe final, separando os casais para toda a eternidade. Era matar os dois ou a nenhum. Nos últimos anos, inclinou-se muito para o lado de nenhum dos dois.

Como poderia Delilah se dar conta disso, depois de conhecê-lo durante tão pouco tempo?

Abriu a boca para dizer algo que não sabia o que era, quando uma trompetista ressoou na distância. Deu a volta, procurando através das árvores. A trompetista soou de novo.

—O que é? — Perguntou Delilah, ficando de joelhos.

—Acredito — Disse, o temor fluindo através dele — Que estamos sendo convocados para nossa próxima provação.

## Capítulo 14

Poderia não sobreviver esta noite, pensou Delilah. Passou a vida combatendo em uma batalha ou outra, tinha passado semanas seguidas sem quase comida ou descanso. Mas nunca tinha estado assim de exausta. Literalmente.

Layel tinha bebido duas vezes dela. Um encontro que tinha desfrutado de muito. Tinha sido necessário para salvá-lo. Se ele tivesse acabado com Tagart, sua equipe o teria matado. Assim tinha atraído a força de sua ira para ela. Houve dor na selvagem dentada, mas também, inesperadamente, tinha havido prazer. Seu peso dominando-a... Sua força... Sua ferocidade...

Havia-lhe dito que muitos humanos tinham morrido depois de beber sangue de vampiro. Como a afetaria? Tão fortemente como o homem? Tremeu enquanto recordava a forma em que havia debruçado sobre ela, determinado a mantê-la viva, protetor, focado só nela, tudo o que alguma vez tinha sonhado, e quase caiu do tronco sobre o que agora se estava balançando. Transformar-se em vampiro poderia arruiná-la. Mas não poderia negar o fato de que gostou da idéia de ter alguma parte de Layel dentro dela. Inclusive seu sangue.

Coloca sua atenção à tarefa que tem nas mãos.

Os deuses certamente tinham decidido que era hora de outro desafio. Cada membro das duas equipes tinha recebido instruções de escolher um tronco flutuando na água. Uma equipe de cada lado, os oponentes enfrentando o um ao outro. Deviam permanecer sobre os pequenos troncos enquanto as ondas dançavam em seus tornozelos.

O último a permanecer em pé ganhava.

“Um guerreiro digno pode resistir calor, esgotamento, fome e inanição durante compridos períodos de tempo”, havia dito um dos deuses, uma mulher desta vez, antes que começasse o jogo. “E por agüentar de pé e suportá-lo demonstrando sua resistência, ganha o direito de chamar-se guerreiro”.

—Outra vez trabalhem como uma equipe. Animando uns aos outros se puderem, distraindo



os adversários se for possível. Mas sobre tudo, o objetivo é ser o último a ficar em pé. Sua equipe então conhecerá a glória de nosso deleite... Mas já que suspeito que vocês não compreendem por completo que grande recompensa é, também lhes daremos um prêmio mais tangível. A outra equipe, a equipe perdedora, dirá adeus a outro membro. Desejo-vos toda a força que certamente vão necessitar.

Com essas palavras ressoando nos ouvidos, Delilah olhou fixamente a linha oposta e viu a Nola. Sua irmã parecia bem, afiançada e sensata. Graças aos deuses. Confiava na vitalidade da guerreira, Delilah desviou o olhar. Para Layel. Não podia evitar. Estavam um de frente para o outro. Ele tinha se assegurado disso, empurrando Brand fora de seu caminho quando o dragão tentou agarrar o tronco em frente dela. Tinha experimentado um orgulho apaixonado enquanto observava seu? Homem lutar por estar perto dela.

Levavam ali mais de uma hora, a luz da lua os mantendo frios. Com cada minuto que passava, sua cabeça flutuava com mais vertigem, ficando mais leve, como se flutuasse nas nuvens.

—Sei que a deusa disse que íamos fazer isto para provar nossa resistência, mas realmente, qual é o motivo deste desafio no grande esquema de coisas? — Resmungou ela.

—O guerreiro que possa permanecer firme contra qualquer obstáculo para cumprir com o objetivo é o guerreiro que resultará vitorioso na última batalha — Disse Layel.

—Quer dizer morder qualquer obstáculo?

Layel não riu como tinha pretendido. Enquanto ela refletia sobre suas palavras, precaveu-se de que não foram graciosas. Foram cruéis. Ele não tinha tido a intenção de machucá-la. Inclusive tinha se desculpado. Deuses, o que estava mal com ela? Por que estava, balançando caindo. De repente abriu as pálpebras, quando os tinha fechado? E plantou os pés firmemente no tronco, mantendo sua postura.

—Me olhe — Demandou Layel ferozmente.

Pontos negros piscaram diante da vista enquanto o buscava. Um túnel escuro e comprido apareceu. Onde estava?

—Delilah — Estalou.

—O que? — Respondeu ela bruscamente. Pestanas fechadas. Maldição! Ela as forçou a abrir-se outra vez. Pés plantados. Layel olhando-a furioso.

—Não durma, mulher. Isso só me irritará.

Ela crispou os lábios.

—Ordena-me porque espera que me lance à água só para te chatear?

Seus olhos faiscavam como safiras recentemente polidas, e ele lentamente sorriu.

Amava seu sorriso. Amava a maneira em que seus olhos se enrugavam nas comissuras. Amava a luz que pareceu iluminar sua cara inteira, afugentando as lembranças sombrias. Mas cada vez que lhe mostrava o mais mínimo indício de genuína diversão, ela caía mais profundamente sob seu poder sedutor e isso era uma estupidez.

—Vou ganhar de você. — Esperava que ao dizer as palavras desse a força para manter-se direita.

—A mim, possivelmente. — Seus largos ombros se elevaram em um encolhimento de ombros



— Duvido que derrote a minha... Equipe — Disse o último com repugnância — Estão determinados a ganhar desta vez.

Se não o fizessem, voltariam para círculo de execução. Gelou-lhe o sangue. Perder outro homem significava que a equipe de Layel teria dois membros menos. Pior ainda, poderia ser Layel o jogador que fosse morto.

Outro ataque de vertigem a golpeou, e cambaleou.

—Maldição, Delilah.

Tremiam-lhe as pernas e doía o pescoço, mas manteve sua posição apesar da óbvia necessidade de descanso de seu corpo.

—Sim, amaldiçoar ajuda — Disse ela secamente.

—O que terei que fazer para que se concentre?

Vários outros lhe percorreram com o olhar, carrancudos. No momento, não se importava o que ninguém pensasse.

—Que tal se saltar? Isso obteria minha atenção — Disse ela, temendo pela metade que o fizesse.

—Além disso. — Esfregou a face com uma mão, enxugando as pérolas de suor que refulgiam com a luz da lua dourada — Como se sente?

—Bem.

—Mentirosa.

Agradou-lhe que a conhecesse o suficientemente bem para sentir quando dizia a verdade... Ou não.

—Quanto falta para que as pessoas comecem a cair? — Perguntou ela em voz alta.

—Horas. Dias.

Quase gemeu.

—Certamente alguém...

—Silêncio! — Interrompeu um centauro.

—Se desejas paz — Disse Layel agudamente — Salta de seu tronco e nada até a costa.

O silêncio seguiu a sua solução.

Por que isso a excitava? Em que tipo de mulher se transformou? Só tinha que exsudar suas proezas em alguém e seu corpo reagia. Os mamilos estavam duros, e essa umidade outra vez se reunia entre as pernas apesar de sua fraqueza, apesar dos que lhes rodeavam, apesar das circunstâncias.

O nymph Broderick inspirou profundamente e baixou o olhar. Suas pupilas estavam dilatadas, e quando ele a olhou, lambeu os lábios. Tinha diminutas feridas de espetadas por toda a face, pescoço e braços.

Seu olhar se moveu para a gorgona em sua equipe. Uma mulher bela uma raridade entre as de sua raça alta e ágil, com feições elegantes. Seus olhos eram grandes e escuros, salpicados com prata e cheios de satisfação. As serpentes largas, magras reptaram sobre sua cabeça, vaiando em cada direção. Broderick deve ter se satisfeito com ela, repetidas vezes, pois parecia estar mais forte que nunca, sua pele rosada com cor, seus músculos firmes, sua presença sólida. E ainda



queria a Delilah? Nymphs! Eram impossíveis de satisfazer.

Layel emitiu um grunhido baixo da garganta, atraindo sua atenção, fazendo-a esquecer ao nymph.

—Aconteceu algo? — Perguntou-lhe ela.

—Eu disse que se enfocasse, mas está cravando os olhos no nymph.

Ciumento outra vez? Como tinha tratado a sua companheira? Teria-lhe sorrido freqüentemente? Tinha a amado meigamente todas e cada uma das noites? Deu-lhe tudo o que Delilah queria para si? Ou tinha sido feroz, como era agora? Delilah desejou tê-lo conhecido então. Exceto, bom, ela teria matado a sua companheira com um pedacinho pequeno de fúria ciumenta, assim possivelmente encontrar-se agora tinha sido o melhor.

—Se dispendo a fazer a alguém em pedacinhos? — Perguntou Layel, percebendo sua expressão.

—Possivelmente.

—Ao nymph, espero.

—E a você? — Tinha querido dizê-lo como uma declaração, mas tomou forma de pergunta, pensando em deleitar-se o atormentando.

—Isso seria sábio — Respondeu ele, e não houve nem um indício de cólera ou diversão em seu tom.

Inclinou a cabeça a um lado enquanto estudava.

—Por quê?

Ele guardou silêncio durante muito tempo antes de encolher os ombros como antes.

—Me recorde que nunca mais te ataque de novo. Volta-te molesta.

Ela ofegou.

—Molesta?

—Faz perguntas continuamente e repete o que digo.

—Que perguntas tenho feito? — Demandou, sentindo então o calor esquentando suas bochechas enquanto ele dirigia um olhar zombador. Com o calor, entretanto, chegou à força, suas extremidades tremeram menos. Tinha-a azucrinado de propósito para ajudá-la a manter o equilíbrio?

Queridos deuses. Agora ela se questionava.

—Não importa. Você não é tão malvado como fez acreditar o mundo — Disse, sem fazer uma pergunta nem repetindo algo que ele houvesse dito.

—Tem razão.

Agora estava de acordo? Isso era um princípio.

—Sou pior.

Ela revirou os olhos.

—Não acredito. Diga-me o pior que já fez.

—Isso eu posso dizer — Disse isso Brand, falando de repente mais forte.

Layel descobriu as presas para o dragão.

Esse homem e seu ódio. Comia-o vivo, tinha condenado a uma raça inteira pela morte de



uma mulher. Ela faria o mesmo se fosse uma de suas irmãs. Isso tinha que mudar, pensou. Para os dois. Não gostou do pensamento de Layel sendo consumido por algo salvo o desejo. Seu toque e seus sorrisos eram simplesmente maravilhosos demais.

Estreitou o olhar para Brand. Embora quera os segredos de Layel, quera que fosse o vampiro quem os dissesse.

—Continua falando, e contarei a toda a assembléia algo sobre você. Algo que desejaria que eu não soubesse.

Nola, quem estava no extremo mais afastado, inclinou-se para frente.

—Fala mais alto. Quero ouvir isso.

Zane cravou os olhos na garota, com expressão escura. Brand, também, olhou para ela e inclinou a cabeça de lado pensativamente. Nola percebeu seu olhar e ruborizou. Verdadeiramente ruborizada como uma garota inexperiente, embora Delilah sabia que lhe tinham outorgado um varão cativo em recompensa por demonstrar valentia sem igual no campo de batalha. Possivelmente, entretanto, tinha deixado o homem sem tocar e tinha passado a noite sozinha. Possivelmente tinha querido algo mais que a mera capitulação de um amante, como acontecia com Delilah.

Seguia olhando, meditou Delilah, ia cair. Cuidadosamente voltou a plantar os calcanhares no tronco. Escutou uma sal picadura ao longe. Endireitou as costas, e baixou o olhar, procurando.

O demônio de sua equipe tinha caído. Ele subiu chapinhando. Os dois centauros, quem se viraram para observar à criatura nadar para a praia, caíram depois, incapazes de seguir equilibrando suas pernas. Delilah sacudiu a cabeça tonta, quieta! e suspirou.

—Amazona — Chamou Brand repentinamente.

Delilah piscou em sua direção, mas não era a ela a quem observava. Seu olhar estava ainda pega à bonita Nola.

—Deixa de passar o olhar de sua irmã ao vampiro. Cairá — Disse.

Nola elevou um punho antes de olhar furiosamente para frente.

—Ah, olhe isso. Uma amazona que obedece a ordem de um homem sem perguntar. Uma novidade, certamente — Disse Layel.

Delilah se voltou para ele, seu pulso saltou diante o som de sua rouca voz. Deuses, era formoso. Surpreendente e cheio de brio. Um protetor na pele de um predador.

—Todos os vampiros são bestas furiosas e mal humoradas?

Ele inclinou a cabeça.

—Só eu. Obrigado.

—Não era um elogio.

—Está segura?

—Olhe quem está fazendo perguntas agora — Disse com ar satisfeito.

Uma rápida olhada aos opositores fez notar que o olhar do outro vampiro estava outra vez em sua amiga.

—Seu guerreiro observa a minha irmã com intenções escuras nos olhos, como se a quisesse para o jantar.





O olhar do Layel estudou lentamente a face de Delilah.

—Vejo que isso te desagrade. Ciumenta?

Havia tanta cólera na pergunta, que ficou momentaneamente estupefata. E então, os deuses a ajudassem, ela sorriu.

—Você está?

Ele não respondeu. Inclusive afastou o olhar como se a ignorasse. Exceto não a ignorou. Somente disse:

—Não estou com ciúmes — Seu tom tranquilo, calmo — Mas acredito que mataria inclusive meu irmão, nesse caso, se decidisse tomá-lo como amante.

A água salpicou. Houve uma vil maldição.

O outro demônio tinha caído.

—Como se sente? — Perguntou Layel antes que ela pudesse reagir a seu furioso-maravilhoso anúncio.

Cansada, fraca, tremula. Insegura.

—Bem.

Seu olhar voltou a deslizar-se pelo corpo em outro exame persistente, quente, detendo-se em todos os lugares através dos quais ela queria que sua boca viajasse. Ele lambeu os lábios como recordando seu sabor. Por uma vez. Duas vezes? Três? Nada ao seu redor importava exceto um homem. Esqueceu de sua fraqueza. Esqueceu do jogo. Esqueceu das conseqüências. Só Layel existia.

—Nunca me disse a pior coisa que já fez.

Um músculo palpitou debaixo do olho.

—Por que desejaria ter semelhante informação? Para que propósito poderia ter possibilidades de servir? — Havia genuína perplexidade em sua voz.

—Quero te conhecer melhor. Isso é tudo.

Uma morna explosão de ar sobrado pelo mar passou perto deles, açoitando seu cabelo ao redor de sua face e fazendo que sua boca se enchesse de água. Ele não levava camisa e sua calça estava rasgada. Cada corda dura de músculo e tendão que possuía foi exposta a seus olhos. Não podia evitar a não ser maravilhar-se da vista. Tive este poderoso homem em meus braços.

Não tinha nenhuma cicatriz. Sempre tinha acreditado que desejaria a um homem com cicatrizes, que provassem que não tinha recuado em uma briga. A prova que combateria por ela. Vorik havia possuído muitas. Mas queria Layel muito mais que o que alguma vez tinha querido o dragão, o qual não tinha lutado por ela depois de tudo. A pele do vampiro era aço coberto de veludo, suave e firme, e a tentava como nada mais o fez alguma vez.

—Matou alguma vez uma mulher? — Perguntou, inclinando a cabeça.

—OH, sim. — Não vacilou com a resposta — Segurei a Marinha, a anterior rainha demônio, em meus braços e a matei como quase matei você. Drenei sua vida com minha boca. E nunca o lamentei.

—Suponho que te machucou de algum modo. — Tinham sido amantes? Perguntou-se Delilah, apertando os punhos. Essa pequena ação alterou seu equilíbrio, e cambaleou outra vez.



Layel a empurrou com a perna, impedindo que caísse. O movimento rápido como um abrir e fechar de olhos foi tão rápido que ninguém poderia havê-lo notado, mas a salvou.

O coração a golpeou em um ritmo destacado de gratidão e vergonha.

—Obrigado — Resmungou.

—Adverti-lhe isso. Mantenha a atenção. Da próxima vez, posso te deixar cair.

—Meu doce herói. — Sentindo o calor de um olhar penetrando-a, jogou uma olhada ao redor. Brand e Nola estavam olhando-a diretamente, Zane, o vampiro, estava observando Nola outra vez e, Tagart. Maldição. Ele a olhava furioso.

—Tem que deixar de me ajudar — Murmurou a Layel — Salvando-me só conseguirá que o matem.

—Pelo menos não nega necessitar ajuda. E antes que me diga que não tinha necessitado ajuda se tivesse guardado os dentes para mim, já sei. É forte e capaz quando suas veias estão completamente abastecidas.

Ele reconhecia suas habilidades de guerreira? O assombro quase a derrubou. Uma das razões pela que as amazonas tantas vezes tinham que provar suas habilidades era que os homens com os que brigavam freqüentemente mentiam, reclamando a vitória que não tinham ganho, muito envergonhados para admitir que tinham sido derrotados por meras mulheres.

—Algumas vezes me sinto fraca perto de você — Admitiu baixinho, baixando a voz para que só ele a pudesse escutar — E não teve nada que ver com a perda de sangue. As coisas que quero que me faça... Envergonham-me, e inclusive isso não parece importar quando estou contigo. As desejo ardentemente.

Ele engoliu seco.

—Não deveriam se envergonhar.

—E por que é isso?

—Porque foi meu... Prazer cumprir com algumas de suas necessidades. Porque está certo permitir que eu lhe cuide.

—Você poderia? Permitir que cuidem de você, entende? — Quero ser essa mulher. Desejava-o tanto. Em sua cama, em sua vida, ali, finalmente tinha admitido o segundo. Deveriam ter sido inimigos; provavelmente odiaria à mulher que o fez esquecer a sua preciosa companheira, embora fosse um segundo, mas... Se ele pudesse olhar Delilah com ternura uma só vez, isso só poderia valer qualquer adversidade.

—Eu... Não. Se não estivesse emparelhado...

Mas em sua mente, ele estava. Sempre estaria. Por muito que lhe doesse sabê-lo, foi o máximo que alguma vez lhe tivesse devotado, assim é que se armou de coragem. Parecia que estava ficando mais tola com cada dia que passava.

—Por que matou a Marinha?

Curvou para cima uma esquina de sua boca.

—Ela respirava o mesmo ar que eu.

O coração saltou uma batida ante a visão desse meio sorriso.

—E? — Apressou ante a pouca explicação.



—Isso... Ofendia-me.

Ela não pôde conter que lhe formasse um aberto sorriso.

—Também nunca gostei dela. Era uma lada e uma mentirosa.

—E as mentiras a desagradam?

—É obvio. — A confiança era uma coisa sagrada, e as mentiras a burlavam.

— Sou um mentiroso.

Passou um momento em silêncio enquanto ela digerira suas palavras. Os mentirosos usualmente não se confessavam responsáveis por seus pecados. O que significava que ele devia querer despertar sua repugnância. Por que?

—Disse isso antes. — Soou ela alguma vez tão aturdida? Tão... Feminina?

—E você não acreditou em mim. E, olhe o que te aconteceu. — O olhar se cravou em seu pescoço ainda sarando — Disse que me manteria longe de você e então te roubei o sangue.

Possivelmente esta era sua maneira de mantê-la afastada, pensou. Talvez tinha demonstrado ser muita tentação para sua tranqüilidade mental. Talvez esperava que o tratasse horivelmente assim poderia odiá-la.

—Eu gosto de tudo o que vem de sua boca — Disse ela suavemente, com voz rouca.

Seu fôlego se entupiu diante a implicação.

Ela quis rir.

—Estou certa? — Mas acrescentou — Você pode me dizer o que quiser sem temor.

A água salpicou, assinalando que alguém acabava de cair, mas não afastou a vista do vampiro.

—Me diga... — Deteve-se, franziu o cenho e olhou com atenção sob os pés.

O tronco pareceu encolher-se. Encolhia-se, precaveu-se impactada. Os dedos e os calcanhares estavam agora pendurando fora do tronco. Ela trocou de posição, tentando procurar um novo ponto de equilíbrio.

—Fica quieta — Grunhiu Layel.

Alguém mais caiu, seguido rapidamente por outro. Da praia, ela podia ouvir vitórias e gritos de advertência enquanto os companheiros das equipes caídos inspiravam seus irmãos.

Uma rocha repentinamente voou diante de sua face e golpeando na de Layel. Ele balançou, amaldiçoou, mas felizmente ficou ali enquanto um filete de sangue fluía da sobancelha.

—Quem atirou isso? — Demandou ela. Desviando o olhar para o outros. Várias sereias estavam nadando ao redor dos tornozelos de Broderick, algumas estirando-se para lhe acariciar a coxa, arrulhando enquanto faziam isso. Os tritões nadavam ao redor da fêmea nymph, quem parecia estar frustrada pela atenção. Cada vez que a tocavam, causavam que se balançasse. Como reagiria Layel se caísse?

—Por qualquer meio necessário, disseram os deuses — Disse Tagart, atraindo sua atenção. Os olhos se estreitaram, ele tirou outra pedra de seu bolso e a lançou.

—Não!

Esperando-a desta vez, Layel conseguiu apanhá-la com um movimento tão veloz que o balanço do braço não foi nada mais que um borrão.



—Covarde.

—Como me chamou? — Foi à resposta vaiada.

—Ouviu-me, dragão. Pegar-me enquanto estava despreparado é o ato de um covarde.

—Não, é o ato de um homem preparado.

—Tagart — Disse Delilah bruscamente — Pare.

—Por quem está tomando partido, Amazona? — Tagart apontou um dedo acusador diante dela — Pensei que já tinha escolhido. Mas cada vez que dou à volta está com ele.

Ela abriu a boca, mas não saiu nenhuma palavra. Se lhe dizia que estava de seu lado, Layel a odiaria. Outra vez. E se declarava lealdade a Layel, sua equipe logo votaria para que ela morresse.

Ao final, não teve que dizer uma só palavra. Um tubarão voou repentinamente de entre os troncos centrais, suas grandes mandíbulas e temíveis dentes lhes lançando uma dentada. Sua grossa pele cinza golpeou a nymph fêmea, que gritou e caiu. Layel não pareceu se importar. Talvez por isso foi que Delilah repentinamente sentiu pena por ela. Felizmente os tritões a levaram a nado para a segurança.

Uma das nadadeiras do tubarão arranhou Nola no estômago, mas conseguiu permanecer de pé. No momento.

Quando o tubarão golpeou a água, desaparecendo de vista, todo mundo ficou quieto, em silêncio.

Os olhos de Nola se fecharam e esfregou sua têmpora.

—Não me sinto tão... Bem. — Os joelhos repentinamente se paralisaram e perdeu o equilíbrio.

Brand se jogou por ela. Quando saíram à superfície, envolveu-a nos braços. Estava pálida, com os dentes batendo enquanto a arrastava para a praia e a colocava gentilmente sobre a areia. Então foi quando Layel jogou a rocha que tinha apanhado. Estrelou-se contra a virilha de Tagart com um ruído surdo.

—Tem razão — Disse ele quando o distraído dragão se dobrou e uivou—. Preparado.

Tagart se propulsou diretamente à água. Não emergiu por um segundo, dois, e então a água começou a formar redemoinhos, brilhar. Houve um enorme spray quando Tagart surgiu como um dragão. Desatou um feroz rugido, suas asas estendendo-se, as escamas substituindo já a pele, a cauda retorcendo-se.

Lançou um caudal de fogo em Layel. Ele se agachou, as chamas lhe chamuscaram as costas. Os vampiros eram rápidos, mais rápidos que qualquer outra raça, mas Layel não tinha tido nenhum lugar para onde ir, e o fogo era a máxima debilidade de um vampiro. Ela sabia por que as Amazonas faziam um objetivo de estudo de cada raça, procurando as formas para as derrotar.

—Pare, Tagart. Pare! — Demandou Brand da praia — Há inocentes no meio.

Tagart estava além de escutar. Cuspiu outro jorro de chamas crepitantes, cortando além de cada um dos que ainda ficavam, Zane e Broderick se lançaram à água para evitar o impacto e então o fogo deu a Layel, quem tolamente se negou a mover-se. Delilah gritou e se encontrou saltando para interceptar o golpe.

Só quando as chamas estiveram a ponto de engoli-la, os braços de Layel a rodearam,



puxando ela com força para baixo, abaixo, abaixo, recuando-se, aterrissando na água, ele se virou para que seu corpo fosse o primeiro que golpeasse. Mas seus pés tinham sido os últimos em deixar o tronco. O que significava que sua equipe tinha ganho. Ela tragou uma baforada, afogando-se. O sal ardeu nas feridas do pescoço, os pulmões apertados e lutou para chegar à superfície.

O agarre de Layel aumentou. Abriu os olhos de par em par enquanto se dava conta do por que. O tubarão estava nadando para eles, com a boca aberta, os dentes brilhando avidamente.

## Capítulo 15

Shivawn despertou com uma sacudida e gemeu. Deuses, estava dolorido. Estava fraco, vazio. Muito jogo sexual, suspeitava. Tinha ocorrido antes, e provavelmente ocorreria de novo.

Sorrindo, abriu os olhos, o mundo ao redor estava impreciso, desfocado. Havia escuridão com um ligeiro rastro de dourado. Uns metros mais longe, a água gotejava em um lento e fixo ritmo. Precaveu-se que as paredes que o rodeava pelos lados eram... Rochosas, não de marfim e ônix ao que estava acostumado.

Onde estava?

Não em uma cama. O chão debaixo dele era tão rochoso como as paredes, o ar úmido e mofado. Uma cova? E por que uns pesados pesos puxavam seus pulsos e tornozelos? O sorriso se desapareceu, divertimento substituído por aborrecimento, ao mesmo tempo em que girava a cabeça e olhava as pesadas correntes que o prendiam.

Prendiam? Estava preso?

Um amoroso rosto feminino lhe cintilou na mente, dente ao descoberto, fúria em seus olhos azuis. Recordou.

—Alyssa — Grunhiu.

Uma das sombras do canto se moveu. Depois, repentinamente, ela estava a seu lado, olhando para baixo. Nunca tinha visto mais adorável. Sua pele estava avermelhada em um saudável rosa, suas bochechas coradas, seus lábios de cor vermelho sangue. Vestia uma toga negra, que cobria cada polegada de pele exceto seu impressionante rosto e suas delicadas mãos.

—Então. Está acordado.

—Me solte. Agora! — Ele deu puxões com os braços e pernas, mas os grossos elos se sustentavam fortes. Seu fraco estado não era competidor para eles.

—Melhor permanece calado, nymph.

—Alyssa.

Ela deslizou a ponta de um dedo pelo peito nu. Então. Tinha-lhe tirado a camisa. Que mais tinha feito? Apertou os dentes entre si, o corpo insensível.

A maior parte de sua vida, o membro tinha sido uma vantagem. Confidencialmente se elevava por qualquer fêmea. Exceto por ela. Não sabia o porquê. A noite que tinha passado com



ela, tinha tido que pensar em outras para permanecer duro.

Não tinha mentido. Tinha-a deixado dormindo na cama, saciada, enquanto que ele se derrubou em insatisfação, frustração e confusão. Não estava ansioso por repetir a experiência.

O que era que tinha ela que o apagava? Cada vez que a olhava, tudo o que podia ver em sua mente era sangue. Tudo o que podia escutar eram gritos.

— Me deixe ir e fingirei que isto nunca ocorreu.

As unhas, até descansando sobre seu peito, cresceram a afiados pequenos pontos, deslizando-se dentro de sua pele.

—OH, não. Não haverá liberação para você. Não ainda.

—Alyssa — Disse entre dentes de novo.

—Te trouxe aqui para te castigar, sabe. Para te dar o que merece. Queria te ferir, te destruir, mas ao te observar dormir percebi que não posso fazê-lo — Riu amargamente — O que posso fazer, de qualquer forma, é te agradar. Te agradar tão ferozmente que nunca esquecerá o que ocorreu nesta cova, nunca esquecerá à mulher responsável por isso. E sobre tudo desejará, desesperadamente, mais — Quanto mais falava, mais determinação emanava de seu tom.

—O exército nymph me buscará. Nos encontrarão e morrerá por isso.

Um frio sorriso se abatia nas comissuras da exuberante boca. Ela negou com a cabeça, cabelo dançando.

—Eles assumirão que desaparecemos como os outros.

Seu estomago se esticou com apreensão. Ela tinha razão.

—Isto não fará que te ame, Alyssa. Fará que te odeie.

Ela baixou o olhar, e desenhou círculos ao redor de cada um dos mamilos dele.

—Sei — Admitiu suavemente.

—Então me libere. Agora.

—Parece que te desejei sempre — Disse como se ele não tivesse falado — Sei que sonhei conosco juntos, uma e outra vez. E a única pura e perfeita lembrança que tinha, arruinou-a.

Ele não podia, não se suavizaria com sua captora. Quando obtivesse a liberdade, e o faria, iria se assegurar de que ela fosse incapaz de machucar a algum outro guerreiro.

—Eu disse que essa não era minha intenção, mas queria a verdade, assim que lhe dei isso.

—Não estava finalizado — Disse ela, sua mandíbula firme — Deixou-me e estava insatisfeito.

Ele não podia negá-lo, assim não replicou.

—Como disse antes — Grunhiu ela, largas pestanas elevando-se. Seus olhos brilhavam perigosamente, cheios com uma determinação tão completa que ele nunca tinha visto igual. Mais forte, inclusive, que seu tom — Estará completamente satisfeito quando terminar contigo. Pensará em mim constantemente, recordará a felicidade que te dei, e quererá mais da mesma forma que eu quis mais todos estes anos. Mas nunca lhe darei isso. Depois disto, estaremos iguais. E terei terminado contigo.

Escura fúria fervia por ele. Era um guerreiro. Ser capturado assim, e por uma mulher, era humilhante. É mais, era um nymph. Deveria ser capaz de encantá-la para fazer tudo que ele quisesse. Mais até, deveria querer isto, deveria simplesmente considerar um jogo.



Não desejar uma mulher era quase... Sacrílego.

—Isso seria violação — Se encontrou dizendo a si mesmo, e não pôde acreditar as palavras que brotaram de sua boca. Nenhum outro nymph as teria pronunciado. Nunca. Eles teriam gozado qualquer prazer que esta mulher lhes desse.

Um pranto estrangulado saiu de Alyssa, e ela afastou a mão dele.

Ele usou a pausa para pensar. Por que a tinha detido? Os nymphs necessitavam sexo para existir. Sem este, debilitavam-se. Poderiam inclusive morrer. Com este, entretanto, eles se voltavam incrivelmente fortes. Deveria deixá-la montá-lo, restabelecer toda sua força, e então deveria quebrar as correntes e estrangulá-la com elas.

Sim, esse era um plano válido. Apertaria os dentes e o aplicaria. Só esperava que pudesse enganá-la e em realidade responder a seu tato.

Destravou a mandíbula, calmo, se manteve calmo, e se esforçou por suavizar a expressão.

—Sinto muito. Isso foi cruel de dizer. — E era difícil se desculpar quando não sentia nenhuma palavra — Deseja-me e eu te desejo.

A mulher ia sofrer por fazê-lo chegar até este ponto.

Ela piscou diante da surpresa, depois com suspeita.

—Que jogo está fazendo?

—Nenhum jogo. Simplesmente desejo me deitar com você.

Não convencida, ela sacudiu a cabeça.

—Repentinamente me deseja inclusive antes que tenha começado? Desse jeito? — Estalou os dedos — Um instante antes disse ser uma violação.

—Sim. Desse jeito — Tinha tido que tragar a fúria para soltar as palavras.

—Mentiroso. — Mas as mãos retornaram a seu peito, como se quisesse acreditar apesar de suas dúvidas. Ela colocou um dedo dentro de seu umbigo, reclinou-se para baixo e o beijou ali, seu olhar nunca deixou o seu.

Ele inalou profundamente, logo teve que apertar seus dentes como tinha suposto, os gritos de seu pai repentinamente explodiram na cabeça. Os ouvidos apitaram, e a essência da morte lhe invadiu o nariz. Cada músculo do corpo se esticou. Isto era o que ocorria cada vez que Alyssa se aproximava dele. Recuperar sua força não valia isto.

—Você... Você... Não posso suportar seu aroma — Gritou ele, sem saber que mais dizer para afastá-la — Tem que se afastar de mim.

Ela pronunciou um envergonhado uivo e se elevou.

—É um homem cruel — Gritou — Embora tenha me convencido do contrario, recolhendo cada migalha que atirava em meu caminho. Suficiente! Já não farei mais isso. Quer que me banhe? Farei. Não quero que nada diminua seu prazer. E o desfrutará. Não que mereça. Nunca o notou, mas fui incapaz de beber o sangue de outro desde nossa união. Estava literalmente morrendo por seu sangue, maldito, mas agora o tive. Agora estou forte. E logo estaremos livres um do outro.

Saiu irada da cova, deixando-o sozinho.

A cabeça caiu contra as rochas, aquelas terríveis lembranças desvanecendo-se de sua mente na esteira de suas acaloradas acusações e sua partida. Não tinha bebido de outro? Amava-o tanto?





Era quase... Humilhante. Mas certamente tinha exagerado. Certamente não tinha estado verdadeiramente morrendo devido a sua rejeição.

Certo?

Rememorou o quanto tinha estado pálida ultimamente, quão funda suas bochechas e olhos se tornaram. Agora, depois de ter tomado seu sangue, ela resplandecia. Estava envergonhado de admitir, mas não tinha notado seu decaimento.

Franziu o cenho, preocupação escurecendo todo rastro de fúria e liberando a mente das idéias de vingança. Como se sentiria se ela fosse tomar seu último fôlego? Se jamais voltasse a vê-la de novo, como ela tinha prometido?

Tinha chegado a esperar sua presença. Ela era Alyssa, a mulher que constantemente o olhava, observava-o com luxúria nos olhos. Quem fazia tudo o que estivesse em seu poder para o seduzir. Quão mesmo a maioria das mulheres, para ser honesto. Mas ela queria mais que sexo. Tantas vezes o tinha convidado à cama, como tinha pedido ajuda para idear planos de batalha, suplicado que se unisse em um passeio pela Cidade Exterior e tinha enviado livros que tinha desfrutado para que assim pudessem algum dia discuti-los. Ela queria conversar, conhecer seus pensamentos e que ele escutasse os seus. Queria conhecê-lo como homem, não só como amante.

Não havia nenhuma faísca de satisfação na idéia de seu falecimento, como tinha suposto. Não havia nem sequer alívio. A idéia de estar sem ela em realidade o entristecia. Sim, entristecia-o, precaveu-se.

Apesar do que o fazia sentir quando a olhava, ela era adorável. Inclusive lhe agradava discutir com ela. Algumas vezes, inclusive o fazia sorrir. Era inteligente, engenhosa. Luxuosa. Mas de algum jeito ele tinha chegado a equipará-la com o sofrimento do passado, e isso tinha poluído seus sentimentos para com ela.

A primeira vez que a tinha visto, como uma mulher, não mais como a uma criança, consumiu-se de luxúria por ela. Tinha-a desejado mais do que tinha desejado alguma vez a outra. Mas no momento em que se aproximou dela, olhando dentro de seus olhos, essa luxúria se converteu em desgosto, os gritos do passado lhe consumindo. Isso nunca tinha mudado. Por que o passado tinha interferido? Importava? Escapar devia ser sua única preocupação.

Durante uma eternidade, lutou para liberar-se das correntes. Tudo o que tinha conseguido era cortar sua pele. Que espécie de guerreiro sou? Perguntou-se.

Finalmente, ela retornou. O cabelo estava úmido e vestia uma toga diferente. Uma azul, fazendo jogo com seus olhos. Mais formosa que nunca, pensou fechando os olhos. Excitação instantânea, mas sabia que era só questão de tempo que murchasse.

—Agora deveria alcançar inclusive seus mais altos padrões — Disse ela.

Alyssa subiu sobre ele, sentando-se escarranchado. Pousou as mãos sobre seu peito, o calor de seu centro, embora coberto pela toga, pressionava contra o pênis. Onde o tocava, uma pequena labareda se acendia. Estranho. Isso nunca tinha ocorrido antes. Não com ela. Por que ocorria agora?

—Há muito que devemos discutir — Disse ele, a mente ainda agitada. Ela não se via nada diferente, e certamente não se tornou mais atraente para ele. Mas por uma vez, não havia



nenhum brilho de sangue na mente, nem gritos. Acariciava-lhe o peito como se fosse seu mascote preferido. Havia calosidades em suas mãos, calosidades que evocavam uma deliciosa fricção.

De repente ele não quis que deixasse de tocá-lo.

—Alyssa — Começou a dizer, sem saber realmente o que dizer.

—Deixa de falar — As pontas dos dedos nunca cessaram seu decidido movimento, desenhando a linha de sua mandíbula, suas orelhas, a inclinação de seu pescoço e clavícula.

O sangue se esquentou com uma impactante quantidade de desejo.

—É... Isto é... — Seu cenho se aprofundou. Como ela estava fazendo isto? Ele abriu os olhos para estudá-la, escutou um grito dentro da cabeça, perdeu a excitação e rapidamente fechou os olhos de novo. Silêncio.

Seu rosto, precaveu-se. Algo a respeito dela devia enviá-lo ao passado. Mas o que?

Ela rapidamente desceu por ele, esfregando-o uma vez mais para prepará-lo. Ele gemeu ao tempo que ela se inclinava e lambia diretamente o mamilo. Endureceu-se, procurando por mais da quente perfeição de sua boca.

—Está pensando em outra mulher? — Perguntou roucamente.

O afiado pequeno dente arranhando a pele ao redor de seu outro mamilo, assim que o único som que escapou dele foi um gemido. De prazer.

Ela não tinha sido assim agressiva antes. Tinha-o mordido a última vez, sim, mas tinha sido acidental. Inclusive sabendo-o, quase a tinha esbofeteado por isso. Só seus rápidos reflexos o tinham detido.

Quase tinha sido esvaziado uma vez, e tinha sido tão doloroso, horrendo e humilhante como sofrer a amputação de um membro. Alyssa quase o tinha esvaziado para trazê-lo aqui, e não tinha sido prazeroso tampouco. Então a idéia de ser mordido de novo deveria havê-lo aborrecido. Só que... Deuses, não queria que Alyssa parasse. Queria uma parte dela dentro dele, tomando alimento, vivendo porque lhe dava vida.

O que tinha acontecido a sua mente, a seus desejos?

Ela mordiscou mais forte.

—Está?

—Estou o que? — Esqueceu-se da pergunta, estava muito ocupado arqueando-se para cima para encontrar sua boca.

—Em quem está pensando, Shivawn? A imagem de que mulher está em sua mente quando faço isto? — Lambeu todo o caminho para baixo, sem deter-se até alcançar seu umbigo.

O pênis a buscava, ansiando sua boca. Quente, tensa, úmida. Bombeando dentro e fora. Duro. Feroz.

—Diga-me e serei gentil com você — Murmurou antes de lançar um quente sopro sobre a umidade que a língua tinha deixado atrás.

—Você — Respondeu honestamente —Vejo você — E o fazia. O calor de lhe fundia a pele, seu sedoso cabelo fazia cócegas no peito, e o agradava.

Os dedos se curvaram ao redor do pênis. Apertando. Os quadris dele surgiram para cima, um ofego separando os lábios. De onde tinha vindo esta tigresa? Principalmente, tinha estado quieta a



última vez, como se tivesse estado saboreando cada toque, cada som. Ele tinha pensado naquela oportunidade que deveria ter sido um pouco mais encantador se não tivesse estado tão ocupado perguntando-se por que seu corpo não estava respondendo como deveria.

Ele tentou elevar o braço para pegar seu cabelo, forçar um beijo, mas as correntes tilitaram e o machucaram forte.

—Me solte.

—É obvio — O soltou, só que não da maneira que ele queria. Seu membro estava repentinamente livre, duro e ansioso sobre seu ventre. Satisfeita de ter sua atenção, ela continuou — Você não dá as ordens aqui.

Provavelmente teve a intenção de que suas palavras soassem duras e autoritárias. Mas ela soou sem fôlego.

—Então me toque de novo. Isso é pelo que estou aqui certo?

Antes que ela pudesse replicar, ele abriu os olhos. Não se focou em seu rosto inteiro, e sim em um traço de cada vez, tentando descobri-lo. Viu a rosada ponta de sua língua emergir, movendo-se sobre seus exuberantes lábios. A visão foi surpreendentemente erótica, e mais que perder a ereção, a excitação subiu outro grau. Seus lábios não eram o problema, então. Ele a viu franzir o nariz. De novo, a excitação permaneceu. Olhou dentro de seus olhos. Os gritos retornaram.

Seus olhos, então. O que havia neles que o transportavam de novo ao sangrento campo?

Ela o olhou atentamente, com o cabelo pendurando sobre seu ombro como veludo úmido. Seus olhos meio fechados, sua expressão suave e luminosa. Necessitado como ele estava, os gritos eram um chateação mais que um impedimento.

—Me toque — Ordenou de novo, mas desta vez havia uma súplica na palavra. Ele pressionou as palmas contra as quente rochas que tinha debaixo.

—Não ainda — Elevou a mão e puxou o prendedor da toga atado ao ombro. O material cor safira flutuou para o estômago, revelando cheios e orgulhosos seios com doces e rosados mamilos.

Fez-lhe água na boca como se estivesse morrendo de fome e lhe oferecessem um banquete.

—Me solte — A penas conseguiu passar a palavra através de sua garganta fechada — Quero te tocar.

Os olhos dela se estreitaram.

—Está mentindo de novo.

—Olhe meu corpo. Não estou mentindo. O desejo golpeia através de mim.

O olhar dela permaneceu focado em seu rosto.

—Posso sentir — Disse, as bochechas voltando-se brilhantes com cor.

Um rubor? De parte desta feroz guerreira? Inclusive isso aumentou o desejo.

—Mas está assim porque está pensando em outras — Acrescentou — Sei que lembra.

—Só você, juro.

— O que mudou? — Demandou. Deslizou a ponta do dedo pela cabeça de seu pênis, que estava aparecendo por entre as pernas dela, e verteu uma brilhante umidade sobre seu ventre.



Santo céu. Ele abriu a boca para responder, entretanto não o fez, quando ela o deteve.

—Esquece. Não importa. Como disse, encontrará prazer comigo, desta vez —Desceu mais e então... Doces deuses, então tomou seu membro com a boca, sugando-o até a base.

Cada músculo de seu corpo se esticou, o sangue derretido.

—Alyssa — Ofegou.

O som de seu nome deve tê-la sobressaltado, porque se deteve. Com a boca a um mero suspiro de seu pênis, ela o olhou fixamente. Ele viu prazer naqueles adoráveis olhos, mas só um pouco. Havia muita dor e determinação erguendo-se no meio. Os gritos aumentaram de volume dentro da cabeça, mas ainda assim não o afetaram. Precisamente então, algo importou mais. Isso doeu...

Isso não encaixava bem com ele. Queria-a selvagem. Fora de controle. Não para recuperar suas forças e escapar, percebeu, mas sim por que... Com a admissão privada de que gostava de tê-la em sua vida, que gostava, com os brilhos de sangue e gritos escurecendo, ele estava começando a sentir algo mais... Algo impressionante. Maravilhoso. Incrível.

Algo que o percorreu, lhe fundindo as células, os órgãos, imprimindo sua essência dentro dele.

Fechou os olhos e imaginou Twila, uma mulher nymph com quem gostava de deitar-se. Seu pênis murchou como estava acostumado a acontecer com Alyssa. Imaginou a Helen, uma sereia com que tinha passado um mês de prazer. Nada, nem sequer um puxão. Imaginou a Brenna, a humana que tinha desejado por sobre todas as demais. De novo, ele permaneceu flácido.

—Shivawn? — Perguntou hesitante Alyssa.

Sem mais, ele esteve duro como uma rocha, sua voz era o combustível que necessitava para acender seu desejo.

Queridos deuses. Era sua companheira, sua primeira e única. Nenhuma outra serviria. Ela era para ele. Era parte de sua vida, sempre o tinha sido. Não podia negar por mais tempo, por que o havia feito alguma vez? Já que tudo no que podia pensar era no prazer dela. Sua proteção. Seu sorriso, sua risada, seu corpo. Nele, dentro dela. Nela, e em ninguém mais. Todos estes anos, e ele tinha permitido que dolorosas lembranças, lembranças que não tinham nada que ver com ela, nublassem seu julgamento. Todos estes anos, a tinha afastado, tratado horivelmente, machucado profundamente.

Era uma vampira. Isso já não importava.

Teria que mordê-lo para viver. Estava contente com isso.

Tinha-o seqüestrado. Simplesmente jogo amoroso.

Minha companheira, pensou, estupefato até a medula. Como tinha misturado seu passado com ela, não sabia, mas não podia fazer tolices por mais tempo. Além disso, agora não era o momento de descobrir. Descobriria mais tarde. Muito, muito mais tarde.

—Alyssa — Disse. Algo em seu tom causou que aparecessem lágrimas nos olhos dela. Ele conhecia as mulheres bastante bem para saber que não eram lágrimas de felicidade. O que as tinha provocado? — Desencadeie-me, amor. Por favor — O tom era gentil. Ele tinha que acariciar seu rosto. Talvez lambe aquelas lágrimas. Sustentá-la. Desculpar-se por tudo o que tinha feito.



Ela limpou a umidade com a costa da mão e sacudiu a cabeça. Tremeu a bochecha, o olhar desceu uma vez mais sobre seu pênis.

—Não.

—Se dispa para mim. — Haveria tempo depois para convencê-la de seus novos sentimentos. Agora mesmo, algo que ele pudesse dizer provavelmente seria desprezada como uma mentira dita para assegurar sua fuga — Deixe-Me te provar enquanto você me agrada.

De novo, negou com a cabeça. Mas havia intriga e paixão misturadas agora em seus olhos. Mordiscava seu lábio inferior, algo que ele repentinamente queria fazer.

—Da última vez, encontrei plenitude e você não — Disse ela — Esta vez, você a encontrará e eu não. Igualados, Shivawn, recorda?

—Alyssa... — OH, sim. Tinha-a ferido, e se odiava por isso — Não! — Me mantenha encadeado, então. Mas ao menos me permita te beijar. Em algum lugar. Pode escolher onde. Sua boca... Seus peitos... Entre suas pernas... Não encontrarei o prazer a menos que me permita fazê-lo.

As pupilas dela se dilataram, deleitando-o.

—Não quer realmente me agradar — Disse, inclusive com mais dor arrastando-se pelo sussurro.

—Você e nenhuma outra — Assegurou. Não podia explicar essa mudança nele, inclusive a si mesmo. Tudo o que sabia era que tinha mudado. Mais tarde, disse de novo. Raciocinaria mais tarde, quando sua mútua paixão estivesse saciada — Se quiser que rogue, rogarei.

Ela afastou o olhar dele, como se seu olhar fosse muito para agüentar.

—Tudo o que alguma vez quis foi você. Tudo o que fiz, fiz por você. Aprendi a lutar, assim poderia estar perto de você e assim saberia que podia cuidar de mim mesma.

—Isso, parará de fazer imediatamente.

Uma das delicadas sobrancelhas se arqueou.

—Tratar de te agradar?

—Lutar — A queria segura. Em sua cama. Longe da vida de guerra que tinha vivido. Gostava da idéia de protegê-la.

Ela riscou o umbigo com sua língua. Uma lágrima correu por sua bochecha e lhe salpicou o osso pélvico, brilhando. Essa visão quase o desfez.

—Alyssa...

—Não deveria ter te colocado por cima de minhas necessidades e desejos. Tola que sou.

—Não é tola. Mas sua felicidade é mais importante que a minha — Disse ele — Sempre. Logo, irei lhe provar isso — Outra lágrima — Que mais fez por mim? — Perguntou-lhe gentilmente.

As presas dela se alargaram com um zangado sussurro.

—Aumentará seu orgulho masculino, escutar o que a pobre Alyssa, desesperadamente apaixonada por você, fazia para que a notasse?

—Não. Na revelação, começarei a entender o que devo fazer por você em devolução e como devo te compensar por minha negligência. Igualados, como disse.

O atordoamento cintilou em sua expressão. A boca caiu aberta, mas rapidamente a fechou



de forma abrupta. Nos olhos cintilando fúria, ela grunhiu:

—Quer saber? Bem. Rejeitou-me uma e outra vez. Depois de um tempo, perdi a esperança. Tomei um amante. E outro. E outro. Pode me compensar isso? Devolver-me a meu estado de intacta?

OH, agora não gostou de ouvir isso. Não gostou da idéia de sua adorável mulher nos braços de qualquer homem salvo ele mesmo.

—Não — Admitiu suavemente — Tudo o que posso fazer é tentar fazer se esquecer. Te marcar com meu toque, já que embora não tive o privilégio de seu ser primeiro, prometo que serei seu último.

—Cortejou a milhares de mulheres — Disse amargamente — Desfrutando, rindo. Chorei cada vez que te vi com outra, cada vez que me entreguei a um homem. Pode me compensar por isso?

Seu estômago se agitou tão dolorosamente que ele podia jurar que havia facas cortando cada nó.

—Sinto muito, sinto tanto. Desejaria poder retroceder no tempo — Ela nunca mais teria uma razão para chorar. Faria o que fosse para que esta mulher só conhecesse alegria e risada desde este momento em diante.

O que aconteceria se amanhã o sangue e os gritos já não fossem apagados?

Isso já não importava. Podiam lhe atravessar com força, relampejando e trovejando, mas não a deixaria. Era muito importante para ele. Agüentaria o que fosse por ela. Não havia ela agüentado tudo salvo a morte por ele?

—De algum jeito, de alguma forma, te farei esquecer aquelas experiências. Juro.

—Tinha esperado que os amantes que tomei — Continuou como se ele não tivesse falado — Me ensinassem como agradar melhor a um homem. Acreditei que se soubesse como te agradar, me desejaria — Riu amargamente de novo, afogando-se cheia de lágrimas — Mas isso não funcionou, certo? Finalmente me levou a cama e o odiou todo o momento.

—Alyssa — Começou, logo se deteve. Como podia lhe explicar que sempre tinha recordado o pior dia de sua vida sem machucá-la ainda mais? — Essa noite que passei com você... Eu estava em um escuro e perigoso estado de ânimo. Ninguém teria sido capaz de me agradar.

—Sua companheira teria sido.

Uma hora atrás, ele teria estado de acordo com ela.

—Depois te segui durante dias — Admitiu ele.

Os olhos dela se abriram de par em par, e ela negou com a cabeça.

—Não, não o fez.

Ele assentiu.

—Fiz. Não podia entender por que não tinha sido capaz de responder a uma mulher tão bela. Assim te observei, mais intensamente que nunca, tentando descobrir.

De novo, ela sacudiu a cabeça em uma negação, embora havia um brilho de esperança em seus olhos.

Essa esperança o incentivou a continuar:



—Estou respondendo a você agora — Recordou — Desejo-te, Alyssa. Deixe-me te ter. Por favor. Seu prazer será o meu próprio.

As feições se endureceram como se ela tivesse olhado a uma Gorgona durante muito tempo e tivesse sido convertida em pedra.

—OH, terá prazer.

—Isso não é suficiente. Quero que você também tenha prazer.

—Como disse, eu já tive minha oportunidade, certo?

Ele nunca deveria ter lhe dito a verdade.

—Prometo que encontrarei um maior prazer se souber que também você está desfrutando disto.

—O mesmo era verdade para mim. Uma vez. — Não lhe deu a oportunidade de dizer nada mais. A boca desceu uma vez mais sobre seu membro, tomando-o completamente dentro, sugando... Sugando... Sua língua dava voltas ao redor de sua inchada cabeça com um sempre ascendente deslizamento. Ele tratou de resistir à embriaguez, querendo vê-la chegar ao clímax antes de chegar ao seu próprio.

—Me deixe lambe. Entre suas pernas — As arrumou para dizer por sua comprimida garganta — Preciso te provar.

Chupou-o, acima e abaixo, seus dentes arranhando, ignorando sua súplica. Seus dedos cravando-se nos quadris, liberando-o, depois envolvendo os testículos. Seu corpo estava se esticando, preparando-se. O poder estava surgindo por sua corrente sanguínea, incansável e inexorável. Ele nunca tinha desejado nada tanto como desejava a ela. Não podia suportar a idéia de deixá-la insatisfeita.

—Alyssa. Por favor.

Ela aumentou a velocidade, e a paixão dele explodiu. Consumindo-o. Rugiu alto e comprido, os quadris bombeando o pênis por sua garganta. Não podia deter o movimento, não podia deter o momento da liberação.

—Bebe de mim — Ordenou — Toma meu sangue.

—Já o fiz.

—Faz de novo. Deixe-me te alimentar.

—Não!

A quente ponta de sua língua girou sobre a cabeça de sua haste, e ele perdeu o controle completamente. Os músculos se largaram dos ossos, estremecendo-se interminavelmente.

O prazer... OH, deuses, o prazer. Mais intenso que algo que alguma vez tivesse experimentado. Não podia falar, só podia esforçar-se por respirar, gemer e ofegar como um animal.

Quando entrasse nesta mulher de novo, poderia não sobreviver. A idéia quase o fazia sorrir. Mas ao mesmo tempo que ele estremecia e se acalmava, Seu errático batimento alguma vez se deteria? Alyssa se endireitou, afastando-se dele. Voltou a segurar a toga, defendendo os mamilos de sua visão. Sua cor era elevada; ela, também, estava ofegando.

—Agora encontrou a liberação comigo. Não pode negar dessa vez.





—Alyssa.

Ela se moveu rapidamente para seus pulsos, deu um puxão, e as correntes caíram. Seguiu o mesmo exemplo com seus tornozelos.

Livre, sentou-se, tentando alcançá-la, necessitando-a em seus braços. Podia cheirar seu doce desejo, tinha que saciá-la, tinha que... Agora. Para sempre. Mas ela recuou, negando com a cabeça.

—Vêem aqui, Alyssa — Deu um gentil tamborilar com os dedos — Por favor.

—Retorna a sua casa. Diga a seu rei o que fiz. Manda o exército nymph inteiro me matar. Não me importa.

—Isto é entre nós. Ninguém mais. Não irei a nenhum lugar sem você — Elevou-se sobre pernas ainda tremendo. Deuses, onde estava sua força? Deveria estar completamente energizado agora. De todas as formas, tudo o que queria fazer era deitar-se com sua mulher.

—Muito bem — Disse ela, e se deteve, estudando-o desoladamente. Trincadas as paredes da cova estavam a suas costas, um duro marco para sua frágil beleza — Serei eu quem irá. Isto é um adeus, então.

Ele franziu o cenho.

—Não. Nunca adeus. Vêem...

Ela desapareceu.

Um rugido correu através de sua garganta e saiu tropeçando da cova, procurando-a. Ao mesmo tempo em que seus olhos se ajustavam à luz, encontrou-se no Bosque dos Dragões, grossas árvores elevando-se ao redor dele. O que não encontrou foi Alyssa.

Ela tinha desaparecido como se nunca tivesse estado ali.

## Capítulo 16

Brand recolheu à amazona, Nola, e a carregou afastando-a da praia. Ela estava sangrando, mas recusou a ajuda por causa da audiência. Um dos tubarões tinha decidido que sua perna seria um bocado saboroso e lhe tinha dado uma mordida na panturrilha. O sangue tinha formado redemoinhos na água e agora estava gotejada sobre a areia.

—Tenho-te — Assegurou.

Tinha as bochechas extremamente pálidas, mas ela estava negando com a cabeça.

—Posso caminhar. Estou bem.

A segurou mais forte.

—Fica quieta, mulher.

—Me ponha no chão. Tenho que encontrar Delilah.

Havia um caos atrás deles, mas Brand não temia pela amiga de Nola. Embora Tagart fosse responsável pelo problema e ninguém poderia causar mais dano ou matança que um furioso dragão transformando-se, a outra amazona estaria bem. Tinha visto como olhava o vampiro, a



forma em que a tinha sustentado antes, com uma expressão tanto de tortura como de prazer no rosto, o modo em que mergulhou para salva-la dos tubarões e do dragão. O vampiro asseguraria sua segurança, sem questionar.

Brand nunca tinha gostado do rei vampiro. Desde que recordava, sempre tinham estado em guerra, arremetendo um contra o outro em todos os aspectos possíveis. Mas Layel se afastou várias vezes, permitindo a derrota. Tudo em nome do amor. Agora Brand ia afastar se de Layel. Em nome do amor.

—O vampiro se encarregará dela — Reconfortou a Nola.

—São inimigos.

Ele notou que ela não teve que adivinhar de qual dos vampiros tinha estado falando.

—Como nós somos — A recordou — Sua gente atacou à minha pouco antes que fôssemos enviados à ilha. Não me esqueci.

—Outra razão para que me desça — Mas deixou de lutar e permitiu levá-la passando a linha de árvores, longe das outras criaturas descansando na praia — Coisas más ocorrem a meus inimigos.

—E não deseja que nada mau me ocorra?

—Não, é obvio que o desejo. Eu simplesmente... Eu...

Ele riu.

—Aceitarei as conseqüências. Está bem? — Quando sentiu que estava o suficiente longe de olhos indiscretos, finalmente a desceu e elevou sua perna para estudar o dano. A carne estava aberta em vários lugares, e um dente afiado estava encravado nela profundamente.

—O que?

Sem dar tempo de esticar-se, ele pegou e tirou o dente branco e afiado do músculo e da pele tratada grosseiramente.

—Deve sentir grande dor. — Mas ela nem sequer ofegou quando tinha deslizado os dedos dentro de sua ferida.

—Estive pior — A verdade absoluta modulou seu tom.

—Não te acharei inferior se chorar.

Ela bufou, tão longe das lágrimas como uma criatura poderia estar.

—Por que agem os homens assim quando uma mulher é ferida?

—De que forma? — Ele havia visto piores feridas, certo, mas esta na verdade fez que o estômago revolvesse com nozeia. O osso parecia estar resplandecendo diante ele.

—São protetores. Quando minhas irmãs e eu combatemos a seu exército, os homens nos afastavam à força em vez de nos fazer cortes.

Elevou o olhar para sua face, e ele quis sorrir. Recordava-lhe à irmã que tinha perdido fazia muito tempo por culpa dos humanos. Confusa por ele, exasperada. Na verdade, poderia ter sido tomada pela gêmea de sua irmã. Os mesmos olhos turquesa, o mesmo nariz insolente. O mesmo queixo teimoso e a pele beijada pelo sol.

—Fazemos isso porque as mulheres são mais suaves — Respondeu finalmente, seu peito ansiando o que tinha perdido — Necessitam proteção.



Dirigiu-lhe outro grunhido e se recostou sobre o musgo.

—Resisti mais dor em minha vida do que alguém deveria ver-se forçado a suportar na duração de sete vidas. Tive que cuidar de mim mesma, confiar só em mim. Não necessito nada de você ou de qualquer outro.

—Quem te machucou tão terrivelmente? Assassiná-lo-ei por você.

Ela agitou uma mão descartando-o.

—Não há necessidade. Encarreguei-me disso eu mesma.

Crisparam-lhe os lábios. Embora fosse alta e magramente musculosa ao estilo das amazonas, era uma coisa diminuta comparada ao seu tamanho. Não lhe chegava além dos ombros.

—Você se acredita dura?

—Acreditar? Quando matei há mais soldados dos que possivelmente poderia nomear, guerreiros de cada uma das raças que vivem em Atlantes?

Não havia orgulho em seu tom, só feitos. Possivelmente um pouco de tristeza.

—Quantos teve que matar?

—Muitos.

Agora seus lábios se moveram gradualmente para um sorriso.

—Dói-te muito agora? — Perguntou-a.

—Sim.

Ainda assim, nem pela palavra ou a ação o revelou. Ele pensou, que se tivesse estado em seu lugar, ele poderia ter amaldiçoado os céus. Não podia evitar a não ser admirar sua fortaleza de ânimo e se consternou por isso. Por encolher-se diante esta dor, ela verdadeiramente deve ter sofrido através dos anos.

—Parece que você e a outra, Delilah, estão o tempo todo feridas.

A testa de Nola se enrugou.

—Quando ela foi ferida?

Então. Delilah não tinha contado da dentada de Layel. Protegendo o vampiro, verdade? Interessante. Embora ele duvidava que Layel agradecesse mais a proteção do que Nola o tinha feito.

—Pensei que sim. Equivoque-me — Foi tudo o que ele disse.

Ela ancorou as mãos atrás da cabeça e ficou com o olhar fixo acima ao céu encapotado.

—Os homens sempre cometem enganos.

Esse tom arrogante teria tirado irritado qualquer outro que não fosse ele, mas de novo, recordava a sua irmã e só podia sacudir a cabeça e sorrir abertamente. Ele devolveu sua atenção à perna ferida.

—Sua raça se cura rapidamente?

—Não é para nada seu assunto, dragão.

—Não vou usar a informação contra você.

—Isso é o que você diz.

Era tão desconfiada.

—Então o juro.



—Daria a sua inimiga informação sobre sua própria raça?

Excelente ponto.

—Agora mesmo, não sou seu inimigo. Somos companheiros de equipe, você e eu. — O sangramento não se deteve. Ao ser tão profundo a ferida, provavelmente não o faria. Sem ajuda — Fecha os olhos.

—Não.

Condenada mulher. Sacudiu a cabeça com exasperação.

—Mantém abertos, então, mas saiba que isto vai doer.

—O que vai ...?

Ele inspirou profundamente, sustentou-o um momento, então expulsou o ar pela boca. O fôlego estava agora misturado com fogo de cor dourada alaranjado. Essas chamas lamberam sua pele, a carne agora chispava cauterizando cada ferida de mordida.

Nola gritou.

—Bastardo! Filho de um demônio! Traseiro de centauro!

O som desse grito torturado ecoou nas árvores, lhe enchendo a cabeça, fazendo-o encolher-se.

—Se tivesse havido outra maneira, a teria usado — Recolheu o cabelo que chegava aos ombros e espremeu a água fria sobre ela, jorrando líquido sobre as ampolas, acalmando os rescaldos que ficavam — A dor cessará logo, juro.

Ela continuou o amaldiçoando. Não a olhou na face, muito assustado de que pudesse ver lágrimas. Isso, não teria conseguido suportar. Quando uma mulher chorava, convertia-se em um tolo balbuciava, tropeçando em suas próprias palavras, desesperado por escapar. E as lágrimas desta forte mulher seriam ainda mais que poderosas.

—Haverá cicatrizes — Disse — Sinto.

—As cicatrizes são... Boas — Ofegaram, as bochechas ruborizadas. Ele suspeitava que era mais por estar envergonhada de sua própria reação que por afogar-se de dor.

Atrás dele, as folhas soaram. Alguém se aproximava. Enquanto ele ficava de pé, um rugido cortou o ar, uma forma escura impulsionando-se para ele. Quase ali... Ele se esticou, preparado. Chocaram-se com um grunhido.

Zane tentou morder sua garganta, mas Brand balançou um punho com garras, conectando com a mandíbula do bebedor de sangue e o derrubando de costas. Livre de travas agora, Brand saltou. Algumas patadas e murros no vampiro que estava tão selvagem e enlouquecido que não pôde esquivar-se e foi capaz de imobilizar seu adversário no chão.

Não tinha gostado da forma em que o homem tinha observado Nola ali na água. Obscuramente, possessivamente. Mas em vez de vomitar fogo sobre guerreiro, o matando, Brand não diria que temia enfrentar o vampiro durante os desafios golpeou Zane no nariz.

Ruptura.

O sangue saiu com pressão, e houve um uivo de fúria e dor. Muito rapidamente, o bebedor de sangue se recuperou, agarrando Brand com suficiente força para jogá-lo em uma árvore.

—Minha — Grunhiu Zane, saltando para cima e lhe chutando no estômago — Não a toque.



Nem me toque.

Tinha um olhar vidrado, de animal selvagem. Brand ficou de pé um momento mais tarde, as escamas subindo pouco a pouco pelo braço enquanto a fúria o enchia. Sempre tinha sido um dragão que preferia a paz à guerra, e neste momento suspeitou que nunca haveria paz nesta ilha enquanto o imprevisível vampiro vivesse. Brand esqueceu o orgulho, esqueceu o que outros poderiam dizer se cometia esta ação, e cuspiu uma corrente de fogo.

Zane o esquivou rapidamente, uma só chama o tocou, queimando a camisa. Saltou ao ataque, repentinamente surgiu a provisória adaga de madeira. Brand se virou, a cauda brotando e cravando o vampiro na face, provocando sangue.

Finalmente completamente dragão, usou as asas para remontar-se a grande altura, mais alto, então desceu, com o nariz olhando para o chão. Mais rápido, mais rápido, desceu para o vampiro. Quando abriu a boca para expelir com força mais fogo, observou a Nola coxeando na trajetória. Pressionou a mandíbula fechada, e se permitiu estelar se contra Zane. Rodaram pelo chão em uma aposta emaranhada, violenta pelo domínio.

Uma vara dentada repentinamente se introduziu no ombro de Brand, o derrubando. Ele rugiu. Viu que o mesmo ocorria a Zane. Ambos os homens ofegaram, observando-se entre as lanças o um ao outro enquanto Nola coxeou entre eles, as mãos nos quadris. Sua face estava pálida, e havia círculos escuros debaixo dos olhos.

—Tenho sua atenção agora?

Era uma visão temível. Apesar de sua condição debilitada, a fúria irradiava dela em ondas poderosas. Seus lábios eram linhas de desagrado e as mãos fechadas em armas.

—Primeiro, não sou sua — Disse a Zane — Em segundo lugar, posso me defender — Disse a Brand — Se não pudesse, não seria digna de minha tribo. Estamos em Atlantes, poderia ser castigada por permitir que me defendesse.

—Conheço seu sabor — Grunhiu Zane, surpreendendo Brand — Você é minha.

Deve ter sobressaltado a Nola, também, porque empalideceu até mais enquanto estudava ao vampiro.

—Você não conhece meu sabor. Nunca entreguei a você.

—Você sonhou comigo. — Zane lançou as palavras a ela tão violentamente como se fossem armas.

Ela cambaleou para trás e negou com a cabeça.

—Como você pode saber isso?

—Por que...

—Como!

—Porque não são sonhos! Ontem à noite me aproximei de você e me deu a boas-vindas com os braços abertos.

Outra vez, cambaleou para trás, os olhos totalmente abertos, aturdida. Ela passou o olhar de Zane a Brand, de Brand a Zane.

—Eu... Eu...

Brand tirou com força a vara do ombro, fazendo uma careta devido à pele e músculo



rasgado. Houve um ardor agudo, mas velozmente se dissipou enquanto a pele e a malha voltavam a unir-se, curando-se.

—Nunca teria permitido fazer tais coisas — Ofegou ela.

—Fez — Zane deu um passo para ela, com a vara ainda se sobressaindo — Ansiosamente.

—Mentiroso! Não te desejo.

—Faz. Fez.

—Não, não. Foi um sonho.

A fúria de Brand faiscou a novas alturas.

—Se aproxime dela outra vez, e me entretereirei contigo quando te mato — Disse ao vampiro.

—Eu te matarei — Corrigiu ela, as lágrimas formando contas em seus olhos. Deus, a visão quase acabou com ele — Posso ter te desejado em meus sonhos, vampiro, mas não te quero agora. Não posso.

Zane franziu o cenho, a confusão iluminando seus olhos.

—Mas não quero morrer quando você me toca. Isso te faz minha. Isso tem que significar que você é um presente por tudo o que sofri.

—Não, não é assim — Ela se inclinou, agarrou outra vara e a lançou — Não estou destinada a nenhum homem.

Estava muito alarmado para mover-se ou possivelmente escolheu não mover-se e o extremo se afundou no outro ombro. Não fez nenhum som. Só permaneceu ali, ambas as varas se sobressaindo dele.

—Me deixem sozinha — Cuspiu a amazona — Os dois.

—Nola — Chamou Zane.

Ela deu meia volta e se afastou coxeando.

—Nola! — Gritou o guerreiro, o som ecoando nos ramos, causando que um bando de aves elevasse o vôo — Não me deixe como ela fez. Por favor.

Repentinamente sem saber o que fazer, Brand observou como o vampiro entrecruzava os braços, agarrava as varas e as tirava de um puxão. Viu como o vampiro deu um passo adiante em gesto de seguir à garota, deteve-se e emitiu um som sinistro por sua intensidade e dor. Zane verdadeiramente desejava à amazona, estava realmente confuso porque ela em troca não o desejava.

A forma do dragão de Brand se retirou, lhe deixando com o aspecto de homem. Nu, a roupa tinha sido arrancada.

—Nola — Sussurrou Zane agora enquanto caía de joelhos.

Brand lentamente, silenciosamente, retirou-se dentro das sombras. Entretanto, a cabeça de Zane se virou em sua direção e os olhares se chocaram com calor. Com ódio.

—Não te deixarei machucar à garota outra vez, Zane — Disse Brand serenamente. Anos atrás, ele não tinha protegido a sua irmã. Esta garota, protegeria com sua vida.

—Não a machuquei — Grunhiu Zane.

A mandíbula de Brand se ajustou em uma linha viva.

—Então, os próximos dias poderiam ser interessantes, não está de acordo? — Com isso,



afastou-se caminhando a grandes passos, determinado a encontrar Nola e protegê-la durante o resto da noite.

Mas sabia que ele e Zane teriam um ajuste de contas. Logo. OH, sim, logo.

## Capítulo 17

Layel não sabia o que fazer.

Tinha Delilah em seus braços. Famintos tubarões e tritões sedentos de sangue nadavam a seu redor e um volátil Tagart voava sobre eles, orvalhando ondas de ardente fogo. Cada uma destas procurava Layel. Infelizmente, a amazona estava apanhada no fogo cruzado.

Várias vezes se atreveu a subir à superfície da água, só para encontrar-se com mais daqueles fundidos raios. Agora, ele e Delilah estavam sob a água de novo, com os arpões lançados para eles e dente tentando mordê-los. Ela tinha se deslizado dentro e fora da consciência e não havia ainda despertado da última vez. Estava bem? Não sabia. O que sabia era que necessitava ar. Logo.

Chutou um tritão no rosto e lutou para chegar à superfície, mantendo um forte apertão no nariz de Delilah para evitar que inalasse o salgado líquido. Ao mesmo tempo em que a cabeça emergia a superfície, liberou seu rosto, sugando ar e rogando que ela estivesse fazendo o mesmo. Se não, lhe daria cada molécula que tivesse nos pulmões uma vez que voltassem a descer.

Outro rio de fogo. Fez um movimento rápido, mal evitando o contato. Apesar de tudo, Layel sabia onde colocar a culpa desta paródia. Delilah estava fraca devido a ele. Ele. Era uma mulher que se orgulhava de suas habilidades e sua resistência, entretanto suas ações a tinham reduzido a uma mulher indefesa.

Poderia ter se transportado para a praia, mas não teria sido capaz de levar Delilah. Mas também estava fraco. Sem ele, ela afundaria, seria devorada, ferida e queimada. Morreria, como Susan.

Susan. Uma vez mais ouviu sua companheira gritando dentro de sua cabeça, os dragões abusando dela e usando a da maneira mais terrível. Parte dele queria desmoronar-se por causa daqueles gritos, finalmente dar-se por vencido. Mas como antes, os pensamentos sobre Delilah os amorteceram até silenciosos gemidos, lhe mantendo focado, capaz de repelir seus inimigos.

Delilah. O que deveria fazer? Como poderia salvá-la? Uns dias atrás, verdadeiramente teria deixado-a aqui e teria salvo a si mesmo, pensando em deixá-la no Inferno com todos outros. Depois de tudo, era um assassino, não um salvador.

Hoje, neste momento, pela razão que fosse, não queria afastar-se. Não queria pôr sua vida sobre a de outro. A vida de Delilah era mais valiosa que a sua própria.

Outra labareda de fogo foi lançada para ele, mas esta vez foi muito lento e golpeou contra o ombro, lhe queimando a pele e a metade do cabelo. Nuvens de fumaça negra flutuavam a seu redor. Por uma vez, não tinha a mente centrada na vingança. Não importava que Tagart estivesse respirando o mesmo ar que ele, não importava que Tagart estivesse vivo. Delilah era tudo o que





importava.

Estava respirando? Nem um só som emergiu dela. Estava muito quieta, tão sem vida. Maldição! Ela não poderia suportar muito mais.

Algo afiado lhe cravou na perna. Um tubarão. Chutou com a outra perna, afastando à criatura com o golpe e mergulhando-se bem a tempo enquanto outra labareda de fogo caía. Com os olhos abertos na lôbrega água, viu um sorridente tritão pegando na cintura de Delilah, tratando de afastá-la dele. Enfurecido, Layel envolveu as pernas ao redor dela. Líquido carmesim emanou dele e flutuou ao redor deles.

O Tritão deixou de sorrir e puxou.

—Minha!

Layel conseguiu agarrar o cabelo do homem peixe e arrastá-lo para frente, com seu corpo deslizando-se suavemente pela água. Sem romper o impulso, Layel afundou em seu pescoço. O Tritão se agitou, sua cauda golpeou Delilah.

Finalmente, suas pálpebras se abriram de repente.

Imediatamente, começou a agitar-se procurando libertar-se, o pânico cobria sua expressão. Se ele perdia seu agarre, Delilah nadaria sem saber do fogo acima. Embora tivesse difícil sustentando-a e brigando contra seu oponente ao mesmo tempo, conseguiu, muito desesperado para fazer o contrário.

O Tritão atacou tão violentamente que um pequeno redemoinho se formou debaixo deles. Só quando a criatura esteve flácida, Layel o soltou, observando enquanto este flutuava para baixo... abaixo...

Outro tubarão passou rapidamente.

Os braços de Layel serpentearam ao redor do tronco de Delilah, cavou seu peito e a sacudiu contra a forte linha de seu corpo. Ela se acalmou diante do contato. Suavizou-se como se o reconhecesse. Ao tempo que o tubarão girava, passou-os rapidamente de novo, com a boca aberta e os dentes expostos. Ela o golpeou no nariz. Assim, rapidamente, nadou afastando-se.

Logo Delilah desapareceu e Layel se encontrou agarrando só água. Grosseiramente, examinou o lôbrego líquido... Um tubarão o golpeou por trás e se virou. Outro Tritão surgiu avançando, atacando Layel e dando voltas ao redor.

Onde, Inferno, estava Delilah? Como tinha desaparecido assim? Só os deuses podiam... Os deuses, precaveu-se. Eliminação. Ele rugiu através da água, o terror o atravessando. Terror e pânico, seguidos de estupefação diante o conhecimento de que lhe importava. Mas o fazia. Importava-se e não podia negá-lo. Não queria negar nesse momento.

Delilah podia ter sido votada. Assassinada. Depois de tudo, a seus companheiros de equipe não agradava sua associação com ele. Não desperdiçou nenhum instante mais no mar. Visualizou a crepitante fogueira em sua mente, a luz da lua, as rochas e o musgo. Um momento depois, ele estava ali, o oceano era uma distante lembrança.

Parou em gotejando em um monte, repentinamente incapaz de sustentar seu próprio peso. A força, desaparecida. Todos os membros se sacudiam tão ferozmente que não se surpreendeu se causasse algum tipo de terremoto.



Delilah. Tinha que encontrá-la. Conseguiu levantar a cabeça. Os olhos vagaram pela área. Estavam as rochas, o musgo, o círculo aonde uma vez a fogueira tinha ardido, mas ali não havia gente. Não, espera. Havia gente. Sua equipe. Não quem ele tinha estado procurando. Eles avançavam a passo longos do longínquo matagal, todos eles franzindo o cenho com confusão ao mesmo tempo em que inspecionavam os arredores.

—...Convocados aqui, acredito —Disse alguém — Por que estamos de retorno ao círculo do conselho? Ganhamos. Nossa equipe foi a última em ficar de pé.

—Por nosso prêmio talvez? — Respondeu outro — Possivelmente devemos vir aqui depois de cada desafio, ganhemos ou percamos.

Maldição! Onde teriam levado os deuses Delilah? A impotência se situou pesadamente sobre os ombros de Layel ao mesmo tempo em que não via nenhuma resposta. Pensa! Pensa! Fora da ilha? De retorno a Atlantes? Não, não. Ela estava aqui, tinha que está-lo.

—Acredito que sim — A conversa continuou, distraindo a sua confusa mente.

—Não posso esperar!

—Me perguntou quem será executado na outra equipe.

—Queridos deuses. Olhem!

Houve ofegos, excitados gritos e depois, o som de pratos e terrinas tamborilando, dentes batendo. Layel elevou a vista. Ali, no lugar do fogo, havia mesa após mesa, repletas com comida. Essência de doces e especiarias emanou até ele ao tempo que seus companheiros de equipe comiam.

Delilah. Certamente, estava aqui. Em algum lado. Layel queria encontrá-la, vê-la, estar seguro de que estava bem. Assegurar-se de que não era a escolhida para morrer.

O que faria se ela o fosse, não sabia. Só sabia que seria sua culpa. Por sua... Relação com ele. Relação, sim. Não só uma associação, como antes tinha pensado, a não ser uma verdadeira relação. Não havia negação possível. Não por mais tempo. Procuravam um ao outro enquanto estavam em meio de uma multidão. Cada um queria algo do outro: sangue, paixão. Eram íntimos só com o outro. Falavam, compartilhavam e velavam pelo outro.

Ofegando, suando e sangrando, esforçou-se por ficar de pé. Balançou-se justo como Delilah fazia ao estar parada nessa tribuna. Avançou a tropeções e teve que agarrar-se à base de uma árvore para manter-se erguido. Inalar, exalar.

Farejou o ar, repentinamente odiando o aroma da comida porque saturava tudo, bloqueando a essência de Delilah. Não, espera! Farejou de novo, apanhando um rastro de seu inato perfume de mulher e força, água de chuva e doçura e forçou a suas pesadas pernas a ficar em ação. Cada passo era uma agonia.

Certamente, transcorreu uma eternidade, enquanto avançava apesar dos tropeços nas trepadeiras, sobre grossas raízes, cruzando atoleiros cristalinos e ao redor de quão animais usualmente se escondiam dele. Porcos, aves e alguma espécie de gato. Observavam-no curiosamente, como se precavessem de que estava muito fraco para lhes fazer dano, mas inseguros quanto ao que fazer a respeito dele.

Por que está fazendo isto? Por que se importa? Isto está errado. Não tinha respostas, nem



sequer queria pensar sobre isso neste instante.

Finalmente ouviu o som de um fogo crepitante, podia quase sentir seu calor tentador. Se deteve, pontos negros piscavam frente aos olhos. As vozes flutuaram para ele.

—...Temos que escolher.

—Mas a quem?

—Ao mais débil ou o traidor?

Ajoelhou-se o melhor que pôde, considerando sua posição e se moveu avançando, determinado a permanecer fora da visão do deus. Poderia ser enviado a algum outro lugar se o pegasse. Quando alcançou a borda, um grupo de folhas bloqueava o caminho. Empurrou-as a um lado, silencioso, quieto e logo estava olhando diretamente a Delilah.

Seu coração deixou de bater. O mundo parou, desvanecendo-se ante ela. Estava tão molhada como ele estava, sua pouca roupa estava colada a ela como uma segunda pele. Seu corpo estava arranhado e machucado, fazendo-a parecer como se acabasse de chegar de uma violenta batalha e tivesse perdido. Mas estava acordada. Viva. Tremendo. E era a visão mais formosa que alguma vez tinha contemplado. Nunca. Inclusive Susan não se comparava e se sentiu mal inclusive por ter um pensamento tão terrível.

Segurou seu cabelo na parte superior da cabeça. De todas as formas, várias mechas rebeldes recusavam permanecer em seu lugar, e caíam por suas têmporas até os ombros. Tagart estava sentado a seu lado em sua forma humana. Alguém lhe tinha dado um par de calças, assim ao menos suas partes masculinas estavam cobertas. As calças eram muito pequenas, de todas formas, e se apertavam a suas coxas.

O bastardo elevou a mão e colocou uma das mechas de Delilah por trás de sua orelha, roçando sua bochecha com os nódulos no processo. O estômago de Layel se agitou e um desejo de sangue rugiu dentro dele.

Delilah, enojadamente, afastou a mão do dragão e isso salvou a vida de Tagart. Por agora. Layel relaxou um pouco.

Tagart franziu o cenho e lhe sussurrou algo, Layel não pôde distinguir as palavras.

—Alcançou-se alguma decisão? — Perguntou de repente uma voz imaterial. Era áspera com um bordo resistente — E não pensem em rogar misericórdia como fez a equipe anterior a vocês. Não tenho nenhuma. Não para vocês. Só tinham que ficar em um lugar e demonstrar sua resistência. Ainda assim falharam, cada um de vocês, permitindo ser distraídos e esquecendo que havia conseqüências se perdiam de vista o objetivo. Se algum tivesse durado um minuto mais, teriam sido os últimos em ficar de pé. Teriam ganho.

Todos os que estavam sentados ao redor do fogo ficaram rígidos. As chamas se estendiam para cima como se tivessem jogado combustível, misturando-se entre elas, girando, quase se propagando e depois tomando a forma do corpo de um homem surpreendentemente alto de largura assombrosa.

—Poderíamos ter mais tempo ao menos antes de emitir nossos votos? — Perguntou Delilah entre dentes.

—Não — Foi à firme resposta — Não ganhou isso.



—Então suponho que estamos preparados — Ela fechou os olhos, abriu-os e a determinação caiu sobre suas feições. Layel desejava envolver os braços ao redor dela, sustentá-la perto e a encher de calor. Mantê-la segura — Meu voto é para o demônio. Foi o primeiro a cair.

—Eu apoio Delilah — Disse Tagart, disparando a Delilah um olhar fixo.

O demônio em questão vaiou a ambos.

—Voto por Delilah — Disse ele, seus chifres afiados e resplandecendo com veneno — Tinha planejado escolher o vampiro mas acaba de me fazer trocar de opinião.

As mãos de Layel se esticaram em punhos. Tinha prometido os demônios a Zane, mas poderia ficar com este para ele. Ou talvez não. O turno de Zane tinha chegado e o feroz vampiro disse alegremente:

—Meu voto é para o demônio.

—Voto pela amazona — Disse o centauro que tinha gritado que se calassem na água.

—Esses são três votos para o demônio e dois para a amazona — Disse o deus dramaticamente, como se todos os presente tivessem esquecido como contar — Uma competição muito apertada, de fato. Formorian, a quem pertence seu voto?

A criatura de um só braço e uma só perna, examinou seus companheiros de equipe. Suas pequenas e muito magras asas batia erratically enquanto sua mente dava voltas sobre o que fazer. O demônio ou a amazona. Layel desviou a atenção para Delilah. Estava rígida, sem mostrar emoção. Esperando pacientemente. Acreditava que morreria.

O desejo de sustentá-la se intensificou ao mesmo tempo que desviava o olhar para o dragão que tinha tentado matá-lo fazia pouco tempo. O guerreiro estava nesse momento olhando fixamente ao formorian com olhos cheios de morte, uma silenciosa ordem para que votasse no que Tagart pensava que deveria fazer. Ou morrer dolorosamente. Irônico, refletiu Layel, por isso deveria sentir-se grato ao dragão.

O formorian tragou em seco audivelmente, sua corada pele empalidecendo.

—O demônio. Voto no demônio.

E depois disso, os outros também votaram no demônio.

—Não, por favor, não — Dizia o demônio, negando violentamente com a cabeça—. Não façam isto. Sou forte. Levarei-nos a vitória.

—Suficiente. O veredicto foi pronunciado — A prateada espada que Layel agora via em seus pesadelos apareceu no centro do fogo. Ondeando e balançando a arma girou, letal e macabramente.

Com um impulso, o demônio ficou de pé, recuando e gritando.

—Não, não faça isto. Por favor, não faça isto — Tropeçou em uma grossa raiz e caiu.

Antes que Layel pudesse piscar, a espada desceu.

Houve um doentio assobio, seguido por um ruído surdo. Um retumbar. Um grito feminino ecoou através das árvores, poderoso e perfurando os ouvidos. Divino? O som se misturou com a risada de Zane.

O silêncio absoluto envolveu a fogueira, inclusive as chamas se aquietaram. Layel estava contente pela morte, teria causado ele mesmo se tivesse sido possível, por isso nem se alterou



diante da violência.

Delilah tampouco o fez, embora houvesse tristeza em seus olhos.

Layel fazia muito para lhe causar dor, e inclusive isto podia ser sua culpa, entretanto, ela só merecia felicidade. Quase a perdi.

Iria tê-la, decidiu Layel. Só uma vez. Conheceria seu sabor, sua essência e seu corpo. É obvio, manteria as emoções separadas do ato. Ele não encobriria a lembrança da Susan fazendo o contrário. Mas tinha que ter Delilah, cada polegada, cada gemido sem fôlego.

Até agora, não tinha conseguido tirar a amazona de sua mente. E estava cansado de tentar. Não havia segurança de quanto tempo ficariam na ilha, ou vivos nesse caso. Em duzentos anos, não tinha conhecido nada salvo ódio, dor e pesar. Nunca tinha se importado com isso, tinha dado boas-vindas, inclusive porque não merecia nada melhor. Ainda não merecia nada melhor, mas não podia dar boas-vindas ao sofrimento. Doía.

Susan o tinha amado, durante seu breve tempo juntos. Não teria querido esta horrível vida que construiu para si mesmo. Se ela soubesse que estava angustiado, teria sorrido, teria deslizado seus dedos por seu cabelo e lhe diria que fosse feliz, que desfrutasse.

Se a situação fosse reversa, Delilah teria ameaçado atacando a qualquer pessoa que ele se interessasse, pensou com um meio sorriso. O sorriso cresceu enquanto a imaginava na cama, estendida, úmida e ansiosa.

Uma noite juntos. Isso deveria ser suficiente.

Por quanto tempo mais destruirá todo próximo a você porque Susan não pode estar aqui? Seu sorriso rapidamente se desvaneceu. Para sempre, sabia. Não permitiria um “feliz para sempre jamais”. Uma noite, sim. Mas não mais. Susan não havia falecido felizmente, assim tampouco ele viveria assim. Sem importar o que ela tivesse querido para ele. Seria vingada.

Mas por hoje, desta única vez, esqueceria tudo por Delilah. E a paixão. OH, sim. Paixão. Seria um homem digno de amor e ternura. Seria o homem de Delilah, lhe dando tudo o que ela desejasse e talvez mais. Se ela o mantivesse tranqüilo...

Tagart se levantou, captando sua atenção.

—Retornemos à praia — Disse a sua equipe — Devemos fazer o que for necessário para ganhar o próximo desafio, inclusive se isso significa treinar toda a noite. Não podemos permitir outra rodada disto. Entendido? — Sua voz foi rouca, carregada de atordoamento.

Não esperavam que o deus matasse? Esperavam que risse e os mandasse de volta?

Houve mais conversas enquanto as criaturas avançavam com as pernas tremendo, olhando para qualquer lado menos para o lado onde o corpo ainda sangrava e se debatia. Só Delilah permaneceu sentada.

—Vêem — Ordenou Tagart, puxando-a para ele com a ponta dos dedos.

Parecendo aturdida e intumescida, negou com a cabeça.

—Necessito... Um momento a sós.

Ela tinha vacilado. O que realmente queria dizer? Perguntou-se Layel.

A mandíbula de Tagart se apertou.

—Não deveria ficar aqui. O deus poderia retornar. Poderia...



—Para me ferir não importa onde eu esteja na ilha — Respondeu — Preciso um momento, Tagart. Por favor. Não demorarei muito.

A súplica suavizou os duros contornos de sua expressão, entretanto se manteve no lugar.

—Recorda o que te disse Delilah?

Dedicou-lhe outro desses assentimentos ausentes, mas de repente houve uma labareda em seus olhos.

—Não esquecerei, asseguro-lhe isso.

A curiosidade se elevou dentro de Layel. O que havia dito o dragão?

—Bem. Trate de não esquecer — Olhou fixamente ao demônio sem vida e se afastou.

Os outros o seguiram rapidamente, obviamente sem querer se afastar do homem que agora viam como seu líder. Layel se limitou a esperar, sem fazer nada, sem dizer nada, simplesmente olhando à mulher que o tinha fascinado tão profundamente estes últimos dias.

—Não esperava que fosse assim — Disse Delilah, elevando o olhar. Encontrou-o, inclusive escondido na escuridão como estava e piscou surpreso — Matei, vi outros matarem, mas isto simplesmente parece... Frio.

—Sim.

—Tudo no que podia pensar é em que poderia ter sido eu. Provavelmente deveria ter sido eu.

Uma negação instantânea rugiu dentro de sua mente — não você, nunca você - mas a sossegou.

—Mas não foi — Se endireitou, fazendo cair às folhas que o cobriam. Tratou de deslizar-se para frente, mas não tinha a força para flutuar. Avançou a tropeços e se deixou cair no tronco, junto a ela. Os ombros se roçavam e, repentinamente, emanou algo quente entre eles.

Ela tragou em seco e disse suavemente:

—Não lhe agradei isso. Por...

—Não deve nenhum agradecimento a mim.

—Sim, devo.

—Não, não deve.

—Caí desse tronco como uma maldita mulher não treinada.

Os lábios se curvaram diante do desgosto na voz dela.

—Em realidade, saltou. Não recorda? E de todas as formas, não haveria feito se não fosse por mim. Debilitei sua mente e seu corpo.

—Já estive mais fraca, entretanto nunca tinha reagido dessa maneira antes — Agora estava falando como se reafirmasse sua força.

—Não se menospreze Delilah. Eu... — Não o diga, não o diga em voz alta, isso tornará real. Mas não o pôde evitar — Eu gostei de cuidar de você.

Durante um comprido momento, ela permaneceu em silêncio, o crepitante fogo e o canto dos insetos dos arredores eram os únicos sons. Depois ela gemeu.

—Eu gosto de te ouvir dizer isso, inclusive embora não devesse. O único propósito de uma amazona é a proteção de suas irmãs, e se ela não pode as proteger, se estiver fraca ou se um



homem for mais forte do que ela é. Mas...

—Mas? — Queria ouvir o resto. Uma parte dele precisava ouvir. Era simplesmente um homem esta noite e ela era simplesmente uma mulher. Isto estava permitido.

Quando não lhe deu nenhuma resposta, Layel se levantou para mascarar sua decepção.

—Espera aqui. Enterrarei o corpo.

— Te Ajudarei.

—Ainda está fraca.

—Fazemos isto junto, Layel. Recorda?

Ele assentiu bobamente feliz por sua insistência.

A tarefa durou uma hora e estavam exaustos quando se estabeleceram de novo frente ao fogo, suarentos, sujos e lutando por acalmar sua respiração.

—Sua força me agrada — Disse ela finalmente — Isso é o que ia dizer antes.

Escutá-lo foi tão maravilhoso como tinha imaginado. E, entretanto...

—Não sou forte — Se encontrou dizendo amargamente.

Ela jogou um ramo às chamas, observando como ardiam até transformar-se em cinzas.

—Como assim?

Ele estava aqui quando deveria estar em qualquer outro lugar. Não tinha salvado Susan e não teria sido capaz de salvar Delilah se tivesse sido escolhida esta noite.

—Muitas razões para nomeá-las.

Delilah o olhou, estudando-o à luz das chamas. O que fosse que viu entre esse tamborilar dourado deve ter gostado, já que elevou uma mão e deslizou a ponta do dedo ao longo da curva de sua mandíbula, sobre seus lábios. Terna, tão terna.

—Está pálido — Disse.

—Sempre estou pálido.

—Mais do que o usual. Está ferido? Mais do que posso ver, é isso?

—Estou bem — Sua força a agradava. Não havia maneira em todo o Inferno de que admitisse fraqueza agora.

—Necessita mais de meu sangue?

—Não — Mentiu, não querendo arriscar-se a tomar mais dela por alguma razão. Capturou sua mão e posou um suave beijo sobre seu pulso, onde seu pulso repentinamente saltou a uma errática vida. O sangue estava correndo por suas veias, uma doce essência emanou de sua pele.

Fez-lhe água a boca.

—P... Por que fez isso? — Perguntou ela.

—O que?

—Beijar minha mão?

—Queria fazê-lo.

—Verdade?

—Você não gostou?

—Eu gostei, mais do que deveria, mas nunca havia me tocado voluntariamente antes.

Um crime.





—Queria fazê-lo — Admitiu.

A larga longitude de suas volumosas pestanas desceu pela metade, defendendo seu olhar vibrante.

—Supunha-se que devia me manter afastada de você.

Incapaz de deter se inclinou para ela. Não beijaria seus lábios não podia, não sucumbiria a esta atração tão profunda e intensa, mas precisava pôr os lábios sobre os dela. Em algum lugar. Pressionou brandamente a linha de sua mandíbula, seu queixo, inalando sua doçura.

—Por quê? — Entretanto, ele sabia a resposta.

Tagart. “Recorda o que lhe disse”, havia dito o dragão.

Um estremecimento a atravessou.

—Por que, o que?

—Por que deve se manter afastada de mim agora? — Tamborilando com a língua, riscando o mesmo caminho que a boca tinha tomado. Suavidade, doçura e calor. Seu membro se endureceu dolorosamente.

—Minha equipe — Ofegou, os braços envolvendo-se ao redor dele.

Ela seria a seguinte a morrer se fosse vista com ele de novo, precaveu-se.

—Não permitiremos que nos descubram, então. Não esta noite — Ela o necessitava tanto como ele a necessitava. Isso estava claro com cada quente fôlego que ela tomava — Amanhã... Amanhã podemos agir como estranhos.

Os dedos dela deslizaram por suas costas, sobre a cordilheira de sua espinha, depois se deteve suas unhas cravando-se nos ombros. Ela se arqueou para frente, encaixando seus seios no peito dele. Ele vaiou em um fôlego.

—Não se importará? — Perguntou ela.

Agora, ele não podia recordar onde tinham parado a conversa.

—Me importar com o que?

—Nos amar esta noite, ser estranhos amanhã.

Suas palavras deveriam havê-lo deleitado. Isso era exatamente o que ele queria, o que necessitava para retornar a seu frio e solitário mundo. Era exatamente o que havia dito a ela que tinha que ocorrer. Escutar sua fácil aceitação e inclusive seu desejo de esquecer seu toque, de todas as formas, irritava-o. Fazia que cada osso possessivo de seu corpo rugisse.

—Não — Disse entre os dentes. Um pequeno protesto dela tivesse sido agradável. Não é? — Não me importará.

—A diferença de minhas irmãs, nunca quis um homem durante um curto período — Rodeou com a perna e se elevou de modo que acabou sentada escarranchado sobre sua cintura, o quente centro colocado diretamente sobre seu estirado membro. Ele odiava suas vestimentas — Mas parece que não posso me deter. Terei-te, embora seja só por uma noite. Assim me diga. O que planeja fazer comigo?

O que tinha querido então? Para sempre? Teve uma sacudida no peito, porque uma pequena parte dele teria gostado de dar isso a ela.

—Primeiro nos banharemos — Não seria nada menos que perfeito para ela. Quando



pensasse nele nos anos vindouros, e esperava que o fizesse, queria que fosse com carinho, possivelmente excitação.

Ela mordiscou seu o lábio inferior.

—Considerando o que acabamos de agüentar na água, está seguro que quer voltar a se colocar nela?

—OH, sim. Iremos a nossa cascata.

Ofereceu-lhe um meio sorriso.

—E Depois? O que fará?

Ele a estudou. A sujeira manchava seu rosto machucado e seu cabelo parcialmente seco estava enredado ao redor de seus braços, encaracolado e um pouco crespo. Sem encheu de impulsividade e vitalidade, como se a idéia de estar com ele lhe desse toda a energia que necessitasse. Seus lábios eram suaves e vermelhos, seus olhos violetas eram luminosos e sensuais. Eróticos. A visão sempre fazia doer seu peito. Não gostava, mas ansiava essa dor, agradecido pelo aviso de que ainda estava vivo, não morto e enterrado.

—Bem?

Em vez de responder, fez-lhe uma pergunta.

—Está nervosa? É por isso que deseja saber?

—Não nervosa. Curiosa. Excitada.

—Então te explicarei e esperançosamente incrementarei sua excitação. Te saborearei aqui — Circundou seu mamilo com a ponta do dedo.

Ela ofegou em êxtase.

—E aí — Desceu um pouco mais, mantendo-se sobre a pequena saia de couro que defendia seu centro feminino de seu olhar.

—Eu... Sim. Esse é um excelente plano — Lambendo os lábios, inclinou-se para ele. Quase, quase... Ela cheirava tão bem, tão bem — Esta noite me amará — Sussurrou.

Amá-la. A palavra tremeu ao longo dele e afastou a cabeça antes que se afogasse nela, afundando-se profundamente, completamente e perdendo-se. Seu beijo aterrissou na bochecha, e depois ela recuou e piscou com decepção.

Uma vez mais, tinha-a ferido.

Elevou-se sobre os pés, não caia não se atreva a cair e ela se deslizou descendo por seu corpo. O prazer o atravessava mais doloroso do que uma ferida alguma vez tinha sido.

—Vêem — Disse roucamente, duramente, lhe oferecendo a mão. Pode se afastar encontrou-se projetando. Não tem que fazer isto — A menos que tenha trocado de opinião — Não troque de opinião. Por favor, não troque de opinião.

Os dedos dela se curvaram ao redor dos dele. Sem dizer uma palavra, caminharam para a cascata.

## Capítulo 18



Mil emoções pareceram formar redemoinhos através de Delilah: excitação, alegria, pesar, ternura, paixão, cólera, tristeza, confusão, inclusive o nervosismo que tinha assegurado a Layel que não sentia. Queria isto mais do que jamais tinha querido qualquer outra coisa. Teria matado por este momento com Layel, cruelmente e sem remorso.

la estar com o homem que tinha despertado seu interesse. Conheceria ele tão intimamente como uma mulher poderia conhecer um homem, o aceitando dentro de seu corpo, possivelmente sua alma. Por uma vez poderia ser o prêmio, e não o conquistador. E ainda assim...

Queria chorar.

Ele partiria depois dando meia volta, sem olhar atrás. De novo não era mais que um encontro prazeroso, facilmente esquecido.

Só tinha derramado lágrimas uma vez na vida: o dia que sua mãe a enviou longe para começar a treinar como uma guerreira. Seu primeiro tutor a tinha golpeado por essas lágrimas. Depois não tinha chorado. Nem de dor quando seu corpo tinha sido maltratado mais à frente da lembrança, nem de tristeza, quando enterrou a várias de suas irmãs depois da batalha, nem de vergonha quando Vorik a deixou. As lágrimas eram um sinal de fraqueza. Mas a fraqueza importou pouco quando Layel virou a face para evitar o beijo. Tinha girado a rosto igual a suas irmãs giravam quando os escravos tentavam beijá-las.

Como se não fosse o bastante boa para algo mais que uma noite. Tinha sabido.

Como se ela não significasse nada. Tinha suspeitado.

Como se ele permanecesse separado do ato, enquanto lhe dava tudo o que tinha que dar. Algo que não tinha esperado.

O conhecimento tinha ardido mais quente que o fogo do dragão, raspado mais profundo que a garra de um demônio, e esfaqueado mais violento que os dentes de um vampiro. Estava disposto a tomar seu corpo, mas não sua boca, embora a tivesse beijado antes. Por quê? Tinha sido um engano a primeira vez? Não, suspeitava que suas ações eram devidas à lealdade para sua companheira, e isso só intensificava a ofensa. Mas não podia resignar-se a deter o que estavam a ponto de fazer.

Uma só vez, disse a si mesma. Tinha que saber como era ser completamente possuída por um homem, uma vez só. Vorik tinha tomado seu corpo, mas não a tinha consumido. Ela e Layel ficaram nas sombras, cuidadosos para que ninguém os visse. Permaneceram quietos, cautelosos para que ninguém os ouvisse. Depois de uma eternidade abriram passo através das árvores, e a cascata apareceu à frente, jorrando líquido frio em uma piscina decadentemente fragrante.

As mãos começaram a suar o corpo a estremecer.

—Se banhe — Disse com tom inexpressivo — Comprovarei a área para me assegurar de que realmente estamos sozinhos — Não lhe deu tempo para responder, só a soltou e caminhou a grandes passos para fora de vista.

—Agora há outra emoção para somar as outras — Resmungou — Aflição.

Com um suspiro se despiu e entrou suavemente na água. A pele parecia absorver cada gota, inundando-se, relaxando os músculos. Lavou sua cabeça com as flores que cresciam na borda saliente, limpando o resto do corpo com a resplandecente areia branca como sabão. Ao menos os



deuses não lhes negavam a doçura da natureza.

Esfregou-se da cabeça à ponta dos pés e, insegura de quanto tempo tinha passado, relaxou na borda e se sentou sobre uma rocha Lisa prateada, com os joelhos contra o peito. Onde estava Layel?

Como se seus pensamentos o tivessem convocado, apareceu a seu lado. Não tinha ouvido, então tinha flutuado; e não tinha cheirado seu perfume, então tinha tomado um banho com a mesma areia e flores que ela. Entretanto não estava nu. Em realidade levava postos às calças. Mas estavam desabotoadas, sob a cintura magra e fibrosa.

O cabelo pendurava em mechas empapadas, brancos e gloriosos. Tinha uma mancha de sangue nos lábios.

—Alimentou-se — Franzindo o cenho ficou de pé.

—Sim — Seu olhar fixo e lento a varreu, atrasando-se nos seios, nos mamilos duros e rígidos, e entre as pernas.

—De quem? — Tinha a intenção de tragar a pergunta, mas emergiu ofegante. Os olhos vibrantes com evidente excitação. A nymph?

—Ninguém. Um animal.

Os ciúmes se desvaneceram, deixando só a excitação igual à sua. O estômago se agitou, a pele esquentou, as extremidades tremeram.

—Podia ter tomado o meu.

—Bonita — Comentou estendendo a mão e lhe rodeando um mamilo entre os dedos.

Ela mordeu a língua para silenciar o gemido gutural, a súplica de mais.

—Por que não me utilizar? Para o sangue, quero dizer.

—Perdeu o suficiente — Os olhos nunca deixaram seus seios. Frágeis, como se estivesse fascinado — Necessito-te forte.

—Não teme que ganhe no seguinte desafio?

Riu profundamente, mas foi um som rude. Tenso.

—Se não posso ganhar de você com diferença, não mereço estar aqui contigo — No momento em que a última palavra deixou a boca, ficou rígido. Deu um passo para trás.

la deixá-la, compreendeu. Por que, maldição? Por que agora sentia que não a merecia? Os olhos se sobressaltaram, a cólera transformando-se em ternura. Sim, isso era exatamente o que pensava, mas ela não queria saber nada disso.

Fechou toda distância entre eles, deixando só um sussurro que desaparecia cada vez que dava um fôlego. Corpo com corpo, pele com pele. Só a ereção e as coxas estavam cobertas. E não era o bastante bom. Também queria senti-las.

Como se não pudesse tolerar roçar-se com ela entre respirações, deixou de respirar, ficando tão rígido como um cadáver.

—Veio aqui para me rejeitar? — Perguntou — Outra vez.

Ele sobressaltou-se.

—Não.

—Então faz algo. Antes que troque de idéia e vá.



As janelas de seu nariz flamejaram.

—Não me pressione mulher.

Levantando-se sobre as pontas dos pés, pressionou-lhe os lábios. Eram suaves, úmidos. Seus olhos não se fecharam só se estreitaram. Ele permitiu o contato brevemente antes de afastar a cabeça.

—Sem beijar aí — Disse — Tenho que manter alguma parte de mim separada disto. Essa é a única maneira em que posso permitir que ocorra.

—Antes me beijou.

—Foi um engano. Um engano que não cometerei de novo.

Sem dor, disse a si mesma.

—Está bem. Sem se beijar na boca — Depois pressionou os lábios em sua bochecha — E aqui? — Depois sua mandíbula — E aqui?

Voltou a respirar de novo. Entrecortadamente. Asperamente. O suor lhe brotou sobre a pele.

—Bem. Isso está bem.

As pontas duras dos mamilos se roçaram contra seu peito, criando uma fricção maravilhosa. Sim, OH, sim. Descendo se concentrou em seu pescoço, arrastando a língua sobre essa coluna grandiosa.

Ele inalou abruptamente, enquanto fechava os braços ao redor de sua cintura, agarrando, cravando as unhas na pele.

—Tire as calças — Ordenou ferozmente — Quero-te nu.

Os dedos se deslizaram por seu traseiro, moldando-o, estirando um pouco para sustentá-la acima.

—Está pensando em estar no comando?

—Sim — Se arqueou para frente, esfregando-se contra a dura ereção, estirando-se orgulhosamente sobre a cintura dessas molestas calças.

—Não — Seu agarre aumentou, lhe segurando no lugar, mantendo-a quieta.

—Mas dói — Disse antes de lambe seus mamilos. A ponta dura roçou sua língua deliciosamente.

Ele soltou um gemido de prazer, o som ecoando na noite.

—Se renda.

—Você primeiro. Deveria...

—Se renda, Delilah.

Seu tom era duro, inflexível. Deveria ter se enrijecido. Não o fez. Sentiu um formigamento, os joelhos debilitando-se. Ofegante, obedeceu. Ele não se moveu, só ficou com o olhar fixo sobre ela.

O que pensava dela?

Comparava-a com sua companheira?

A companheira anterior, sua mente explodiu de ciúmes. Esta noite ele pertencia a Delilah, só a Delilah.

—Bem. Pensa se unir a mim?



—Estende as pernas. Quero olhar tudo em você.

Embalada por luz da lua e o musgo, lenta... Lentamente... separou as coxas. Subiu os pés, dobrando os joelhos e ancorando seu peso contra os cotovelos. Era tão vulnerável como uma mulher podia chegar a ser, e surpreendentemente era emocionante estar assim.

O olhar fixo e quente a varreu completamente, em segundos as íris cristalinas resplandeceram, virtualmente rodeando-a em um pálido halo. Podia sentir o calor invadindo cada polegada de seu corpo necessitado, silenciando-a.

—Está molhada — Afirmou.

A reverência em seu tom a acariciou tão prontamente como uma carícia, e tremeu.

—Sim.

—Deseja-me.

—Sim.

—O que quer que te faça? — Enquanto falava, agarrou a cintura das calças deslizando o material para baixo... Abaixo... Depois as tirou, ficando nu.

—Eu... Eu...

Queridos deuses. A masculinidade arruda a encantou. Era magro, mas suficientemente musculoso para provavelmente esmagá-la com sua força. Não tinha pêlo no corpo, simplesmente milímetro apos milímetro de músculos e pele perfeita. O membro era largo e grosso, Meu, e os testículo estavam firmemente contraídos acima, pesados e orgulhosos.

—Você gosta do que vê? — Perguntou com voz rouca, quase como se estivesse drogado.

Incapaz de falar através do fôlego quente lhe abrasando a garganta, assentiu com a cabeça. O cabelo fez cócegas na pele agora sensibilizada, os mamilos nus, arrancando o olhar de Layel para estudar a si mesma. Para ver o que ele via. Uma mecha azul grossa estava encaracolada ao redor de uma ponta dura e rosada, acariciando carinhosamente com a brisa. Tinha o estômago plano, as coxas firmes tatuadas, tremendo.

—Me olhe — Ordenou a ela.

Fez. OH, Deuses, fez. A necessidade era como uma tormenta em seu interior, cada ordem dada por ele, sua para cumpri-la. Aqui estava tudo o que sempre tinha desejado, tinha sonhado com isso, desejado, devotado em uma noite de luz de lua e gozo, luz de estrelas e sonhos.

—O que quer que te faça Delilah?

Teve que esforçar-se, mas finalmente encontrou a voz.

—Me toque — Uma súplica urgente.

—Onde? — Agarrou seu membro e o percorreu para cima, uma leve carícia.

Quero ser eu a que lhe dê prazer.

—Em todas as partes.

—Antes me perguntou sobre as coisas más que tinha feito, se tinha matado a uma mulher. Seu olhar se levantou de repente, chocando-se com a dele.

—Isso... — O importa isso agora, mas foi incapaz de dizê-lo.

—Não só matei violentamente a Marinha, assassine a esposa de um dragão — Exclamou — Ele estava ali... Aquela noite... Estava ali. Escapou antes que pudesse agarrar seu coração e cortá-lo



em pedaços. Mas o segui. Observei-o. Tinha uma família. Uma esposa, um filho.

—Layel...

Tentou endireitar-se, mas ele estava repentinamente em cima dela, empurrando-a de novo contra o musgo, seus joelhos segurando-a pelos ombros, o membro ereto bem diante de sua cara. Grunhiu surpreendida, mas não protestou. Simplesmente olhou atentamente para cima, silenciosa, fazendo gestos para que terminasse. Parecia destroçado. Por uma parte ele pensava, esperava, que o rejeitasse; por outra... Medo? Medo porque morreria se ela o fizesse?

—Me diga.

Os olhos estavam frágeis pela escuridão das lembranças, uma escuridão ainda tinta de paixão.

—Estava enfurecido. Enlouquecido. O bastardo tinha violado a minha mulher, riu enquanto gritava e brigava, e depois retornou a sua própria mulher para descansar.

Delilah dobrou os pulsos, acariciando as coxas tanto como podia, lhe oferecendo consolo.

As presas se alargaram, afiadas.

—E? — Apressou suavemente.

—Essa noite irrompi dentro de sua casa. Bebi do casal até lhes debilitar, e depois os ateí. Tinha a intenção de violá-la, utilizá-la como ele tinha feito... Como ela... —Layel aspirou um fôlego aflito, soltou-o — Mas não podia. Ela chorava, suplicava. Assim ao final a matei, em frente dele. Mas não lhe dei a mesma cortesia. Arrastei-o de volta a meu palácio o mantendo como prisioneiro, o deixando viver com a imagem do que ele tinha feito, pelo que eu tinha feito.

Como Layel tinha tido que fazer, pensou sentindo pena por ele.

—Mas enquanto passavam os dias, sua vida... Me ofendia. Não podia tolerar respirar o mesmo ar que ele. Assim é que chamei a minha gente e lhes permiti beber dele, o rasgaram de extremidade em extremidade, seus gritos de agonia em meus ouvidos. Ri, mas sua dor não bastou, nem o mais mínimo.

—Sinto muito.

—Queimei-o até que não ficou nada, salvo ossos. Depois usei esses ossos para fazer meu trono, e cada vez que estou sentado sobre isso... Eles, todos os responsáveis. Rezo para que estejam apodrecendo no Inferno — Quando as palavras desapareceram, o silêncio os envolveu carregado de tensão — Ainda me deseja? Ainda quer semelhante maldade dentro de você? — De novo soava como se estivesse em guerra consigo mesmo, querendo duas coisas diferentes dela. Já o havia sentido quando tinha lhe conhecido.

—Não é mau. Mas, sim, desejo-te — Essa era a verdade. Não teria acreditado possível o desejar mais, mas o fazia. Sua ferocidade, sua escuridão... A chamavam, atraíam-na. Representava o que sempre tinha desejado ardentemente para si mesma, ser amada tão rotundamente, que nenhum ato fosse muito vil por tratar de protegê-la, ou vingá-la.

Mas por causa dessa ferocidade, Layel nunca seria um homem fácil. Sempre seria brutal, selvagem. Estava em conflito e dividido, ferido e quebrado, provavelmente nunca estaria completo. Não era algo que não soubesse, e não poderia havê-la enganando sobre quem e o que era. Não negava que houvesse feito algo mau. Muitas coisas más.





—Sim — Repetiu confiante — Sim. Ainda te quero dentro de mim.

Uma miríade de emoções dançou sobre essas feições. O mesmo bombardeio que ela tinha experimentado mais cedo; uma combinação de mil sentimentos diferentes, maravilhosos e terríveis.

—Ainda quer me tocar?

—Mais que algo que tenha querido antes.

Como se ele temesse ir muito rápido, moveu-se gradualmente ao longo de seu corpo, até que os joelhos montaram escarranchado sua cintura. Com os ombros finalmente livres, ela se estirou para cima, cavando as palmas das mãos nas coxas poderosas.

Os músculos debaixo saltaram.

—Adoro te sentir — Sussurrou.

—Delilah — Disse com um grito quebrado — Tomarei cuidado com você — Era uma promessa — Esta noite serei cuidadoso. Não sentirá nada exceto prazer.

Estudou-lhe através do leque espesso de pestanas, as sombras retorcendo-se ao redor dele como fantasmas de meia-noite, querendo lhe afastar.

—Não te quero cuidadoso. Quero-te dentro de mim, duro e exigente.

Ele se inclinou para baixo, esse formoso guerreiro escuro, e chupou o pescoço com a língua, uma marca quente.

—É tão preciosa. Tão forte e valente.

—Outra vez — Ofegou, arqueando os quadris — Lambe outra vez.

Enquanto obedecia cobriu o corpo com o seu, as pernas entre as suas, seu membro roçando o ventre. Ela se balançou contra ele incapaz de permanecer quieta, enquanto ele escondia na palma da mão um de seus seios. O prazer era simplesmente muito.

—Bom?

—Sim.

—Poderia te lambe para sempre. Quero te lambe todas as tatuagens — A boca logo substituiu aos dedos, chupando gentilmente o mamilo, tão gentilmente — O que querem dizer?

—Vitória.

Ele riu suavemente, e ela tremeu diante a sensação deliciosa que trouxe esse som.

—Deveria ter sabido — Comentou — Diga-me se fizer algo que você não goste. Passou muito tempo para mim.

O calor se construía dentro dela, um fogo que seu sangue não parecia poder apagar, só parecia incitá-lo enquanto corria através das veias. O fogo se propagou com fúria de um guerreiro, insistente, seguro, forte. Não o podia combater, não desejava combatê-lo. Só desejava ser consumida pelas chamas.

—Mais — Implorou.

Ainda sem pressa, ele se moveu ao outro seio, e deu a mesma atenção quente, úmida. Os quadris se retorceram, montando onda atrás de onda de sensação. Layel a beijou justo sobre o coração, como se tentasse amortecer os batimentos. Uma das mãos se deslizou descendo pelo estômago, formando redemoinhos ao redor do umbigo. Depois acariciou ligeiramente a pequena



mecha de cabelo entre as pernas.

—Sim, sim. Toca ali.

—Você gosta?

—Eu gosto. Mais — Agarrou firmemente as costas, as unhas cravando-se profundo—. Poderia... Poderia... Por favor. Anda depressa.

Dois dos dedos se deslizaram entre os quentes lábios, doloridos, e diretamente em seu centro. Ela soltou um gemido de êxtase. Dentro, fora. Outro dedo se uniu ao jogo. Ela estava estendida da mais deliciosa maneira.

—Tão molhada — Elogiou.

Retorceu-se contra esses peritos dedos, a visão obscurecendo-se.

—Justo assim. Monta-os, toma o que precisa — Continuou bombeando dentro e fora.

Ela pensou que sua voz soava tensa, desejava lhe dizer que substituísse os dedos por seu membro, mas as palavras se afogaram na garganta enquanto a paixão selvagem a arrasava, um aríete golpeando, tentando destruir cada uma de suas defesas. Convulsionou-se se sacudindo com força, arqueando-se, gritando silenciosamente.

—Quero saborear sua liberação.

Beijou o caminho de descida de seu corpo, riscando as tatuagens com a língua como tinha prometido. Logo ficou entre suas pernas, lambendo ali a umidade. Quente, tão quente. Lambeu-a, afundando-se profundo, justo como seus dedos, cavalcando as ondas de seu orgasmo, empurrando-a diretamente a outro.

As pernas se fecharam ao redor de seu pescoço, as mãos se enterraram no cabelo. Muito... Muito... Mas não estava afastando. Estava atraindo mais perto, desejando mais dele. Necessitando tudo o que tivesse que oferecer.

—Nada mais doce — Disse.

Era imensamente cuidadoso, sem lambê-la com as presas, embora ela acreditasse que poderia gostar disso. Poderia ter gostado dos dentes ali, tomando tão intimamente o que ele necessitava dela.

Enquanto os pequenos tremores se apaziguaram, ele beijou o caminho subindo pelo estômago, deixando um rastro de excitado fogo doce. Estou pronta para mais, compreendeu com surpresa. Longe de estar saciada depois desses dois clímax, seu corpo só parecia estar se preparando.

Agora não foi tão cuidadoso, possivelmente estava perto de perder o controle, e uma de suas presas a marcou. Ela grunhiu com surpreso deleite.

—Sinto muito, sinto muito.

—Não o faça. Mais.

Imediatamente seguinte estava em seu pescoço, não para beber, a não ser beijando, lambendo, chupando. Sua excitação sondava o começo de um furioso baile, adiante – atrás.

—Apertada — Gemeu.

—Posso tomar.

—Não quero te ferir.



—Dói sem você. Preciso-te — Se arqueou para cima para demonstrá-lo, o atraindo mais profundo.

O suor salpicou a face jorrando em cima dela, lava sobre sua pele.

—Quase... Só... Preciso um momento.

—Agora.

—Não, eu...

—Sim!

Com um rugido entrou de repente até o punho, como se não pudesse conter-se nem um segundo mais. Estirou-se, ardia. Também tinha passado muito tempo para ela, e só durante essa noite. Ainda... OH, deuses, OH, deuses. Nada havia sentido nunca tão maravilhoso, tão perfeito. Estava dentro dela. Layel era parte dela, tocando-a profundamente, tão profundamente, enchendo-a com tudo o que era.

—Sinto — Cantorolou — Sinto muito. Ficarei quieto. Darei-te tempo. Não posso sair. Muito tempo, carinho?

Carinho.

—Layel, me beije. Por favor — O necessitava, morreria sem isso.

Mordiscou sua orelha, o fôlego quente lhe acariciando o lóbulo, frisando o cabelo. Mas não consentiu.

—Sente-se tão bem. Acredito que poderia morrer aqui felizmente, em seus braços.

Agarrou-lhe o rosto, as palmas planas nas bochechas. Seus olhares se encontraram em um enredo quente. Havia linhas de tensão ao redor dos olhos e boca, a paixão brilhando em sua expressão. Paixão, dor e necessidade, ternura e aversão.

—Me beije. Na boca.

—Não — Respondeu negando com a cabeça — Disse-lhe. Não posso.

—Me beije. Tome o resto do caminho. Por favor. Estou te dando tudo. Faz o mesmo por mim. Não peço algo que não tenha dado já, equivocado ou não.

Negou com a cabeça outra vez, bombeando dentro dela uma vez, duas vezes, lento e controlado. Os lábios se esticaram sobre os dentes.

—É o céu, doce. Sente-se justo como o céu.

Ela se arqueou para trás, quase perdida, afogando-se. Movia a cabeça de um lado ao outro agitadamente, enquanto ele continuava bombeando. Importante. Se concentre. Liberou a si mesmo do erotismo do momento. Havia algo que queria algo que necessitava. Algo que ela... Um beijo! Sim. Seus olhos se estreitaram sobre ele, vendo o sangue gotejar do lábio, onde tinha se mordido. Não conservaria uma parte de si mesmo. Não deixaria. Poderia odiá-la mais tarde, poderia ter ressentimentos dela para sempre, mas não se importava.

Era uma guerreira, e lutaria por tudo o que ele tivesse que lhe dar.

—Me beije — Ordenou outra vez. Elevou a cabeça e lhe deu uma dentada na mandíbula — Beije-me agora como fez antes, com as línguas rodando juntas, os dentes raspando.

Ele ficou quieto, os músculos tensos. Grunhiu em sua garganta, um animal. Necessitado.

—Não posso!



Quase se deu por vencida, o grito era tão torturado. Mais que isso, estava desesperada por tê-lo movendo-se outra vez. Sem a fricção de seu corpo deslizando-se dentro e fora se sentia perdida, à deriva.

—Me beije. Preciso sua língua em minha boca, provando. Preciso seu sabor. Preciso-te como nunca precisei a nenhum outro. Quero-te tanto, sinto como se tivesse estado esperado sempre, imaginando, sonhando contigo cada noite por...

As palavras foram cortadas ao lhe amassar a boca contra a sua, a língua empurrando profundo. Com esse único toque, essa única combinação de bocas, seu controle se rompeu completamente. Nenhuma atadura, nenhum freio.

Puxou-a golpeando para frente, duro, balançando-a e deslizando-a para trás. Do musgo à borda carregada de ramos. Algumas rochas lhe cortaram a pele, mas não se importou. Era o beijo que recordaria todos os dias de sua vida, mais poderoso ainda que o primeiro.

—Sim. Mais.

Lambeu-a profundamente, provando. Os dentes raspavam juntos com uma ferocidade que a assombrou. As presas cravaram no lábio inferior. Chupou, empurrou e grunhiu; tudo enquanto martelava dentro dela.

Isto não era sexo. Era posse. Era... Mágico.

A liberação rasgou dentro dela com a mesma intensidade com que empurrava, suas paredes interiores se agarraram fortemente a ele. Ele rugiu longa e ensurdecidamente, tragando ela o som. Seu corpo se levantou, a força do clímax tão forte que estava perto de convulsionar.

Abraçou-a fortemente até que pensou que poderia romper seus ossos, mas não o deteve. Abraçou-o, embalou, e sussurrou como nunca havia feito com ninguém.

Alguns minutos passaram, talvez uma hora. Os espasmos se tranquilizaram, e ele ficou tremendo... Estremecendo suas extremidades estavam fracas, o corpo completamente satisfeito, mas ela ainda estava agarrada a ele. Cada instinto feminino em seu interior estava gritando para fazê-lo, não deixá-lo ir nunca.

Era dela.

Só esta noite... Garota tola.

Queria que fosse para sempre. Desejava mais noites como esta, queria despertar em seus braços e falar com ele, comer com ele. Cada manhã.

Meu, pensou.

—Sinto muito — Disse ele forçadamente — Sinto.

Ela enredou os dedos em seu cabelo sedoso.

—Me alegre de que o fizéssemos. Adorei tudo o que aconteceu. Eu...

—Sinto muito — Repetiu como se não pudesse ouvir, ou não a pudesse escutar. Possivelmente estava apanhado dentro de sua cabeça, consumido pelos pensamentos.

Seu peito o ansiava. Para si mesmo.

—Layel...

—Sinto tanto — Retorceu sobre ela, se separando por completo. O eixo meio duro estava coberto com seu clímax, brilhando a luz da lua.



Ela tremeu pelo frio repentino.

—Fala comigo. Me diga o que acontece.

Separou-se dela sem uma palavra, e correu. Simplesmente correu. Delilah observou, sentindo-se mais indefesa que nunca em toda sua vida. Ainda durante o tempo no que tinha sido capturada por demônios, depois de ter sido ferida em combate, não tinha experimentado esta sensação de desespero.

O que deveria fazer?

Empurrou-se sobre as pernas tremendo, quase caiu enquanto tentava mover-se para frente. Então algo frio e molhado deslizou da clavícula para baixo, por seu estômago. Confusa limpou e sustentou no alto da mão. Claro e brilhante líquido.

Lágrimas.

As lágrimas de Layel.

Layel se aconchegou contra a base de uma árvore, em carne viva, sozinho, destruído. Lágrimas quentes percorriam a face, e riu com ferocidade. Que espécie de guerreiro era? Que espécie de rei? Chorando como um bebê amaldiçoado pelos deuses?

Não era um guerreiro, decidiu. Não era nada. Pior que nada. Já tinha traído a Susan em todos os aspectos possíveis.

Tinha-lhe ocorrido reter uma parte de si mesmo de Delilah, para provar a si mesmo, supunha, que ela era diferente a sua amada companheira. Mas no final tinha lhe dado tudo. Corpo, boca, desejo, semente, possivelmente inclusive sua alma, porque ele queria lhe dar ainda mais.

A vergonha o percorreu. A vergonha E... Não, certamente não. Mas estava ali, inegável. O orgulho que tinha de ter satisfeito uma mulher como Delilah. O prazer tinha coberto totalmente suas feições, tinha o abraçado fortemente, tinha ofegado seu nome, tinha querido mais. Que tivesse se entregue a ele, era o presente mais precioso.

Nunca mais, jurou. Tinha tido sua noite, e isso teria que ser suficiente. Mais, e ele esqueceria Susan completamente. E se a esquecesse, não seria um homem digno de Delilah. Delilah, desejava retornar ao seu lado, tomá-la outra vez, abraçá-la. E amá-la. Deveria ter sido Susan que desejasse ardentemente.

—Susan, sinto muito. Farei as coisas melhor, juro — Carrancudo agarrou uma rocha afiada do chão e cortou o pulso com o extremo mais afiado. A pele se abriu, as veias se separaram, revelando um atoleiro de sangue.

Gravou duas palavras em sua carne, um aviso: Nunca mais.

## Capítulo 19

Shivawn se achava próximo ao pânico.



Tinha procurado na Cidade Exterior, mas Alyssa não tinha estado ali, tampouco. Assim como não tinha encontrado nenhum sinal dela. Depois, tinha ido a Cidade Interior. Tampouco tinha estado ali. Continuando, tinha viajado à fortaleza dos vampiros, onde ela tinha vivido. Ninguém a tinha visto. Acreditou, porque imediatamente tinham partido em busca de um dos seus.

Shivawn não sabia em que outro lugar procurar.

Não importava onde fosse não tinha localizado nenhum rastro de seu aroma, e quase tinham passado dois dias da última vez que o inspirou. Quase dois dias desde que tinha falado com ela e desfrutado de seu encanto, fazendo todo o possível para convencê-la de seu amor.

Era dele. Necessitava-a. Morreria sem ela.

Já estava fraco, mas não haveria nenhuma outra. Nenhuma mais. Inclusive era impossível pensar em beijar a outra mulher. O simples fato era detestável. Assim devia ter se sentido Alyssa, necessitando seu sangue e nenhum outro. Compreendeu que merecia este sofrimento. E multiplicado por mil.

Alyssa era a única mulher para ele. A primeira. Sempre. Não poderia excitar-se com ninguém mais. Durante sua busca, muitas tinham tentado mudar isso e tinham falhado. Um fato do qual se alegrava. Não queria ninguém mais, não queria que seu corpo reagisse. Seria como trair Alyssa e ela era mais importante para ele que respirar.

Simplesmente tinha que encontrá-la.

E se estava ferida? E se outro homem tinha tratado de reclamá-la? Um fogo ímpio cobrou vida dentro dele. Enquanto que uma companheira, uma fêmea nymph, não desejaria a nenhum outro homem, ele não estava seguro como funcionava o acoplamento entre os vampiros. Não conhecia nenhum nymph que tivesse tomado como companheira a uma vampira.

Onde, inferno, estava ela?

Causei isto, pensou sombriamente. Deveria ser estripado. Tinha-a prejudicado profundamente e pensava passar o resto da eternidade compensando-a por seu comportamento. Se tão somente pudesse encontrá-la.

Houve uma súbita explosão. Um estrépito. Abriu as pálpebras. Quando os tinha fechado? Shivawn franziu o cenho e estudou seu entorno. Tudo o que podia ver era a um guerreiro atrás de outro guerreiro nymph. Seu cenho se intensificou.

Valerian, espada em mão, aproximou-se com o cenho franzido para ele.

—Onde esteve?

A questão era: Onde estava agora?

Seu olhar cansado passou dos guerreiros, vamos, vamos, até um teto de palha. O aroma de feno e cavalo lhe alagou o nariz. Uma habitação alugada, recordou. Estava dentro de um estábulo de centauro, nos subúrbios da cidade e tão perto da fortaleza dos vampiros como podia sem chegar a estar dentro dela.

No caso dela voltar. Ou seus irmãos a encontrarem.

Maldição. Onde estava ela?

—Shivawn?

Com a concentração posta em Valerian, incorporou-se até sentar-se. E esfregou a mão no



rosto.

—Vi a Alyssa? — Perguntou sem preâmbulos.

—Não. Desapareceu?

—Sim. Demônios, sim.

—Onde esteve? O que esteve fazendo? Não me informou como acordamos e me preocupei.

—Já lhe direi — Dirigiu um olhar para os homens. Eles não precisavam inteirar-se de sua vergonha — Uma vez que estejamos sozinhos.

Valerian apertou a mandíbula, durante vários segundos não disse nada, não fez nada. Aborrecia-o ficar frustrado. Shivawn sabia muito bem, o rei em geral matava a quem o provocava.

—Por favor — Disse Shivawn.

Finalmente Valerian assentiu e o exército abandonou a câmara sem vacilação, as botas sapatearam pesadamente.

—Fala.

Estavam sozinhos agora, mas de repente Shivawn não podia encontrar as palavras. Deixou cair à cabeça nas mãos e ancorou os cotovelos sobre os joelhos. O lençol que lhe cobria caiu à cintura e se agrupou sobre seu pênis flácido. Voltaria a estar duro de novo? Alyssa... estremeceu.

—Se inteirou de algo sobre meus soldados? — Perguntou Valerian, tratando de ajudá-lo a começar.

—Não. Desapareceram, junto a duas criaturas de cada raça. Ninguém viu ou teve notícias desses guerreiros, tampouco. Uns quantos inclusive desapareceram diante de testemunhas, estavam em um momento e no seguinte se foram.

—Então Poseidón é o responsável — Resmungou Valerian — Quem, além dele, poderia pensar em tal atropelo?

Os deuses não tinham prestado atenção neles durante centenas de anos. Mas Poseidón, o deus do mar, tinha recordado sua presença por volta de uns meses e agora claramente tinha pensado em compensar o tempo perdido, lhes provocando toda classe de dificuldades. Bastardo.

—Acredita que eles estão... Mortos?

—Se estiverem, haverá uma guerra divina como os deuses nunca viram. Mas não, suspeito que eles estão sendo usados para algo. Possivelmente, como entretenimento do rei do mar.

—Notei que passam coisas horríveis quando ele está aborrecido.

—Sim — Valerian fechou os olhos durante um momento—. Quero odiar a bastardo, mas não posso.

—Devolveu a sua mulher — Disse Shivawn, desejando que Poseidón pudesse fazer o mesmo por ele.

O rei nymph assentiu. Embainhou a espada e com grandes passos foi para a única mesa do pavilhão, uma pequena e quadrada de madeira com bancos que permitia aos centauros esticar-se comodamente. Valerian se sentou de algum modo conseguindo parecer régio, apesar de estar estendido como estava agora.

—Vou mandar tropas patrulhar as cidades e vigiar.

—Bom.





—Agora, me diga o resto — Valerian o olhou penetrantemente.

—O resto?

—Por que parece um... Morto?

—Encontrei a minha companheira — Disse ao mesmo tempo que a imagem da Alyssa se formava em sua mente.

A queda sedosa de seu cabelo. O rosto suavizado pelo prazer, o gesto rígido pela dor. O corpo suave e impaciente, corpo rígido e desmoralizado.

—Ah, isso o explica! — Disse Valerian com um sorriso — Preocupa-se por nada. A mulher sempre faz sofrer seu homem, Shivawn. Shaye me fez o mesmo quando nos conhecemos, como provavelmente recordará. Demorou um tempo, mas finalmente me dei conta que trabalhar duro para alcançar meu prêmio era uma coisa estupenda. Nunca esquecerei que fui abençoado por havê-la encontrado e amado. Nunca me dei por vencido.

Se tão somente Shivawn pudesse estar seguro de um resultado similar entre a Alyssa e ele.

—Batalhou por Shaye, sim, mas sempre te quis. Minha mulher me despreza.

Deuses, ela tinha todo o direito de fazê-lo. Tinha-a afastado repetidas vezes. Ano após ano. Tinha-a machucado, tinha-a insultado, tinha amassado seu orgulho e sua feminilidade. Seu coração.

Esse coração precioso, formoso. Um coração que se supunha ele deveria proteger.

—Fala com ela — Aconselhou Valerian — Pede perdão. Às mulheres gostam disso.

—Tentei. Fugiu — Apertou a ponte do nariz — O que vou fazer? Rezei sempre por uma companheira, olhava como meus amigos o conseguiam e lamentava não ser eu. Mas nunca a senti e finalmente me rendi, só para compreender que ela tinha estado diante de mim todo o tempo. Agora Alyssa está...

—Alyssa, a vampira? — Todo mundo conhecia o desagrado de Shivawn por sua raça.

Ele assentiu rigidamente.

—Deveria ter adivinhado, tão... Furioso como estava com ela — Valerian estalou a língua com compaixão — É uma guerreira, não será fácil conquistá-la.

—Não. Não é uma guerreira. Não quer sê-lo. Possivelmente nunca tenha querido sê-lo — Mas por ele, ela tinha lutado. Ah, sim, devia-lhe mais do que alguma vez poderia pagá-la. Nunca haveria suficiente tempo para mimá-la.

Valerian lhe olhou como se não acreditasse em sua declaração.

—De todos os modos ela sabe lutar. Sim a deseja como diz...

—Faço-o.

Com todo seu ser. Queria-a mais do que alguma vez tinha querido a outra pessoa.

—Então agora deve lutar por ela, com ela. Provavelmente esta será a batalha mais sangrenta de sua vida.

Mas a recompensa fará que qualquer ferida valha à pena.

—Farei o que for necessário. Só tenho que encontrá-la.

Ela se ocultava dele e ele sabia. Poderia assumir que a buscava só para matá-la. Castigá-la ao menos.



Depois de tudo, tinha jurado fazer isso.

Alguma vez houve um homem tão estúpido? Ela poderia o encadear, o manter preso. Se estivesse com ela, não lhe importaria nada mais.

—Tem família? — Perguntou Valerian.

Seu cenho franziu enquanto o considerava. Tinha? Ela nunca falou sobre isso.

—Não acredito.

Foi à vez de Valerian franzir o cenho, tocando sua mandíbula com dois dedos.

—Irmãos? — Disse e depois assentiu — Tinha irmãos.

Shivawn odiou não sabê-lo. Queria aprender tudo o que teria que saber sobre ela. Então, uma das palavras de Valerian dançou em sua mente.

—Tinha? Estão mortos?

—Acredito que Layel mencionou que eram subversivos, cruéis. Devem havê-lo sido, pois os assassinaram, cortassem-lhes a cabeça e seus corpos foram cravados às árvores — Assentiu como se as palavras do rei vampiro ecoassem em sua mente — Pelo que deduzi, eles eram demônios, embora Alyssa não tivesse nem idéia de que Layel soubesse isso sobre ela e sua rainha nunca encontrou seus assassinos.

Tudo em Shivawn ficou imóvel, o sangue esfriou até o congelamento. Não porque odiasse o que Alyssa era, não poderia odiar nada dela, mas sim porque acabava de se dar conta do que podia havê-la arrebatado. Se realmente era metade demônio e seus irmãos tinham morrido dessa maneira... Queria dizer... Shivawn pensou que poderia vomitar.

Uma vez, fazia muitíssimo tempo, tinha decapitado a três guerreiros demônios e os tinha pregado às árvores.

—Quantos eram? — Grasnou ao momento — Irmãos, quero dizer.

—Não recordo seu número exato. Dois. Talvez três. Evidentemente, tinham-lhes talhado os chifres, junto às cabeças.

O gelo se fragmentou em milhões de pequenas lascas, cortando cada um de seus órgãos, o brocando. Três. Foram três.

—Eu os matei — Conseguiu dizer mesmo com um nó na garganta — Eu fiz. Cortei-lhes a cabeça. Tirei-lhes os chifres. Trespassei-os.

Valerian se endireitou.

—Foram os...

—Sim.

Sentia-se como um idiota. Por isso Alyssa sempre recordava aquela horrível noite. Esses olhos de demônios que olhavam para cima quando sua espada golpeou, em realidade, em seus pesadelos esses olhos eram os dela. Só que os seus eram amáveis e carinhosos. Talvez tenha cheirado nela o sangue demoníaco, também. Talvez ela tivesse estado ali, e ele o tinha percebido inconscientemente.

Certamente que ela tinha estado ali, pensou, embora não tivesse participado. Provavelmente teria estado ocultando-se e se assustou. Pouco depois, quando ele apanhava seu olhar, se esquivava sempre que cruzava seu caminho.



Equivocou-se com ela mais do que tinha suposto. Tinha desprezado a todos os demônios pelo que tinha acontecido a seu pai, assim Alyssa tinha razão ao desprezá-lo. Que ela não o fizesse seria um milagre. Muito mais o era, que o tivesse olhado com ternura e desejo com esses encantadores olhos.

Até fazia dois dias, quando ele tinha arruinado tudo.

—O que vai fazer?

Shivawn pensou que agora sabia onde estava ela. Um lugar no qual ele nunca tinha pensado voltar outra vez. Um lugar no qual tinha jurado não retornar jamais. O lugar onde seu pai morreu.

—Vou procurar a minha mulher — Disse com determinação.

Tanto se ela o queria como se não.

Uma bola de fogo amarelo alaranjado se elevou para o céu, mais e mais alto. A pele de Zane ardia, mas realmente não sofria dano algum, como tinham prometido os deuses. Desejaria que o fizesse. Daria a bem-vinda a cada dor.

Nola o tinha rejeitado.

Não o queria, não desejava seu toque como ele desejava o seu. Não deveria ser assim. Ela tinha sido selvagem em seus braços, inclusive chorou seu nome. Tinha estado tão seguro de que o aceitaria, uma vez que se declarasse. Os deuses o deviam. Não tinha esperado que fugisse dele, que o odiasse, como fazia ele com Cassandra.

Olhava-lhe como se fosse o demônio que ele mesmo acabou de ver morrer. Punham-lhe doente os Demônios. Desfrutavam com a dor, os gritos, a agonia. Dor, gritos e agonia que infligiam a outros. Gostava de fazer mal a seus companheiros quando fodiam. E ele o tinha agüentado. Odiou-se, mas tinha deixado a mais cruel de todos eles fazer o que ela quisesse. Ele não pensaria nisso. Era muito doloroso. Quando tinha partido, depois de haver se deitado com Cassandra, tinha acreditado, esperado, nunca voltar a ter sexo outra vez.

Mas Nola... A formosa amazona havia feito querer tentá-lo, ter o simples prazer de que tinha desfrutado fazia uma vida. Antes de... Justo antes. Mas não. Ela o detestava.

No fundo, de algum jeito devia saber o que ele tinha sido. O que ainda era. Fechou os olhos devido a um raio muito brilhante, a intensidade lhe queimou a cara. O que tinha esperado? Que ela caísse a seus pés? Que rogasse prazer?

Certamente a tinha forçado a querê-lo da mesma maneira que a rainha dos demônios o tinha forçado ele contra sua vontade.

Com esse pensamento, Zane se inclinou e esvaziou o conteúdo do estômago. Endireitou-se e se inclinou, endireitou-se e se inclinou até que não houve nada mais. Até que esteve vazio. Até que cada onça de energia o abandonou.

Se Nola não era a mulher para ele. Por que ainda a queria? Não tinha nenhuma resposta. Desejava ela o dragão? Pensou que sabia. É obvio que sim. Tinham fama de serem fortes, livres e honoráveis.

Todo o corpo de Zane ficou tenso, uma onda de fúria lhe deu uma momentânea força. Nola, de fato, parecia atraída pelo guerreiro dragão, como não o tinha estado por ele. Não permitia a



Zane essa experiência tão doce, uma básica atração?

la sofrer para sempre e durante outra vida?

Provavelmente. Não era digno de nada mais. Não era nada, nada melhor que a pestilenta areia cheia do vômito que acabava de jogar. Depois de tudo, de boa vontade fez todas aquelas coisas com a rainha durante todos esses anos. Por sua mulher, sim. Por sua liberdade. Mas ainda assim teve que deitar-se gostosamente com a cadela quando podia ter encontrado outra maneira de salvar a sua amada.

Assim talvez, só talvez poderia valer algo. Se ganhasse esta ridícula competição, ficaria como o último guerreiro, assim confirmaria que era mais forte que todos outros. Talvez...

Sim, talvez.

Nola tinha tido suficiente.

Queria estar fora desta ilha de tortura, longe dos homens. Simplesmente... Longe. Se tivesse estado em Atlantes, poderia ter explorado as agitações de seu estômago que apareciam sempre que Zane o vampiro a olhava. Mas não aqui, não agora.

Só queria ir para casa.

Teria procurado Delilah, porque agora mesmo necessitava a sua irmã, mas não se incomodou. O mais provável era que ela estivesse com o odiado rei vampiro, um homem que a trairia e a arruinaria. Os homens sempre o faziam. Para o caso, o mesmo faziam as mulheres. Simplesmente não se podia confiar nas pessoas. No momento em que girava as costas, faziam-lhe mal. Sua própria mãe a tinha levado a Cidade Exterior e a tinha vendido a qualquer criatura que quisesse uma amazona, mas não queria ser escrava no Acampamento das Amazonas. Ao princípio, tinha lutado contra eles. Mas tinha se dobrado, permitindo que mais e mais pessoas presenciassem sua humilhação.

Nola mordiscou os lábios enquanto cruzava de um salto um grosso agrupamento de árvores, com as adagas apertadas em suas mãos. Vampiros. Como tinha começado a desprezá-los. Zane não tinha nada que fazer com o tema, confuso e doloroso, inseguro e esperançoso. Muitas vezes, durante toda sua vida, ela tinha esperado algo melhor, só para ser decepcionada sempre.

Deveria matar a Zane e a seu Rei. Delilah nunca tinha agido assim antes... Suave. Era evidente que em tudo em que Delilah podia pensar ultimamente era no rei bastardo. Cada vez que Nola a olhava, estava o olhando. Por quê? Delilah era dura, confiável, sempre se preocupando com todas suas irmãs. Nola sempre tinha sido um pouco ciumenta com ela. Todos amavam à guerreira, acreditava que ela não podia fazer nada errado. Nola não podia dizer que ela conhecesse nenhuma dificuldade.

Como Nola, ela sempre se mantinha isolada, com medo de formar parte da tribo. Também com medo a que a usassem e a machucassem mal. Isto não tinha detido Delilah de tentar protegê-la, tanto na batalha com os dragões como nesta ilha. Apesar do distanciamento que mantinha Nola entre ela e o mundo, realmente Delilah tinha pensado em ajudá-la.

Devo. E havia só uma coisa que Nola pensava podia dar de presente à guerreira. Liberdade. Enquanto o rei dos vampiros vivesse, Delilah estaria apanhada por ele, uma vítima que aceitava



tudo o que seu homem fazia em nome do amor.

—Amor — Mofou.

—Uma emoção fraca e traidora — Sussurrou uma suave voz.

Nola ficou rígida, fez um giro ao redor, procurando o intruso. Não havia ninguém.

—Quem é? Onde está? Se mostre, covarde.

—Mata os vampiros, querida — Continuou a suave voz de algum modo poderosa— Merecem, como já sabe, e será nobremente recompensada. Inclusive te ajudarei na busca. Terá magia para sarar como outras criaturas se curam, rapidamente e sem nenhum desconforto persistente. Inclusive agora, certamente, dói-te a perna?

—Que tipo de recompensa? — Perguntou, compreendendo que só podia estar falando com um dos deuses.

—Em caso de ter êxito, Te concederei um favor. Algo que você escolha...

Algo? Nola lambeu os lábios diante a crescente emoção. Mais que nada, queria trazer de novo à vida a sua mãe para poder matar à cadela de novo. Matar o rei vampiro de Delilah, também será uma recompensa.

Ela simplesmente destruiria Zane por diversão.

## Capítulo 20

Delilah passou a maior parte da manhã pensando no que fazer a respeito de Layel. Tinha acreditado que – esperando não enganar a si mesma– passar uma só noite com ele seria suficiente.

Não tinha sido.

Agora queria mais. Mais dele. Mais de tudo. Havia-lhe tocado o corpo, mas tinha marcado a alma. Pensou inclusive que poderia... Amar-lo. Amar por quem é o que foi, por quem e o que era. Quem e o que seria. Inclusive a escuridão nele. Queria que a amasse em troca, que a desejasse como companheira. Para fazer amor e retê-la depois, não abandoná-la como se fosse veneno.

Queria que a quisesse como ainda queria à outra. Maldição, valho muito!

Delilah era ciumenta, admitia-o. E apesar que desejava Layel para ela sozinha, não pediria que esquecesse seu primeiro amor. Que fizesse um lugar para Delilah em seu coração, sim. Suspeitava que uma pequena parte de seu coração fosse melhor que a entrega total de outros mil.

Se Delilah tivesse tido menos de guerreira, poderia haver dito que a tarefa a que se enfrentava era impossível. Seus companheiros de equipe já a deixavam de lado, pensando que ajudava o inimigo. E Tagart a tinha advertido. Se continuar com o rei vampiro anularia a aliança. E sobre tudo, mesmo Layel parecia determinado à expulsa-lá de sua vida.

Ele tinha chorado, por amor dos deuses. Chorado. Pensando nessas cálidas lágrimas, o estômago atava dolorosamente. O qual destroçado e ferido deve sentir-se para fazer tal coisa diante dela.



Como destroçada e ferida se sentiu ela mesma ao recordar. Não tinha derramado uma lágrima quando tinha sido machucado. Nem sequer havia feito uma careta. Por que, então, havia-o feito depois de ter feito amor?

Se tão somente soubesse mais sobre os homens e seus costumes. Mas não sabia, só tinha a experiência limitada com Vorik em que apoiar-se, por isso simplesmente teria que lutar por ele às cegas.

—A batalha mais importante de minha vida e estou virtualmente desarmada —Murmurou às árvores.

Depois de banhar-se, odiou tirar o aroma de Layel sua pele, mas sabia que era necessário, vestiu-se, colocando as finas tiras de couro ao redor de seu corpo. Quanto menos material levasse, menos teriam onde agarrar-se seus inimigos.

Com um suspiro, dirigiu-se para a praia. No alto, o globo laranja brilhava intensamente, seu calor provocava gotas de suor sobre a pele. Entretanto, quando chegou ao acampamento viu que ambas as equipes estavam sentadas ao redor de uma fogueira, comendo um porco assado. Viu Nola, empapada em sangue, mas a ferida causadora estava se fechando sozinha enquanto Delilah a olhava. Como era possível?

Também Nola a viu, estudou-a, franziu o cenho e fez um gesto ondeando os dedos. Cruzou as pernas, para ocultar rapidamente a cicatrização da ferida.

Delilah ruborizou ao ficar em marcha. Parecerei diferente? Satisfeita? Sentou-se sobre o tronco ao lado da outra amazona, um aroma picante chegou ao nariz. Fez-lhe água na boca.

—Sua ferida é...

—Não é importante. Perdemos outro membro de nossa equipe esta manhã — Disse Nola, lhe passando uma grande folha verde com carne enegrecida em cima.

—O que? — Perguntou abrindo os olhos de par em par, equilibrou a folha sobre os joelhos — Como? Foi minha equipe o que perdeu o desafio.

—O idiota tentou escapar. Nadou para a cúpula — Nola deu de ombros—. Os tubarões o comeram. Provavelmente uma morte miserável comparada a que os deuses lhe teriam dado. Mas não perguntarei onde estiveste ou o porquê não estava aqui para me ajudar como jurou fazer.

O rubor de Delilah se intensificou até um chiado que a queimava.

—Esperemos que o número de companheiros na equipe não tenha importância durante o seguinte desafio.

Nola mordeu uma fruta amarela, mastigando depois pensativamente.

—Realmente se preocupa que minha equipe perca?

—Certamente.

—Por mim, ou por seu vampiro?

“Seu vampiro”. Gostou como soava.

—Por que não posso me preocupar com ambos?

—O rei vampiro te despreza, sabe. Está te usando para ganhar.

Delilah afastou a vista do prato, brincos de medo a atravessaram como um sussurro.

—Por que faz isto? — Tinha chegado aqui com a esperança de um futuro com seu homem.



Sua irmã, com umas poucas palavras, havia-lhe feito um corte expondo todos os medos interiores nos quais tinha tentado não pensar— Não tenho direito de encontrar a felicidade? É o que está tentado me dizer? Simplesmente por ser uma amazona? — Meteu uma parte de carne na boca com os dedos tremendo.

—Felicidade? — Nola riu baixo, mas o som foi como uma aguda mordida — Com um homem? Um inimigo? Um guerreiro que em última instância te trairá? Nunca fomos às melhores amigas, Delilah, mas inclusive assim não te desejaria tal destino.

Delilah sabia, e o alimento que acabava de ingerir girava como uma bola de chumbo em seu estômago.

—Está disposta a abandonar nossa tribo por ele, não é?

Se ele a quisesse, acreditava poder fazê-lo. Não se permitia aos homens viver entre a tribo fora do período de acoplamento. Inclusive solicitar tal coisa era um convite ao castigo.

Mereceria a pena por Layel, embora duvidasse que ele queria viver com suas irmãs. De todos os modos suspeitava que faria se perguntasse e se a amasse, certamente. Ele faria algo para proteger e acalmar a mulher que amasse. Estava convencida com todo seu ser. Que não seria feliz até que sua companheira o fosse. Amaria-a com tal ferocidade que o resto do mundo desapareceria.

Ela não poderia fazer menos.

Embora, poderia amá-la? Essas lágrimas... E a tinha chamado para uma só noite. Mas você também. Certo. Possivelmente, como ela, ele agora lamentava aquela decisão. Possivelmente pensava lutar por ela. Lentamente começou a sorrir abertamente.

—Sorri diante do pensamento de trair a sua raça? Realmente está louca —Resmungou Nola.

Era curioso que a amazona pensasse assim, já que Delilah nunca havia se sentido mais lúcida. Nervosa, sim. Insegura, também. Mas a idéia de estar com Layel parecia correta.

Valia à pena? Tudo valia?

As perguntas a assediavam enquanto Layel saía do bosque e se dirigia ao fogo. Fez uma careta diante a sobrecarga de luz brilhante, os movimentos lentos, com a expressão inescrutável. Tinha encontrado uma camisa, provavelmente roubada de uma das outras criaturas. O tecido negro lhe cobria o peito e certamente os arranhões que ela tinha deixado ali. Vestia as mesmas calças que vestia na noite anterior, embora agora estavam limpas, como se tivessem sido meticulosamente lavadas.

Seu coração deu um tombo diante a visão impressionantemente formosa dele. A consciência se precipitou por suas veias e um sentido de possessividade se elevou de seu interior. Meu. Compreendeu que não gostava que nenhuma outra mulher lhe olhasse. Ontem à noite, tinha segurado esse cabelo branco. Tinha beijado esses lábios vermelhos. Tinha acariciado esse duro corpo. Definitivamente é meu.

Olhe-me, suplicou silenciosamente. Vêem a mim.

Layel não olhou em sua direção.

Só uma olhada, isso era tudo o que necessitava. Um momento entre eles, furtivo e de cumplicidade. Privado. Mas ele pôs uma parte de carne sobre uma folha e se sentou o mais longe





possível dela para comer tão afastado de todo mundo como foi viável. Os vampiros podiam comer mantimentos sólidos? Ela o desconhecia.

Claramente, Nola tampouco sabia.

—Por que o vampiro come alimento sólido? — Perguntou, inclinando a cabeça pensativamente, como se estivesse planejando uma linha de batalha.

—Não estou segura. Talvez queira combiná-los. — Odiava não saber. Queria aprender tudo sobre seu homem e sua raça. Olhe-me, Layel. Por favor. No que estava pensando? Acaso sabia que ela estava aí?

Delilah também odiava esta luta interior por seu afeto, quando tudo dentro dela gritava por ir até ele, sentar-se em seu colo, envolver os braços ao redor de seu pescoço e beijá-lo até o deixar sem fôlego. Para marcá-lo, para que todos soubessem que lhe pertencia.

Pertencer-lhe? Franziu o cenho. O poderoso chefe militar nunca pertenceria a ninguém. Isto, sabia. Era muito orgulhoso, muito obstinado.

—Envergonho-me de você — Disse Nola, tirando Delilah de seus pensamentos—. Profundamente envergonhada. Olha-lhe como se não tivesse orgulho, daria as costas a sua família e renunciaria a tudo o que é se ele te oferecesse o mais leve estímulo.

As palavras ressoaram em sua mente, e Delilah ficou de pé, a folha caiu no chão invertida. A cólera foi um atizador quente em seu interior. Ira contra Nola, contra ela mesma.

— Me envergonho-me de mim mesma, também — Disse — Por permitir que as opiniões de outros possam influir — Queria ir com ele, deveria fazê-lo. Não deveria se importar o que pensasse sua irmã, seus companheiros de equipe, ninguém. Não se envergonhava de seus sentimentos para o vampiro e não ia agir como se assim fosse.

Isso era uma falta de caráter em sua máxima expressão, fraca e ela se recusava a aceitar.

Decidida, ficou em movimento marcando o passo. Ele elevou o olhar, enfrentando o seu como se tivesse estado em sintonia com ela desde a primeira vez e soubesse de todos seus movimentos. Suas pálpebras se fecharam em pequenas aberturas, protegendo o brilhante azul de sua íris.

Dirigiu-a uma brusca sacudida de cabeça, um simples movimento que tinha a intenção de detê-la.

Seguiu adiante. Depois de tudo, isto era uma guerra. Além disso, sua dominação poderia ser bem recebida e desfrutada durante o ato sexual, mas em outro lugar não haveria obediência.

Vários olhares a seguiram, observando, com atenção.

Só quando alcançou seu objetivo se deteve. As pontas de seus pés se tocavam, era quase estremecedor. Estando tão em cima, pôde ver que seu cabelo estava úmido, que a pele brilhava como uma pérola recém polida. Cheirava a homem e poder. Escuro, poderoso.

—O que acredita que está fazendo? — Perguntou em voz baixa, com ferocidade.

—Te dando meu apoio. — Podia sentir que o fixo olhar de Nola lhe perfurava as costas, mais profundamente que o de outros, mas não deu para trás. O resultado era muito importante.

—Não necessito seu apoio, mulher.

—Entretanto, o tem.



—Permita-me que me expresse de outra maneira. Não quero seu apoio.

—Está mentindo. — Uma guerra recorda? Não podia abandonar — Ontem à noite...

—Supunha-se que não se repetiria. Supunha-se que não se falaria disso.

Delilah ancorou as mãos aos quadris.

— Bom, mudei de opinião.

As janelas de seu nariz se alargaram.

—Não pode fazê-lo.

—Fiz. Posso. Ontem à noite...

—Foi claramente um engano — Terminou por ela.

A declaração a feriu, mas já tinha lutado e sido ferida antes.

—Não. Desfrutei. Eu gostei de tê-lo dentro de mim, e quero que se repita.

Seu enfoque se desviou atrás dela, sem dúvida para as outras criaturas que ainda estariam olhando. Tagart não estava ali, sabia, mas se inteiraria de tudo. Não a preocupou.

—Estivemos de acordo — Grunhiu Layel — Uma só vez. Nenhuma mais.

“Como se não tivesse orgulho”, havia dito Nola. Se for o que precisava, bem...

—Quero mais. Necessito mais.

Ele negou com a cabeça, embora suas pupilas se dilataram.

—Não pode ter mais.

—Posso. E o terei.

—Então, terá que encontrar a alguém que lhe dê isso — Ele disse sem mais, como se não se importasse e quase esperasse que seguisse seu conselho. Mas havia algo em seus olhos, um brilho absolutamente assassino. Tão feroz que a fez estremecer.

Arqueou uma das sobrancelhas.

—Rebaterei suas palavras agora mesmo?

—Delilah — Uma advertência.

—Estou disposta a arriscar tudo por você, Layel. Minha irmã está ali, me odiando, mas vim a por você de todos os modos. Minha equipe pensa que sou uma traidora. Estou arriscando tudo.

—O que demonstra que é uma tola.

Uma névoa vermelha lhe cobriu a visão. Não tinha pensado que ganhar seu coração fosse fácil, mas um pouco de cooperação teria sido agradável.

—Não estou te pedindo que me dê tudo. Peço-te um pouco de tempo. Uma oportunidade.

— Não me afaste. Olhe-me como um prêmio digno de ser ganho a qualquer preço.

Houve uma longa pausa, mas sua expressão não dava nenhum indício.

—Delilah... — Se deteve, o que esteve a ponto de dizer destinado a permanecer no silêncio

— Escuta com atenção, porque não quero ter esta conversa de novo — Ficou de pé, sobressaindo-se por cima dela. Depois se inclinou para baixo, pondo nariz com nariz.

Mordeu seu lábio inferior, desejando que a beijasse como o havia feito a noite anterior.

Ela escutou o som que fez o fôlego dele ao entupir-se na garganta e como o fez recuar um passo.

—Tive-te, e agora terminei contigo — Grasnou depois um momento, olhando-a nos lábios.



Outra mentira. Sabia.

—Layel — Disse, aproximando-se dele — Não faça isto. Permita-me...

—Não — Negando violentamente com a cabeça — Não te quero. Nada do que diga ou faça poderá mudar isso.

A claridade da última rejeição a esbofeteou, feriu-a, fê-la sangrar interiormente como nunca tinha sangrado exteriormente. Ainda assim continuou lutando.

—Layel...

—Não! Olhe meu braço, Delilah. Faz! — Grunhiu quando ela hesitou — Olhe e observa o que estava disposto a fazer quando fui de seu colo ontem à noite.

Encheu-se de espanto, porque no fundo sabia que o que visse a mudaria de algum jeito.

—Faz! — Gritou e todos os sons da selva se sossegaram.

Tragando, baixou o olhar. levantou as mangas da camisa, mostrando os profundos sulcos de ambos os antebraços. O sangue seco formando crostas.

—Não entendo.

—Tive que fazer seis vezes porque as feridas seguiam curando-se. Apesar de que esfreguei sal, sujeira e musgo em cada corte para paliar a cura. Lê as palavras. As leia!

Centrou o olhar sobre cada ferida. “Nunca”. “Outra vez”.

—Entende-o agora? — Perguntou, sua voz repentinamente calma.

Sua mente se esvaziou de pensamentos, de emoções e adormeceu. O instinto de guerreira que tinha estado tão segura de que ganharia, desapareceu como se nunca tivesse existido.

Tinha estado absolutamente equivocada e muito, não tinha um futuro com ela.

Nunca mais. Nunca mais ia beijá-la, tocá-la, amá-la. Não era um prêmio para ele, era uma moléstia. Era tudo o que ela nunca tinha querido ser, descartável, sem importância, sem valor. Uma vez mais, equivocou-se ao escolher um homem. Algo que desejava e que nunca poderia ter. Desta vez a dor era mais intensa que a vez anterior. Muito pior.

—Entendo — Disse em voz baixa.

Desta vez, ele não teve que pôr espaço entre eles. Ela o fez. Centímetro a centímetro recuou. Deu-se conta vagamente de que tinha as pernas tremendo, a bordo de um colapso.

Estava disposta a renunciar a tudo por ele, mas não me quer. OH, deuses! Não a queria. O intumescimento começava a rachar-se, lanças de dor tratando de disparar-se através dela.

Quanto mais distancia obtinha, mais emoção mostrava Layel. A angústia iluminava seu formoso rosto, seguida pela dor.

—Tem que ser assim — Disse ele com tanto ódio para ela que saturou o ar — Tenho uma missão. Tenho uma companheira. Não posso me esquecer disso.

—Tinha uma companheira — Disse, querendo lhe fazer tanto dano como o que ele havia feito — Ela morreu. Não pôde protegê-la e se sente culpado. Tinha acreditado, esperado, que já houvesse feito suficiente penitência. É evidente que nunca será suficiente.

Um músculo lhe esticou na mandíbula. Mas ainda não tinha terminado.

—Não importa o que tenha feito, é o que faça hoje, amanhã, o que importa. Merece ser feliz. Queria ser aquela que te fizesse feliz. Agora vejo que não posso. Ninguém pode. Não porque



preocupar-se, não vou te incomodar mais.

—Delilah.

Bom, ao menos recordava seu nome. Outro passo.

—Não tem que dizer mais nada. Só vi o que queria ver, cega a... Outras coisas. Não voltarei a ser tão tola de novo.

Passou a língua pelas presas.

—Machuca-se. Não pense em cair nos braços de outro. Isso só piorará as coisas para você.

—Só há uma forma de saber, não é assim? — Perguntou com amargura.

Ofegava enquanto esfregava com o dedo o aviso gravado em seu braço.

—Está muito melhor sem mim.

—Sim. Estou. Esse é um ponto no qual estamos absolutamente de acordo — Outro passo. Queria girar e fugir, mas se negou. Ele sabia bem que a tinha destruído. Riu. O que importava se soubesse? Não podia pensar pior dela. OH, espera. Importava — Meu primeiro amante foi um dragão. Sabe o que significa, Layel? Significa que reclamou o que seu odiado inimigo rejeitou. Teve os restos de um dragão. Espero que o conhecimento te machuque da mesma maneira que me machucou este dia.

Uma de suas presas aparecia por cima de seu lábio inferior.

—Não te pedi que renunciasse nada por mim — Disse — Mas teria dado tudo por você — A guerra terminou e perdi. Guerra. chega! — Como se ela pudesse ter lutado com uma mulher morta. A batalha estava perdida antes de começar — Até nunca, Layel.

Com isso, girou. Fugiu.

E por uma vez, não esperou que a seguisse.

## Capítulo 21

Passaram duas semanas. Foram obrigados a vários novos desafios. Várias criaturas mais foram executadas sem piedade, ficando só uns poucos membros de cada equipe. Foi então quando os deuses decidiram dissolver os grupos, por isso era o salve-se quem puder. Infelizmente, o jogo em si não tinha trocado. Ainda era a vida ou morte.

Apesar de que não tinha nenhum direito, Layel tinha mantido um olho posto sobre Delilah. Ela tinha sobrevivido aos desafios. Ao simulacro de uma batalha com espadas e lanças, para demonstrar sua habilidade no combate. A uma caminhada, aparentemente infinita, sem alimento ou água, para mostrar sua capacidade de encontrar fornecimentos enquanto se debilitava. A um questionário enquanto saltava através de aros de fogo, para provar sua memória sob tensão.

Enquanto isso, Delilah nunca tinha o olhado, jamais tinha lhe falado nem nunca mostrou nenhuma preocupação por sua sobrevivência. E se encontrou como que... Sentia falta dela. Queria mais do que tinham compartilhado, odiava como tinha machucado-a. Outra vez. Não importava o que ou quem tinha sido seu primeiro amante, só que ele já não tinha permissão para adorar esse



doce corpo.

E podia tê-lo tido para sempre. Teria-lhe dado mais, durante todo o tempo que ele tivesse querido. Poderiam ter estado juntos sem nenhuma reserva, inclusive agora, poderiam ter estado juntos sem necessidade de fazer segredo, não teria importado.

Não ocorrerá outra vez, recordou-se enquanto inspecionava o lago onde tinha tomado a Delilah. Estava sozinho, inclusive os animais receavam a ele.

Ao menos Delilah não estava tratando de assassiná-lo. Nola, pelo contrário, tinha tentado matá-lo duas vezes. A primeira vez, quase o tinha conseguido, afundou-lhe uma lança no estômago e lhe retorceu as vísceras enquanto ele estava distraído com Delilah. A segunda, lançou-se a por seu pescoço com uma adaga enquanto parecia estar dormindo.

Dessa vez, tinha estado alerta e tinha conseguido submetê-la sem fazer dano a ela. Não sabia o porquê importava, exceto Delilah poderia enfurecer se sua irmã resultava ferida.

Delilah.

Tem o que queria. Já não é uma parte de sua vida. Agora eram quão inimigos deveriam ter sido desde o começo. Entretanto, nunca havia se sentido mais miserável.

Layel não estava seguro de quanto mais poderia tolerar a vida da ilha sem desforrar-se, explodindo em cólera. Dois nymphs e ambos os dragões tinham sobrevivido, como também as amazonas. Brand esteve não sabia o motivo de pé junto a Layel em todo momento e cada vez que entravam no conselho impediu que os outros votassem a favor de sua morte.

Layel era muito obstinado para lhe perguntar por que.

Zane também se mantinha vivo. Agora lutava em cada desafio com uma ferocidade que era assombrosa. Layel suspeitava que Zane se desfaria inclusive dele se assim decretassem os deuses. Uma vez, durante uma carreira através de um labirinto, Zane tinha empurrado Delilah ao chão justo na linha de chegada e Layel quase o tinha degolado.

Que espécie de rei sou? Que espécie de amigo? Que espécie de companheiro sou? Com a palavra companheiro, não era a imagem da Susan a que vinha à mente, e sim a de Delilah. O cabelo azul, olhos de cor violeta, lábios carnudos e tatuagens. Estendida, ansiosa por ele. Se emocionou. Delilah... Sua... Para sempre. O passado esquecido. Era quase muito para assimilar.

O que estava fazendo ela?

Sabia que não estava dormindo o suficiente. Cada vez que a via, tinha olheiras. Seu corpo estava sempre tenso, como se fosse um predador ferido, temeroso e preparado para atacar. Tagart sempre estava a seu lado, sempre protegendo-a, olhando a Layel com uma advertência silenciosa para que se mantivesse a distância.

Layel já não sabia o que fazer nem o que queria. Sabia que odiava ver Tagart perto dela. Sabia que tinha que ser ele o que a custodiasse. A mulher tinha dado o prazer e a paz pela primeira vez em centenas de anos. Isso significava que era dele. Ou o teria sido, se não a tivesse destruído deliberadamente.

OH, deuses. O olhar em sua face enquanto se afastou dele fazia semanas... As coisas que havia dito... Era um monstro. Ela não merecia isso. Só tinha merecido que a tratasse com supremo cuidado.



“Não a pôde proteger” havia dito ela sem nenhuma emoção enquanto falava da Susan, “e se sente culpado. Eu tinha acreditado, esperado, que já houvesse feito suficiente penitência”.

Tinha-a feito? Era quase muito maravilhoso acreditar.

“teria dado tudo por você” tinha acrescentado.

Quase tinha cedido então, quase tinha se esquecido de seu juramento, de seu passado. Seu único amor. Porque, durante um breve momento, tinha visto seu futuro nos olhos de Delilah e tinha sido uma imagem tão formosa que tinha escapado a sua compreensão.

Susan estava acostumada a olhá-lo assim, mas naquele tempo naquele tempo ele tinha valido a pena. Agora, depois das coisas que tinha feito, era consciente que Delilah simplesmente enganava a si mesma, desejando que fosse algo que não era e que não poderia ser de novo: puro.

Um dia, logo se daria conta disso e o deixaria. Depois de tudo o que havia dito, talvez já se deu conta de seu engano. E é melhor assim, recordou-se pela enésima vez. Olhou para o céu, a lua lançava raios dourados em todas as direções. Merecia outra pessoa, alguém melhor. Alguém que não estivesse... Corrompido. Tagart?

Carrancudo, Layel depositou as armas a seus pés sobre uma rocha e se meteu debaixo da cascata. Não se incomodou em despir-se, simplesmente deixou que a água fria corresse por seu corpo, o empapando. Infelizmente, não limpava os escuros pensamentos de sua mente. Tagart não era melhor que Layel, e se o bastardo tocasse Delilah...

Não pense assim. Esses eram os pensamentos de um companheiro. Embora... Seria isso tão mau?

Layel fechou os punhos sobre a rocha que se estendia adiante. O coração palpitava ao mesmo tempo em que colocava as palmas da mão por cima da cabeça. Enquanto estava ali, a imagem de Delilah lhe ocupou a mente, nunca estava longe da superfície, eclipsando a escuridão. Esta vez, sorria, fazia gestos para que se reunisse com ela no banho.

Imediatamente ficou duro. Dolorido.

Deu-se conta de que teria dado tudo, sim, tudo, pela oportunidade de bombear dentro desse delicioso corpo uma vez mais. Acariciar as paredes de seu interior, sentir o calor de seu desejo. Deuses, tinha estado tão úmida.

A água seguiu caindo sobre ele, o fazendo recordar tudo o que tinham compartilhado. Com dedos tremendo baixou sua calça. A ereção saltou, larga, dura e grossa. Agarrou-se, as unhas lhe cortaram a pele.

Se Delilah estivesse aqui, poderia estar ajoelhada. Poderia haver-se introduzido em sua boca. Sim, teria rogado. OH, deuses! Ofegou. Teria rogado, felizmente e sem vacilação. Tudo por ela. A mão se movia acima e abaixo, lento, muito lento. Poderia ter tocado os testículo e massagear-lo. Poderia ter agarrado o cabelo azul com os punhos para introduzir-se, mais e mais, até que a ponta de seu pênis lhe golpeasse a parte de atrás da garganta.

Tinha o corpo em chamas, pulsando e enroscando-se com a necessidade. Tão condenadamente preparado para ela. Aumentou a velocidade do bombeamento, acima e abaixo, acima e abaixo, uma e outra vez, mais rápido e mais rápido. Os lábios se abriram, ensinando os dentes em uma careta. Cada músculo de seu corpo duro... Preparado... Impaciente...



Quase podia ouvir Delilah, rogando por sua culminação, quase podia sentir seus gemidos de prazer, como os que tinha dado ela.

Com um estrondo ensurdecador, chegou ao clímax, expulsando diretamente sua semente quente na água. Como as gotas de chuva, o esperma desapareceu como se nunca tivesse existido.

Passou uma eternidade enquanto Layel tinha dificuldades para respirar. Deu-se conta de que não tinha pensado em Susan. Não lhe dava vergonha, mas... Queria a Delilah de novo. Só a Delilah.

De repente um zumbido de poder encheu o ar.

Layel se endireitou. subiu as calças enquanto lentamente desviava a atenção para as adagas de madeira que tinha colocado sobre a rocha. Estúpido de sua parte com Nola em algum lugar da ilha, mas não queria flutuar. Começou a inclinar-se para eles, projetando os sentidos em todas as direções, procurando o intruso... Não encontrava nada fora do comum. Supunha que isso não significava nada.

Com um rápido e fluido movimento, agarrou duas armas e deu meia volta, preparado para entrar em ação se fosse necessário. Mas apesar de ter estendido os sentidos, não havia ninguém perto. Salvo... A lacuna debaixo dele girou como por volta do mar cada vez que um deus fazia ato de presença. Não, agora não.

O temor paralisou ao Layel. Ia ser selecionado? Castigado? A água era espessa, rosada, com redemoinhos e agitada, formando um corpo pintalgado transparente. Tranquilidade, mantém a calma.

O corpo começou a brilhar com luzes multicoloridos, rosas, azuis, amarelas e verdes. De repente, as cores começaram a brilhar como as estrelas da noite e, continuando, com uma explosão que quase o cegou, tudo terminou, deixando só... Layel ofegou. Caiu de joelhos como a cabeça martelando. Certamente não. Não. Não! Não podia ser. Mas a viu chegar, estendeu a mão, uma sacudida no braço, segura na boca e o coração gaguejando para seu fim.

Susan estava olhando-o.

Logicamente, sabia que não era ela, não podia ser ela, só era um dos deuses participando de um jogo cruel, mas ficou sem palavras diante a primeira visão dela depois de duzentos anos. Era tão bela como recordava. Cabelo castanho de suaves mechas que a chegavam até os ombros. Olhos da mesma cor rica e vibrante do musgo umedecido pelo orvalho. Uma pele belamente cremosa.

Lábios franzidos em um sorriso.

—OH, deuses! — Ofegou entrecortadamente.

Esse sorriso... Nunca tinha pensado em voltar a vê-lo, tinha-a resguardado dentro do peito, seu único calor durante as noites.

Separou-se dele, torneando o corpo com graça, sua larga túnica branca revoando em seus tornozelos. Ela ria... De alguém? algo? A delicada mão cobrindo sua boca. Layel tinha orado freqüentemente por isso, tivesse dado a alma. E agora, ela estava aqui.

Então, Susan se voltou para ele, com os olhos brilhantes de diversão. Fez-lhe gestos curvando o dedo e ele ficou de pé antes de se dar conta de que o tinha feito. Deu uns passos para ela, desesperado por envolvê-la com os braços. Desesperado por ver a adoração nesses olhos cor





violeta enquanto a abraçava.

Layel se deteve bruscamente. Os olhos de Susan eram verdes. Os do Delilah eram violetas. Delilah. A fria realidade caiu como um jarro de água fria em contraste com a visão amada.

Susan fez gestos de novo, a ação um pouco forçada.

Por que segue aqui de pé? Por que não avança até ela?

—Odeia-me? — Perguntou-lhe. Tinha querido perguntar-lhe tantas vezes — Me culpa pelo ocorrido?

Não esperava resposta, mas pronunciou as palavras de todos os modos.

Agora ela com o cenho franzido, deixou cair o braço junto a flanco.

—Odeio-me mesma. Foi minha culpa.

Sua cabeça se inclinou para um lado, como se entendesse o que estava lhe dizendo, mas ainda não soubesse o que responder.

—Morreu, nosso filho não nascido morreu, e eu fiquei sem nada mais que as lembranças e a dor. Se tivesse sido mais forte... Se os tivesse protegido melhor...

Pela primeira vez, falou.

—Amo-te — Disse com a suave voz que recordava — Necessito-te. Vêm para mim.

Doía-lhe o peito, para ouvir o doce timbre de sua voz depois de tanto tempo, mas não pela razão que sempre tinha suposto que o faria se via ou ouvia a Susan de novo. Doía-lhe, porque enquanto continuava estudando a sua amada, se deu conta de que a profunda sensação que sempre tinha sentido por ela já não estava ali.

Ele piscou, inseguro de seus pensamentos. Seguro de que estes estavam errados. Seguro de que ainda a ansiava tanto como o havia feito sempre. Mas... Não. Não o fazia. As mãos não ardiam para passar através de seu cabelo. Os músculos não saltavam diante o pensamento de seu contato. O estômago não tremia pela idéia de reclamá-la.

Amava-a, isso não desapareceria nunca, mas a paixão e a necessidade se foram. Cada grama de sua paixão pertencia a Delilah. Sua esperança para o futuro... Delilah. Sua razão de viver... Delilah.

A impactante revelação, foi como se grande peso saísse de cima dele, um peso que o tinha mantido miserável, o mantendo no chão, incapaz de levantar-se. Não querendo levantar-se.

—Por favor, Layel — O chamou com um conciso, quase zangado, gesto da mão — Vêm para mim.

Uma vez mais, Layel se encontrou de joelhos com lágrimas nas bochechas, apesar de saber que isto era só um truque, mas quanto o entristecia e emocionava a revelação de que, inclusive se esta tivesse sido a Susan real, não teria ido para ela. Isso teria sido uma traição a Delilah e não podia obrigar-se a realizá-la. Amava a Delilah. Queridos deuses!

Estava castigando a si mesmo fazia duzentos anos e não queria continuar fazendo-o. Queria se libertar do ódio. Queria viver. Verdadeiramente viver.

Queria à amazona. A partir de agora e para sempre.

Ainda não a merecia. Não tinha nada que lhe fizesse digno, mas a queria. Queria a oportunidade de fazê-la feliz. Queria uma oportunidade para estar sempre com ela, mimá-la



durante todos os dias de sua vida.

—Susan — Gemeu — Susan, me perdoe uma vez mais — Finalmente ia deixar que se fosse quando se comprometeu a lutar por ela durante toda a eternidade — Perdoe-Me.

Delilah tinha visto como Layel saía do lago, falando sozinho, chorando de novo. Ela tinha sido incapaz de mover-se, presa aqui pelos deuses, seres tão poderosos que tinham sido capazes de imobilizar seus pés no lugar e mantê-los aí. Por que a tinham selecionado? Não tinha sofrido o bastante?

—Susan — Gemeu — Susan, me perdoe uma vez mais. Perdoe-me.

Havia tanto dor e sofrimento na voz de Layel, que as lágrimas brotaram dos olhos de Delilah. Ela o viu, viu a verdadeira tortura em seu rosto. Tenho que consolá-lo, se me permitir isso. Tratou de mover-se mas só conseguiu cair de joelhos, machucando-os.

— Por que me mostrou isto? — Sussurrou entrecortadamente — Por quê?

Durante semanas tinha dado ao vampiro o espaço que havia dito que necessitava. E tinha sido deprimente, o olhar menos, o desejar.

Ele também tinha sentido falta dela. Sabia. Tinha-a olhado. Cada dia, ele a observava e algumas vezes incluso seguido. A esperança tinha renascido em sua interior e esta manhã tinha decidido provar uma vez mais. Era uma guerreira. De todos os modos, não deveria ter se dado por vencida tão facilmente. Mas antes que pudesse agir por sua conta, tinha sido transportada até aqui.

Não é homem para você, sussurrou uma tranqüila voz. Ele ama a outra.

Ficou rígida. Definitivamente, um dos deuses. A voz pertencia a uma mulher, suave e harmoniosa, uma que tinha escutado antes em alguns dos desafios.

—Não. Eu não acredito nisso.

Inclusive vendo-o, nega-se a acreditar? Perguntou confusa. Inclusive o ouvindo?

Inclusive então. Tinha chegado a conhecê-lo, sua obstinação. Ele se agarrava ao passado, não porque ainda quisesse a sua companheira, mas sim porque se sentia responsável pelo que lhe tinha acontecido.

—Ele me necessita.

Houve uma pausa opressiva. Por que ainda o quer?

—Amo-o — O fazia.

Ele era uma parte dela. Era um homem devoto e apaixonado, escuridão e luz. Era leal e forte, com um coração de guerreiro. Era sua outra metade, a parte que sempre tinha estado procurando.

Sua irmã me falhou repetidas vezes. Fica você, e não vou ficar fora de Atlantes, porque se apaixonou, amazona. Desta vez, não havia confusão na voz. Só ira. Ele te distrai, uma distração que nenhuma de nós pode permitir-se.

Não ficar fora de Atlantes? Como podia um ser tão poderoso não obter tudo o que desejava?

—Sim, ele me distrai neste jogo cruel, mas não me importa. Amo-o, e não vou deixá-lo. Simplesmente nos devolva para casa. Por favor. Não merecemos isto. Ajudarei-te a encontrar uma



maneira de permanecer em Atlantis. Juro.

Uma risada fria. Deveria preocupar-se. Não perderei. O que quer dizer que não pode perder.

Perder? Perder o que? Por isso Delilah sabia, só ela e as outras criaturas eram participantes nos desafios, não os deuses mesmos. Mas não havia tempo para pensar, pois se dobrou pela dor. Um intenso calor a invadiu, cada músculo do corpo se contraiu. Sentia-se como se estivessem arrancando algo de dentro, lhe removendo os órgãos, as veias. Então, de repente estava... Livre. Totalmente livre.

Suas emoções... Desaparecidas. Seus sentimentos por Layel... Desaparecido. Ela nem o amava, nem o odiava, simplesmente não sentia nada por ele. Nada por ninguém. Franziu o cenho, em espera da confusão, a ira, ou inclusive o alívio, sua obsessão por ele tinha terminado. Entretanto, nada.

Um dia me dará obrigado por isso, porque acabo de assegurar nossa vitória, disse a deusa.

Algo está errado comigo, pensou, mas não podia encontrar a vontade de preocupar-se.

Layel ainda estava no lago quando seus pés foram liberados, mas não se encaminhou para ele como tinha planejado. Simplesmente deu a volta e se afastou. Estava cansada. Talvez fosse o momento para uma sesta.

## Capítulo 22

—interferiu pela última vez, Hestia — Grunhiu Poseidón quando se materializou no bosque, só a centímetros de distância da deusa em questão.

A deusa de cabelos morenos lhe deu uma olhada inocente, nada envergonhada de suas ações. Ou sem medo, por ter sido pilhada.

—Eu? O que tenho feito?

—Armadilhas, isso é o que tem feito. — Ares apareceu em um abrir e fechar de olhos — Uma e outra vez. Deveria acabar com você.

Apolo o seguiu rapidamente, uma luz cegadora o rodeava. Artemisa apareceu um segundo depois, o gelo e ao calor do deus sol, ao parece para drenar seu poder e diminuir o aura que o rodeava. Interessante. Poseidón nunca tinha observado isso antes.

Hestia renunciou à atuação de inocência e os olhou furiosamente.

—Como se qualquer de vocês estivesse livre de culpa. Vi a cada um de vocês proteger a seus concursantes selecionados e arremeter contra seus inimigos. E não tratem de negar que inclusive alguns de vocês tenham devotado conselho a seus jogadores. Além disso, cansei-me de esperar na linha de chegada. Quero este jogo terminado e o ganhador declarado.

Poseidón cruzou os braços sobre o grande peito. Estava de acordo. Evidentemente os outros deuses tinham a mesma falta de atenção constante e busca incessante de diversão que ele. O jogo tinha começado a perder sua atração, conforme transcorria a semana. Queria retornar a Atlantes, e seus cidadãos para ele seu único desfrute, e queria assegurar-se de que esses deuses



permanecessem fora disso.

—Que tal um desafio final? — Disse Artemisa. Seus demônios tinham sido eliminados, por isso tinha perdido a competição já. Atlantes não seria dela, mas não tinha saído da ilha, parecia muito curiosa sobre o resultado final — Hoje, poderia ser declarado um ganhador.

A emoção saturava o bosque. Poseidón tremia por ela. Um desafio final... Certamente podia ajudar a triunfar um dragão. De um modo ou outro. De qualquer maneira.

—O que implica o desafio? — Perguntou Apolo ansiosamente.

—E o que devemos fazer com os perdedores? — Acrescentou Hestia, esfregava as mãos.

—Tenho uma idéia — Disse Poseidón.

Agruparam-se perto dele, cada um com um sorriso de antecipação.

Uma hora mais tarde Layel seguia em carne viva, quando a familiar corneta chiou anunciando uma provocação. Ficou rígido pelo temor, mas o empurrou para baixo. Uma vez que a imagem de Susan se desvaneceu, vestiu-se e começou a rastrear os rastros de Delilah. Virtualmente se tinha deitado sobre o chão, seguindo seu rastro, mas os rastros pareciam desaparecer.

Tinha que encontrá-la, falar com ela, abraçá-la. Só... Necessitava. Se for necessário, pediria-lhe perdão. Deveria ter lutado por ela, não deveria havê-la afastado.

Esperava que não fosse muito tarde.

Estará no desafio, pensou, acelerando os passos, o medo convertendo-se em antecipação. Farei que fale comigo.

Essas últimas semanas, não tinha bebido sangue, não tinha dormido, em realidade não tinha comido. Tinha sido torturado com pensamentos de Delilah e Susan, com a necessidade e a miséria e um sofrimento profundo que lhe chegava até os ossos. Tudo o que tinha querido era Delilah, compreendeu agora, mas a necessidade se ocultou depois das lembranças do passado. Uma cortina, uma sombra.

Mas no final, tinha permitido que a luz se infiltrasse. E nada nem ninguém o consentiria, mas Delilah.

Fui o maior idiota.

Tinha desperdiçado todo esse tempo. Tempo que podia ter passado nos braços de Delilah.

Vou fazer as pazes com ela.

O céu era brilhante enquanto irrompia através das árvores do bosque e seu coração pulsava. Todo mundo estava já em seu lugar. Também Delilah estava ali e ficou sem respiração diante a visão dela.

Minha.

Estava de costas a ele, e o cabelo de cor azul que tanto adorava chegava até a cintura em ondas sedosas. Queria passar as mãos por ele, agarrá-lo em um punho atraindo sua face para um beijo. Nunca mais se negaria aqueles deliciosos lábios.

Minha companheira. Meu amor.

Necessitava que o amasse, o que significava que a necessitava para que lhe desse o que ela oferecia antes: uma oportunidade. E uma vez que a tivesse, ia conseguir que saíssem desta



infernai ilha e voltasse com segurança a Atlantes, onde podiam estar juntos em paz. Iria onde ela quisesse, viveria no Campo da Amazonas se fosse necessário.

Focou-se nela enquanto se dirigia à praia. Ela não se endureceu quando se aproximou de seu lado, agia como se não lhe importasse absolutamente.

Tagart, que estava em guarda do outro lado, era menos indiferente. Grunhiu a Layel com a ferocidade de um javali diante um depredador faminto.

Layel não prestou atenção nele. O única que importava era Delilah.

—Delilah — Disse, saboreando seu nome.

Dirigiu-lhe um olhar enfasiado.

—Vai.

Mereço isso.

Uma vez, ela tinha se dirigido a ele com nostalgia nos olhos violeta. Uma vez, tinha-lhe aberto os braços e orgulhosamente o abraçou.

—Delilah, quero que saiba que não me importa que tenha estado com um dragão. Meu passado não foi perfeito eu...

—Deixa-a — Grunhiu Tagart — Não é querido aqui. Por nenhum de nós.

Brand caminhou até colocar-se ao lado do guerreiro e lhe agarrou do braço, provavelmente evitando uma briga segura. Uma luta que Layel teria ansiado só umas horas antes, com o sangue, com morte e quantidades assombrosas de dor para seu inimigo. Hoje em dia, só havia uma coisa pela qual Layel estava disposto a lutar e não era a morte de um dragão.

Aspirou o aroma de Delilah, uma fragrância feminina, a essência do prazer, e desfrutou de cada gota que chegou a seus pulmões, sua mente aceitava a adoração sem protestar. Verdadeiramente em paz pela primeira vez em séculos.

—Necessito-te — Disse, e foram palavras soadas diretamente da alma—. Necessito-te mais do que necessitei a ninguém.

Devolveu-lhe um penetrante olhar, mas seus olhos estavam desprovidos de emoção. Ainda violetas... Vazios. Todo seu calor, sua risada, desapareceram.

—Sinto, mas já não estou interessada.

Uma vez mais, o merecia. Em uma ocasião tinha pedido que dissesse quão pior tinha feito. Agora sabia. Tinha causado isso, essa dor nela. Era fria. Dura. Arisca. Ele combateu o desespero.

—Não deveria se desculpar. Não diante de mim. Sou eu quem te pede mil perdões. Sei que mil não seriam suficientes, entretanto por muito tempo que tome, independentemente do que tenha que fazer, estou disposto. Por você, tudo.

—Vai — Disse de novo, igualmente aborrecida.

Nunca.

—Tudo o que peço é que...

Houve um chiado agudo, enfurecido e depois uma esteira ia diretamente para ele. Tudo aconteceu rápido como um raio, mas ele o observou como se o mundo houvesse parado. Ouviu o assobio do ar e conseguiu alcançar e agarrar a arma justa antes que lhe penetrasse o coração. Um segundo mais e teria morrido. Apesar de tudo, a fina navalha conseguiu lhe cortar a pele.



Não havia tempo para procurar a seu atacante. Não havia necessidade, tampouco. Nola o derrubou antes que pudesse soltar a arma. Permitiu-lhe que o empurrasse, que o segurasse, que lhe desse um murro. Ele tinha jurado não deixar jamais que ninguém fizesse mal sem receber em troca sua vingança. Mas a deixou. Estava vingando a sua irmã.

Delilah olhava, sua expressão em branco sem trocar nunca.

Deu-lhe um muito direito no nariz e a cartilagem saiu de seu lugar. As unhas lhe marcaram a bochecha extraindo sangue. Outro murro direito, e logo um murro esquerdo.

—Isto é suficiente. Pare! — Brand tinha emitido a ordem com a força suficiente para deter no ar o punho da amazona.

Ela o olhou, com morte nos olhos.

—Não interfira, ou será o próximo.

Então, alguém estava afastando a Nola de Layel, e ela amaldiçoou com indignação.

Deu-se conta de que era Zane. O guerreiro lutava para segurar Nola, e lançou um bramido de tal envergadura que Layel jamais o tinha ouvido antes.

—Se cale, mulher! E se tranquilize.

Zane, tocando de boa vontade a uma mulher?

—Adverti-te o que aconteceria se se aproximasse dela de novo. — Brand se lançou para o vampiro.

Layel recuou com pressa, afastando-se de seu caminho. Ao parecer, a guerra tinha explodido. Os três rodaram pela praia em um matagal de punhos e pés. Tanto Brand como Zane tratavam afastar Nola, enquanto golpeavam e mordiam, mas ela voltava, sempre dirigindo-se ao pescoço de Zane.

Sua fúria era como uma coisa viva.

Eu era como ela, pensou Layel.

Tinha estado cheio de ódio e raiva, realmente não tinha vivido para nada mais que a morte. Susan teria se envergonhado dele se tivesse conhecido o homem no qual se transformou. Mas Delilah tinha encontrado uma maneira de amá-lo, apesar de tudo.

Era um presente. Um tesouro.

E se deu conta que ela caminhava para o trio sangrento. Correu lançando-se para ela, agarrou-a por braço e puxou para trás. Ela se virou, ainda inexpressiva.

—Me solte — Disse.

—Fique aqui. Por favor. Vou ajudar a sua amiga. — Seria um prazer, lhe dar algo que ela desejava.

Abriu a boca para responder, mas outra voz a deteve.

—Em realidade, nós os pararemos.

O estômago de Layel fez um nó quando o trio foi congelado no lugar. Como desprezava esses deuses e seu aparente poder de fazer tudo o que quisessem.

Em um abrir e fechar de olhos, os combatentes estavam de joelhos, inclinando-se, o sangue gotejando das feridas. Ofegavam enquanto uma forma gelatinosa se materializava frente a eles. Não, não uma. Eram cinco. Cinco seres. Os olhos de Layel se alargaram. Sabia que havia mais de



um deus dirigindo as cordas, mas não tinha esperado que fossem tantos.

—Admiro sua veemência, vampiro — Disse um deles, consolidando-se em um homem alto, musculoso, escuro.

Em seus olhos ardia o fogo, a guerra feroz e a fome. Ares. Pergaminhos antigos e retratos dos deuses tinham ocupado uma vez seu palácio. Depois da morte da Susan, Layel os tinha retirado. Havia se sentido esquecido, abandonado e não queria saber nada dos seres que pareciam mais preocupados com seu prazer egoísta que pelo bem-estar de seus filhos.

—Já é suficiente — Acrescentou outro, consolidando-se também.

Hestia. Era feia de cara mas de algum jeito tão sensual que haveria feito que qualquer homem ficasse duro como uma rocha, se excitasse em questão de segundos. Qualquer um menos Layel. Seu corpo só existia para Delilah.

—Chegou o momento de acabar com isto. — Outra mulher.

Morena, encantadora. Vestia uma toga amarelo brilhante. Artemisa.

—Eu também estou cansado de esperar. — Um homem.

Loiro, musculoso, que emitia um aura tão brilhante que Layel teve que entrecerrar os olhos. Apolo.

—Vampiros, amazonas, dragões e nymph. Ao fim nos encontramos cara a cara. Têm-lhes feito padecer, grande parte de vocês. Minha diversão com nosso pequeno jogo se extinguiu rapidamente. Deviam nos demonstrar sua força, assim como nos indicar qual era a raça que superava às demais. — O cabelo escuro que às vezes trocava ao ouro, homem, alto e musculoso, com olhos tão azuis e insondáveis como o mar. Poseidón — Não podíamos decidir entre nós, e como vêm, terminamos lutando entre nós. Foram trazidos aqui para resolver o dilema, mas tudo o que demonstraram é que são tão fracos e tolos como os seres humanos, pondo seu coração por cima da própria sobrevivência.

—Que mais querem de nós? — Pediu-lhes Layel, avançando até colocar-se diante de Delilah para protegê-la. Não confiava nesses seres, e não toleraria que sua atenção se desviasse para sua mulher — Temos feito tudo o que pediram.

Um momento depois estava convexo sobre seu estômago, retorcendo-se com uma dor além do imaginável. A sujeira lhe enchia a boca enquanto ficava sem fôlego.

—Não permitimos perguntas, vampiro — Disse Are — Maldição, estou decepcionado contigo! Deveria ter assassinado a todos a estas alturas.

—E você — Hestia olhou a Delilah e estalou a língua — Tinha tantas esperanças postas em sua independência e fortaleza, entretanto, centrou-se em um homem e perdeu de vista o verdadeiro prêmio.

—Conheço-te — Disse Delilah, franzindo o cenho — Sua voz. Estava ali. No bosque. Você...

—Já tenho suficiente de você — Disse Hestia precipitadamente, e a seguir, Delilah também caiu de joelhos.

Ao menos não se retorcia de dor.

—Suficiente de todos vocês. Tiveram a oportunidade, mas aqui estão. Apesar de que admiro sua fortaleza, sua persistente negativa a eliminar a ameaça de seu inimigo... Foi decepcionante —





Disse Ares ao trio ainda inclinado — Chegou o momento de reduzir as equipes a um só combatente de cada raça. Isso significa que três já não são necessários. Brand, Zane e Nola, um passo a frente.

Hestia deu um passo para frente enquanto obedeciam, os três abriram a boca para protestar, ele estava seguro, mas não surgiu nenhum som.

—Dragão, vampiro, vocês lutavam pela amazona, assim é ela que irá ganhar. Estamos condenando a ambos a ser seus escravos.

Zane rugiu com fúria e terror, saltando para trás afastando do grupo.

—Não — Finalmente repetiu —Não!

—Rogo que não façam isto — Ofegou Brand — Nunca quis à amazona. Ela é como uma irmã para mim.

Seus rogos não foram atendidos. Cada um dos deuses agitou uma mão no ar, um movimento estranhamente sincronizado, e os dois guerreiros desapareceram, só os rastros de seus pés ficaram atrás. Layel tinha se estirado para seu soldado, tratando de apoderar-se dele. junto a ele, Delilah permanecia impassível. Com a outra mão a agarrou pela panturrilha, acariciando-a, oferecendo consolo apesar de que podia ver que não sentia medo.

—Grandiosos, por favor — Disse Nola em um suspiro entrecortado, recuando —. Rogo-lhes isso, não...

—Silêncio! — Bramou Artemisa.

E assim é como se fez o muitíssimo, inclusive os insetos cessaram de zumbir.

—Melhor — Disse Hestia relaxada, suavizando sua expressão — Eu não gosto da idéia de que uma mulher seja escrava, nem eu gosto da idéia de te destruir quando ainda não teve a oportunidade de viver verdadeiramente. Não entregarei aos vampiros ou aos dragões.

Pouco a pouco, Nola também se relaxou. Até que...

—Portanto, por ter falhado uma e outra vez em matar a seus objetivos —continuou Hestia, seu tom frio — Será condenada a vê-los viver, mas não pode ser vista ou escutada pelos que a rodeiam. — A deusa fez uma pausa — Que isto seja uma lição para você. Quando uma deusa exige um favor, depois de prometer uma recompensa além da imaginação, terá que atendê-la. Se o houvesse feito assim, hoje teria conseguido um resultado diferente.

Toda cor desapareceu das bochechas de Nola. Comoção e terror alagaram seus olhos e os tremores sacudiram seu corpo com tanta força como se fossem as ondas do oceano.

—Não. Por favor, não. Não enfrentei um contra o outro. Não o fiz. E tratei de matar o rei. Fiz-o, mas ele... — Nola desapareceu e com ela suas palavras.

—Devolve-a. Agora. — Delilah ficou de pé e caminhou para frente, o movimento em contradição com as palavras, como se estivesse fazendo o que sabia que tinha que fazer, mas não se atrevesse a chamar a atenção com a ação.

Layel a pegou pelos tornozelos e puxou. Ela primeiro caiu na areia de cara e depois se elevou balbuciando. Embora ainda com dor, ele ficou de pé e se colocou diante dela. As poucas criaturas que ficavam estavam pálidas e silenciosas. Queria dizer a Delilah que haveria tempo para salvar a seus amigos mais tarde, mas guardou silêncio, pouco disposto a incitar ainda mais o castigo divino.



Hestia sacudiu as mãos diante um trabalho bem feito.

—Você. — Are assinalou à fêmea nymph —. Parece fraca.

Tragando, recuou um passo trememente.

—Eu?

Para Layel parecia que estava forte, sã, com boa cor. Ele franziu o cenho.

—Será eliminada, também. Não há lugar para os fracos aqui. Entretanto, decidi ser indulgente e te repor as forças por completo. É por isso que vai esperar-me em meu escritório celestial. Reunirei-me contigo breve.

O medo se converteu em entusiasmo ao dar-se conta do que queria dela, e desapareceu com um emocionado grito de assombro. Agora Layel entendeu também. O deus da guerra queria a nymph para si mesmo.

Poseidón franziu o cenho.

—Isso não é justo. Eu também a queria.

Ares deu de ombros indiferente.

—Quem vacila não merece tal beleza. Mas não se preocupe. Quem melhor que você, Poseidón, sabe que há um montão de peixes no mar?

—Por fim, os quatro opositores mais fortes seguem existindo — Disse Apolo, esfregando as mãos — Delilah, a obstinada amazona. Broderick, o leal nymph, Layel, o feroz rei vampiro. Tagart, o decidido dragão. Entretanto, Quem de vocês sobreviverá? Qual de vocês cairá?

—Logo enfrentarão a um desafio maior ainda e só uma pessoa pode ganhar —Disse Hestia abrindo os braços — Perguntam-se que receberá o ganhador? A resposta é simples, mudará a vida como o queira. Um favor. Tudo que deseje de nós, nós o daremos. Tudo que desejar será dela.

—O que acontecerá os outros? — Perguntou Layel — O que acontecerá com os perdedores?

Em vez de castigá-lo por fazer uma pergunta, Poseidón o olhou bruscamente.

—A resposta a isso, também é simples, alterará-lhe a vida. Morrerá.

“Morrerá”. A palavra ecoou em sua mente, uma sinistra ameaça que escurecia a dor física que ainda sentia por todo o corpo.

Deuses. Tinha que ganhar esse desafio. Seu prêmio seria salvar a vida de Delilah. Uma vez teria desejado exterminar aos dragões. Já não. Delilah estava em primeiro lugar.

—Antes de outorgar o prêmio, o desafio deve ser localizado. Bem, prestem atenção a nossas palavras, já que as coisas não são sempre o que parecem. Cada um de vocês viajará ao topo da montanha que há a suas costas — Disse Artemisa — Ali encontrarão algo que faz que inclusive o mais valente dos homens queira fugir. Algo que temem por cima de qualquer outra coisa. Deverão enfrentar e derrotá-lo.

Antes não havia uma montanha na ilha, mas Layel estava disposto a apostar que se se voltasse, ia encontrar uma.

Poseidón sorriu, uma demonstração infame de sua diversão.

—Mas não temam criaturas de Atlantes. Devolvo-lhes todas as armas que construíram, que melhor maneira de demonstrar a verdadeira profundidade de sua força que utilizar estes instrumentos de morte sobre os inimigos? Embora... Talvez tenha tudo o que necessitam sem elas.



Hmmm?

De repente Layel se encontrou carregado com espadas, adagas e lanças. E então, um por um os deuses desapareceram.

—Que ganhe o melhor guerreiro — Sussurrou a brisa a seu passo.

A dor imediatamente cessou. Ofegante, suarento, endireitou-se, quadrou o ombros e olhou a Delilah. Ela o estava olhando. Impassível. Ilegível. Ficaram em silêncio durante vários segundos, uma eternidade.

—Um de nós morrerá — Aventurou ela, mas não soava como se a preocupasse quem perdesse a vida.

Não seria ela, prometeu. Mataria a si mesmo antes que permitir que qualquer dano caísse sobre esta mulher.

—Não. — Ele negou com a cabeça — Um de nós ganhará um prêmio. Tudo que desejemos, ainda a vida do outro.

Ela inclinou a cabeça para um lado, a reflexão nadava em seus olhos.

—Ou a vida de alguém mais. Sua companheira poderia viver de novo.

Por um momento, ele esteve encantado com a possibilidade. Susan... Retornando a ele. Não podia respirar, viu luzes brancas por trás das pálpebras. Depois, com um olhar a Delilah, a alegria trocou. A volta de Susan já não era o que queria. Já era hora de deixá-la descansar em paz, tal e como tinha compreendido na cascata. Queria Delilah. Ela era seu presente, seu futuro.

—Amo você.

Ela deu de ombros.

Tagart se aproximou de Delilah, os olhos entrecerrados em Layel.

—Vêem — Ordenou à amazona — Vamos trabalhar juntos na montanha.

Todos os instintos possessivos de Layel saíram à superfície com um rugido.

Minha!

—Não a toque. Não a ajudará. Eu o farei.

Sempre impassível, Delilah subtraiu importância à declaração de Tagart.

— Imitiu seu ultimo ultimato, dragão. Eu devia te seguir ou me arriscar a morrer. Bem, estou farta de te seguir. Nossa aliança chegou a seu fim quando as equipes foram dissolvidas. Acredito que agora quer que eu morra. Assim castigaria o vampiro. Por isso trabalharei na montanha sozinha. Além disso, sou uma amazona. Não necessito de um homem.

Deu a volta e se afastou deles, Layel seguiu com o olhar todos seus movimentos. aproximou-se de... Seus olhos se ampliaram. Havia uma montanha, enorme, imponente, escura e rodeada de apreensivas sombras.

“Ali encontrarão algo que faz que inclusive o mais valente dos homens queira fugir”, haviam dito os deuses.

Tagart se aproveitou da distração de Layel e atacou, as garras rastelaram o peito de Layel. Em vez de enfrentá-lo, Layel simplesmente se desmaterializou. Só havia uma coisa que lhe importava agora e por uma vez, não era o dragão.



Delilah se sentia morta por dentro enquanto aumentava a velocidade, passando de um passeio a uma carreira em segundos. Esquivava as árvores, os ramos a golpeavam, saltou por cima das grossas raízes e ignorava o estranho ronrono animal que ressonava no ar. Logo começou a ofegar, não sabia onde estava nem aonde ia, e não se importava.

Sua irmã tinha sido enviada a ser mental e emocionalmente torturada, e não tinha sido capaz de salvá-la. Layel estava jogando com ela, por alguma razão, oferecia-lhe tudo o que uma vez tinha desejado.

“Amo-te”, havia dito. Não podia importar menos, nem sequer se queria dizer cada palavra.

Deveria me importar. Mas o coração estava vazio, não se lamentava. Não havia felicidade, nem preocupações.

—Delilah.

Em um segundo estava correndo, o seguinte estava socando o ar. Lutou até que percebeu o aroma de homem, força e sangue. Todo seu arsenal de armas pressionava em cada ponto de contato, machucando sua pele.

—Me solte — Disse ela rotundamente.

—se agarre a mim — A voz de Layel era tensa.

Gotas de suor cobriam cada centímetro de seu rosto e as linhas gravadas nos olhos e boca eram de fadiga. Nunca o tinha visto tão esgotado.

—Me deixe. — Houve uma faísca de reconhecimento nela, o despertar a ponto de florescer, mas rapidamente foi apagado como se nunca tivesse acontecido. O que está acontecendo?

—Machuquei-a — Disse ele em seu ouvido — O sinto, lamento profundamente.

—Tanto como lamenta a morte de sua companheira? — Encontrou-se perguntando.

Não se preocupava com a resposta, mas de todos os modos, algo a impulsionou a fazê-la.

—Sim — Respondeu sem vacilar.

—Não há nenhum motivo para mentir. Você não já não é nada para mim. Não era mais que curiosidade.

A dor brilhou em seus olhos, a profundidade do azul de seus olhos a um negro triste.

—Quero ser tudo para você.

Fazia umas horas ela se teria regozijado. Agora...

—Eu disse que já não te quero, não é? — Não havia nada em seu interior para lhe dar.

Nem a ninguém, para ser sincera.

—Amo-te. É tudo o que desejo, e em vez de te abraçar como merece, fui cruel. Peço que me perdoe por isso, e farei tudo para compensá-la. —Como ela não disse nada, acrescentou — Eu não gosto de ter te machucado, nem que agora me olhe como se eu fosse invisível.

O vento frisava o cabelo em sua face enquanto estudava suas feições. Viu o que tinha querido ver durante todos esses dias: ternura, bondade e carinho. Ela viu... Amor? Nesse momento, realmente se lamentou do intumescimento.

—Pronunciou seu nome. Pediu-lhe perdão.

Ele franziu o cenho com confusão.

—Quando... Ah. Sim, era eu. Dizia-lhe adeus!



—Dizia-lhe... — Delilah não podia formar as palavras, não podia compreender o que estava dizendo.

—Dizia-lhe adeus! — Repetiu Layel — Susan já não é minha companheira. Ela se foi e eu estou aqui. Amo Você. Quero estar ao seu lado, ter um futuro contigo.

—Layel...

—Pedi-me uma oportunidade, mas não lhe dei isso. Agora estou pedindo uma. —Trocou-a de posição entre os braços, forçando-a para que fechasse suas pernas ao redor da cintura e travasse os tornozelos para manter um pouco de equilíbrio — Por favor, farei tudo por conseguí-la. Absolutamente tudo.

Estavam flutuando no ar, sobre as árvores dentro de uma bruma branca. Ela passou os braços ao redor de seu pescoço, olhando profundamente aos brilhantes olhos.

—Sinto muito. Não tenho nada mais dentro de mim para te dar. Além disso, não há tempo para isto. Tagart e Broderick estão procurando o monstro, ou o que seja com o que os deuses querem que matemos.

—Façamos que haja tempo. Nada é mais importante para mim que você. Nem sequer a vitória.

—Mas sem a vitória, um de nós morrerá.

Ele suspirou diante do aviso.

—Por muito que deseje o contrário, tem toda a razão. Mas... — Ele acariciou a bochecha com o nariz — O desconcerto ainda persiste em seus olhos e isto rompe meu coração. O que posso fazer? Diga-me o que fazer para te ajudar?

—Oxalá soubesse. Uma das deusas me apareceu antes. Agora me dou conta de que era Hestia. Ela queria que me esquecesse de você e me concentrasse no jogo, Então... Ela... — Delilah abriu os olhos de par em par, diante da verdade que se cristalizava — Ela arrebatou meu amor por você para que eu não me distraísse de conseguir a vitória.

Os braços de Layel se apertaram a seu redor, a ira se refletiu em seu rosto.

—Não entendo.

—Não tenho emoções. Arrebatou-me todas elas. — Delilah deveria sentir-se enfurecida por isso, mas uma vez mais, não havia nada em seu interior, nem sequer uma faísca de fúria justificada.

—Ama-me?

—Fiz-o. — Não tinha nenhum motivo para negá-lo — Sim.

—E a deusa te fez algo para que não sentisse nada?

—Sim — Repetiu.

—OH, Delilah! Doce Delilah. Sinto muito. Parece que tenho mais de que me desculpar do que acreditava. — O fôlego quente alcançou sua orelha, uma carícia que deveria ter desfrutado — Então, terei que sentir o suficiente pelos dois, porque te amo, carinho. Amo-te tanto que não posso te deixar partir.

Era tudo o que teria querido ouvir. Aqui, agora, um homem forte e poderoso a olhava como se fosse um prêmio, falando com ela como se fosse combater a qualquer pessoa ou coisa por sua



honra. Como se fosse a abraçá-la e nunca deixá-la ir. Mas ainda assim não se importava

—Encontrarei a maneira de curá-la — Prometeu.

Entretanto, podia? Qualquer um deles que ganhasse podia pedir aos deuses pela vida do outro como prêmio. Mas o troféu não podia ser a volta de suas emoções.

Sem importar o que acontecesse, estavam condenados.

## Capítulo 23

Shivawn tinha se agachado na extensão de terra onde seu pai tinha morrido. Tinha esperado que as lembranças o afligissem, o arrastando sob uma onda de desespero, mas surpreendentemente não foi assim. Sentiu pesar, é obvio, pela forte influencia masculina que tinha perdido. Mas mais forte era, de longe, o sentimento de antecipação diante do que aconteceria. Alyssa estava perto. Ainda não a tinha visto, mas por fim tinha captado um leve indício de seu delicioso perfume.

Uma fragrância com a que pensava envolver o resto de sua vida. Embora houvesse culpado os olhos dela por ativar seus pesadelos, todo o tempo tinham sido seus próprios olhos que eram defeituosos. Não tinha olhado em profundidade a mulher maravilhosa que era.

E, para ser honesto, estava contente de que seus olhos o recordassem o que tinha perdido. Contente, porque nunca esqueceria com que rapidez alguém poderia arrebatá-lo a quem amava. Não o daria nada por certo novamente. Além disso, esses olhos formavam parte dela e queria cada parte que pudesse obter. Era dela. Seu demônio, seu vampiro. Seu amor.

Examinou o local, que estava muito diferente do que recordava. Tinham construído uma aldeia no lugar. Uma vez aqui houve um bosque, agora havia casas com tetos de palha espalhadas em todas as direções. Minotauros e centauros trabalhavam em harmonia, trabalhando na horta, podando, tirando água dos poços. Os meninos pulavam e brincavam, riam em despreocupado abandono.

Shivawn se apoiou contra a parede, tratando de passar despercebido. Entretanto, várias fêmeas já tinham recebido uma baforada de seu perfume nymph e persistiam em chamar sua atenção. A luxúria coloria suas caras, e a fúria por sua vez dava cor a de vários homens.

Era um nymph. Isso era habitual para ele. Só o assombrava não levar uma fila de mulheres atrás depois de ter viajado todo o dia até aqui. Possivelmente seu semblante carrancudo as tinha afugentado.

Obrigou-se a masturbar-se, o que lhe parecia umas dez mil vezes, somente para conseguir suficiente força para chegar até aqui, e pela luta que sabia estar por vir. Mas estava preparado. Tinha as lembranças de Alyssa em mente, lembranças que o mantinham acordado e com energia suficiente. Ao menos, isso esperava.

Alyssa rodeava a esquina de um estábulo longínquo, dando chutes nas pedras com a ponta da bota. Levava uma túnica larga amarela, o capuz lhe cobria a face. Ele reconheceu seu andar



sensual, a suave inclinação da cabeça. Ainda mas, sabia que era ela, com todo seu ser.

Alegria, luxúria e amor voltaram com toda a potência, o apunhalando profundamente. Seu corpo se sacudiu enquanto a observava apreciativamente. O que pensava ela para ocultar sua herança racial? A maioria das raças temia os vampiros e os demônios por igual. Ou tinha ouvido falar de sua chegada e supôs que se ocultasse o rosto não a reconheceria?

Era algo que não permitiria que sua mulher fizesse.

Ela não diminuiu a marcha, aproximando-se mais e mais a ele. Estava quase ao alcance... Quase... Se ocultou mais nas sombras enquanto ela levantava a cabeça tranquilamente. O capuz caiu para trás e cheirou o ar. O horror cobriu suas feições, e cambaleou.

Não disposto a lhe dar a oportunidade de correr, jogou-se sobre ela, fazendo-a rodar no ar para receber o impacto da queda sobre si mesmo. Ela ofegava e cuspiu, mas conseguiu tirar uma adaga e colocá-la em seu pescoço quando finalmente ficaram imóveis.

—Me apunhale se desejar, mas saiba que estou aqui porque me preocupo com você — Disse, agarrando-a fortemente para impedir sua fuga.

—Está aqui para se vingar — Cuspiu.

—Não. Por você.

Ela apertou mais a ponta da lâmina e ele sentiu brotar uma gota de sangue. Em torno deles pessoas observavam, em dúvida, inseguros do que fazer.

—Voltem para suas obrigações — Mandou ele, não tirando os olhos de Alyssa. Deuses, era encantadora. Como tinha resistido a ela durante tanto tempo?

—Não aceitarei nenhum castigo pelo que fiz — Disse — Era necessário.

Ter seu peso em cima dele era maravilhoso, mas ele rodou trocando-os, inserindo suas pernas entre as dela para uma melhor sujeição. Ela entrecerrou os olhos e manteve a lâmina equilibrada. Felizmente, não tentou utilizá-la e partir.

—Por que veio? — Perguntou a ela — A este lugar?

—Não vou discutir isso contigo, tampouco. Agora saia. Ou te matarei.

Agarrou seu queixo com uma das mãos, terno, doce.

—Carinho, sei quem foram seus irmãos. Sei que estava ali aquela noite.

Quando registrou suas palavras ficou sem fôlego. As lágrimas brotaram de seus olhos e sacudiu a cabeça.

Ele gemeu, odiando a dor que refletia em cada traço de seu rosto.

—Odeia-me por havê-los matado? — Perguntou suavemente.

Ela não sabia que dizer, abriu e fechou a boca.

—Deveria.

—Isso não responde a minha pergunta.

—Não — Suspirou, um som de inquietação — Incluso então, compreendi-o.

Seu alívio foi evidente.

—Faria o mesmo — Admitiu — Não os conhecia, só estava ali para vê-los, aprender sobre eles. Tantas vezes desejei que minha mãe não houvesse dito nada de minha família. Mas meu pai a violou e acredito que ela tinha medo de que no fundo eu me parecesse com ele.





Não é de se estranhar que tivesse reagido tão mal quando a acusou de tentar o violar. Deve ter parecido como se a estivesse comparando com o demônio que era seu pai. Como deve ter sofrido, sabendo que ela era o produto de um crime violento, horrível.

—Não é má, Alyssa. É perfeita. — Juntos como estavam, podia sentir todas suas curvas, sua feminilidade. Tinha estado com ela duas vezes, mas não a tinha saboreado. Nunca cometeria o mesmo engano de novo — Retira a navalha, amor — Disse brandamente.

Ao princípio, não deu nenhuma indicação de tê-lo escutado. Depois, com outro desses penosos suspiros, jogou a arma no chão. Aterrissou a vários centímetros de distância, o suficientemente perto para poder agarrá-la se outra criatura entrava em jogo.

—Estou muito cansada para continuar lutando.

A brilhante cúpula projetava uma luz reverente sobre ela, fazendo-a parecer de outro mundo, um fantasma que poderia escapar se não tomasse cuidado. Poderia lhe dizer o que sentia, mas duvidava que ela acreditasse. O mais provável é que percebesse cada palavra como uma tentativa de fazer baixar sua guarda para poder lhe aplicar melhor o castigo. Golpear-lhe.

Ele tirou a faca que tinha em suas costas. Ela se encolheu. Sem dizer uma palavra, só se levantou sobre ela e se sentou sobre seus joelhos, as pernas escarranchado sobre sua cintura.

—Esta é a parte onde me mata? — Uma pergunta sem calor ou emoção — Devo-lhe isso, depois de tudo. Pelo que minha família fez à sua.

Lentamente, para não assustá-la, pegou na lamina e a ofereceu pelo punho.

—Toma.

—Q...Q que?

—Toma.

A suspeita escureceu sua expressão.

—Por quê?

—Quero que pegue minha arma.

—Por quê? — Repetiu, duvidando de seu propósito — Por que me fez atirar a minha se queria que tivesse a sua?

—Assim compreenderá que o que é meu agora é seu. Estamos em um terreno de igualdade agora, como você queria.

Nenhuma parte dela se abrandou.

—Duvido que esta seja sua única arma.

Muito certo.

—O gesto é simbólico então — Disse ele secamente.

—Tentarei agarrá-la, rirá e a seguir me apunhalará. — Sacudiu a cabeça, esfregando o cabelo na sujeira — Eu sei.

Ele estalou a língua, demonstrando uma indiferença que não sentia e se levantou. Colocou a lamina ao lado dela, mostrando as palmas abertas.

—Se desejar, me desarmarei de tudo aqui mesmo. Não quero fazê-lo, não desejo estar em perigo e não estar armado para te proteger, mas se for o que quer, farei.

Seus olhos entreabertos giraram para a crescente multidão que os rodeava. Para as



mulheres que olhavam para ele, e avançavam lentamente com a mão estendida para poder tocar sua pele.

Como um raio, pegou a arma e ficou de pé. Também pegou a sua e sustentando ambas nas mãos lhe fez frente.

—Lutaremos?

—Não. Vamos entrar nessa casa — Apontou a pequena choça em que tinha estado escondido.

Isto provocou uma pausa.

—Por quê?

—Alyssa. Por favor. Esta armada, eu não. É tão boa guerreira para me submeter se fizer algo que você não goste. Tudo o que desejo são uns momentos de seu tempo. A sós.

A indecisão empanava seu delicado rosto. Uma, duas vezes, abriu a boca para falar, mas não surgiu nenhum som. Jogou um olhar à casa, decidindo, e a seguir a Shivawn. Finalmente encontrou sua voz.

—Bem — Disse, dirigindo-se a passo longos à cabana e desaparecendo em seu interior.

Ele olhou para a absorta multidão. Maldição, as fêmeas se aproximavam rápido. Igual à Alyssa se encaminhou para a casa, uma casa que tinha comprado fazia algumas horas, e por cima do ombro disse:

—Permaneçam fora, não importa o que ouçam. Se entrarem se arrependerão.

Os guerreiros nymph não se zangavam com facilidade, mas quando mostravam seu caráter, toda Atlantes sofria as conseqüências.

Quando fechou a porta atrás dele, não estava seguro do que encontraria. Alyssa, pronta para a batalha. Alyssa, pronta para amar. O que finalmente encontrou rompeu seu coração em mil pedaços. Estava ajoelhada diante do fogo que ele tinha acendido fazia horas, removendo as brasas com um atizador. As armas abandonadas a seus pés. Tinha os ombros caídos, e lágrimas nas bochechas.

—Não chore amor — Disse — Não há nada que temer. Estamos aqui, juntos e possuo esta casa, assim não tem que preocupar-se que nos incomodem.

Sobre a única cama estavam às correntes, que ela tinha usado com ele. Tinha-as posto ali esperando não ver-se obrigado às usar. Tinha visto?

—Agora vai encadear-me, me humilhará e me deixar de uma vez por todas. Não é?

Ele suspirou. Tinha visto.

—Não. Não é assim como isto funcionará.

Ela levantou de repente a cabeça, piscando pela surpresa.

—Como então?

Ele tirou a camisa pela cabeça. Enquanto abandonava o material, ela deixou escapar um ofego sobressaltado.

—Agora vou amar-te — Disse ele. Desatou os laços da cintura da calça, afrouxando-os.

Alyssa firmou as pernas tremendo, limpando a face com o dorso da mão.

—Por... Por quê?



—Se perguntar uma vez mais, só poderei te castigar.

— Bobagem! Assim que você...

—Não. Machucar-te não é meu objetivo. — As calças caíram, o deixando nu à exceção de suas armas. A ereção se liberou dura e dolorosa — Mas se tiver que te castigar, então possivelmente te faria umas poucas cócegas, para depois acariciar com minha língua de novo.

Ela engoliu seco, com os olhos incrivelmente redondos.

—Mas... Mas... Não entendo.

Uma por uma foi tirando as armas. As adagas atadas com correias ao peito e às costas. As flechas envenenadas dos flancos.

—O que me fez foi merecido. Estamos em paz. — Nem por indício. Mas possivelmente, depois de uma eternidade de cuidar de suas necessidades, seria-o — Está de acordo?

—Sim, mas... — Estava olhando entre suas pernas como se estivesse em transe.

Riria se não estivesse tão excitado. Queria suas mãos onde pousava seu olhar.

—O que lhe disse antes é verdade.

—Me disse muitas coisas — Disse tremendo.

Deuses, odiava trazer isto a conversa:

—A primeira vez que estivemos juntos...

Suas bochechas se coloriram com uma brilhante cor carmesim, como se a tivesse esbofeteado. De doce mulher à bruxa desprezível em segundos.

—Não foi por sua culpa, Alyssa — Acrescentou rapidamente—. Agora sei.

—Não quero escutar. — Rigidamente se separou dele, girando para o fogo. Imaginava ele dentro sendo assado?

Moveu-se para ela, colocando as mãos sobre seus ombros. Antes tinha acreditado que estava tensa, mas demonstrou que estava equivocado, cada músculo que possuía estava duro como uma rocha. Ao menos não se afastou, inclusive quando a ereção se esfregou contra seu traseiro.

—Sempre que estava perto de você — Disse em seu ouvido, mordiscando o suave lóbulo entre palavras — Recordava a terrível noite que vivi aqui. E com o isso, meu desejo desaparecia sob a dor. Entende?

Ela assentiu lentamente, e percebeu ver uma nova lágrima brilhar em sua bochecha.

—O que entendeu? Conte-me.

—Que sempre te recordarei daquela noite. Que realmente nunca poderá me desejar.

Inclinou-se e limpou sua lágrima com um beijo. Ela conteve a respiração, ele ouviu seu afastamento. Pouco a pouco deslizou as mãos para seus seios.

—Errado. Desejo-te agora mais do que nunca desejei a outra.

Acariciou seus seios, beliscando suavemente seus mamilos endurecidos. Um gemido escapou dela. Arqueando as costas, adiantou os quadris, esfregando-se com mais ardor contra sua ereção.

Shivawn experimentou uma onda de esperança.

—Uma vez que soube o porquê, sabia que estava lutando uma batalha.



—Q... Que batalha?

—Pensar em você e aquela noite em conjunto, quando não deveria havê-lo feito. Agora separei os dois. Tudo o que percebo tudo o que desejo, é você. E sei que não está perto de acreditar em mim. Sei que pensa que só estou jogando contigo para te machucar, mas vou fazer o que esteja em meu poder para demonstrar o contrário. — Se deu conta que teria que usar as correntes. Não havia outra maneira.

Pouco a pouco, lhe dando tempo para protestar, desenganchou o broche do ombro que mantinha a túnica unida. O brilhante material flutuou até seus pés. Ela tremeu, mas não tentou Pará-lo.

—Dá um passo, sai daí.

Depois de uma leve vacilação, fez. Ele se permitiu correr os dedos por seu umbigo baixando para roçar os suaves cachos entre suas pernas. Seu estômago se contraiu.

—Sente o quanto estou duro por você? — Perguntou a ereção situada contra sua fenda.

Mordiscando o voluptuoso lábio inferior, assentiu.

—Sabe que sou um guerreiro, não?

Outro gesto de assentimento. Ela abriu as pernas, em silêncio, pedindo que aprofundasse que a tocasse onde estava já úmida e quente. O desejo dele foi tão feroz, que quase caiu, quase afundou os dedos dentro de sua vagina, mas sabia que se perderia se o fizesse. Assim se manteve estável.

—E um guerreiro nunca se ataria voluntariamente na presença de um inimigo.

Diante da palavra inimigo, ficou rígida outra vez.

Deu-lhe um beijo no lateral do pescoço. Tão bonita. Tão doce. Tão dele. Então se afastou dela, deuses, que agonia! Dirigindo-se à cama a grandes passos. Ela seguiu com o olhar cada um de seus movimentos. Confrontando-a, sentou-se sobre o colchão e fechou as mãos sobre as correntes.

—Shivawn — Disse entrecortadamente. Nervosa esfregou as mãos sobre as coxas nuas.

—Estou confiando em que não me deixe e me leve a outra perseguição, amor.

Cuidando de não afastar o olhar do seu, ele fechou o grilhão em um dos pulsos. Com um puxão do braço, demonstrou que estava ancorado à parede. Então, passou ao outro pulso, os movimentos limitados, tal como precisava.

Uma vez mais ela parou.

—Não há ninguém por quem eu me atasse. Sabe por que, Alyssa? É minha companheira. Não quero nenhuma outra, só você. Daria minha vida por você. Amo-te. Seu engenho, seu sorriso, sua determinação, sua obstinação, a luz de seus olhos quando me olham. A maneira de se mover, o timbre de sua voz, as curvas de seu corpo. Tudo. Adoro tudo. Sim, uma vez odiei os vampiros. Sim, ainda odeio os demônios. Sim, sua família destruiu a minha. Mas estou aqui, ofereço a você, a prova de minha devoção.

As lágrimas caíram livremente por suas bochechas agora e apertou os braços sobre seu estômago.

Tinha esperado, tinha estado tão seguro de seu êxito... Até agora.



—É muito tarde? A ferida é muito grande? Sei que te fiz se sentir menos que uma mulher. E isso me perseguirá o resto de meus dias. Mas descobri o prazer contigo, o amor. Aquela noite na cova, experimentei algo que nunca tinha sentido. Agora quero satisfazer a você. Quero...

Estava em seus braços um instante depois, lhe cobrindo o rosto de beijos. Suas mãos estavam por todo o corpo, o peito, o pescoço, os braços, o pênis. Abraçou-a, tombou e a rodou, mantendo-a debaixo dele.

—Me deixe te fazer desfrutar — Lambeu seu pescoço, cuidando que as correntes não machucassem a pele delicada.

Ela abriu as pernas, lhe dando boas-vindas em seu corpo.

—Faz.

—Quero te dar mais. Muito mais. — Devido às correntes não podia percorrer seu corpo como queria — Deslize-se para mim, amor. Preciso lambe entre suas pernas. Não me negue agora essa honra. Por favor.

Puxava seu cabelo, tentado unir seus lábios aos seus.

—Me beije.

—Logo. Se não te provar, vou cair diretamente na loucura.

Insegura, moveu-se pouco a pouco para cima. A pele empapada de suor deslizou facilmente, roçando deliciosamente contra seu próprio corpo. E logo seu centro feminino estava justo aí, seu para devorá-lo. E o fez. Lambeu esses lábios rosados, separando-os para poder chupar esse pequeno e doce centro.

Ela retorcia os quadris, separando mais os joelhos, gemendo.

—Shivawn.

—Isto é meu. Todo meu.

—Seu.

—Isto é o que vai manter-me com vida a partir de hoje — Bombeou a língua dentro e fora de sua apertada vagina, levando mais de sua doçura para a garganta — E depois me morderá para tomar tudo o que necessite para viver.

Ela negou violentamente com a cabeça.

—Odeia ser mordido. Encontrarei o alimento em outro lugar. OH, deuses! — Os músculos se esticavam preparando-se para a liberação — Shivawn! Não pare.

—Isto é o paraíso, carinho. Isto é o céu. E será um prazer te dar meu sangue. Um grande prazer — Chupava forte — Não haverá ninguém mais para você. Meu sangue é seu. Quero dar isso a você.

Ela se dirigia diretamente ao limite, gritava pelo êxtase, dizendo seu nome. Enquanto ela estava entre a satisfação e uma nova onda de desejo, deslizou-a para baixo e entrou nela, até o punho.

—Minha — Disse através dos dentes apertados em absoluto abandono—. Toda minha.

Rodeou-o com os braços enquanto ele começava a bombear.

—Você também é meu.

—Sempre. Sinto-me tão bem — Elogiou — Não quero voltar a te deixar.



—Não. — Deu-lhe um beijo no pescoço, onde o pulso pulsava grosseiramente. Mas não o mordeu.

—Faz-o. Por favor.

—Não. Não farei. Isto já parece um sonho. Não quero despertar.

Os embates nunca frearam sua velocidade.

—Faz-o. Por favor, amor. Por favor. Estou desesperado. Quero seus dentes dentro de mim, chupando profundamente e com força.

—É... Está seguro?

—Muito seguro.

Passou um momento. Seus dentes lhe raspavam a pele, mas não penetraram. Aumentou o ardor nos impulsos, golpeando, martelando.

—Faz-o, amor. Preciso que seus dentes estejam dentro de mim, como meu pênis está dentro de você. Preciso...

Com um grunhido tão feroz como o de qualquer guerreiro, mordeu-o. Profundo, com dureza. Uma espetada que o marcaria para toda a eternidade. Bebeu dele com avidez e a sensação da cálida língua no pescoço, os dentes na veia, combinado com o conhecimento de que estavam unidos de todas as formas possíveis, enviou-o à culminação.

Gritou diante sua liberação, expulsando sua semente diretamente a seu coração.

Ela tirou bruscamente os dentes, para gritar também no êxtase. Os tensos corpos unidos, com espasmos.

—Não me abandone nunca — Disse entrecortadamente, meio temendo que o deixasse depois — Nunca.

—Jamais — Jurou.

Shivawn se derrubou sobre ela, satisfeito e com um sorriso.

Valerian entrou na choça esquentada pelo fogo aceso e olhou a seu redor. Estava vazia, exceto por uma cama de palha onde jazia Shivawn. Estava de costas, dormindo nu. Encadeado. Não tinha nenhuma marca de dentes em todo seu corpo.

Valerian franziu o cenho. A vampira, Alyssa, estava aconchegada ao lado de Shivawn, com a mão diretamente apoiada sobre o coração dele. Também estava nua e dormindo. E se Valerian não estava enganado, havia um chupão de amor ou duas espetadas vermelhas no pescoço. Aprofundando o cenho, Valerian se aproximou da cama, as botas rangiam contra a palha que cobria o chão.

Os olhos de Shivawn piscaram até que se abriram, igual fez Alyssa. Shivawn grunhiu, Alyssa gritou e recuou enquanto ele se levantava.

— Valerian, para! Isto não... — Shivawn se lançou sobre a mulher como pôde já que as correntes puxavam ele.

Valerian sorriu, mas não se deteve. Como se fosse a golpear à mulher. Golpeou as correntes, rompendo os elos pela metade.

—Já vejo que fez uso do meu conselho e pediu desculpas. Bem homem, agora eu oferecerei



uma desculpa por não ser capaz de te dar mais tempo com sua mulher. O exército espera lá fora. Necessitamos-lhe.

Houve um tempo em que Shivawn teria dado um salto e obedecido. Agora, grunhiu.

—Dá a volta. Agora!

Como rei que era Valerian não estava acostumado a receber ordens, apesar de tudo obedeceu imediatamente. Compreendia a necessidade de preservar a nudez de uma companheira para a gente mesmo. Se alguém ousasse olhar Shaye nesse estado, arrancaria-lhe os olhos.

Houve um rumor, alguns arrolhos e Valerian revirou os olhos. Depois houve inclusive alguns beijos.

—É para hoje — Disse.

—Pode dar a volta.

Fez. Shivawn estava coberto por uma manta e a vampira com uma suja toga amarela, só a face e as mãos eram visíveis.

—Temos notícias dos desaparecimentos. Dois dos guerreiros apareceram. Existem rumores que estão presos no Acampamento das Amazonas.

— Quem apareceu?

—Um dragão e um vampiro — Disse, girando a vista para Alyssa.

Ela quadrou os ombros, os planos para recuperar o guerreiro já refletindo-se em seus olhos.

—É meu rei...

—Não. É o outro — Valerian desviou a atenção de novo para Shivawn — Quero falar com eles e descobrir o que ocorreu, se souberem onde estão outros. Se os outros estão... Quero escutar de primeira mão que Broderick e Jada estão vivos e bem.

—As amazonas nunca permitirão que os exércitos se aproximem de seu território — Disse Shivawn, mas já estava recolhendo as armas.

Valerian sorriu com ar de suficiência.

—Como se elas pudessem permanecer afastadas dos nymph. Como se qualquer mulher pudesse.

—Vou com você — Disse Alyssa, de pé.

Shivawn a atraiu para lhe dar um profundo beijo.

—Eu não quereria de outra maneira, amor. Estamos juntos, agora e sempre.

## Capítulo 24

Layel encontrou uma cova mais afastada possível dos grunhidos sobrenaturais. Independentemente da criatura que produzira o misterioso estrondo, não estava preparado para aproximar-se. Só quando Delilah estivesse a salvo e bem poderia pensar na batalha.

Delilah.

Doía-lhe o peito por ela. Estendeu-a suavemente, olhando atentamente o formoso rosto.





Inexpressivo. Hestia a tinha arrancado todas as emoções, e odiava à deusa por isso. Ontem tinha odiado a si mesmo, também, por permitir que acontecesse. Mas já não era o mesmo homem. Negava-se a derrubar-se na dor e na compaixão.

Hoje era um homem que entrava em ação, que mantinha os olhos no prêmio e faria o que fosse necessário para ganhar. Neste caso, o prêmio era o coração de Delilah.

—Temos que encontrar e matar à besta — Disse ela, sentando-se.

Beijou-a suavemente. A pele estava fria, e não respondia como antigamente.

—Amo-te — Disse, palavras que nunca tinha pensado pronunciar de novo.

Abriu a boca para lhe repreender, estava seguro, mas pôs um dedo sobre seus lábios.

—Shhh. Não perca as forças.

Ela deu de ombros como se não importasse nem o um nem o outro, mas havia algo em seus olhos... Uma faísca de algo quente. Estava sentindo? Seria possível?

—Fecha os olhos e descansa, carinho — Passou um braço ao redor dela, surpreso quando obedeceu — Está a salvo.

—Estou cansada — Disse com um suspiro. Seu corpo se afundou na inconsciência. Não tinha temores que a mantivessem acordada, nenhum desejo que causasse dor. Só um vazio que a vencia, para um nada, como se tivesse perdido inclusive a vontade de viver. Imaginou aquela faísca?

Layel tragou o duro nó que tinha na garganta e ficou de pé. A escuridão era tão grossa como um manto quando deu um passo para frente, passou através das árvores, sem dar-se conta de que os ramos lhe esbofeteavam e feriam.

Quando esteve suficientemente longe de Delilah para que não se despertasse não o ouvisse, deixou-se cair de joelhos. Tirou a camisa e a deixou cair.

Hestia, a cadela, evidentemente queria que Delilah ganhasse. E embora Layel estivesse zangado concordava com ela, seus desejos agora se emparelhavam com os seus. Layel tinha pensado em ganhar a competição, mas agora sabia que não poderia fazê-lo. Se Delilah ganhava, seguiria com vida e poderia exigir como prêmio a volta de suas emoções, a vontade de viver. Mas ele morreria. Tinha que ter uma maneira de salvá-los dois.

—Hestia, deusa do fogo e do lar — Exclamou — Venho diante a ti como seu humilde servidor, com tristeza no coração e meu maior desejo de pedir uma audiência.

Um lento minuto, depois outro. Não havia nada, nem se levantou o vento, nem as árvores se moviam, nem o canto dos insetos.

—Por favor — Gritou Layel. Tinha odiado os deuses todos estes anos. Depois que Susan morrera, tinha orado como agora, tinha suplicado por sua vida, e não tinham feito caso. Agora tinha a Delilah e tinha a intenção de mantê-la durante o tempo que ele vivesse. No que dizia respeito a ele, os deuses lhe deviam uma — Se Mostre! —Gritou então, o respeito e o decoro esquecidos — Querem a vitória? Pois bem, não a conseguirá. Não sem minha ajuda. Perderá. Você...

—Não perderei — Disse uma voz irada atrás dele.

Em um instante, Layel ficou de pé e virou. O coração martelava de forma errática quando viu



Hestia diante dele, vestida com uma túnica branca e uma lança. A deusa resplandecia com a força de seu poder, obviamente, não se incomodou em esconder-se atrás de um véu de mistério. Mas apesar de que sua força jamais tinha sido mais evidente, o fato de que tivesse atendido a sua chamada aliviou Layel.

—Perdão por ter me exaltado — Forçou a si mesmo a inclinar o corpo. Por Delilah — Estava desesperado por chegar a você.

A deusa suspirou e de repente estava diretamente frente a ele, as sandálias davam contra suas botas. Cheirava a mar.

—O que quer de mim, rei vampiro?

Embora nunca a viu mover-se, estava atrás novamente quando terminou de falar. Apertou a mandíbula.

—Solicito que devolva as emoções de Delilah.

—Por que deveria ser tão tola para estar de acordo com isso? Com elas como guia, escolheria a você em vez da vitória. Uma decisão intolerável.

—Sim, mas sem elas, não escolhe nada. Agora não te serve de nada. Não quer a vitória. Só quer dormir.

De repente recebeu um golpe na parte de atrás dos joelhos, e se encontrou ajoelhado de novo. Não lutou não se queixou. Simplesmente passou a língua pelos dentes, o fio lhe cortou. Era uma dor que fosse seu sangue em vez do de Hestia, mas sabia que não poderia prejudicar à deusas sem graves consequências.

—Melhor. Eu gosto mais assim, vampiro. Inclusive um rei deve aprender a mostrar o devido respeito aos deuses.

Odeio-te. O que fez para ganhar meu respeito?

—Estaria disposta a considerar uma troca?

Uma crepitante pausa pareceu estender-se até a eternidade. Então.

—O que oferece?

—Devolve as emoções de Delilah e te prometo que perderei está competição. Não só isso, mas também farei todo o possível para me assegurar de que ela seja a que vença.

Outra pausa.

—Uma idéia inovadora, mas não estou segura além de qualquer dúvida que você possa conseguir que a vitória seja para ela. O dragão ou o nymph poderiam trabalhar juntos e deter os dois. E mais, não me assegura que uma vez que as emoções se restaurem as usará com prudência para assegurar-se seu próprio triunfo. Poderia muito bem lutar para que você ganhe.

Estava certa. Teimosa como era Delilah, só poderia tentar ajudá-lo.

—Pararei-a — De algum modo, por qualquer meio — Por minha honra.

—Não tem honra, vampiro. — Tinha a cabeça inclinada para um lado como se o considerasse — Não obstante, sua proposta me intriga. O que aconteceria acesso devolva suas emoções por uma só noite? Teria uma noite para convencê-la das vantagens de ganhar, sem importar o custo. A pesar que voltará a perder as emoções de novo pela manhã, a lógica que plantou dentro de sua mente seguirá aí. E a vitória será uma vez mais sua principal preocupação. — Uma risada



emocionada — Se fizer isto por você, não lhe falará de nosso acordo. Entendido? Não o dirá a ninguém.

Um minuto do amor de Delilah era melhor que uma vida sem ele.

—Estou de acordo. Com todos os termos. — É obvio que não desejava que os outros deuses soubessem de sua intervenção. Layel armazenou a informação, para considerá-la mais tarde — E como ganhadora, a concederá o prêmio. Por te ajudar, daria-me outro também?

—Este é seu prêmio. Agora, chegamos a um acordo? Quer ajuda para resolver nosso enigma?

Uma só palavra fez que as engrenagens na mente do Layel comesçassem a girar. Enigma. Que espécie de mistério? Escavou em seu cérebro para recordar o que os deuses haviam dito antes. “Ali encontrarão algo que faz que inclusive o mais valente dos homens queira fugir”. Tinha pensado que se tratava de uma besta. Franziu o cenho enquanto continuava refletindo. Se essas palavras eram de fato um enigma, poderiam significar que não havia realmente uma besta na montanha? Mas tinha ouvido o grunhido, não?

—Minha morte causará mais dano que bem — Disse Layel, prosseguindo apesar da confusão — Certamente você...

—Suficiente — Interrompeu — Responda. Agora. Temos um acordo?

Tanta impaciência repentina. Possivelmente tinha notado que havia dito mais do devia ou se deu conta de sua agitação interior.

—Estou de acordo em tudo — Disse — O retorno das emoções de Delilah por uma noite. De minha parte, perderei de propósito enquanto faço todo o possível para garantir a qualquer preço que seja a vencedora. — Queria descrever tudo com detalhe, para que mais tarde não pudesse desdizer-se na lembrança — E não vou dizer a ninguém o que falamos.

Hestia estava novamente diante dele, de joelhos, nariz com nariz. Os lábios lhe roçaram em um suave beijo que mandou onda atrás onda de eletricidade através dele. Não havia nada sexual nisso, só era sua forma de demonstrar o que supunha era seu poder.

—Então, Vai. Sua mulher sente outra vez.

De repente um grito ressonou na noite. Um grito de Delilah.

Layel ficou de pé imediatamente, correndo para ela, desesperado por chegar ao seu lado, a deusa já esquecida. Irrompeu através das árvores. Viu-a. Estava feito um novelo, chorando.

—Estou aqui, estou aqui. — Voou até ela e a tomou nos braços, segurando-a o mais forte que pôde, sem machucá-la.

Ela não protestou. Agarrou-se a ele.

—OH, deuses! OH, deuses! OH, deuses! Sinto... Há tantas... São tão fortes... Não posso processar todas. O que tem que de errado em mim, Layel?

—Foi-te devolvido o que lhe arrebataram — Disse. Não tinha quebrado o acordo, embora soubesse que estava no limite — Até manhã — Acrescentou, e depois se deteve.

Enquanto a olhava, os olhos começaram a esfriar-se de novo, como se as emoções uma vez mais retrucassem. Os soluços cessaram. Deu-se conta que Hestia estava observando e sutilmente transmitia a Layel que recuperaria os sentimentos de Delilah se quebrasse sua palavra. Layel



apertou os lábios.

Logo que apareceu a frieza, desapareceu e voltaram os soluços.

—Shh, shh. Agora te tenho — Passou as mãos pelas costas, e depois, sob seu Top. Sua cálida pele ardia — Amo-te. Amo-te tanto.

—Eu... Eu... Layel agarraram Nola e não lutei por ela. Disse-me que me amava e não me importou. OH, deuses! Deveria ter lutado. Deveria ter dito que te amava também, e que faria tudo para ficar contigo.

A alegria explodiu através dele, para ouvir a sincera declaração e sabia que tinha vivido durante os últimos duzentos anos para este momento. Este instante, e não outro. Não para a vingança, e não para ser digno de Susan. Tudo o que tinha feito, tudo o que era, foi para Delilah. Toda sua tortura o tinha conduzido a ela.

Suavemente roçou os lábios tremendo com os seus.

—Não há nada que possamos fazer por sua irmã agora. Uma vez que saíamos da ilha — Não importa o que a deusa dissesse. Layel não se deixaria morrer — A recuperaremos.

—Mas você... Você...

—Amo-te, mulher guerreira. Quero-te. Só sinto ter demorado tanto tempo para me dar conta. Sinto por ter te machucado, carinho. Lamento muito.

Ele pressionou os lábios e empurrou a língua profundamente em sua boca, alimentando-se com um beijo que lhe chamuscou até os ossos.

—O que aconteceu com sua companheira?

—Você é minha companheira agora. Mas se quer saber sobre Susan, contarei-te tudo, tudo. — Conteve o fôlego e o liberou lentamente — Sabe que os deuses estavam acostumados a exilar os humanos desfavorecidos em Atlantes, esperando que nós os liquidássemos. Bem, pois alguns deles sobreviveram e Susan era sua descendente. Enquanto ela crescia a ocultaram muito bem. Mas o sangue dos humanos acordava os sentidos dos vampiros como nenhuma outra pode. Somos atraídos por ele. O sabor, a doçura. Embora nenhum pode se comparar com o seu — Se apressou a assegurá-la.

Aconchegou-se contra ele, escutando atentamente, o animando.

—Meus homens e eu a descobrimos farejando — Disse, agradado ao descobrir que falar do passado já não era como uma ferida aberta — Direi-te que a mantive encadeada em minha habitação, era minha para me alimentar a qualquer hora que eu desejasse. Recorda, eram outros tempos, era muito mais duro. De todos os modos, aprendi a amar seu sorriso, seu caráter amável. Ela... Abrandou-me. Quer dizer, libertei-a depois de brigar comigo por mantê-la cativa. Tivemos dois anos maravilhosos juntos antes que concebesse. O bebê estava previsto que nascesse pouco depois de que os dragões vieram, matando tanto a Susan como a minha filha nonata.

—Sabia que o bebê era uma menina?

Assentiu com a cabeça.

—Íamos chamar de Bianca.

—Sinto muito, Layel. De verdade, sinto. Dói-me por você e se pudesse te devolveria tudo o que perdeu.



OH, não. Não ocorreria nada disso.

—Como já lhe disse, é a você a quem desejo Delilah. A ninguém mais. Nem sequer a Susan. Agora me fale de seu dragão — Disse, antes de que pudesse protestar por suas palavras.

—Vorik?

Vorik. O nome jogou em sua mente antes de assentir.

—Sei dele. Forte, feroz. Um sedutor, ou isso me disseram.

—Ah, sim. Um sedutor de primeira ordem. Mas então, eu estava amadurecida para cair na armadilha. Sempre tive saudades do tipo de amor “morrerei por ti” para todas as outras criaturas, exceto para as amazonas. Quando ele expressou desejo por mim, pensei que poderia fazer que me amasse assim. Mas me equivoquei. No momento que o coito terminou, partiu sem dizer adeus.

—O Mato por você?

—Não — Disse com um sorriso — Já o castiguei. Uma semana mais tarde, meu exército passou pelo território dos dragões em uma de nossas políticas de demonstrar quão fortes somos e me assegurei de que todas as mulheres de seu povo soubessem de suas... Deficiências.

Layel soltou uma gargalhada.

—Essa é minha amazona.

O sorriso dele era cálido iluminava-lhe o interior. Entretanto, esse sorriso se desvaneceu rapidamente.

—Me alegro de que ambos sejamos capazes de falar sobre o passado assim. Acredita que você... O que se... Quiser outro filho, Layel?

Tocou-lhe a bochecha, de repente as lágrimas ardiavam nos olhos, tinha um nó na garganta.

—Contigo, eu gostaria de tantos quantos conseguirmos fazer.

—Eu também. — Virou-se em seus braços, pondo os lábios justo em cima dos seus — Amo-te, Layel, Amo-te tanto. Agora, para sempre.

Foram palavras que nunca tinha pensado que voltaria a escutar. Sua alegria se intensificou, com uma mescla de excitação.

—Não temos muito tempo, carinho. Há muito que fazer. E não podemos nos arriscar que Broderick ou Tagart acabem com o monstro por nós. —Independentemente do monstro ou besta que seja, um enigma a ser descoberto ou um algo completamente diferente.

—É de noite. Não se arriscarão a lutar com o desconhecido na escuridão. E te necessito. Por favor. Não me faça rogar. Não me faça...

Tratou de ser suave quando se equilibrou e reclamou seus lábios, realmente o fez, mas a necessidade era muito ardente. Quase a tinha perdido, provavelmente a perderia outra vez quando as emoções desaparecessem à luz do dia.

À medida que a lambia, arrancou-lhe o Top de couro e o lançou de lado. A mini saia teve o mesmo tratamento, deixando-a nua. Atravessando a escuridão a olhou e bebeu das tatuagens que tanto adorava. Lambeu-as. Desejava mais.

—Layel!

Saiu momentaneamente do atordoamento de luxúria e atacou seus seios, passou a língua pelas endurecidos mamilos rosados que encontrou ali. Ela retorcia os quadris, gemia.



—Estou ardendo por você — Ofegou ela.

—Você e ninguém mais.

—Você e ninguém mais — Aceitou — Te amo.

—OH, deuses, Delilah — Tão formosas eram essas palavras. Definiam o resto de sua vida, já que elas o trocaram, transformaram à besta em homem.

Percorreu o rosto com pequenos beijos e dentadas, depois lambeu para aliviar qualquer ardência que pudesse ter provocado. Ao mesmo tempo explorava seu corpo com os dedos, até que finalmente os afundou profundamente em seu núcleo úmido.

Ela gritou.

— Te amo — Disse, enquanto um terceiro dedo trabalhava dentro dela.

Isso foi tudo o que ela necessitava. Suas paredes interiores se fecharam ao redor dele, fazendo que se introduzisse mais. A umidade lhe alagou a mão, quente, enquanto seguia bombeando, levando-a mais alto. Elevando-a.

—Está aqui. Dê-me tudo.

Suas mãos seguravam suas costas, apertando tão forte os músculos que ele levaria hematomas durante várias semanas.

—Mais — Disse ela com um ofego — Faz de novo.

—Será um prazer, embora acredite que usarei algo mais contigo.

Então a beijou, com as pálpebras abertas. Encontrou-se em uma emaranhada rede de desejo. Ela deve ter visto seu desespero porque o empurrou até deitá-lo de costas, abriu suas calças e se sentou sobre ele escarranchado.

O cabelo azul caía a seu redor como uma cortina enquanto se colocava sobre a ponta de sua poderosa ereção. Tremendo aproximou uma mão e tocou sua bochecha, deslizando os dedos pela pele umedecida pelo suor.

—Seus braços têm cortes — Disse. A excitação se transformou em preocupação e passou um dedo pela frente dele.

—Saráão

Ela fechou os dedos ao redor de cada um de seus pulsos, e atraiu os braços até a boca, uma por uma, beijou cada ferida.

—Não sei por que sinto outra vez, mas me alegro de que assim seja.

—Eu também — O gesto esquentou seu corpo e alma — Eu também.

O suave rosto dela resplandecia com amor. Afundou-se um centímetro... Logo outro...

—É verdade que me ama?

—Deuses, o que sinto é tanto! Que não poderia expressá-lo com palavras. É minha força, minha alegria. Minha paz.

Ela se mordiscou o lábio inferior.

—Eu gosto de suas contradições, sabia? É luz e escuridão, um guerreiro brutal e um gentil protetor.

Ele empurrou os quadris, introduzindo a ereção outra deliciosa polegada.

—Senti-me atraída por você desde o começo — Disse, deixando cair à cabeça — Não pensei



em nada e em ninguém após.

—Lutei contra meu desejo com todas minhas forças, mas no final não pude negá-lo. Você é a mulher para mim. É minha mulher. Me aceite todo, Delilah.

—Aceitaremos um ao outro.

—Para sempre.

Ela a fez rodar, separou-a mais suas pernas enquanto caíam e entrou com um poderoso impulso. Gritaram em uníssono. Encaixavam perfeitamente, era sublime, pois era a peça que ele tinha perdido há muitos anos.

—Me morda — Ordenou.

—Ainda não. Precisa estar forte.

Ela ia ganhar este desafio e a ia ajudar, tal como tinha prometido.

—Por favor.

—Delilah — Disse, olhando seu pescoço. O pulso martelava grosseiramente e a boca se enchia d'água.

—Layel — Gemia— Por favor.

—Ainda não — Tomaria muito. Continuou bombeando, dentro e fora. Colocou os braços por debaixo de seus joelhos para expô-la ainda mais. Ela arqueou a cabeça lhe dando de presente uma melhor visão de seu pescoço.

Os mamilos esfregavam o peito e soltou uma de suas pernas para poder fazer rodar o doce mamilo entre os dedos.

—Sim! — Disse ele.

Ela saía ao encontro dos impulsos elevando os quadris, lhe conduzindo mais profundo. Mais fundo. Tão bom. Beijou-a na boca, introduzindo a língua até o fundo. Suas paredes interiores o espremeram, os testículos golpeando-a e logo ele também gozou, fluindo em seu interior. Estremecendo.

O gemido dela massageou seu pescoço, e compreendeu que tinha os dentes nela, bebendo sua doçura. Antes de drená-la, tragou outro bocado e com cuidado se separou dela. Inclusive estando encantado, não poderia machucá-la.

Quando os efeitos secundários se aliviaram, ele caiu a seu lado. Ela manteve os braços a seu redor e rodou até colocar-se sobre seu peito. Ambos ofegavam e estavam suarentos, e nunca se havia sentido mais satisfeito.

—Quer ser minha companheira? — Perguntou a ela, a alegria escurecida diante o que estava por vir. A volta da frieza, a carência das emoções. Tinha que abrir um caminho que garantisse que permaneceriam juntos quando isto tivesse terminado—. Prometo te amar, agora e sempre; ocupar-me de seu bem-estar, agora e sempre e te proteger com minha própria vida. Agora e sempre.

Ela levantou a cabeça e o olhou atentamente com olhos sedutores. Um lento sorriso brincou em seus lábios.

—Sim, sim. Tudo o que sou tudo o que tenho é seu. Amarei-te, consolarei-te e te protegerei. Agora e sempre.





—Me jure que não esquecerá que somos companheiros. Custe o que custar o sentirá profundamente, que não esquecerá este momento, esta promessa — Tocou sua bochecha olhando-a diretamente nos olhos — Não pergunte por que, somente jure.

Seu sorriso diminuiu, mas assentiu com a cabeça.

—Juro-o. Não esquecerei.

Abraçou-a forte. E quando ela descansou a cabeça na curva de seu pescoço, ele suspirou, rezando para que a noite nunca terminasse.

—Não posso acreditar que por fim estejamos juntos.

Ele podia. Só esperava que durasse.

## Capítulo 25

Só restavam poucas horas de escuridão, pensou Delilah, mais saciada do que alguma vez tinha estado em sua vida. Ela e Layel fizeram amor várias vezes mais e em diferentes posições. Parecia não faltar-se dela, sua necessidade quase... Desesperado.

Havia-lhe feito prometer todo tipo de coisas. Que o amasse sempre. Que o perdoasse sempre. Que lhe desse um beijo cada manhã durante o resto de sua vida. Que fosse ela quem ganhasse o desafio, sem importar o que visse ou ouvisse, sem importar o que acontecesse. Tinha estado mais que feliz em estar de acordo, contudo, menos com o último, o que provocou que ele insistisse a convencê-la que o correto seria que tomasse a vitória para si mesma. Finalmente, tinha claudicado e prometido. Ela ganharia, e exigiria a vida de Layel como prêmio. Mas tampouco queria que Tagart e Broderick morressem. Haveria um modo de salvá-los?

Agora compreendia que os milagres eram na verdade possíveis. Ele me ama, pensou com um sorriso surpreso. Deveriam levantar-se, finalizar o desafio, mas desfrutava tanto deste momento com ele que não podia suportar a idéia de pôr fim a esse momento. Ele havia dito adeus ao seu velho amor, para estarem unidos. Não sabia como deixariam a ilha juntos, talvez pelo prêmio. Mas não a rejeitaria nunca mais.

—Poderia ficar aqui para sempre, carinho, mas o tempo se acaba para nós e devemos encontrar a resposta ao enigma dos deuses — Disse Layel enquanto passava a mão em suas costas. A confusão, a determinação e o temor marcando o anúncio.

Ela estremeceu, apoiou a cabeça na mão, o olhando. Um simples olhar a sua misteriosa beleza fazia que seu peito se contraísse. É meu homem. Que conceito mais estimulante.

—O que te faz pensar que é um enigma? Disseram-nos que ali encontraríamos algo que faz que inclusive o mais valente dos homens queira fugir. E escutamos os grunhidos da criatura, por isso sabemos que não mentiam.

Como se sua conversa tivesse sido escutada e tivesse querido reafirmar sua presença, a criatura sem nome uivou, o som profanador rasgou o ar. A julgar pelo volume. A besta não estava perto deles, mas soava mais próximo que antes.



—A deusa Hestia chamou enigma a este desafio.

—Não, não fez. Eu recordaria.

Os brilhantes olhos azuis se concentraram nela e nunca tinham parecido tão sérios. Os segredos se abatiam em suas profundidades.

—Confia em mim nisto.

—Bem. Faço. — Confiou-lhe o coração, assim não havia nenhum motivo para duvidar dele.

Inclinou-se e a beijou, e senti-o crescer com força contra a coxa. Sob a mão, envolveu com os dedos sua longitude e apertou. Fechou as pálpebras em êxtase, enquanto ele ficava sem respiração.

—Não se sacia nunca? — Perguntou-lhe com um sorriso.

—Poderia te perguntar o mesmo, carinho. Mas responderei a sua pergunta, sim, mas só contigo.

Não era de se estranhar que o amasse.

—Me alegro, porque mataria a qualquer mulher que tratasse de te afastar de mim. —E era verdade. Enquanto o acariciava, amando a sensação aveludada de sua dureza, disse — Me pergunto o que faria que um homem valente fugisse?

—Não sei. Agora mesmo não posso pensar.

Depois de umedecer seus lábios, colocou-se em cima dele, dispersando beijos sobre seu peito e introduzindo a língua em seu umbigo.

—Eu gosto quando não pode pensar — Baixou ainda mais. Sua boca se afundou sobre sua ereção, a língua jogando com sua cabeça.

—Delilah, eu... Eu... Deveríamos tratar descobrir. Este desafio, esta... — Sua língua formava redemoinhos na arredondada ponta — OH, deuses.

—Alguma mulher fez isso antes? — Tinha ouvido falar disso entre suas irmãs e sabia que os homens desfrutavam quando o faziam.

—Não, nunca.

Então, era a primeira, o conhecimento a encheu de um possessivo orgulho.

—Nunca fiz isto a um homem, mas é uma honra fazer isso em você — Sem uma palavra mais, chupou.

Amava os gemidos e grunhidos que fazia, deleitando-se nos movimentos de seus quadris, sentir suas mãos fechar-se em punhos na cabeça.

Subia e baixava, tomando até o fundo da garganta, não podia respirar. Mas gostou. Não podia parar. Tomou na boca até que se derrubou, esgotado.

Sorrindo, se aconchegou junto a ele. Deuses, amava este homem. Não havia nada que não fizesse por ele, agora sabia. Combater contra suas irmãs, sim. Caminhar através de um furioso incêndio, é obvio. Matar Vorik, só tinha que lhe dizer quando e onde.

—Dizia algo sobre o enigma — O incitou.

Ele riu em silêncio.

—Não estou seguro do por que dos deuses nos darem um enigma em vez de provar nossas habilidades em uma batalha. Não disseram que eles queriam que o guerreiro mais forte ganhasse?



Se for assim por que não nos dão outra prova mais simples?

—Ao guerreiro mais forte, sim, mas também o melhor. Já provaram nossa força, nossa resistência, nossa memória. Possivelmente a inteligência é o único que restou.

Ele suspirou larga e sonoramente.

—Vamos resolver isto. E se fosse necessário, destruiremos a criatura, independentemente do que seja, assim como esse canalha do Tagart. Broderick gostaria de salvar, sim fosse possível. Quanto a você, conseguiu me distrair outra vez. Acredito que te devo um beijo muito especial. E enquanto te saboreio, quero que recorde tudo o que me prometeu. Se deixar de falar, deixarei de te beijar.

E com essa ameaça travessa, inclinou-se e começou a cumprir com sua palavra.

Shivawn tinha a Alyssa sentado na parte de trás sobre o centauro enquanto trotavam para o início do precipício. Encontravam-se perto do Acampamento das Amazonas. Graças aos sentidos nymph, podia cheirar às mulheres em qualquer lugar, em qualquer momento. Tinha as mãos dela na cintura, lhe apertando. Nunca havia se sentido mais forte, mais vivo.

Valerian cavalgava ao seu lado, o exercito nymph na retaguarda.

—Brenna não será feliz se matarmos as guerreiras — Disse Joachim com voz profunda, rouca. Era um soldado forte, um dos melhores, era o companheiro da humana que Shivawn tinha tido uma vez.

Agora eram amigos só porque Shivawn tinha renunciado a reclamar à moça. O que tinha sido uma boa coisa, também. Tinha aprendido que as coisas acontecem por uma razão. Se tivesse conservado Brenna, não teria estado livre para ser o companheiro de Alyssa, e preferia morrer que estar sem sua Alyssa.

—Claramente, estão escondidas à espera. Entretanto, não nos atacaram — Assinalou Valerian — Vejo que nossos encantos devem estar trabalhando.

A atração dos nymph pensou algo do que sempre estava orgulhoso, mas que hoje amaldiçoava. Não queria que Alyssa se transtornasse sob nenhum motivo.

Houve um alarido, um grito de guerra, e logo as amazonas invadiram a borda do precipício por cima de seu acampamento.

—Alto — Gritou uma voz feminina com ira — Exponham o motivo de sua visita, nymph.

—Possivelmente não somos tão encantados como pensamos — Resmungou Valerian. Levantou o braço e o exército obedeceu — Viemos para falar com os prisioneiros.

Uma das mulheres deu um passo adiante. Era loira, alta e musculosa, entretanto, tão bonita como um anjo.

—Não — Disse, e Shivawn reconheceu a voz que lhes tinha ordenado que se detivessem. Devia ser a rainha da tribo, Kreja — Agora pode dar a volta, Valerian e retornar a seu palácio. Não os mataremos. Desta vez.

Shivawn tinha ouvido falar de seu caráter sanguinário, de sua inflexível determinação e punho de ferro com o qual governava a seu povo. O que não tinha ouvido era que no passado tinha estado com o Valerian. Esta familiaridade... Teriam sido amantes? Se assim fosse, Valerian a



teria abandonado, as fêmeas nunca deixavam os nymph. Correção: Era pouco provável que as fêmeas se separassem dos nymph; por isso não estaria muito disposta a lhes ajudar de qualquer modo.

— Nos diga o que sabe deles — Exigiu Valerian — Por favor.

Kreja sorriu satisfeita.

—Uma súplica de seus lábios... irresistível. Foram-nos entregues pelos deuses —disse — Portanto, pertencem-nos.

Uma jovem abriu caminho entre as massas. Kreja a agarrou, dizendo:

—Lily, não!

Mas a garota se retorceu para liberar-se e em vez de machucá-la, a rainha a deixou ir.

Aproximou-se, lança em mão, com os olhos muito abertos.

—É suficiente — Suspirou, o fixo olhar centrado sobre Dorian, um guerreiro irreverente de cabelos escuros que preferia a quantidade sobre a qualidade.

—Como esta? — Deu uma piscada indulgente — Possivelmente nos encontremos de novo dentro de uns anos.

A rainha observava a troca o intercâmbio, tão orgulhosa de que a menina fosse o suficientemente valente para enfrentar os guerreiros, como preocupada com sua segurança. Como se os nymph alguma vez houvesse feito dano a uma criança. — Sou o suficientemente grande para ter um escravo — Disse a garota chamada Lily, levantando o queixo — O nome do dragão é Brand. Fiz que lavasse minha roupa e procurasse meu café da manhã esta manhã. Eu poderia falar com minha mãe sobre te trocar pelo outro.

—Não, obrigado — Disse Dorian — Talvez em outro momento.

Tremiam-lhe os lábios. Inclusive Shivawn sorriu.

—Lily — Gritou Kreja, e a menina deu um salto.

—Até então — Disse, dando a volta e correndo para as fêmeas. Imediatamente elas a absorveram em seu seio, sem deixar nenhum rastro de sua presença.

Um músculo se contraía por debaixo de olho de Valerian.

—Onde mantêm os homens? Eles têm a informação que precisamos. — Disse, retornando ao assunto que tinham entre mãos.

— Eu tenho a informação agora. Informação que compartilharei só porque algum dia tenho a intenção de exigir o pagamento por ela. Está preocupado por seus guerreiros desaparecidos, suponho. Levaram-nos a uma ilha, longe de nós —Acrescentou — Eles me falaram de sol, lua e areia que banha o mar e onde os deuses podem exercer livremente seu poder. Algo que fizeram freqüentemente, provando aos guerreiros sem piedade. Ambos os nymph estavam vivos quando o vampiro, Zane; e o dragão, Brand me foram entregues.

Valerian olhou com temor a Shivawn antes de voltar a concentrar-se na rainha.

—Que ilha?

—Não sei.

—Se dá conta de que os exércitos dos dragões e dos vampiros virão depois se ficar com esses homens, não?



—Sim — Sorriu encantada — Que venham. As amazonas desfrutaram com o combate, se por acaso não tinha ouvido.

—Sou aliado de ambos. Antes que me pergunte, lutarei a seu lado e farei tudo o que possa para acabar com você.

Em vez de assustá-la, a advertência simplesmente se intensificou vertiginosamente. Ela enviou um fixo olhar impaciente ao exército.

—Em lembrança do carinho que compartilhamos aquela semana faz tantos anos, advertirei-o que nem tente.

Então tinham sido amantes. Curioso, pensou Shivawn. Antes de instalarem-se em sua atual residência, os nymph vagavam por Atlantes de um palácio a outro, de uma raça a outra, obtendo prazer onde o encontravam, mas nunca ficavam em um só lugar por muito tempo. Entretanto, sempre tinham evitado às amazonas. Não desejavam companheiros, desejavam escravos. E durante um tempo limitado. Não estava na natureza de um nymph render-se. Bem, não fora do quarto.

—Um engano da juventude — Disse Valerian com um suspiro — Farei o que tenha que fazer Kreja, com ou sem lembranças.

Ela sorriu.

—Sempre é assim. Faz-o, então. Luta contra nós. O período de acoplamento está próximo. — Uma corneta soou na distância e todas as amazonas se esticaram. Com o cenho franzido, a rainha olhou para trás enquanto a corneta ecoou uma vez mais — Até quando voltamos a nos encontrar... — Com isso, ela e suas seguidoras deram um passo atrás em uníssono e simplesmente desapareceram.

—Alyssa — Disse Shivawn.

Compreendendo o que ele queria, agarrou-o quão forte pôde e voou por cima do escarpado. Ele olhou para baixo, à parte inferior. As mulheres se deslizaram pelo escarpado para um lago. Fazendo muito ruído quando golpeavam a superfície, continuando, nadavam para a outra borda, e quando saíam saudavam com acanhamento ele.

—Primeiro desafiam e depois correm — Murmurou ela — Que estranhas criaturas.

Retornaram flutuando, e Valerian suspirou.

—Onde pode estar a ilha de sol, lua, e mar? — Pressionou os lábios, inclinou a cabeça para um lado — Espera. Sei onde poderia ser. Vêem comigo.

Tão rápido como os centauros podiam, viajaram para o palácio dos nymph. A rainha de Valerian estava esperando quando chegaram. O rei nymph desmontou e correu para seu pálido raio de lua, balançando-a em um giro enquanto lhe beijava o rosto.

Alyssa mordeu o ombro de Shivawn, uma demonstração de posse, para Brenna que esperava no alto da escada, retorcendo as mãos, os negros cachos ondeavam ao redor de seu formoso rosto enquanto procurava Joachim entre o mar de soldados. O guerreiro estava empurrando através da massa. Quando alcançou à pequena mulher, atraiu-a entre seus braços e ela suspirou com alívio.

Shivawn se virou até que confrontou Alyssa.

—Te amo — Disse — Só, sempre, a você.



Seus traços se suavizaram ao retrair as presas.

—A humana não significa nada para mim, juro-o.

Alyssa olhou para a distância.

—Mas quase se deitou com ela aquele dia. Queria-a na cama.

Que tolo era!

—Acabemos com o passado, amor. Começamos de novo.

—Adivinho que terei que acabar com alguém mais — Resmungou ela.

Ele riu em silêncio.

—Se vai.

—Em marcha — Gritou Valerian.

Shivawn desmontou e ajudou a Alyssa fazer o mesmo. Cotovelo com cotovelo, seguiram Valerian através do palácio, paredes incrustadas de jóias, homens e mulheres nymph fazendo amor por todos os cantos. O eco dos gemidos diminuiu à medida que desciam pelas escadas e entravam em uma cova.

Valerian pressionou uma rocha irregular no canto superior da parede e dois blocos se separaram, revelando uma vista impressionante do oceano. Peixes. Sereias à espera de dar uma olhada aos nymph.

O rei girou outra rocha e saiu um pequeno tubo de cristal comprido como um braço. Inclinou-se e colocou o olho no centro. Passaram vários minutos, os guerreiros se apoiavam em um pé e em outro enquanto esperavam.

O que estava fazendo?

Mudava seu corpo à esquerda e à direita, como se pescasse... O que? Por último deu um passo atrás e assentiu com frieza.

—Tinha razão. Olhe.

Shivawn se inclinou e olhou fixamente através do tubo, deu-se conta que olhava de cima, da superfície, por cima do mar. A respiração entupiu na garganta. Havia uma parte de terra, um alfinete negro em meio da imensidão e uma grande esfera dourada. A água lambia a borda da praia de areias brancas que se estendiam até a espessa folhagem esmeralda.

—O que é esse lugar?

—Nunca estive seguro de se estiver na superfície ou se era outra cidade oculta como Atlantes.

—Como se chega?

—Talvez, através dos portais.

A atenção de Shivawn se desviou para a entrada em questão. Erguia-se, rodeada pela névoa que se filtrava constantemente por ela. Tocá-la tirava uma pessoa de Atlantes para o oceano. A única vez que o fez, tinha nadado para a superfície para seqüestrar às fêmeas humanas. Foi quando tinha encontrado Brenna e ferido tão terrivelmente Alyssa.

—Portanto nadaremos — Disse ele. Deu a volta para Alyssa para explicar a necessidade de tal ação e lhe pedir perdão se fosse necessário. Afirmar uma vez mais seu amor, de maneira definitiva.



—Meu rei está aí fora — Disse antes que pudesse pronunciar uma palavra — Eu também passarei através do portal.

Olhou a Valerian, que assentiu com a cabeça. Voltando sua atenção para a Alyssa, beijou-a com ternura na têmpora.

—Depois de tudo, é verdadeiramente uma guerreira, carinho. Juntos traremos para nossa gente para casa.

Quando o sol se elevou, Layel estava tenso. Com medo. Muito medo. Sua noite com Delilah tinha sido material de fantasias e sonhos. Necessitava mais. Mas ia conseguir? Ou ela perderia as emoções como tinha advertido Hestia?

Tinha estado observando como dormia durante horas, a suave subida e descida de seu peito, era como uma chamada para o emparelhamento. Odiava despertá-la e perder esta paz, mas era necessário.

—Delilah — Disse, agitando-a suavemente.

Pouco a pouco as pálpebras se abriram.

E foi então quando ele soube. O peito se contraiu com uma intensidade dolorosa. Uma vez mais, seu olhar era frio, oco. Ela ficou de costas, as pálpebras já se fechando.

—O que acontece comigo? — Perguntou meio atordoada.

—Tiraram-lhe as emoções de novo. — Layel queria matar a alguém. A deusa seria uma boa opção.

—Ah — Soou como se não se importasse.

—Te amo — Grasnou ele.

—Sei. Eu também te amo — Bocejou.

Ao menos sabia, embora não pudesse sentir. Hestia tinha tido motivos para que ele a insistisse a usar a lógica.

—Lembra-se de tudo o que me prometeu?

—É obvio. São minhas emoções que desapareceram, não meu cérebro.

Ele suspirou.

—É hora de encontrar e destruir o monstro, amor.

—Está bem — Sem pressa, levantou-se e se vestiu.

Meio que tinha esperado que insistisse para que lhe permitisse seguir dormindo. Esperançoso, obrigou-se a mover as instáveis pernas. Depois de vestir as calças, arrancou várias frutas de uma árvore próxima e as ofereceu.

—Come.

—Não tenho fome — Estudou o tamanho de várias laminas antes de as embainhar no flancos. Não as olhou novamente como se soubesse o que fazer com elas.

—Come. Por favor. Necessita para se manter forte.

A contra gosto, tomou e se comeu a fruta.

—Me disse que recorda o que me prometeu, mas... Se lembra de ontem à noite? O que passou entre nós?





—Sim — Disse, o olhando. Sem uma piscada de preocupação — Está preparado? Prometi ganhar este desafio, o que significa que te necessito para lutar contra um monstro.

Agarrou-a pelos ombros, o desespero o alagava.

—Delilah.

Por um momento, um momento doce, a calidez se elevou em sua expressão, afugentando o frio, mas rapidamente se foi. E então a besta rugiu de dor e fúria, a frequência do alarido tão alta para arrebentar os tímpanos. Layel se esticou, a compreensão depositando-se profundamente.

—O monstro foi encontrado. Vamos.

Agarrou a mão de Delilah e puxou ela pondo-a em movimento, correndo através das árvores, com o coração lhe golpeando as costelas. Ela tropeçou várias vezes, e começou a preocupar-se por sua capacidade para fazer o que fosse necessário. O que fosse necessário. Não sabendo o que fazer, levantou-a e saltou no ar, voando alto... Mais alto...

Passou uma eternidade, a montanha parecia não chegar nunca. As árvores vindo para ele, esbofeteando, mas então viu a praia e soube que estava longe, muito longe da ação, não mais perto, o rugido da besta mais fraco. Com uma inclinação do corpo, dirigiu-se de volta às árvores. Onde Inferno estavam os outros guerreiros?

Finalmente, no meio da montanha, vislumbrou Tagart na saída de uma cova, a espada levantada. Broderick saltou e o atacou com sua própria espada, o balanço de homens e o ataque contra o outro, grunhidos e estocadas.

Layel não queria que Delilah lutasse nestas condições, mas não queria correr o risco de derrotar o monstro ele mesmo. Ao diabo com os deuses! O que devo fazer? Deixou-a. Ela não protestou. Aí sentada, vendo a luta através de uns olhos indiferentes.

—Fique aqui — Sussurrou.

—Prometi ganhar — Disse.

—Não se preocupe amor. Só será um momento e encontrarei uma maneira de assegurar sua vitória.

Assentiu com a cabeça, a simples aceitação tão estranha nela que seu coração afundou um pouco.

—Que há aí? — Exigiu Broderick a Tagart.

—Nada — Tagart bramiu a espada. Saltando enquanto o nymph o separava de seu caminho.

—Seguro?

—Não importaria. Esta é minha matança. Encontrei-o primeiro.

—Sim, mas vou ser a última coisa que veja.

Layel se deitou sobre seu estômago e avançou pouco a pouco. Com os combatentes distraídos, poderia penetrar na cova e acabar de tudo com o que houvesse dentro. Se havia algo ali. Como pode ser isto um enigma?

Não chegou muito longe.

Uma criatura enorme, monstruosa com asas negras e olhos vermelhos se lançou, com os dentes tentando morder Layel, e depois para os guerreiros que lutavam que saltaram recuando com ofegos sobressaltados. Com o coração que tamborilava com um frenesi selvagem, Layel



recuou, empurrando a Delilah atrás de si. Não estava pronta para tal batalha. Não conseguia preocupar-se o suficiente para esquivar um golpe mortal.

—Não acredito que devamos lutar com ele — Disse ela, a voz desprovida de medo ou impaciência.

Quis olhá-la, mas teve medo de afastar o olhar do monstro. Com medo de que um só momento de distração provocasse que a besta o atacasse, assim como a Delilah.

—Por quê?

—Não tenho medo — Disse com total naturalidade.

—Bem, eu tenho. E você, também, se ainda estivesse em posse de suas emoções, por mais que seja uma amazona valente ou não.

—Não, não compreende. Os deuses disseram que encontraríamos algo de tal envergadura que inclusive o mais valente dos homens fugiria. Algo que nos atemorizaria mais que qualquer outra coisa. Tínhamos que enfrentar e derrotá-lo. Mas o que eu mais temia por cima de tudo era estar sem você. Ontem à noite enfrentei esse temor. Derrotei-o. Entreguei-me a você, sem reservas, com esperanças em um futuro. Não vê Layel? Não é necessário matar à besta. Já ganhei o desafio dos deuses.

Um enigma. Tal e como havia dito Hestia. Ele ficou imóvel, com os olhos muito abertos. Delilah tinha feito. Realmente tinha feito. E tinha conseguido sem ele. A estupidez que sentia por não ter notado por si mesmo não era rival para o orgulho diante a mulher que tinha conseguido. Sua mulher. Sorrindo, virou-se e a abraçou. Ela tentou pôs os braços ao redor dele, esse pequeno gesto esquentou seu coração.

—Muito bem, minha menina. Muito, muito bem.

—E assim, o ganhador foi declarado — Sussurrou uma voz risonha através das árvores — Ah, mas não tema, vampiro, nymph, dragão. Ninguém tem que morrer hoje. Os perdedores serão salvos, já que cada um de vocês demonstrou ser útil de algum jeito. E sei o que está pensando, vampiro. Antes disse o contrário. Mas, como poderia enfrentar seu pior medo, se não acontecia algo que provocasse suas ações?

Com as palavras, o monstro desapareceu, embora um rugido ecoasse em toda a montanha. Tagart e Broderick deram meia-volta, confusos, procurando.

—Onde foi? — Ofegaram em uníssono.

Cada um dos cinco deuses apareceu de uma cascata de luzes brilhantes. Enquanto Layel piscava por seu resplendor, viu que só Hestia estava sorrindo.

A deusa estava frente de a Delilah.

—Amazona superou minhas expectativas. De todos os guerreiros, você demonstrou mais força, coragem, resistência e engenho. Em qualquer momento, poderia ter renunciado, entretanto, perseverou, por seu amado companheiro com determinação.

—Não é certo! Meu dragão demonstrou ser o mais forte. Fez armadilha — Grunhiu Poseidón para a deusa.

—Assim como você — Respondeu com ar de suficiência — Seriamente acredita que nenhum de nós escutou sua reunião com o dragão ontem? Disse-lhe exatamente o que era seu maior



temor e ainda não entendeu. A amazona é sem dúvida a ganhadora deste jogo. E isso significa que ganhei nosso jogo, também.

Ares apertou os punhos com tanta força que fez emanar sangue das mãos.

Artemisa os olhava com frieza, como se o resultado não a afetasse de maneira nenhuma.

Apolo apertava a mandíbula, a aura que o rodeava menos brilhante que antes.

Então cada um deles assentiu a contra gosto em reconhecimento.

De repente, com abundantes gritos de guerra, um exército de nymph irrompeu das árvores, e se deteve. Os rugidos se transformaram em ofegos e grunhidos. Layel correu para frente, com o objetivo de proteger os nymph, seus amigos, dos deuses. Mas antes de chegar a eles, os deuses se voltaram a colocar a seu lado em um momento, bloqueando o caminho. Layel parou.

—Valerian — Chamou.

—Layel — Respondeu o rei nymph — O que está acontecendo? Como podemos...

Hestia agitou a mão diante deles e desapareceram tão rápido como tinham chegado.

—Que se vão!

—Você — Disse Apolo a Broderick, como se nunca tivesse havido uma interrupção — Tenho uma tarefa para você, nymph. Como já não sou bem-vindo dentro de Atlantes, sinto a necessidade de voltar para a superfície do mundo. E há algo que você pode fazer por mim. O menos que pode fazer, em realidade, já que não ganhou para mim este concurso.

Os dois desapareceram. Ao menos Broderick parecia tranqüilo.

—E você — Adicionou Poseidón, apontando para Tagart com os olhos entreabertos — Me fez perder a exclusividade de Atlantes. Por isso, será castigado. E por isso, viverá simplesmente para me divertir.

Eles, também, desapareceram.

—E você — Disse Ares ao Layel — A vitória poderia ter sido nossa, mas você pôs o amor em primeiro lugar — Apesar de suas palavras, não havia ira em sua voz — Eu ia te castigar, mas parece que terá que agüentar uma companheira permanentemente. Isso é suficiente castigo, acredito.

Uma companheira não é um castigo, pensou Layel. Uma companheira era uma recompensa. Mas não fez nenhum gesto de protesto enquanto Ares, também desaparecia.

Durante uns segundos, fez-se o silêncio. Logo um suspiro feminino ecoou.

—Suficientes distrações. Agora vou entregar o prêmio a Delilah — Hestia só piscou para eles e de repente estavam de pé entre o precipício e o Campo das Amazonas, não podia vê-las, porque estavam se preparando para a guerra, sem se preocupar com o vampiro que havia em seu meio.

Ali estava a jovem, a que tinha sido presa na jaula dos dragões, no que parecia uma eternidade. Para deleite de Layel, ela levava em uma corrente Brand com o cenho franzido, como se fosse nada mais que um mascote.

—Lily — Disse Delilah. Estendeu a mão rigidamente, como se a ação fosse automática em vez de ser de coração.

—Delilah — Disse a deusa, detendo seu gesto — Como já sabe tesouro, ganhou um favor. O que você quer? Nomeia e é seu. Recorda, sua irmã Nola está aí, possivelmente ferida.



Layel apertou a mandíbula. Um golpe baixo pensou. Recorda suas promessas, projetou para Delilah. Recorda minhas promessas. Por favor, recorda. Durante sua noite de paixão, comprometeu-se a ajudar na busca de Nola e o faria. Sem importar o tempo que tomasse. Não descansaria até que sua irmã estivesse a salvo. O favor não seria necessário para isso. Ela recordaria? Importaria?

—Ou poderia te devolver seu companheiro — Seguiu a deusa — Embora o favor fosse para ele, acredito.

Layel concentrava seu olhar fixo sobre Delilah, deixando que fluísse todo seu amor.

—Posso fazer uma pergunta primeiro?

—Certamente — Respondeu a deusa magnanimamente.

—O que aconteceu ao exército nymph?

—O exército foi devolvido a Atlantes, são e completo. Se seus competidores Broderick e Tagart têm sorte, eles algum dia seguirão o mesmo caminho.

Delilah assentiu satisfeita.

—Já que estive de acordo em salvar a vida de Layel, peço minhas emoções — Disse, e Layel caiu de joelhos pelo alívio — Quero minhas emoções devolvidas. Meu amor por ele.

—Pensava devolver-lhe as de todas as formas — Disse a deusa surpreendendo Layel — Depois de que escolha seu prêmio. A lógica nos ajuda muito mais que o sentimento, depois de tudo. Além disso, as meras emoções não parecem recompensas o suficientemente poderosas para seus esforços. Não há nada mais que você gostaria?

—Amar Layel, estar com ele, é o que mais desejo. Mas como me dá mais opções, peço a volta de Nola a salvo.

Hestia a estudou um momento, depois assentiu.

—Muito bem. Tudo o que pediu, terá. Mas não tudo ao mesmo tempo. Nola tem muito que aprender primeiro.

Pouco depois o corpo de Delilah se encurvou e gritou de dor, tal como havia feito na noite anterior. Tudo o que Layel podia fazer era aproximar-se e abraçá-la até que as ondas diminuísse. Finalmente, caiu, ofegante, suarenta.

—Obrigado, obrigado — Disse, deixando uma chuva de beijos — Obrigado por recordar. Obrigado por me amar.

Seu olhar violeta se elevou, o penetrando.

—Tem alguma parte em seu interior que teria desejado que pedisse que recuperasse a sua companheira?

—Ah! Mas pediu precisamente isso. Você é minha companheira. Meu maior prêmio.

Pouco a pouco ela sorriu.

—Um prêmio — Disse com assombro — É o que sempre quis ser, ou que sonhava em segredo cada noite no acampamento e cada vez que via as outras criaturas juntas e desfrutando uns dos outros.

—É o que sempre foi, o que sempre será — A beijou na testa, o nariz e os preciosos lábios — Nunca nos separaremos de novo, juro isso. Podemos viver em meu palácio ou serei eternamente



seu escravo no Acampamento das Amazonas.

—Seria meu escravo? — Perguntou com os olhos abertos como pratos.

—Sou seu escravo, amor.

Agora seus olhos abertos se encheram de lágrimas felizes, seu sorriso mais brilhante que o sol.

—Eu gostaria de viver em seu palácio. Ter-nos o um ao outro, sem guerras ou combates de formação para nos distrair. Talvez, entretanto, possamos visitar minha tribo em alguma ocasião — Baixou o olhar, como se fosse muito que esperava.

—Quando quiser. A moça, Lily, inclusive pode nos acompanhar quando formos, se sua rainha permitir. Possivelmente possa nos ajudar a praticar nossas habilidades como educadores.

—OH, Layel! — Beijou-lhe e mordiscou a face — Eu gosto disto. E acredito que a Lily, também — Jogou a cabeça para trás e riu um som de verdadeira alegria — Embora, teremos que lutar com seu novo escravo. Está seguro...

—Minha busca para matar os dragões terminou — Deu de ombros com acanhamento — Mas talvez torture Brand um pouquinho. Ou talvez sirva para resgatar Zane e Nola. Porque se conheço minha amazona, não se contentará esperando que Hestia nos envie à moça, tal como não me agrada abandonar o meu soldado à tortura.

—Layel, é um homem maravilhoso. Meu rei escuro e apaixonado — Tocou o rosto, os polegares acariciaram meigamente seus lábios—. Então... Agora que me tem novamente, o que vai fazer comigo?

—Isso é fácil, amor — Disse, estreitando-a fortemente —Te querer todos os dias de minha vida.

Fim





## ATLANTIS GLOSSÁRIO

Alyssa — Metade vampiro, metade demônio, segunda no comando do exército dos vampiros.

Amazonas — Raça atlante de mulheres guerreiras conhecidas por sua propensão à guerra.

Apolo — Deus do sol.

Ares — Deus da guerra.

Artemisa — Deusa da caça.

Atlantes — Cidade escondida sob o mar, povoada pelas criaturas criadas por engano enquanto os deuses tratavam de formar o homem.

Bosque dos Dragões — Terra que rodeia a Cidade Interior, propriedade do rei dos dragões.

Brand — Segundo no comando do exército dos dragões.

Brenna — Humana, companheira de Joachim.

Broderick — Guerreiro nymph de elite.

Cassandra — Sereia escravizada antigamente pelos demônios.

Centauro — Raça atlante cuja característica é que são metade homens, metade cavalo.

Cidade Exterior — Lar dos delinqüentes de Atlantes, compostos por uma variedade de raças não desejadas.

Cidade Interior — Centro do comércio em Atlantes.

Darius — Rei dos dragões.

Delilah — Guerreira amazona.

Demônios — Raça facínora de atlantes, grandes comilões de carne, as criaturas mais desprezadas.

Dorian — Guerreiro nymph.

Dragões — Raça atlante, homens capazes de trocar de forma e lançar fogo pela boca.

Formorian — Raça atlante com um só braço e uma perna, e asas de uma grande força.

Gorgona — Raça atlante cujo cabelo são serpentes, capaz de converter os homens em pedra com um olhar.

Grace — Humana rainha dos dragões.

Hestia — Deusa do fogo e a casa.

Errem — Guerreiro formorian.

Jada — Guerreira nymph.

Joachim — Guerreiro nymph de elite.

Kreja — Rainha das amazonas.

Layel — Rei dos vampiros.

Lily — Amazona, filha da Kreja.

Marinha — A rainha morta dos demônios.

Minotauro — Raça atlante, com cabeça de touro e corpo de homem.

Nymph — Raça atlante tão sensual, que ninguém pode resistir a eles, necessitam sexo para sobreviver.



Nola — Guerreira amazona.

Portais — Leva ao mundo da superfície desde o Atlantis.

Poseidón — Deus do mar.

Renard — Guerreiro dragão.

Shaye — Humana, rainha dos nymph.

Shivawn — Guerreiro nymph de elite.

Susan — Humana, a companheira assassinada do Layel.

Tagart — Guerreiro dragão.

Valerian — Rei dos nymph.

Vampiros — Raça atlante bebedores de sangue, a maioria pode voar e teletransportar-se.

Vorik — Guerreiro dragão.

Zane — Guerreiro vampiro.